

Adolescência e Juventude





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Adolescência e Juventude

Volume 1

Francisco Ramos de Farias



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**



Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Rosana de Oliveira

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Francisco Ramos de Farias

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Miguel Siano da Cunha

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Heitor Soares de Farias

Lúcia Beatriz da Silva Alves

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaïs de Siervi

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Cristina Freixinho

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Carolina Godoi

Cristina Freixinho

Elaine Bayma

Renata Lauria

Thelenayce Ribeiro

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Ronaldo d'Aguiar Silva

DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Andreia Villar

Bianca Lima

Carlos Cordeiro

Janaina Santana

Márcia Valéria de Almeida

ILUSTRAÇÃO

Jefferson Caçador

CAPA

Jefferson Caçador

PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2010, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

F224

Farias, Francisco Ramos de.

Adolescência e Juventude. v. 1 / Francisco Ramos de Farias. -
Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2011.
308p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-712-8

1. Adolescência. 2. Juventude. 3. Sexualidade. I. Título

CDD: 305.235

2011.1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT e AACR2.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieir Alves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Aula 1 – Elementos para uma definição de adolescência _____	7
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 2 – Desabrochando a juventude: o adeus à infância _____	37
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 3 – Adolescência: momento de passagem, crises e resoluções _____	65
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 4 – O mundo do adolescente: ondulações e vibrações _____	97
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 5 – O sonho da juventude eterna _____	129
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 6 – Adotando diferentes estilos de conduta para enfrentar a vida ____	157
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 7 – Novas modalidades de relações na vida amorosa _____	183
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 8 – As trilhas do tornar-se mulher e os caminhos do vir a ser homem ____	211
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 9 – O adolescente e as questões da sexualidade _____	239
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 10 – Escolhendo uma profissão _____	271
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Referências _____	301

Elementos para uma definição de adolescência

Francisco Ramos de Farias

AULA

1

Metas da aula

Evidenciar que os conceitos de infância e adolescência foram construídos historicamente e apresentar as conquistas da infância que são fundamentais à adolescência.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. identificar as características socioculturais e psicológicas relativas ao surgimento da infância que têm importância na definição da adolescência;
2. estabelecer os marcos de início e término da primeira infância;
3. reconhecer as conquistas que são fundamentais na infância para o ingresso na adolescência.

INTRODUÇÃO

Você sabia que o conceito de infância é bastante recente? É verdade. A ideia de infância como uma etapa diferenciada da vida adulta é algo muito novo. Mais recente ainda é o conceito de adolescência. Como veremos na aula de hoje, a criança e o adolescente eram vistos como seres em processo de amadurecimento, e não com traços distintivos próprios, diferentes dos adultos. Os termos "criança" e "adolescente" são frutos do processo civilizatório e foram desenvolvidos e construídos historicamente.

Assim, nos dias de hoje, quando nossa curiosidade sobre o desenvolvimento psicológico nos faz procurar leituras de Psicologia, nos deparamos com modelos e explicações que podem traçar três (a infância, a vida adulta e a velhice) ou até quatro etapas (a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice). Nomear as fases da vida parece ser algo bastante natural, mas o difícil é estabelecer com precisão as marcações que separam cada uma dessas fases.

Certamente a explanação do desenvolvimento psíquico em fases distintas tem sua importância, pois nos ajuda a entender a trajetória iniciada no nascimento e que finaliza com a morte, considerando o curso dinâmico do processo da vida. Em função dessa circunstância, temos na vida um ciclo que se repete em cada indivíduo. Porém não podemos analisar as fases evolutivas meramente como uma condição natural, pois os fatores socioculturais e psicológicos desempenham um papel de suma importância. Por esse motivo, o desenvolvimento não pode ser explicado em termos de uma sequência genética de acontecimentos lineares, seguindo um critério cronológico, uma vez que determinantes de ordem psíquica e social entram como operadores na definição e na especificidade de cada etapa da vida.

A PRODUÇÃO DE UM CONCEITO DE INFÂNCIA

O conceito de infância, como uma fase diferenciada do percurso da vida, somente pôde vir a lume após o Renascimento. Até então, se compreendia a criança como um “pequeno homem” que, com o tempo, amadureceria (**Figura 1.1**). Não havia nessa época qualquer compreensão de que a criança se relaciona com o mundo de uma maneira muito diferente em comparação ao adulto. Apenas acreditava-se que na criança tudo ocorria de forma diminuta. Era somente uma questão de tempo: bastava esperar que as manifestações da vida infantil exibissem as qualidades da vida adulta.



Figura 1.1: Antes de existir o conceito de infância, a criança era considerada como um adulto em miniatura.



A ideia de que a infância constitui uma etapa diferenciada qualitativamente da vida adulta é algo muito recente. E mais recente ainda é a produção do conceito de adolescência.

Estamos, assim, assinalando que a compreensão da infância é resultado da convergência de saberes de domínios diversos, que passam a refletir sobre a criança: o saber médico, que se preocupa com a saúde; o saber jurídico, que legisla sobre os direitos e deveres dos pais e dos filhos; as questões de ordem econômica, que, em função das transformações relativas às formas de produção, colocam novas exigências ao homem, como saber manusear máquinas. Assim, entra em cena mais um domínio, a educação, pois os operadores de máquinas deveriam ter um mínimo de conhecimento e, para isso, deveriam saber ler, além de somente aprender um ofício. Essas seriam as consequências da Revolução Industrial na substituição do trabalho manual pela ação de máquinas.



Fonte: <http://www.septentrion.com/couv/1088.jpg>

**PHILIPPE ARIÈS
(1914-1984)**

Foi um sociólogo francês, que escreveu *História Social da Criança e da Família*, importante estudo acerca dos aspectos históricos e dos costumes sobre a concepção da infância em diferentes épocas. Visando explicar como o conceito de infância foi produzido em um dado momento histórico, explana as transformações dos costumes no século XVII, destacando o contexto da família.

PHILIPPE ARIÈS assinala que a produção do conceito de infância, como etapa diferenciada da vida, somente ocorreu por volta do século XVII, quando foi estabelecida uma idade para o desmame, momento em que os meninos eram retirados de suas famílias para aprenderem um ofício com um adulto, e as meninas ficavam encarregadas dos afazeres domésticos.

A Europa vivia um tempo de ignorância e barbárie, uma espécie de vazio produzido pelas autoridades eclesiásticas, com sua doutrina de ocultação e proibição dos conhecimentos científicos. Devemos ter em mente que esse poder da Igreja perdurou por muito tempo e sua finalidade era dominar o “povo”. Havia uma corrente de pensamento relativa aos costumes e tradições, que relembra a época das trevas da Idade Média, tempo em que as autoridades eclesiásticas tinham uma forte aliada: a nobreza feudal. Suas atuações se davam em ações conjuntas, pois esses setores sociais andavam de mãos dadas, governaram o ocidente medieval, encobrindo-o com um véu de sombras: uma “escuridão” que consistia em manter o homem amedrontado e aprisionado à terra, apenas trabalhando de forma servil para os seus senhores, mantendo-se subservientes aos representantes do poder eclesiástico.

A forma degradante de existência imposta por esses dois domínios sofre um grande declínio com o advento da Era Moderna em razão das novas descobertas e, em especial, pela fundação da ciência moderna. Até a produção dessa reviravolta, seria problemática fazer qualquer referência à infância. Nesse sentido, poderíamos indagar: houve educação para a criança na Idade Média que não consistisse na transmissão de valores morais? Havia reconhecimento da criança, como um ser singular? E, ainda, a adolescência figurava nas preocupações dos estudiosos? Qualquer reflexão leva-nos a responder negativamente a essas questões, principalmente se seguirmos as trilhas traçadas por Philippe Ariès, que afirmou ter buscado a criança, nessa época, nas produções artísticas, mas que não encontrou qualquer referência a esse respeito. Disso, conclui-se que a infância e a criança parecem não ter existido como entidades diferenciadas do adulto. A criança seria compreendida somente como um adulto em miniatura.

Conforme podemos depreender das observações desse pesquisador, a noção de criança, primeiramente, surgiu nas cidades, estando atrelada às exigências do modo de viver da burguesia. Certamente, no contexto rural, o aparecimento da criança é um fenômeno bem mais recente. Devemos assinalar que o aparecimento tardio não deve ser compreendido como um desconhecimento, visto que o meio rural conhecia a criança, mas esta era desprezada e completamente marginalizada. Isso se deve ao fato de que o principal olhar que os pais do meio rural dirigiam aos filhos consistia em vê-los apenas como força de trabalho e instrumentos de produção de condições para a manutenção da sobrevivência.

As mudanças na estrutura da família e as transformações sociais, aliadas ao progresso decorrente da fundação da ciência moderna, são passos decisivos, tanto para uma concepção de família não mais atrelada apenas ao domínio do sagrado, pois a ciência já faz suas intervenções, quanto no que concerne ao ser criança que, também, passa a ser gerenciado pelo domínio do saber científico.

Nesse cenário de transformações radicais de costumes, uma mudança considerável se impôs a partir da conjunção de vetores sociais: a escola foi instituída como o local de aprendizagem e como meio de educação e disso resultou a separação da criança da convivência com seus familiares. A nova dimensão da produção precisava de homens letrados para entender os manuais de funcionamento das máquinas. Por essa razão, era incentivada a educação das crianças para que, no futuro, desenvolvessem habilidades específicas para a atuação no contexto da produção industrial.

A preparação para o exercício, cada vez mais específico, no setor industrial, foi, aos poucos, exigindo um tempo maior de estudo da criança, aumentando significativamente o período de permanência na escola. E, muito mais tarde, a introdução dos cursos superiores ao alcance de um número maior de pessoas, aliada à demanda por uma formação ainda mais especializada para quem deseja uma razoável colocação no mercado de trabalho, teve grande repercussão no intervalo de tempo estabelecido para a adolescência, produzindo o fenômeno que surgiu no século XX com a denominação de adolescência tardia.

Pelo fato de as escolas serem, originalmente, grandes internatos, a criança foi vítima de um processo de enclausuramento. Cabe salientar que a preparação técnica pela educação era destinada apenas a alguns

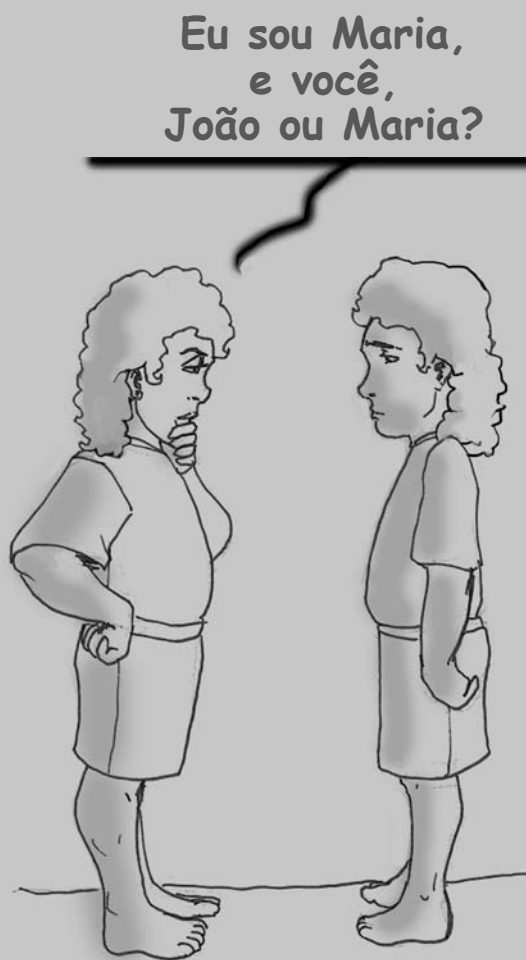
setores da sociedade. O habitante do meio rural e as mulheres raramente frequentavam a escola. Sendo assim, a produção da infância é um fenômeno que guarda diferenças em relação ao sexo, à condição social e ao meio geográfico.

A indistinção entre meninos e meninas

Até o século XII, a infância era desconhecida, sem sequer representada pela arte da Idade Média. A infância era percebida como um período que deveria ser ultrapassado e logo esquecido. Até o século XVII, meninos e meninas eram considerados indistintos, dormiam juntos, tinham os cabelos grandes e usavam a mesma roupa. Não havia qualquer traço distintivo no tratamento das crianças. Em certo sentido, as crianças eram consideradas com a mesma ambiguidade com que, atualmente, os fetos são considerados. Tudo o que se refere ao campo dos costumes e das práticas educativas indica que a infância consistia em uma fase da vida sem qualquer particularização na vida real e no imaginário dos adultos. Isso pode explicar, de certa forma, a ausência de imagens que retratam essa fase da vida nesse momento histórico.

Juntamente com a escolarização, observamos no século XIX a polarização das preocupações em torno da família e da profissão, caracterizando como um momento de crise a fase em que os jovens eram convocados a assumir a vida adulta. Nesse cenário, entra em ação o saber médico, lançando luzes sobre as condições próprias da criança, que não devia mais ser considerada um “pequeno homem”, uma vez que apresentava um funcionamento fisiológico próprio, bem diferenciado do adulto e do jovem.

E mesmo até o século XVIII, infância e adolescência eram confundidas, sendo os termos *puer* e *adolescent* empregados sem qualquer critério distintivo, tanto para a criança quanto para o adolescente. Além dessa indistinção, podemos mencionar que o traje das crianças e adolescentes era o mesmo do adulto.



Somente no século XVIII, é produzido um traje especial para a criança, mas não para o adolescente. Até então, o traje usado tanto pelas crianças como pelos adolescentes era semelhante ao dos adultos,

variando apenas quanto ao tamanho. Cabe ressaltar que essa mudança foi aplicada primeiramente aos meninos para, posteriormente, estender-se às meninas que, ainda por muito tempo, permaneceram confundidas com os adultos. Assim, o sentimento de infância incidiu primeiramente sobre o menino de origem burguesa que habitava a cidade, e, por isso mesmo, a particularização do que seja a infância restringiu-se somente ao menino.

No século XIX, com o ingresso do jovem na vida profissional, por volta dos 14 anos, atuando como aprendiz, trabalhador agrícola, auxiliar, antes mesmo de concluir a escolaridade básica, uma grande preocupação começou a inquietar o pensamento dos estudiosos: tais jovens não eram mais crianças e tampouco eram reconhecidos como adultos, embora pertencessem ao mundo dos adultos somente em função do trabalho.

Na **CONTEMPORANEIDADE**, esse cenário apresenta-se bastante modificado, visto que jovens com mais idade ainda continuam a sua formação escolar que, em razão de sua complexidade e das exigências de mercado, exige mais tempo, de modo a marcar uma dependência maior da família.

Por isso, o adolescente é mantido num estado de expectativa, quer dizer, o contexto social sinaliza que é necessário um tempo de espera no auge da ânsia pela realização profissional e também na caminhada de reconhecimento pela sociedade. Disso decorre que, provavelmente, em consequência às transformações socioculturais, o fenômeno da adolescência alastrou-se, deixando de ser um breve e passageiro período de tempo. E essas mudanças produziram efeitos na vida do adolescente que devem ser considerados tanto no âmbito social quanto na organização da estrutura familiar.

CONTEMPORANEIDADE

Denomina-se contemporaneidade a era caracterizada por uma dimensão inscrita numa zona de indeterminação entre um tempo passado, referente à era moderna, e um horizonte de possibilidade que é a época vindoura.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Nesta atividade, há questões que permitirão você identificar, a partir de características socioculturais e psicológicas, o surgimento do conceito de infância.

- a. Como ocorreu a distinção, em termos de fases de desenvolvimento, que produziu o conceito de infância?
- b. Por que não havia aspectos distintivos para indicar o sexo da criança?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. As transformações culturais indicaram singularidades no âmbito do desenvolvimento psicológico que permitiram traçar fronteiras, primeiramente, entre o universo do adulto e o da criança, depois entre a criança e o adolescente. Além disso, a preparação para o exercício de um ofício produziu condições para abordar o aprendiz mais como um adulto em miniatura, visto que sugere a possibilidade de o aprendiz produzir condições de sobrevivência. Ainda, temos a intervenção do campo da Educação apontando que a criança deve ser escolarizada, bem como se divulga a exigência de cuidados com a saúde e higiene no campo da Medicina.

b. Como na criança a sexualidade era considerada ausente, não se fazia necessário produzir distinções que indicassem a sexualidade da criança. Por isso, meninos e meninas eram tratados de forma semelhante até os sete anos de idade, época em que acontecia o desmame e a criança era separada dos pais. O menino, geralmente, saía de casa para conviver com um profissional para aprender um ofício e as meninas encarregavam-se das atividades domésticas. Somente a partir dessa idade, havia a diferenciação em termos do corte de cabelo e das roupas.

A INFÂNCIA OU ONDE TUDO COMEÇA

Imaginemos que um ser é colocado em um ambiente que funciona segundo certas normas, com tradições e costumes, mas que esse ser apresenta um pronunciado estado de desamparo, necessitando, para a

sua sobrevivência, dos cuidados e atenção de um agente já constituído no seio dessas normas. Assim é a criança, no momento em que vem ao mundo, iniciando a trajetória que conhecemos como desenvolvimento psicológico.

Em princípio, o novo ambiente é repleto de hostilidades para a criança, uma vez que o nascimento é o corte que implica perda de certas condições e separação do corpo materno. Obviamente, sabemos que a vida ora apresentada ao mundo tem uma história com capítulos escritos muito antes do nascimento, ou seja, a consciência de uma gravidez indica que o ser em gestação já tem uma existência no psiquismo dos pais, especialmente da mãe.

Ao estado de consciência do pai e da mãe corresponde a total ausência de consciência da criança, quando experimenta seu primeiro impulso de autonomia no momento do corte do cordão umbilical, pois é exigido dela que ponha em funcionamento seus órgãos vitais. Doravante, terá de acionar seus pulmões para garantir o oxigênio; exercer o controle dos poros para se proteger das variações externas de frio e calor; chorar para expressar suas inquietações ou dores e exercitar sua capacidade muscular para movimentar-se. Tudo isso tem que entrar em ação no momento em que a criança apresenta condições reflexas como o sugar e o agarrar, entre outras, que funcionam de forma dispersa para o atendimento das necessidades vitais.

O nascimento deve ser considerado como a grande perda em relação ao atendimento das necessidades vitais sem muito esforço, pois qualquer sinalização de falta no feto é prontamente compensada pelo metabolismo materno. Ao nascer, essa compensação será feita de outra maneira, mas com experimentações diversas que configuram um novo ambiente para a criança. Devido ao estado de indefesa em que se encontra a criança, alguém tem que se encarregar de sua proteção. Melhor dizendo, é preciso que alguém cuide da criança, senão ela morrerá por frio, fome ou dor (**Figura 1.2**).



Figura 1.2: O bebê necessita, para sua sobrevivência, dos cuidados maternos.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1098996>

CUIDADOS MATERNOS

No âmbito do desenvolvimento psicológico, denominam-se cuidados maternos todas as atividades exercidas junto à criança que têm por finalidade a garantia e a manutenção de sua sobrevivência. Esses cuidados fundamentais para a inscrição da criança no seio das relações sociais, geralmente realizados pela mãe, podem também ser executados, sem maiores prejuízos, por outro adulto, incluindo-se nesse contexto o próprio pai.

No universo da condição humana, salvo raras exceções, quem cuida da criança é a mãe, que desenvolverá a capacidade de cuidar. Trata-se de um momento fecundo de aprendizagem para a mãe. Porém, em alguns casos, fica ao encargo de outras pessoas adultas as funções de alimentação, de higiene, de acolhimento e de outras tarefas conhecidas como **CUIDADOS MATERNOS**. São essas ações desempenhadas por um adulto, que têm extrema importância na consolidação de bases para a travessia a ser realizada pelo adolescente.

O que denominamos de cuidados maternos significa o exercício de uma função que somente pode ser realizada por um ser humano adulto. Isso que dizer que esses cuidados incluem atributos outros além da alimentação, da higiene e do atendimento a outras necessidades. Sendo assim, compreendemos que o cuidado relativo à alimentação deve conter, além do alimento, uma parcela de afeto, fundamental para o surgimento do sentimento de segurança e autonomia.

Os cuidados maternos são fundamentais para o desenvolvimento da criança, tanto das funções psíquicas, quanto de sua condição física.

Do exercício dessas ações são constituídos os esteios que serão utilizados pelo ser em desenvolvimento na construção de sua vida, especialmente pelo fato de que esses cuidados representam a origem do sentimento de confiança que aparece na criança. Com isso, o estado de desamparo e de indefesa da criança, aos poucos, vai sendo minimizado pelo aparecimento desse sentimento.

Essa é a vertente positiva dos cuidados realizados. Porém, existem circunstâncias nas quais esses cuidados ganham outras conotações, por serem realizados de forma precária, o que contribui para o aparecimento do sentimento de desconfiança, agravando tanto o desamparo, por gerar insegurança, quanto impedindo o aparecimento das defesas necessárias ao atravessar as difíceis situações da vida futura. Geralmente a consequência mais grave do sentimento de desconfiança na criança é o seu isolamento e a sua dificuldade em estabelecer contatos, gerando entraves no processo de socialização.

Afora essas condições adversas, na possibilidade do atendimento às necessidades da criança em termos daquilo que é minimamente necessário, observa-se, desde cedo, a presença de movimentos propulsores em função dos quais a criança começa a experimentar o ambiente que a circunda. A decorrência desses cuidados suficientemente bons é o aperfeiçoamento da aparelhagem concernente às mãos, à boca, aos ouvidos, ao nariz; enfim, daquilo que pode dispor de seu corpo para se relacionar com o mundo.



Figura 1.3: À medida que o bebê cresce, vai aperfeiçoando sua aparelhagem de relacionamento com o mundo.

Fonte: www.sxc.hu/photo/1129588, jzuidema79

A dinâmica corpórea é, assim, o primeiro indício da caminhada em direção à autonomia a ser construída pela criança. Ao longo da vida, os movimentos e os gestos expressos na mais tenra idade significam a elaboração de instrumentos a serem utilizados no processo de socialização. Tais instrumentos trazem a marca de singularidade, por serem traços oriundos de certa diferenciação no seio da indiferenciação com os quais a criança veio ao mundo.

Quando nos referimos à indiferenciação, queremos assinalar que nos primórdios da vida não há objetos existentes no mundo externo da criança, ou seja, tudo é percebido e sentido como acontecimentos que ocorrem no próprio corpo da criança. Inclusive a própria mãe é sentida como se fosse uma espécie de continuidade da criança. Esse estado de indiferenciação vai sendo gradativamente suplantado, tão logo sejam forjadas as mínimas condições de autonomia estabelecidas em ações, como o controle da micção e da defecação. Eis o desenvolvimento do primeiro ensaio de autonomia que ocorre na interação da criança com seus protetores em fases bem precoces de seu desenvolvimento. Em certo sentido, o adulto incentiva a criança a experimentar sua autonomia, fazendo com que ela exerça o controle do xixi e das fezes.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Com esta atividade, você será capaz de indicar importantes fatores que marcam o início e o término da primeira infância.

- a. Quais os cuidados que a mãe deve ter durante a gestação?
- b. Que mudanças ocorrem à criança após o nascimento?
- c. Qual a importância do sentimento de confiança?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. A mãe deve, durante a gestação, seguir recomendações já amplamente divulgadas nos tratados de Pediatria, onde são apresentadas restrições em relação ao uso de substâncias químicas que possam causar danos futuros na criança. Além disso, é fundamental conscientizar-se de sua gravidez e preparar-se para receber a criança, sabendo que haverá uma grande mudança no contexto de suas relações sociais.

b. Após o nascimento, a criança terá que pôr à prova todo seu equipamento fisiológico para garantir sua sobrevivência, pois se encontra num ambiente onde a temperatura varia, há diversos tipos de sons desconhecidos, está exposta a diferentes intensidades luminosas, sente falta de alimentos e tem de chorar para sinalizar suas necessidades, bem como situações de desprazer como a dor.

c. O sentimento de confiança que surge na criança decorre fundamentalmente da forma pela qual os cuidados maternos são exercidos, quer dizer, com uma dose de atenção e afeto, para propiciar à criança, diante de seu estado de desamparo, condições para a construção de esteios sólidos, necessários à travessia das condições da vida. Sendo assim, a confiança possibilita à criança elaborar, de maneira construtiva, os enigmas com os quais se depara e assim criar condições para enfrentar as diferentes crises da vida.

A EDUCAÇÃO PRIMORDIAL E A ESCOLA: A PRIMEIRA INFÂNCIA

Continuemos com a suposição apresentada no início do tópico anterior, mas imaginemos que a criança já construiu alguns vínculos nesse novo ambiente. Já tem nas figuras parentais as referências de mundo e deles surgiu o sentimento de segurança. Uma vez tendo ocorrido os primeiros passos da educação primordial no seio da família, a criança será encaminhada a outro núcleo do funcionamento social: a escola. Ainda muito cedo, mas com grandes progressos na marcha, nas indicações de suas necessidades, no relacionamento afetivo com os membros da

família, a criança passa a conviver uma parte de seu dia no ambiente escolar, espaço decisivo ao desenvolvimento de sua autonomia, dando continuidade ao processo iniciado pelo sentimento de confiança.

O ingresso na escola exige, num segundo momento, que a criança ponha em prática as condições já edificadas de sua autonomia. Desta feita, a autonomia consiste na possibilidade de ausentar-se da figura materna, o que a criança somente poderá suportar se recorrer ao sentimento de confiança. Da mesma forma que controlar os esfíncteres representa para a criança uma grande conquista, suportar a ausência da mãe também o é.

Sabemos que também é delicado para a mãe ausentar-se de seu filho, razão pela qual o processo de autonomia apresenta dois lados: o da mãe em deixar seu filho ao encargo de outras pessoas e o da criança ao aceitar a convivência com outras crianças e outras pessoas diferentes daquelas da família. A chegada da criança à escola é um momento rico de experiências, seja nas relações que estabelece com outras crianças, seja na continuidade da internalização dos aspectos referentes aos valores culturais.



Figura 1.4: A chegada da criança à escola é um momento rico de experiências, com muitos desafios e descobertas.

Fonte: www.sxc.hu/photo/1191195, Guillermo Ossa

Comparando esse momento com o decorrente do nascimento, observa-se uma grande mudança. Se, nos primórdios de sua existência, a criança dispunha apenas de um arsenal de reflexos, agora já funciona com elementos construídos nas relações sociais estabelecidas na família.

Nos seus primeiros momentos de vida, a criança chora ante os incômodos vividos e não controla o ciclo de suas necessidades básicas. Porém, quando, por curtos intervalos diários, vive em outro ambiente, apresenta os esteios construídos para se posicionar diante das novas exigências que lhe são feitas. Além do mais, já iniciou a curiosidade pelo seu corpo, o que decorreu das orientações recebidas nos cuidados dirigidos ao controle do xixi e das fezes. As recomendações para o controle dos esfíncteres, bem como os hábitos de higiene, são condições impostas pela cultura, mas necessárias à vida. É nessa fase que aparece o sentimento de repugnância e nojo em relação aos excrementos, seguido pelas reações de **PUDOR**.

Do controle esfinteriano decorre um passo importante na autonomia da criança, pois daí em diante poderá exercer um poder decisório nas suas ações, quando descobre que urinar e defecar são atividades de sua autoria, ou seja, não podem ser realizadas por outras pessoas em seu lugar. Nesse sentido, podemos sinalizar que a criança descobre que pode manipular e controlar o adulto, controlando o ritmo de suas atividades excretórias. Por outro lado, trata-se de um aspecto importante no desenvolvimento, visto que, dessa maneira, passa a estabelecer relações com seus protetores em outras bases.

A criança vive um momento importante quando descobre que seu corpo produz fezes e urina. Seus sentimentos são a curiosidade e a preocupação com o destino de seus excrementos. Tudo parece ter um caráter mágico. Por vezes, não compreende o motivo pelo qual as produções do seu corpo não podem ser conservadas e mostradas às pessoas. Sabemos da atração que as fezes exercem para a criança, pois em algumas circunstâncias não hesita em manipulá-las de forma prazerosa. Mas a atividade de manipular as fezes é alvo de desaprovação por parte do adulto, que reage com desespero e horror. Provavelmente as reações do adulto dirigidas àquilo que a criança faz naturalmente constituem-se na matriz onde se originam a vergonha e a repugnância, sentimentos decisivos na formação da **CONSCIÊNCIA MORAL**.

O processo de renúncia e o aparecimento dos sentimentos de vergonha, nojo e repugnância fazem parte da vida do homem e acontecem a todos aqueles que estabelecem relações sociais, seja no âmbito familiar ou em circunstâncias fora desse contexto. O equilíbrio das forças entre a autonomia e a moralidade representa um importante papel na relação

PUDOR

Sentimento desenvolvido a partir da internalização de princípios educativos calcados em normas do funcionamento cultural. As reações de pudor dirigem-se a determinadas partes do corpo que não devem ser expostas, a fim de não causar constrangimento. A escolha das partes do corpo a serem ocultadas varia de acordo com as tradições das diferentes culturas, mas, via de regra, em quase todas é proibido exibir os órgãos genitais.

CONSCIÊNCIA MORAL

corresponde à internalização pelas crianças dos limites que são apresentados no processo educativo. Em princípio, temos a renúncia imposta pela cultura acerca do prazer em manipular os excrementos como um dos fundamentos para a vida no âmbito social. Trata-se de uma instância crítica que regula os ímpetos do homem no sentido das exigências de realização imediata de suas ações. Representa, por assim dizer, um freio à autonomia devido ao fato de o homem encontrar-se, daí por diante, submetido às regras de convívio social.

do homem consigo mesmo e com o mundo, especialmente na superação da fase infantil, marcada pelo oposicionismo e resistência. Embora essas características apresentem uma intensificação na adolescência, suavizam-se no momento em que se faz premente a necessidade de participação em grupos fora do meio familiar.

A passagem em que a criança faz a renúncia e incorpora o sentimento de vergonha representa um passo de suma importância para as relações voltadas para o conhecimento, pois, enquanto que até então tem-se a primazia do ver, doravante entra em cena a vontade de saber. Nessa fase a criança quer saber de tudo, fazendo perguntas muitas vezes embaraçosas ao adulto. Porém, quando a criança faz uma pergunta ao adulto, nem sempre espera uma resposta, mesmo porque, por volta dos três anos, acredita que suas explicações têm validade para todos os fatos que ocorrem à sua volta.

Devido ao funcionamento de seu pensamento ser calcado no **ANIMISMO** e no **EGOCENTRISMO**, a criança imagina que influencia acontecimentos, além de acreditar também que as coisas acontecem em função de seu querer. Esse modo de funcionamento é o ponto de partida para a segunda força na autonomia: a iniciativa, caracterizada como a sensação vivida pela criança de que o mundo lhe pertence e que as coisas são regidas pela sua vontade.

ANIMISMO

Consiste no modo de funcionamento do psiquismo infantil em função do qual a criança atribui princípio de movimento, sentimentos, vontade e intenção às coisas inanimadas e aos animais. Frequentemente a criança pode, por exemplo, expressar a opinião de que uma cadeira é ruim por ser um obstáculo a alguma de suas ações; como também pode recorrer à mãe pedindo ajuda contra o vento que desarruma seu cabelo. Ainda muito atrelado ao animismo, há no pensamento infantil o antropomorfismo, fenômeno que consiste em atribuir a forma humana aos objetos e animais.



EGOCENTRISMO

Aspecto central do pensamento infantil, que consiste no fato de a criança referir todas as ocorrências a si própria. Trata-se, enfim, de uma atitude espontânea que comanda a atividade psíquica da criança em seus primórdios e que subsiste em estado de inércia ao longo da vida, especialmente quando ocorre a passagem pela adolescência.

Os adultos não podem se descuidar da tarefa de apresentar limites à criança, especialmente no tocante à experiência dolorosa, visando conter atitudes agressivas. É importante demonstrar a consequência quando os limites são transgredidos, para daí decorrer a culpa e a responsabilidade. Frequentemente a criança comete pequenas transgressões e espera a atitude do adulto. Se o adulto reage com indiferença, a criança entra num estado de ambiguidade por se sentir confusa em relação às suas expectativas de punição ou advertência. Quando, ao contrário, o adulto reage, chamando a atenção da criança, sinalizando a desobediência ao limite, tem-se a formação de um sedimento importante para a travessia da adolescência e também para a vida.

De posse da autonomia e da iniciativa, a criança começa sua caminhada no sentido da separação dos personagens do núcleo familiar, tornando-se cada vez mais independente e capaz de avaliar, ainda que de forma precária, o resultado de suas ações devido à internalização das normas que regulam as relações no contexto social. Nos novos espaços que passa a frequentar, como a escola, a criança conviverá com pessoas que trazem outros elementos do legado cultural, o que representa a possibilidade de ampliação do seu universo de vida.

A convivência com o novo espaço é útil para a criança estabelecer diálogos no âmbito das trocas familiares, pois acredita que suas descobertas com professores, protetores e colegas não são de conhecimento de suas figuras parentais. Daí a necessidade de contar as ocorrências para seus familiares, tanto no sentido de apresentar uma novidade quanto em termos de saber das reações ou da aprovação.

A entrada na escola tem significativas consequências em função das mudanças que ocorrem na vida da criança. Em princípio, a escola dispõe de um espaço onde são apresentados à criança situações diferentes daquelas do contexto familiar. Ainda, permite o contato com outros agentes de socialização no sentido de realização das potencialidades. Mas, para que isso ocorra, à confiança conquistada nos primórdios soma-se a capacidade de iniciativa como marcos significativos da caminhada.



Figura 1.5: O convívio escolar é fundamental para o amadurecimento da criança.

Fonte: www.sxc.hu/photo/826952

É muito comum a atitude de ambivalência da criança. Diante das novidades encontradas na escola propiciadas pelo contato com o saber científico, a criança entra em crise, especialmente quando recorre ou quando revê os valores transmitidos na família baseados apenas em opiniões do senso comum.

É importante assinalar que, mesmo havendo o abandono dos recursos próprios do funcionamento psíquico dos primórdios, a assunção das atribuições referentes ao adolescente tem, nesse momento, um preparo significativo que se consolida com as contribuições do ambiente escolar. Isso quer dizer que, mesmo essas conquistas sendo importantes na adolescência, é preciso testá-las para a utilização posterior. Daí existe um tempo de espera para que ocorra o término da primeira infância.

Os compêndios sobre Psicologia do Desenvolvimento descrevem a infância, subdividida em dois momentos: primeira infância, que vai do nascimento até aproximadamente os três de idade, embora não seja uma fase evolutiva a ser compreendida em termos meramente cronológicos. Isso quer dizer que o marco de término da primeira infância consiste no advento das questões concernentes ao complexo de Édipo. A segunda infância compreende um período que estende-se até os primeiros indícios da puberdade e as primeiras evidências da adolescência.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

3. Nesta atividade você responderá a perguntas sobre os aspectos da infância que favorecem o ingresso na adolescência.

- Quais as conquistas da construção da autonomia na primeira infância?
- Qual a importância da iniciativa para o término da primeira infância?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. As conquistas decorrentes do sentimento de autonomia são, em primeiro lugar, a construção de esteios no processo de separação da criança da figura materna e, em segundo lugar, a matriz sobre a qual serão construídos os laços sociais. Além disso, a autonomia representa um movimento de conquista da criança em termos do interesse em conhecer as coisas, em realizar descobertas e explorar novos ambientes, aspectos próprios da primeira infância. Podemos afirmar que o sentimento de autonomia edificado sobre a confiança, advinda dos cuidados maternos, é a nova variável que caracteriza essa etapa do desenvolvimento psíquico na infância.

b. A iniciativa é um passo importante na constituição do Eu da criança. Em função da confiança e proteção relacionadas aos cuidados maternos, a criança aventura-se a se apresentar ao mundo por si mesma, com segurança e responsabilidade, pois é pela iniciativa que começa a assumir a responsabilidade pelos seus atos e avaliar as ações dos adultos e de outras crianças. Sendo assim, a iniciativa impulsiona o desenvolvimento psicológico de forma progressiva, o que, na adolescência, tem como expressão o sentimento de independência e liberdade. Uma vez de posse do sentimento de segurança, com certo grau de autonomia, e utilizando-se de sua capacidade de iniciativa, a criança vai experimentando o mundo, fazendo descobertas, formulando projetos e construindo condições para realizá-los.

Assim, encontra-se diante de circunstâncias e impasses que, uma vez minimamente solucionados, sinalizam o fim da infância, pois afiguram-se no universo de vida da criança atribuições próprias da adolescência.

CONVIVENDO NA ESCOLA: AS ELABORAÇÕES DA SEGUNDA INFÂNCIA

Na primeira infância, a passagem da criança pelas primeiras instituições de socialização, além da família, deixa rastros que constituirão seu psiquismo. A mudança de ambientes tem sua importância na socialização, mas não ocorre sem reações da parte da criança, principalmente pelo impacto decorrente do ingresso em novos espaços de convivência, como a creche, a pré-escola e a escola.

Se, por um lado, esses impactos são dificuldades, por impor à criança a obrigação de elaborar outros tipos de relações, por outro, é um momento de grande aprendizado e superação dos impasses próprios da vida. Provavelmente, quando a criança encontra um novo ambiente, entra em crise por ter que rever os recursos de que dispõe para sua convivência em espaços aos quais já está acostumada. Não obstante, são momentos críticos importantes no processo de escolha e produção de novos instrumentos de ação, bem como nas questões referentes à tomada de decisões por conta própria.

O encontro com esses novos ambientes provoca transformações psíquicas que colaboram na autonomia e na segurança, diminuindo a dependência das figuras parentais. Mas é preciso que sejam construídos certos arranjos psíquicos na criança, no contexto das relações familiares, para dispor de condições necessárias ao enfrentamento das dificuldades ante a convivência com outras pessoas, além da família e de outros espaços além de sua própria casa.

Como se trata do confronto a situações novas de duas naturezas – pessoas e ambiente físico –, a criança deverá ter “esteios” para suportar as adversidades próprias dessas situações. Daí ser fundamental a segurança originada da confiança construída na relação com os pais, avós, irmãos e outras pessoas de sua convivência.

É importante ressaltar que cada passo nessa caminhada progressiva significa momento de grande transformação nas relações da criança e de significativas aquisições para a construção de sua condição humana. Certamente, estamos afirmando que mudar é preciso, mas as mudanças exigem bases sólidas para acontecer. Caso contrário, o ser em desenvolvimento se apega aos elementos que lhe serviram para enfrentar situações em ocasiões anteriores.

O grande inconveniente é que aquilo que serve num dado momento pode não servir em outro, ou seja, muitas vezes a criança soluciona um impasse da vida utilizando-se de um recurso que, raramente, funciona em outras circunstâncias, especialmente quando situamos a heterogeneidade da adolescência com a infância. Sabe-se do equívoco, tanto da família quanto da sociedade, em supor que o adolescente tem condições de realizar sua travessia apenas com os recursos trazidos da infância. Não há dúvida de que esses recursos são importantes, mas, em certo sentido, são insuficientes, pois as questões que se apresentam ao adolescente são de natureza distinta quando comparadas às questões da vida infantil.

Comparação análoga pode ser feita em relação ao percurso que o homem realiza nos diferentes espaços sociais: família, escola, trabalho e universidade, entre outros. Cada ingresso tem de ser analisado na sua especificidade, sendo a escola o primeiro espaço diferente a ser vivenciado pela criança.

O ingresso no universo escolar é o fator que provoca inúmeras mudanças. No convívio da família, as atitudes da criança são interpretadas no contexto do faz de conta, uma vez que se reconhece o mundo de **FANTASIA** que rege a vida infantil, onde as crenças, os contos de fadas, o bicho-papão, as bruxas e outras tantas produções culturais predominam sobre a realidade.

FANTASIA

Denominam-se fantasias os roteiros imaginários da vida infantil que raramente são fundamentados em aspectos da atividade perceptual. Aliás, a percepção da criança, em muitas circunstâncias, é submetida à atividade da fantasia, embora surja a partir daquilo que é visto ou ouvido. As fantasias são possibilidades de realizações de forma imediata, ou seja, são meios de realização do desejo.

A criança constrói fantasias sobre o nascimento, sobre a origem das crianças, sobre o coito e sobre a diferença entre os sexos. Num certo sentido, podemos afirmar que as relações da vida infantil ocorrem no plano das construções de fantasias. Daí a importância das lendas, contos de fadas e outros aspectos que povoam o psiquismo infantil.



A chegada às primeiras instituições de socialização pouco interferem nesse modo de pensar da criança. Em muitas circunstâncias, esses aspectos são bastante considerados. Mas, após a passagem por esses espaços de socialização, a criança conhece a instituição escolar, que exerce um papel decisivo nesses aspectos do psiquismo infantil.

No momento em que a criança está questionando suas crenças, a escola tem um papel decisivo no sentido de fazê-la começar a interpor a realidade ao mundo da fantasia. Além disso, a etapa do brincar torna-se cada vez mais restrita. Se, nas primeiras instituições da educação primordial, o brincar tem importância fundamental, com a entrada na escola, surgem as primeiras obrigações ligadas à realização de tarefas. Eis o grande desafio com o qual a criança se depara. Podemos mesmo falar de um corte entre esses dois momentos no desenvolvimento psíquico, pois uma nova situação afigura-se para a criança.

A mudança de espaço físico das instituições voltadas à educação, dos anos iniciais para a escola, é desafiadora. Considerando que tais instituições têm uma estrutura diferenciada, a chegada ao novo contexto escolar é um grande desafio. No contexto da atualidade, o desafio é a alfabetização, enquanto que em épocas passadas estava relacionado às tarefas realizadas no âmbito da agricultura, com a plantação e a colheita; na pescaria e no âmbito da pecuária, com a criação de animais.

Todos esses contextos de aprendizagem veiculam a ideia de que a vida não é somente brincadeira: é necessário algo a mais que o brincar. Quando a criança internaliza essa determinação cultural, ou seja, quando está ciente de que, além de brincar, terá tarefas a realizar, tem lugar o surgimento de mais um esteio importante no desenvolvimento psicológico: a relação do homem com a produtividade como condição fundamental para a vida.

A produtividade exige que a criança aprenda e seguir regras. No caso da escola, deverá realizar algumas atividades, ser avaliada e, de certa forma, ser comparada às outras crianças, instalando-se, em sua origem, o sentimento de competição. Geralmente a avaliação apresenta como contrapartida o caminho da competição. Por isso, deve ser objeto de muita reflexão no sentido de propiciar condições de autorrealização e de cooperação, sem apontar apenas a direção da competitividade à criança.

Há também outra faceta na avaliação: a maneira como os erros são avaliados pode ser a fonte do sentimento de inferioridade. Não obstante, como a avaliação é necessária para a criança pôr à prova suas condições, recomenda-se evitar ao máximo as situações nas quais resulte somente o sentimento de competição ou o de inferioridade. Há linhas pedagógicas que encaram os erros como parte inevitável do processo de aprendizagem, considerando-os como importantes instrumentos para orientar o trabalho do professor.

No caminhar pelas instituições de socialização, a criança tem com a vida escolar um grande salto de pensamento voltado mais para a realidade do que para a fantasia. É muito comum a criança demandar a presença do adulto para explicar sua compreensão de mundo, da mesma forma que busca explicações sobre o motivo da ocorrência dos fatos. O início de tal empreitada consiste no processo de observação muito mais que a experiência, ou seja, aquilo que a criança traz como fruto de suas vivências tem valor significativo. Como alimenta forte crença em suas observações, geralmente entra em conflito com o adulto quando os resultados das observações são descartados, ou mesmo não generalizados de uma situação a outra.

O valor do material das observações consiste na sofisticação do recurso empregado pela criança ante a precariedade das explicações mágicas e fantasiosas. Com a formação de novos laços sociais, aliada ao domínio da realidade, mesmo que seja parcial, a criança avalia que os recursos mágicos não têm mais sentido.

Se, por um lado, situamos um momento de grande conquista na utilização dos recursos para lidar com a realidade, por outro, temos a vivência, muitas vezes, dolorosa de perda dos aspectos da vida infantil. É disso que o adolescente se ressentir. Mas todos somos nostálgicos dessa faceta da vida infantil. Por isso, sonhamos. Perda e ganho: eis os dois marcos principais da adolescência, momento em que há um considerável impulso da autonomia e independência das figuras do círculo familiar, mas sem dúvida há também a conscientização de que essas pessoas são imprescindíveis no sentido de segurança, proteção e sobrevivência.

É importante ressaltar que mesmo realizando a passagem por diferentes instituições de socialização, cada criança apresenta diferenças específicas, potencialidades distintas e experiências culturais bem diversificadas.

Com o espírito de um ser que prima pela sua singularidade, o adolescente enfrenta diversos obstáculos que, uma vez superados, representam as conquistas mais importantes da vida em termos de escolhas, orientações, tomadas de decisões, enfim, do prosseguimento dos valores culturais. Não obstante, é importante enfatizar que as dificuldades a serem enfrentadas na adolescência são mais bem resolvidas quando as questões da vida infantil tiverem sido minimamente solucionadas. Quer dizer, é importante atravessar de forma satisfatória as etapas da vida infantil para ser possível gerenciar as ocorrências da adolescência no preparo para a vida adulta.

Vale salientar que os enfrentamentos com quais o adolescente se depara são de natureza distinta quando comparados aos da vida infantil. Se para a criança as exigências concernem à produção de condições para conviver em outros ambientes além do ambiente familiar, o adolescente tem diante de si um mundo repleto de enigmas, contradições e situações inaceitáveis. O grande desafio que disso decorre consiste no fato de que, uma vez estando ciente dessas condições, não há mais como voltar atrás. Além do mais, terá que produzir meios para garantir sua sobrevivência e realizar escolhas amorosas fora do círculo das relações familiares.

Até então situamos os aspectos das duas etapas da infância que têm importância para a adolescência. Apenas destacamos os aspectos do desenvolvimento infantil que repercutem na travessia da adolescência. Queremos assinalar que essa temática será definida e caracterizada na próxima aula.

Os enfrentamentos na adolescência

A adolescência é uma etapa da vida que marca a passagem da infância para a vida adulta. Trata-se, portanto, de uma fase de transição e nisso residem todas as peculiaridades desse momento da vida. Sem dúvida, espera-se que o adolescente já tenha absorvido a experiência da vida infantil de forma satisfatória, para que possa transitar nas difíceis trilhas para a vida adulta. Sendo assim, há o desafio de deixar de lado os recursos da vida infantil, bem como o de enfrentar as novidades relativas à vida do adulto, como a realização sexual e a escolha profissional. Mas o que é, sobretudo, impactante para o adolescente consiste no fato de que ele toma ciência de que deve produzir para garantir sua sobrevivência. Aliado a essa conscientização, tem lugar o aprendizado relativo à resistência à frustração, principalmente no contexto de determinadas realizações. Trata-se de uma situação inevitável, numa travessia a ser administrada pelo próprio adolescente.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 3

4. Nesta atividade você encontrará questões que tratam dos fenômenos que propiciam a entrada da criança na adolescência.

- a. Quais as conquistas fundamentais da criança para o seu ingresso na adolescência?
- b. Com relação à infância, quais as novas situações a serem vivenciadas pelo adolescente?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. Os acontecimentos a serem considerados como elaborações fundamentais para o término da infância, em suas duas etapas, são o sentimento de confiança, a conquista da autonomia e a capacidade de iniciativa. A conjunção desses aspectos do desenvolvimento psicológico faz surgir na criança o sentimento de autoestima, necessário para gerenciar as adversidades, especialmente os momentos críticos, uma vez que fornece esteios sólidos para atravessar e superar as crises da vida. Da confiança resulta a segurança; da autonomia, a sensação de liberdade; e da iniciativa, a elaboração de projetos próprios.

b. As situações a serem vivenciadas pelo adolescente concernem à convivência em ambientes diversos, em circunstâncias para as quais os valores internalizados no âmbito familiar têm serventia relativa e, às vezes, não são apropriados. As condições de proteção não são mais aquelas de outrora, pois os desafios são de outra natureza, quer dizer, se a criança se sente segura com os pais, o mesmo não acontece com o adolescente, o qual se lança em muitos projetos que excluem a participação direta das figuras parentais.

CONCLUSÃO

Circunscrever a adolescência como etapa diferenciada do desenvolvimento psicológico requer, primeiramente, tecer considerações sobre a infância em seus principais momentos. Mais que isso, temos de localizar as situações de passagem que se configuram em descontinuidade. Em princípio, o nascimento arranca a criança de um suposto estado de harmonia e bem-estar, lançando-a num mundo onde tem de colocar em funcionamento suas capacidades, no sentido de garantir a satisfação de suas necessidades vitais. Esse novo ambiente, repleto de luzes, sons, abalos físicos, sensações de frio, sede, fome e sono difere radicalmente das condições intrauterinas. Por isso, é preciso um período de adaptação da cria humana a esse novo espaço, no momento em que se encontra indefesa e em grande desamparo.

Mas a ideia de que a vida infantil tem características próprias é bem recente, tendo sido produzida em decorrência das grandes mudanças nos séculos XVII e XVIII, com o advento da Ciência Moderna: a Revolução Industrial, o declínio do poder eclesiástico sobre a autoridade dos pais em relações aos filhos, descobertas científicas no campo do saber médico, a exigência de homens especializados na operação de máquinas etc. Nesse sentido, a criança é uma produção socioeconômica e cultural, influenciada pelas transformações de costumes, pelas mudanças nas relações do homem com o trabalho e, fundamentalmente, na relação do homem com as divindades.

O advento da infância exigiu dos pensadores posições no tocante ao bem-estar, à segurança e aos direitos da criança. Daí, então, as reflexões passaram a considerar a criança como um ser que tem características próprias, como também surgem as correntes teóricas voltadas para compreender a infância numa lógica outra, diferente daquela que regula o pensamento adulto. Nesse sentido, em vez do desenvolvimento ser considerado um processo evolutivo linear, passou a ser concebido em termos de rupturas e descontinuidades: o nascimento é uma ruptura como também é o momento em que a criança passa a conviver em ambientes de socialização além da família, especialmente, face ao confronto com outros valores e outras concepções de mundo.

As primeiras instituições de socialização, além da família, enfatizam o brincar como a atividade criativa fundamental no desenvolvimento

das funções psíquicas. Mas a chegada à escola muda esse panorama: o brincar é dosado com tarefas de outra natureza. Isso significa também um momento de ruptura no qual a criança se depara com circunstâncias ditadas pelo conhecimento científico. A convivência nessas instituições deixa rastros importantes como a segurança pautada na confiança, a autonomia como caminho de liberdade e a capacidade de iniciativa, aspectos consideráveis nas escolhas exigidas pela vida. Dispondo desses esteios, a criança enfrenta uma mudança radical quando ingressa na adolescência, momento em que coloca em xeque os seus valores, tendo que criar condições para experimentar o novo mundo à sua frente, que aponta para as responsabilidades da vida adulta.

Da mesma forma que a ideia de criança foi produzida em decorrência das grandes transformações da Era Moderna, no que concerne à adolescência não foi diferente. Apenas a etapa do desenvolvimento psicológico que conhecemos como adolescência é uma produção tardia, tendo lugar na segunda metade do século XIX, mas que só tomou corpo no século XX, quando houve a compreensão de que as idades da vida não se resumem ao corte entre menor idade e maior idade. Sendo assim, o critério para pensar as distintas etapas do percurso de vida não é cronológico e sim assentado numa lógica que exprime diferenças qualitativas significativas.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2 e 3

Na seguinte atividade serão abordados aspectos próprios de cada etapa do desenvolvimento psicológico. Sua tarefa consistirá em relacionar tais aspectos às suas respectivas etapas.

Leia a seguinte passagem sobre “As diferenças entre irmãos”, extraída das páginas 70 e 71, do livro *As curtições de Pitu*, publicado na cidade de São Paulo, pela Editora Melhoramentos, no ano de 1976.

Marquinhos arrumou uma namorada em Catitó e pouca atenção dava a Pitu. Estava com mania de moço feito e Pitu, pra ele, era uma criança. Pitu ficava olhando o irmão e pensando como antes eram diferentes as coisas. Marquinhos foi seu mestre de natação, foi ele quem o ensinou a pescar, a fazer arapuca, a soltar papagaio, a jogar dama e buraco. Marquinhos era um ídolo que estava

mas se distanciando. Sabia que o irmão já tinha até barba na cara, estava moço. Mas não podia compreender a mudança de atitudes. Pitu largaria todos os seus amigos se Marquinhos o convidasse para sair junto. Duas vezes, tentou convencer o irmão a irem ao sítio por uns três dias, mas ele não mostrou qualquer entusiasmo pelo convite. Aos bailes, Pitu não queria ir, não sabia dançar ainda, não gostava. De manhã, o irmão não namorava, mas dormia até a hora do almoço. Ficava difícil o relacionamento entre os dois. A mãe já tinha notado isto. Chegou mesmo a falar com os dois, mas cada um achou uma desculpa. Pitu encontrou Marquinhos fumando escondido no porão. Começou a conversar com Pitu, a agradecer, tudo muito estudado, como se quisesse comprar-lhe o silêncio. Pitu deixou bem claro que não ia contar pros pais, podia ficar descansado. Naquela tarde, Marquinhos mudou de atitude, convidou o irmão para uma partida de damas. No outro dia, a mesma distância, a mesma superioridade que doía. Conversando com seu Zeca da farmácia, Pitu desabafou, queixou-se muito do irmão. Seu Zeca disse que era natural o que estava acontecendo, que Pitu precisava entender. Um dia, ele também sofreria esta mudança de pinto pra frango. Um dia, os dois seriam frangos e voltariam a ser amigos como antes. Depois, o irmão passaria a galo e as coisas ficavam difíceis outra vez. Até acertar de novo. A vida é sempre assim, é problema do tempo... Pitu fez com a cabeça que entendia. No fundo, ainda estava meio confuso. Mas seu Zeca só podia estar certo. Era um homem inteligente, que sabia explicar tudo. Ele mesmo dizia ser apenas “um homem vivido”, o que não ficou também muito claro, mas Pitu sabia que era coisa importante demais. Será que seu Zeca era galo ou já estava mais velho que galo? O que viria depois de galo? Pitu pensou, pensou, mas achou mais sensato não perguntar muito. Só sabia que, na idade de seu Zeca, era mais fácil ser amigo do que na do irmão.

A seguir, atente para as características do desenvolvimento apresentadas por Pitu e Marquinhos, procurando situá-las em diferentes etapas, de acordo com as ações indicadas tanto por um quanto pelo outro.

[illegible]

RESPOSTA COMENTADA

De acordo com as ações expressas na passagem anterior, observa-se que Pitu encontra-se na infância, pelas inquietações, dúvidas e o sentimento de estar de fora de certos acontecimentos. A atitude de buscar explicação para a compreensão das ações do irmão mais velho indica a caminhada em direção ao conhecimento, bem como importantes descobertas. Por outro lado, Marquinhos encontra-se no auge da adolescência, pois apresenta atitudes de não partilhar acontecimentos de sua vida com seu irmão, interesse em escolhas amorosas fora do círculo familiar, certas transgressões como fumar às escondidas e, enfim, não ter “paciência” para conviver com o irmão num momento outrora vivido, porém caído no esquecimento. Pitu quer respostas para as questões com as quais se depara, principalmente as transformações do irmão. Por isso, busca explicações em pessoas adultas como seu Zeca, em quem confia, por considerá-lo sábio e inteligente. Já Marquinhos opta mais por uma atitude de distanciamento própria da adolescência.

RESUMO

Abordamos os aspectos socioculturais e psicológicos do desenvolvimento que são fundamentais para a compreensão do fenômeno da adolescência. Em princípio, são traçadas diretrizes no sentido de situar a emergência do conceito de infância e a consideração da criança como um ser qualitativamente, diferenciado do adulto. Para tanto, destacam-se as mudanças do desenvolvimento referentes às duas etapas da vida infantil, no sentido de evidenciar a importância das conquistas realizadas pela criança para o funcionamento de suas funções psíquicas, como fatores que propiciam o enfrentamento das dificuldades próprias ao gerenciamento das condições necessárias à vida.

Nesse sentido, focalizou-se a confiança e a autonomia como as elaborações da primeira infância que têm papel decisivo na estruturação de meios a serem utilizados em situações surgidas fora do ambiente familiar.

A consolidação desses sentimentos é a mola propulsora para a constituição da autoestima e da capacidade de iniciativa. São aspectos da segunda infância que possibilitam à criança maior circularidade no sentido da conquista da liberdade e de decisão nas ações das quais se encarrega.

Nessa caminhada, a adolescência é um momento de crise que consiste na revisão dos valores da vida infantil, até mesmo no abandono de alguns destes, e nos preparativos referentes às atribuições da vida adulta.

Desabrochando a juventude: o adeus à infância

Francisco Ramos de Farias

AULA

2

Meta da aula

Apresentar as transformações que caracterizam a puberdade como a fase do desenvolvimento humano marcada pela ruptura com o corpo da infância.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. descrever as características da puberdade;
2. reconhecer a puberdade como prontidão para a função reprodutora;
3. diferenciar prontidão reprodutora de maturidade sexual;
4. descrever as mudanças corpóreas que ocorrem no corpo da menina e do menino;
5. identificar os conflitos do púbere com o novo corpo.

INTRODUÇÃO

Você se lembra da sua puberdade? Pelo menos de alguns momentos mais marcantes enquanto passava por essa fase difícil? A puberdade marca o início de uma etapa complicada do desenvolvimento, mas que não deve ser confundida com a adolescência. Em princípio, ocorrem mudanças fisiológicas e hormonais que resultam em significativas alterações do humor, variando da alegria à tristeza em pouco intervalo de tempo.

O corpo apresenta, em função dessas mudanças, um novo formato com o aparecimento dos pelos pubianos e alguns dos caracteres sexuais secundários. Esse “novo corpo” é objeto de questionamento tanto para o próprio jovem quanto para as pessoas de sua convivência. É muito comum as pessoas se surpreenderem com as transformações físicas nessa etapa, como o rápido crescimento.

Aquele que passa pela puberdade está abandonando a sua infância ao mesmo tempo em que se vê diante de tantas novidades, tanto com relação às mudanças em seu próprio corpo quanto à nova maneira de encarar o mundo. Então, vamos saber um pouco mais sobre essa fase de nossas vidas e conhecer as diferenças entre puberdade e adolescência, que são etapas que podem coincidir ou não.

De resto, queremos assinalar que o surgimento da puberdade pode acontecer antes do ingresso na adolescência ou pode ser simultâneo, como também pode vir depois. Por isso, devemos considerar, apenas em termos de critérios diferenciais, a puberdade do ponto de vista da prontidão fisiológica para a reprodução e a adolescência como um processo de transformações psicológicas.

PÚBERE

Denominação empregada para indicar o término da infância em função, principalmente, das mudanças fisiológicas. Quer dizer, sugere a maturidade da função reprodutora.

ONTOLOGIA

A palavra ontologia deriva do prefixo *ontos* que significa ser e *logos* que quer dizer estudo. Assim, podemos afirmar que ontologia é o estudo do ser enquanto ser. Seria a reflexão mais abrangente. Na concepção aristotélica, seria o estudo do ser em toda a sua generalidade, independente da classe de ser de que se trata: finito ou infinito, material ou não material.

CONCEITUANDO A PUBERDADE

A puberdade é uma complexa questão na vida da ex-criança, pois é o tempo presente de uma conquista: a maturação do organismo em termos da prontidão para a função reprodutora. Ao mesmo tempo, é o momento em que o **PÚBERE** tem de examinar um novo mundo à sua volta, tanto no sentido de novas descobertas quanto na criação de uma espécie de **ONTOLOGIA** histórica acerca de si próprio e, consequentemente, da espécie humana. Nesse contexto, o púbere não pode apagar totalmente a infância da qual se distancia, ficando esta cada vez mais longe e irrecuperável, nem pode negar o horizonte de possibilidades que se abre à sua frente.

Recorremos à noção de ontologia para situar a puberdade como uma etapa do desenvolvimento na qual o púbere se encontra frente a um conjunto de transformações, além daquelas referidas ao crescimento físico. Trata-se de uma experiência limite em razão dos questionamentos, consequência dos hormônios que são produzidos, bem como dos caracteres sexuais que emergem nessa ocasião. Assim, devemos entender a puberdade como uma atualidade vinda de uma infância que termina, ao mesmo tempo em que há a abertura de um horizonte de possibilidades que é a adolescência.

Em certo sentido, o primeiro grande impacto da puberdade pode ser caracterizado pela maneira como o jovem percebe suas próprias mudanças e, além disso, a busca de outros recursos, diferentes daqueles conquistados na infância, para lidar com seu novo corpo e com um mundo igualmente diferente. Trata-se de um modo de apreensão de acontecimentos novos, ou seja, tudo o que o sujeito experimenta tem um sentido próprio, embora seja comum a quase todos os jovens da mesma idade.

As ideias abordadas anteriormente nos fazem lembrar do filósofo **MICHEL FOUCAULT** sobre o surgimento do novo no seu texto “O que são as Luzes”, para traçarmos uma analogia às questões da puberdade. Da mesma forma que os acontecimentos históricos irrompem sinalizando diferenças, podemos pensar a puberdade no sentido de um acontecimento a ser captado e experimentado no momento de sua aparição.

Por esse motivo, pretendemos abordar a puberdade como uma espécie de **GENEALOGIA** relativa à construção de uma identidade em face do desmoronamento irreversível da infância.



Fonte: www.anarcopunk.org/biblioteca/?p=74

MICHEL FOUCAULT

Filósofo francês, nascido em 1926, de importância fundamental para repensar questões polêmicas como a sexualidade, a loucura, o poder, a lei, entre outras.

GENEALOGIA

A palavra genealogia designa um modo de pensar que consiste em remontar às fontes. Corresponde a um mergulho na questão da condição humana como ser histórico. É também o estudo que tem por finalidade estabelecer a origem de um sujeito ou de uma família. Assim, representa o conjunto de antepassados segundo uma linha de filiação. Além disso, é o estudo de uma série de dados que compõem a história do desenvolvimento de um ramo qualquer da atividade humana.

Foucault: a conquista da autonomia e a contemporaneidade

Escreveu obra densa mediante a qual interroga, de forma contundente, as formas do poder e o estatuto do saber, tomando como parâmetro a loucura, as práticas sexuais e as questões penais. São questões que se articulam, de forma direta, à estética contemporânea sobre os costumes, o advento dos saberes, as práticas disciplinares e de controle, para enfim desembocar nas discussões acerca da sociedade moderna.

O grande pensador do século XX tornou-se famoso na comunidade intelectual em razão de seu estilo nada convencional, além de ter discutido temáticas que permaneciam adormecidas no campo da especulação. Foi também um grande ativista na luta dos direitos dos loucos, dos prisioneiros, dos marginalizados e dos homossexuais.

Morreu em 1984, deixando como legado a produção de textos que atravessam várias áreas do saber científico.

Nos aventuramos a admitir que a puberdade, além de ser uma “invenção” recente, conforme assinalamos em relação à infância na Aula 1, é também uma construção que objetiva à organização de um corpo invadido por sensações diversas, apresentando modificações que, muitas vezes, parecem estranhas ao próprio sujeito. Sendo assim, compreender a puberdade como um desabrochar que se sucede à infância consiste em retirá-la do universo meramente biológico da reprodução e analisar as consequências psíquicas. Embora a puberdade signifique a prontidão para a procriação, é importante ressaltar que as repentinas mudanças fisiológicas e hormonais repercutem também na esfera dos processos psíquicos. Com isso, estamos sinalizando que a puberdade, como a infância e adolescência, figura recentemente no cenário da história das mentalidades.

Continuando a refletir sobre a puberdade, lançamos mão de expressões que, frequentemente, são utilizadas pelo jovem quando sai da infância: “acho que as pessoas devem cuidar de mim”, “fazia exatamente o que eu queria”, “eu era tratado como uma criança, agora sou tratado como adulto”, “agora quero estar com a turma”, “eu só queria ficar em casa e me interessava por brincadeiras infantis, agora me interessam os esportes e sair com a turma” e outras tantas falas que são os modos de o jovem posicionar-se em relação às questões de seu próprio mundo. A esse respeito podemos indagar: o que acontece com esse ser que, quando criança, tinha o atendimento de suas necessidades vitais no ambiente familiar, mas que agora exigem ser satisfeitas no contexto mais amplo? Como ocorre o afastamento das coisas infantis?

Se, por um lado, o púbere tem dificuldade em admitir que seu estado atual seja bem diferente da sua vida infantil, pois alimenta certa “saúde” pelas coisas da infância, por outro, há um movimento propulsor no sentido de independência em relação à compreensão das coisas que lhe acontecem. Mesmo não tendo muita clareza do porquê dessas coisas, sabe descrevê-las muito bem. Eis a matriz característica dessa etapa do desenvolvimento: a grande iniciativa na capacidade de explicação, sem recorrer constantemente aos adultos.

Por esse motivo, para abordar a puberdade, temos que fazer uma indagação: que etapa é essa que, na atualidade, recebeu a denominação de puberdade? Para o universo adulto, trata-se de um ser problemático que deve responder como adulto em algumas ocasiões, mas em outras não deve deixar de “ser criança”. Eis o grande conflito vivido pelo púbere em relação às figuras parentais e mesmo aos outros agentes de socialização.

Em princípio, devemos ter em mente que puberdade é a designação de um ser em plena fase de mudanças. Mudanças tanto fisiológicas quanto psicológicas que invadem o ser, ainda movido por nuances do pensamento infantil. Mudanças diante das quais reage com perplexidade. Se o púbere levantasse uma indagação acerca de si mesmo, certamente assim o faria: o que está acontecendo com meu corpo, que se transforma numa velocidade estonteante, não somente na forma, mas no aparecimento de sensações novas?

No contexto das relações sociais, o púbere é tratado como uma figura diferenciada: perdeu o ar angelical da infância e não pode ocultar as evidências das transformações fisiológicas. Essa nova aparência, muitas vezes, é percebida como indício de que esse ser se vê diante de uma série de obstáculos e surpresas, traduzindo-se numa espécie de turbulência, num descontrole provocado pela gama de estímulos que invadem o corpo devido ao excesso de hormônios que aparecem nessa etapa do desenvolvimento. Além disso, há uma indagação revestida de medo acerca do futuro, especialmente sobre o destino de tais mudanças e das exigências às quais terá de responder. Enfim, a confluência de forças intensas que precisam ser controladas.

Eis o momento em que a presença dos agentes de socialização, especialmente dos pais, é fundamental para que haja um mínimo de controle. Se não, pode haver um transbordamento, conforme ocorre

nas circunstâncias atípicas, como gravidez, uso de substâncias químicas, delinquência, prostituição, entre tantas outras.

Esse transbordar pode tomar a consistência de rebeldia, fruto do desconhecimento de todas essas novidades que aparecem no corpo. Por essa razão, mais que na infância, temos também na puberdade um tempo de descobertas, especialmente no que concerne à possibilidade de o sujeito experimentar-se e também experimentar o mundo. Quer dizer que uma necessidade impõe-se: a aceitação de si mesmo diante das novas ocorrências e a aceitação de um mundo não mais apenas pela ótica das figuras parentais como acontecia na infância.

O púbere é um ser problemático, não no sentido negativo, mas problemático porque tem que refletir sobre sua condição e construir recursos para enfrentar o mundo. Além das referências parentais, terá que produzir seus parâmetros de visão de mundo e colocá-los à prova.

Nesse caminhar, muitas vezes tem de ser contido, pelos agentes de socialização, nos seus ímpetos criativos com certa disciplina, para dispor de um tempo de reflexão sobre as inúmeras ocorrências que têm ligação com o seu corpo, bem como as consequências psíquicas delas decorrentes. Isso quer dizer que o púbere deve aprender a entender sua própria rebeldia como um momento de inadaptação a ser superado, pois, entre as diferentes funções, uma se mostra de forma bem evidente: a função reprodutora. Certamente, essa é uma questão para o púbere: o que fazer com isso?

Não estamos querendo dizer que isso é um problema e sim ocorrências próprias da maturação fisiológica que têm suas consequências, principalmente em termos da compleição física que se prontifica para a reprodução, mas que não é acompanhada por uma maturidade psíquica para tal finalidade. Embora o jovem esteja pronto para reproduzir, em termos fisiológicos, não pode fazê-lo em funções das condições socioculturais.

Esse impedimento, consequência da estrutura da sociedade na modernidade, exige que o púbere mantenha a vida fantasiosa da infância. Em certo sentido, o púbere deve ceder às forças instauradas pela prontidão fisiológica para a reprodução, ou seja, essas forças deverão ser “domesticadas” num tempo de espera de uma maturidade psíquica que, em função da conquista da autonomia para tal finalidade, pode dispor de condições adequadas à realização do sujeito nesse aspecto.

O contexto social coloca exigências às quais o púbere não tem como fugir: ao mesmo tempo em que, muitas vezes, tem de opor-se às correntes que impõem o consumo excessivo, o que é uma forma de anular as singularidades, tem também que lidar com as imposições da família. Assim, deverá travar um duelo com essas forças, mas igualmente atendê-las para realizar a chamada **RUPTURA DAS TRADIÇÕES**, transfigurando a realidade e a si mesmo.

Com isso, o púbere pode ser comparado a um herói que desbrava um mundo desconhecido e tem de criar novos modos de vida, pois aqueles da infância, apesar de terem sido úteis, não servem mais, exceto a realização sexual por intermédio da via fantasiosa. Porém, trata-se de um novo estilo de vida em que o sujeito se inventa para lançar mão de sua liberdade. Eis a árdua tarefa que o púbere terá de enfrentar na travessia dos obstáculos colocados principalmente pelas mudanças corpóreas.

Por fim, cabe salientar que abordaremos aqui a puberdade como uma etapa do desenvolvimento psicológico diferente da adolescência, embora o senso comum faça esse tipo de equivalência. Queremos assinalar que a entrada na adolescência não coincide, necessariamente, com o advento da puberdade. Muitas vezes a entrada na adolescência antecede ao fenômeno da puberdade; às vezes coincide, mas pode ser que venha depois. Por essa razão, não podemos equiparar o advento da puberdade com o início da adolescência, ou seja, enquanto as balizas que delimitam o advento da puberdade são objetivas (relacionadas às causas orgânicas), no caso da adolescência, são puramente subjetivas (relacionadas a como cada sujeito vai lidar com essa fase e desenvolver sua autonomia).

RUPTURA DAS TRADIÇÕES

Denomina-se ruptura das tradições o dilema vivido na juventude diante da situação em que o jovem se encontra pronto para a reprodução, podendo agir por si mesmo, mas não podendo desfazer-se do tesouro de sabedoria e dos conhecimentos oriundos das tradições antigas.

ATIVIDADE



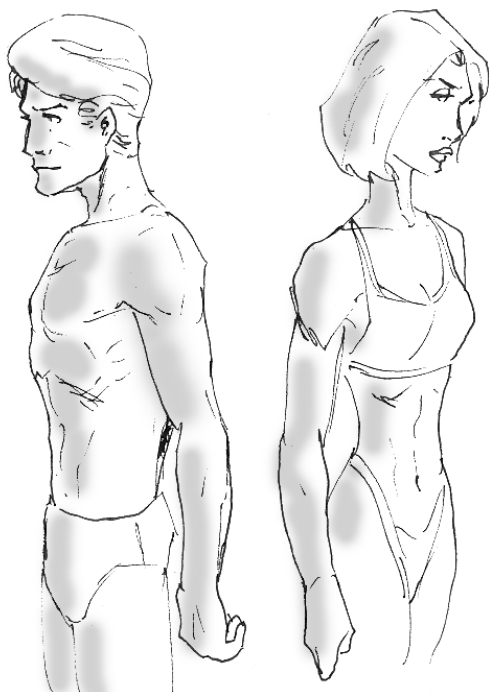
Atende ao Objetivo 1

1. Nesta atividade você refletirá sobre as transformações do corpo que marcam o aparecimento da puberdade. Sugerimos que você entreviste quatro pessoas de seu círculo de amizades, ou colegas de trabalho, no sentido de obter informações sobre as lembranças das mudanças corpóreas que caracterizam a puberdade. O ideal é que você converse com homens e mulheres. Em seguida, anote as respostas obtidas, compare-as e teça considerações sobre as diferenças entre as transformações do jovem e da jovem no ingresso à puberdade como prontidão para a função reprodutora.

COMENTÁRIO

A resposta depende de uma reflexão de cada aluno sobre os depoimentos colhidos. Os comentários sobre o conteúdo das entrevistas muito provavelmente sinalizarão diferenças marcantes de gênero entre os jovens e as jovens, especialmente em relação ao aparecimento dos caracteres sexuais secundários.

CARACTERIZANDO A PUBERDADE: O ANTES, O AGORA E O DEPOIS



Cada época do desenvolvimento apresenta atribuições a cumprir e desafios a enfrentar. Porém, o processo evolutivo referente à condição humana pode ser compreendido, considerando as diferenças culturais, em diversas etapas: o período de vida intrauterina ou fase pré-natal, a etapa do neonato, a infância, a puberdade, a adolescência, a vida adulta e a velhice.

A puberdade e a adolescência surgem como o segundo grande impulso de autonomia do sujeito, no caminho do tornar-se adulto. É um impulso marcado principalmente por situações de turbulência, razão pela qual faz-se necessário um longo período de espera para o jovem elaborar as questões com as quais se confronta, além de construir os esteios do encontro consigo mesmo.

A saída da infância, causada pelo aparecimento e funcionamento de hormônios, deixa para trás um tempo de quietude próprio ao corpo infantil com relação às manifestações da função reprodutora, muito embora a curiosidade da criança a esse respeito seja bastante aguçada. É preciso admitir que uma etapa da história de vida foi ultrapassada e que uma idade da existência é somente objeto de recordação. Além disso, se, para a criança, a presença do adulto é fundamental na condução de suas ações, para o púbere o novo horizonte, que é a possibilidade de reprodução, faz com que a recorrência às figuras parentais não ocorra com tanta frequência e, muitas vezes, essas mudanças são de forma tão turbulenta que levam o jovem a um estado de isolamento para compreender o que se passa.

Nesse estágio, é preciso pôr em prática ações decorrentes de decisões voluntárias, necessárias à compreensão das responsabilidades advindas dessa nova circunstância, isso sem mais poder recorrer ao auxílio dos pais, pois é o próprio sujeito quem decide o que fazer, sendo responsável por suas decisões. Claro que a orientação dos pais e de outros agentes de socialização é de fundamental importância para o púbere adiar a realização da função reprodutora, embora fisiologicamente esteja pronto para essa finalidade. Assim, pode-se afirmar que duas consequências advêm do surgimento da puberdade:

1. a modificação do contexto das relações com as figuras parentais;
2. o redimensionamento das relações de obediência às autoridades e a colocação em pauta do uso da razão.

Quer dizer, o púbere somente poderá entender o que está ocorrendo quando estiver ciente das mudanças em si mesmo, podendo assim elaborar, até certo ponto, os recursos conquistados na infância e readaptá-los às exigências de sua nova realidade. Com isso, estamos admitindo um corte entre a infância e a puberdade. Esse traço distintivo sinaliza uma descontinuidade nas etapas do desenvolvimento psicológico.

Em termos de realização, a ruptura com a infância leva o jovem a reconhecer os outros além de si próprio, em razão da profunda atividade de reflexão a que se encarrega. Podemos supor que o púbere busca a audácia de saber sobre as coisas, movido por uma coragem decorrente do dinamismo produzido em sua corporalidade, que até então se voltava para outras finalidades.

Em certo sentido, essa coragem voltada para o saber é um processo indicativo da universalidade que se afigura ao púbere: a função reprodutora.

O grande salto qualitativo nessa etapa decorre da conscientização pelo jovem de sua condição de agente de um processo, especialmente no sentido da perpetuação da espécie. Sendo assim, podemos afirmar que a entrada na puberdade é uma mudança histórica que atinge a totalidade da vida do jovem, repercutindo de forma decisiva nas suas ações, seja no contexto das relações sociais, seja no âmbito de seus questionamentos.

Em certo sentido, trata-se de uma mudança que afeta o sujeito, mas que afeta igualmente aqueles que fazem parte do universo de sua convivência.

A grande questão que brota no universo do jovem é: por que aconteceu tal mudança? O que fazer? Diante disso, o jovem, recém-saído da infância, adota duas condições para explicar as ocorrências que têm como palco o seu corpo.

Em primeiro lugar, procura discriminar aquilo que estava circunscrito no regime de obediência às figuras parentais. Em segundo lugar, procura entender o que pode ser construído pelo uso da razão com a ajuda dessas figuras. Com isso, o jovem ocupa-se em demonstrar indícios de sua arrancada em direção à vida adulta. É nesse momento que a obediência aos pais é duramente questionada, podendo ser foco de grandes desentendimentos e conflitos que, dependendo de circunstâncias favoráveis de compreensão dos agentes de socialização, podem ser solucionados sem grandes entraves ou inibições.

Isso aponta para a importância das opiniões das pessoas que transmitem o legado cultural, razão pela qual o jovem não pode descartar completamente essas opiniões, visto que existem situações em que estas são utilizadas para resolver certos impasses. Sendo assim, todo conhecimento que faz parte do legado cultural tem sua importância até mesmo para ser questionado, seja no campo dos costumes ou em função das descobertas científicas.

Embora saibamos que, nessa fase, a atitude das novas gerações diante dos seus pais seja revestida por certo desprezo, impera também o fato de que o jovem sabe que necessita deles para a sua sobrevivência. Muitas vezes, surgem reações hostis dos jovens para os pais, que podem ser pensadas como um tipo de revolta da juventude contra a geração mais velha. Isso pelo fato de que o cenário apresentado ao púbere, no sentido de postergar a realização de alguns de seus projetos, pode aparecer como algo estranho ao que até então conhecia. Pela circunstância de o jovem sentir-se estranho em si mesmo, reage às gerações antecedentes com revolta e rebeldia.

Cabe assinalar que questionar a obediência não quer dizer dispensar a orientação desses agentes. Muito pelo contrário: nesse momento é fundamental a presença dos agentes de socialização para o esclarecimento das obscuridades advindas das abruptas mudanças corpóreas. É preciso que tais agentes intervenham, mas de um outro lugar, para que haja, pelo púbere, a discriminação entre o possível, no caso a prontidão reprodutora, e as condições da realidade para pôr em prática tal função. Isso seria o equivalente à construção de um esteio acerca de decisões e realizações que devem ser adiadas, não meramente por uma imposição desses agentes ou da sociedade, mas porque outros aspectos da vida, como estudos, viagens e outras escolhas, como encaminhamento para uma profissão envolvendo estágios, às vezes realizados em outras cidades, colocam-se no primeiro plano de prioridades. A situação é bastante delicada, pois o púbere não está disposto a abrir mão da luta por uma causa em termos de realização pessoal e profissional, como objetivos da vida, além meramente da procriação.

Na juventude, tudo o que se refere às tradições parece tedioso, visto que tudo o que é novo é atraente, como o são as mudanças que ocorrem no seu corpo e no seu horizonte de relações. Podemos mesmo falar de um apetite à novidade. Não obstante, temos de assinalar uma particularidade: na infância houve conquistas que significaram meios de proteção e produção de soluções para as situações da vida que, nesse momento, não se mostram mais eficazes.

Para entender essa situação de vulnerabilidade do púbere, vamos fazer uma analogia a um acontecimento do mundo animal. O caranguejo tem uma carapaça que pode ser comparada às proteções organizadas na infância, que deve ser descartada para possibilitar o seu próprio crescimento. Esse mesmo processo ocorre com o púbere, que deve

abandonar os meios de solução que foram bem-sucedidos na infância. Quer dizer, trata-se do repensar da estrutura de ação da infância com o intuito da aquisição de uma dose de liberdade e do elaborar de uma nova estrutura.

Mas devemos assinalar que esse movimento de “destruição” da velha estrutura incorre em certos riscos, especialmente pela vulnerabilidade que se instaura entre o momento de demolição dos valores adquiridos na infância e a reconstrução das referências durante a puberdade. Assim, temos um momento crítico definido como a crise da puberdade: de um lado, tem-se no jovem a impulsão à busca de coisas novas, mas, por outro, não pode descartar aquilo que lhe foi transmitido no âmbito da família.

Além do mais, o púbere não descarta totalmente os valores tradicionais, apenas questiona algumas de suas nuances, especialmente aqueles que são obstáculos ao seu desenvolvimento. Nesse momento existem duas possibilidades. Uma delas é a persistência ao estado de infantilismo, que redundará numa acirrada dependência às figuras parentais no sentido de valorizar apenas as tradições de gerações anteriores. Disso pode decorrer a dificuldade do jovem em estabelecer laços com outros jovens de sua idade, tornando-se um ser extravagante. Outra possibilidade é a fixação demasiada ao apetite pela novidade, o que pode provocar um ressentimento nos pais e ser um grande foco de atritos.

Entre esses dois extremos, é possível o jovem adotar a atitude de dosar sua coragem dirigida às novidades e mesclá-la com o peso das tradições, sem ser completamente dependente das opiniões dos agentes de socialização e sem evitar qualquer possibilidade de diálogo. Desse modo, não haverá o temor de que uma atitude completamente arbitrária venha acabar com o mundo dos pais e, por outro lado, também não haverá o temor de ter que se curvar incondicionalmente às tradições, significando uma espécie de anulação e estagnação do crescimento individual.

Não devemos esquecer do contexto histórico em que o homem está inserido e da velocidade das transformações ocorridas no século XX. Mudanças nos costumes, como o surgimento de novas estruturas de família em função do divórcio, a produção da pílula anticoncepcional, as descobertas genéticas, os estudos no campo da radioatividade, o domínio do espaço com a ida do homem à lua, entre outras. A esse respeito, podemos assinalar que:

a) Devemos considerar as grandes transformações ocorridas na estrutura familiar. A família moderna foi obrigada a desfazer-se da estrutura hierárquica que conferia sabedoria e dignidade aos mais velhos. Isso quer dizer que as crianças têm dificuldade em avaliar a autoridade dos pais, uma vez que a autoridade paterna encontra-se, no século XX, pulverizada e descentrada de uma figura. Além disso, há a intervenção do Estado e de outros setores da sociedade, como saúde e educação, no processo de condução da criança, ou seja, os filhos não são mais, como eram até o final do século XIX, propriedades privadas de seus pais. Quer dizer, o poder dos pais sobre os filhos é, então, relativo.

b) A crescente influência da técnica científica, no século XX, produziu condições que resultaram no grande distanciamento entre pais e filhos. Isso não somente no âmbito da puberdade, mas no contexto da educação primordial. A criança, muito cedo, é colocada ao encargo de especialistas e de agentes cuidadores fora do âmbito familiar, marcando a separação bem precoce do convívio com os pais. Em alguns casos, as consequências dessa separação são muito desastrosas, conforme relata **SPITZ** (1998) em estudos realizados com crianças recém-nascidas que apresentaram grandes perturbações em decorrência de prolongados estados de hospitalização.

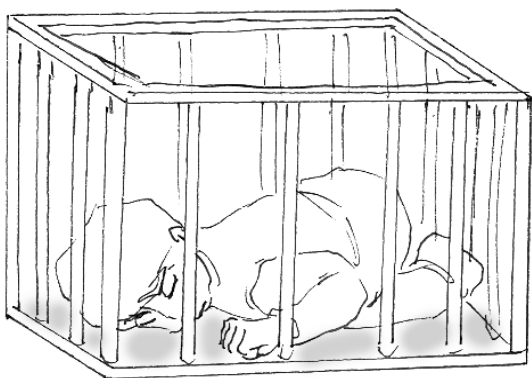


Fonte: www.pep-web.org/document.php?id=PAQ.044.0003A

R. SPITZ

Psiquiatra austríaco nascido em 1887, fecundo pesquisador da vida infantil. Em 1938, viajou para os Estados Unidos para dedicar-se ao estudo da observação das crianças na primeira infância, sobretudo, as crianças abandonadas.

Foram as observações de R. Spitz sobre crianças abandonadas que o tornaram conhecido no mundo, sendo referências no campo das discussões científicas. Demonstrou que a criança, desde seu nascimento, precisa de carinho para sobreviver. Trabalhou com crianças internas de até dois anos de idade, escolhendo, para tal finalidade, um orfanato e o berçário de uma prisão. Observou que, no orfanato, as crianças apresentavam um considerável atraso no desenvolvimento psíquico, seguido de consequente debilidade física, em decorrência da separação de seus pais. Em seu livro, *O não e o sim*, relata que uma epidemia de sarampo ceifou 23 das 88 crianças internas durante o período em que as observava. Das sobreviventes, apenas duas começaram a falar e aprenderam a caminhar. Nenhuma aprendeu a comer sozinha. Apesar de toda assistência, muitas crianças “optavam” por entrar em um estado de definhamento que culminava na morte, conforme observamos na figura a seguir. Essas observações foram comparadas com aquelas do berçário da prisão de mulheres, onde as crianças apresentavam um desenvolvimento acelerado e sadio, sendo o orgulho e o fascínio das mães reclusas e de toda a equipe de cuidadores. Face a essa circunstância, concluiu que mais importante que o atendimento eficaz das necessidades vitais é o cuidado realizado com amor. Por isso, a presença da mãe (ou de uma mãe substituta, que assuma as funções e o papel da mãe biológica) é fundamental, o que explica o bom desenvolvimento psicológico no berçário da prisão feminina.



A separação prolongada de seus pais pode ser percebida pela criança como abandono, podendo provocar danos irreparáveis, que vão desde a sua morte até a dificuldade irreversível na capacidade de estabelecer e manter relações pessoais. Igualmente grave podem ser as consequências da ausência que ocorre entre os pais e os jovens, em função do estilo de vida da atualidade. Exceto em ambientes de camponeses ou de artesãos em

que pais e filhos trabalham juntos, na sociedade industrializada movida pela técnica, dificilmente estes se encontram no trabalho, o que impossibilita o jovem de conviver com seus pais.

A incompreensão dessa ausência pode gerar revolta fazendo com que o jovem tenha, numa espécie de acusação aos pais, uma adesão impensada à defesa de temas complexos de ordem ética, como a devastação da natureza, a corrida pelo poder, o empobrecimento do sentimento, o embrutecimento pelas normas disciplinares e mesmo a participação em grupos nos atos de violência. Obviamente esses temas devem ser objeto de questionamentos, mas de uma maneira refletida, sem um teor meramente acusatório como se os culpados fossem aqueles que transmitem o legado cultural.

Muitas vezes, os grandes embates públicos travados pelos jovens, como brigas, disputas de “territórios” e ameaças às pessoas, são provocados pela adesão impensada a um movimento impulsionado pelo ódio, revolta, rebeldia e não por uma clara conscientização das questões sociais. A falta do exercício de reflexão tem como consequência a produção de um cenário de violência cultuada na imagem do líder da rebelião a quem são investidas as condições de salvador. Ainda, nessas condições, verifica-se a propensão para ações meramente impulsivas, estimuladas pela pertinência do jovem a um dado grupo social, como observado na sua participação em organizações criminosas presentes nas grandes cidades.

Considerando a dosagem ideal na relação do jovem com os valores e tradições e seu apetite pela novidade, podemos afirmar que a puberdade, como uma etapa marcada por constantes movimentos contraditórios, representa um novo impulso evolutivo no sentido de ser o distanciamento histórico do universo infantil. Não propriamente distanciamento da condição de ser criança, mas dos recursos obtidos em uma época que, com o advento da puberdade, coloca-se como um passado arcaico. Por isso, a puberdade, além de ser vivida de forma inquietante, conserva traços da infância, mesmo que seja de forma nostálgica. A esse respeito podemos levantar algumas indagações: a puberdade é enigmática pela perda do mundo infantil ou pelas mudanças relativas à prontidão reprodutora? Sem dúvida, teremos de considerar as duas possibilidades como modalidades complementares, pois, de um lado, temos a importância da ruptura com os princípios de funcionamento da vida infantil e, de outro, a instalação do novo como abertura a um horizonte próximo e sombrio.

Sendo assim, podemos situar a puberdade também como uma produção da atualidade, em decorrência das descobertas científicas que demonstraram haver diferenças entre o funcionamento fisiológico e hormonal no desenvolvimento de uma criança, de um púbere e de um adulto. Trata-se de uma maneira de pensar, de sentir, de agir e, fundamentalmente, de conduzir-se na vida ante a avalanche de mudanças fisiológicas, o que faz com que a puberdade apresente-se como uma tarefa a ser executada.

Enfim, podemos caracterizar a puberdade como uma etapa de descontinuidade, pelo estranhamento que ocorre em relação àquilo que já fora vivido na infância; seria uma ruptura concomitante com o sentimento de novidade, mas marcado pelo sentimento de vertigem que é próprio tanto da puberdade quanto da adolescência, como etapas de transição.

Em certo sentido, a puberdade caracteriza-se por ser transitória. Nenhuma etapa do desenvolvimento tem a característica de permanência: apenas umas duram mais do que outras e apresentam soluções menos conflitantes.

Devido à gama de estimulação que invade o corpo do jovem, seus ritmos alternam-se significativamente. Comparativamente à vida do adulto, a puberdade é um constante despertar, ou seja, ocupa-se de um trabalho exacerbado que, muitas vezes, produz uma certa transfiguração, razão pela qual o contexto social, especialmente a família, utiliza estereótipos, como: problemático, inquieto, impaciente, exagerado, entre outros, para referir-se ao púbere.

Não obstante, essa transfiguração não deve ser considerada como a anulação das condições de realidade, mas o difícil jogo na conquista da liberdade. Nesse momento, as coisas naturais, a capacidade e a prontidão para a reprodução, tornam-se mais que naturais, pois são o ponto de convergência e de reflexão do olhar do jovem. Assim, a puberdade é, antes de tudo, a relação que o jovem constrói consigo mesmo, no sentido de uma aceitação que não decorra apenas do olhar e da aprovação dos agentes de socialização. Daí a recorrência aos grupos de amigos, da escola, entre outros, para elaborar os fluxos incessantes de questões acerca das responsabilidades e atribuições da vida adulta. Uma particularidade a esse respeito deve ser considerada. Embora o púbere tome ciência das atribuições e responsabilidades da vida adulta, terá que esperar um longo tempo para realizar as ações oriundas de suas descobertas e de suas transformações, mesmo estando maduro para a reprodução. É nesse contexto que o púbere vive um dos mais significativos paradoxos: o das relações entre capacidade e poder, visto que a aquisição de capacidades, como luta pela liberdade, não deságua necessariamente no exercício do poder.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Nesta atividade, você encontrará questões que abordam as consequências, no contexto das relações sociais, da maturidade fisiológica para a reprodução.

a. Por que o púbere não deve engajar-se em ações reprodutoras no início da puberdade?

b. Durante muitas épocas, a puberdade era considerada o marco de ingresso na vida adulta em função da prontidão para a reprodução. A partir do século XVII, constatou-se que, muitas vezes, a paternidade ou a maternidade aconteciam sem que o jovem tivesse internalizado o teor dessas funções. Além disso, novas atribuições foram criadas para o jovem, como a aprendizagem de um ofício, o que acabaria por retardar a aceitação da vida reprodutora em termos objetivos. Nos dias atuais, esse tempo de espera tem-se ampliado, principalmente, nas camadas sociais favorecidas dos meios urbanos.

Apresente argumentos que justifiquem as ideias apresentadas na passagem anterior.

RESPOSTAS COMENTADAS

a. Mesmo considerando a definição da puberdade, que se inicia pelo advento da prontidão fisiológica para fins reprodutores, sabe-se que, do ponto de vista psíquico, o jovem não dispõe de condições materiais e emocionais para encarregar-se de tal função. Embora corporalmente haja a prontidão de mecanismos que viabilizariam a reprodução, é preciso um tempo de reflexão em termos da orientação sexual, temática que se apresenta ao jovem com muita intensidade, o que seria necessário no campo das escolhas amorosas. Além disso, a reprodução requer a produção de condições materiais para garantir a sobrevivência, o que na atualidade não acontece com a juventude em virtude da disseminação dos ideais de especialização, a afirmação profissional.

b. As consequências produzidas pela Revolução Industrial repercutiram, de modo marcante, no período de duração da juventude. Com a exigência da especialização, o jovem tem atribuições na escolarização que cobrem longos anos de sua vida, diferentemente da aprendizagem de um ofício, por meio da observação. Ainda, constatou-se que a incidência da vida reprodutiva na etapa da puberdade produziu condições que nem sempre são apostas na inserção do jovem nessas ações, sem a aquisição de uma profissão para a produção de condições materiais.

MUDANÇAS CORPÓREAS: O QUE ESTÁ ACONTECENDO COMIGO?

Como você acabou de ver, a puberdade é um fenômeno de natureza fisiológica próprio da travessia existencial, inerente à condição humana. A sua expressão recai em profundas mudanças corporais, resultado da produção hormonal que determina o surgimento das características sexuais secundárias, que passam a fazer parte do homem pelo resto da vida.

As características sexuais secundárias distinguem as duas categorias biológicas macho e fêmea, sem estarem diretamente vinculadas ao processo de procriação. Começam a aparecer durante a puberdade, como consequência da estimulação dos hormônios. No jovem temos o aparecimento da barba e dos pelos corporais, aumento do tamanho do pênis, espessamento da laringe em função do crescimento das cordas vocais, enquanto que nas jovens temos o aumento considerável dos quadris, o desenvolvimento dos seios e a mudança da silhueta corpórea. Essas mudanças podem seguir um ritmo lento, estendendo-se por período de mais de cinco anos ou se completarem rapidamente em um ou dois anos.

Há uma diferença em relação às características sexuais secundárias, quando consideramos o menino ou a menina. Quer dizer, a entrada em funcionamento das glândulas sexuais e a produção de hormônios têm efeitos distintos para cada sexo, não obstante existem características que são comuns aos dois sexos, como aparecimento dos pelos pubianos e das

axilas e, ainda, a barba, no menino. Mas, afora isso, as diferenças são marcantes: no menino há o engrossamento da laringe, que se traduz pelo aparecimento do timbre grave da voz masculina, além do acréscimo do volume dos testículos e do pênis. Na menina, surgem os seios, aparecem as secreções vaginais e começa o ciclo menstrual.

Na menina um dos indicadores é a menstruação, como marco importante na caminhada do tornar-se mulher. Disso surgem também as preocupações quanto à possibilidade de ser mãe, pois a fantasia de ter uma criança pode realizar-se.

Tratando-se do menino, a grande surpresa acontece quando descobre que suas secreções não são mais somente urina, e um belo dia constata que “molhou” a cama, eis o fenômeno da **POLUÇÃO NOTURNA**. Descobre também que é capaz de procriar e isso é um poder e tanto.

Todas essas manifestações orgânicas são indícios secundários da sexualidade, que traduzem a prontidão para a função procriadora, pois indicam o desenvolvimento dos órgãos genitais assentados na matriz primária de âmbito genético, estabelecida muito antes do nascimento, formada ainda no período de vida intrauterina. Além disso, a ação dos hormônios na puberdade produz um significativo crescimento físico até o final da adolescência, com sua estagnação completa na vida adulta, quando a maturação sexual tiver ocorrido. Dessa estagnação, decorre a soldagem definitiva das cartilagens nas articulações das extremidades ósseas.

A puberdade, na espécie humana, é bastante tardia se comparada à maturidade sexual dos **ANTROPOIDES**, variando ligeiramente de acordo com o clima e o meio sociocultural.

POLUÇÃO NOTURNA

É uma ejaculação involuntária que ocorre durante o sono, que resulta de uma excitação física genital. Se os homens tiverem sonhos eróticos durante esse período, tais manifestações involuntárias podem ocorrer. São manifestações normais que ocorrem em todas as idades, mas é disparadamente mais comum dos dez aos vinte anos.

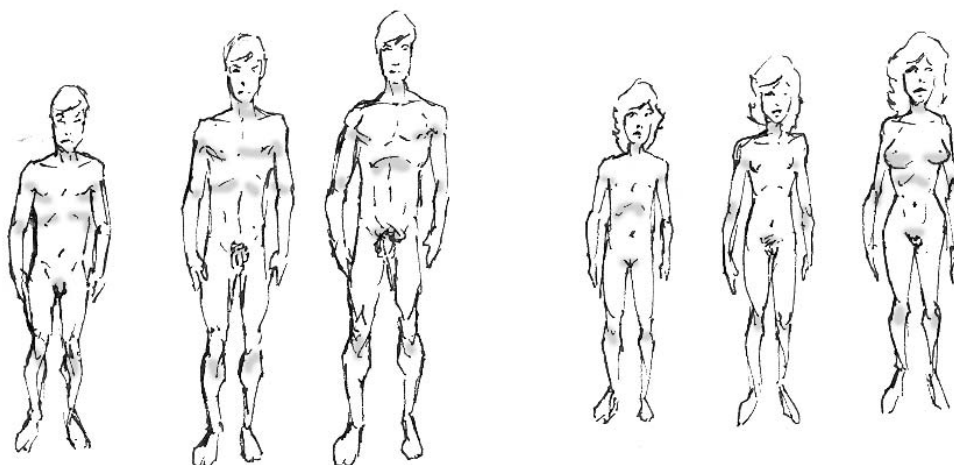
ANTROPOIDES

Corresponde à subdivisão dos primatas, na qual encontram-se os macacos, com aspectos gerais idênticos aos do homem. Podem andar em posição ereta ou apoiar-se nas extremidades dos membros anteriores e caracterizam-se por alguns comportamentos mais próximos dos homínídeos.

A puberdade na escala evolutiva

Um aspecto da evolução sexual no homem deve ser considerado, principalmente se comparado à capacidade reprodutora dos antropoides. Enquanto que, nesses animais, a prontidão para a reprodução acontece por volta dos quatro ou cinco anos de idade, no homem, nesse período, as glândulas sexuais entram num estado de latência, desenvolvendo-se de forma muito lenta, para ulteriormente na puberdade apresentarem um desenvolvimento significativo. A prontidão das glândulas sexuais no homem apresenta dois momentos: uma parada de crescimento glandular, que não acompanha o desenvolvimento do corpo, e a retomada do crescimento sexual na adolescência. Essa parada no desenvolvimento das glândulas sexuais parece influenciar a busca de recursos psíquicos, como maior autonomia e independência. Isso sugere que o início da reprodução, num momento muito precoce, poderia ter consequências desastrosas como ações que não seriam mediadas pela reflexão e pelo pensamento.

Devemos considerar que a principal aquisição da puberdade consiste na constatação, pelo jovem, de que seu corpo não é mais o de uma criança. Tampouco é o corpo de um adulto, sendo, pois, um corpo em vias de se tornar, quer dizer, um corpo em transformação.



As mudanças corpóreas decorrentes da puberdade, especialmente no rápido crescimento dos membros inferiores e superiores, podem explicar o caráter desajeitado do jovem que, muitas vezes, esbarra e derruba objetos. Também sabemos que a turbulência nessa etapa do crescimento, em função do surgimento dos hormônios sexuais, modifica completamente a dinâmica dos movimentos do púbere, sendo de difícil controle. Quanto ao incômodo dos adultos diante dessa postura desajeitada, seria interessante assinalar que provavelmente fazem esse tipo de cobrança porque se esqueceram que também já passaram por essas mesmas situações. Mas devemos lembrar que esse período de turbulência é passageiro.

Diante de todas essas mudanças, é muito natural haver uma preocupação com o corpo. Daí o fascínio pelo espelho na busca de comparação do próprio corpo com o dos colegas. A situação torna-se bem grave com as espinhas que, para o púbere, são o fim do mundo. Mas esse é também um momento de significativa aprendizagem, pois exige

que o jovem aprenda a conviver com um conjunto de transformações: primeiro no corpo e posteriormente os desafios de realização profissional e escolhas amorosas.



Toda a metamorfose corpórea que acontece na puberdade é acompanhada de mudanças psíquicas, principalmente no que concerne à insegurança e aos anseios de desligamento da casa paterna para realização profissional e sexual. Não obstante, no mundo atual, onde a passagem da infância para a vida adulta se estende drasticamente, não há mais lugar para os **RITOS DE INICIAÇÃO** da puberdade, principalmente no meio urbano e nas camadas sociais de alto poder aquisitivo. Sendo assim, seria pertinente indagar como o jovem experimenta sua puberdade. A esse respeito vale remontar à pesquisa de Malinowski (2000), no século XX, com comunidades primitivas.

RITOS DE INICIAÇÃO

ou de passagem são cerimoniais elaborados para introduzir um novo membro numa comunidade, seita religiosa ou mesmo em outras circunstâncias da vida. Corresponde a rituais que são destinados ao iniciando que passa por uma série de questionamentos, recebe uma série de explicações sobre a entidade em que está se iniciando e assume um compromisso como membro. Em muitas tradições, esse momento é acompanhado de festas e comemorações no sentido de marcar o impacto causado pela chegada do novo membro. Nesse sentido, as celebrações marcam a mudança de *status* de uma pessoa no contexto das relações em que vive. Os ritos de passagem são realizados de diversas formas, dependendo da situação celebrada; desde rituais místicos ou religiosos até assinatura de papéis (ou ainda os dois juntos). Como exemplos poderíamos mencionar o casamento, a formatura, o baile de debutantes, o batismo, entre tantos outros.



Fonte: www.n-a-u.org/

**BRONISLAW
MALINOWSKI**

Empreendeu uma pesquisa antropológica com o propósito de verificar a constelação familiar em uma localidade chamada Ilhas de Trobriand. Sua pesquisa resultou no questionamento do Complexo de Édipo como um fenômeno universal, como postulado por Sigmund Freud. O resultado de suas investigações consta de sua obra *Sexo e repressão na sociedade selvagem*, publicada em 1927 e que já teve várias reedições, tendo sido traduzida para várias línguas. Durante a década de 1940, muitos antropólogos eram partidários da divulgação de uma possível impropriedade da descoberta freudiana, tendo como base os estudos de Malinowski. Não obstante, essas ideias foram rebatidas pelos próprios antropólogos e as controvérsias continuam, mas bastante enfraquecidas no século XXI.

Abrindo um parêntese, vamos pensar sobre o Complexo de Édipo, apenas para que possamos entender a situação estudada por **MALINOWSKI**, pois tal assunto será objeto de uma de nossas futuras aulas.

No pensamento freudiano, o Complexo de Édipo vem a ser a travessia fundamental para a constituição do psiquismo e é decisivo em termos das escolhas sexuais. Corresponde à renúncia do amor com o primeiro objeto significativo para o homem, sendo uma separação que tem desdobramentos diferentes no menino e na menina: o menino renuncia o amor à mãe, temendo uma ameaça do pai e a menina separa-se da mãe na crença de que pode ter acesso ao atributo presente no corpo masculino.

O drama edípiano, desprovido de seu caráter universal, é abordado por Malinowski em outro contexto. Evidenciando a ligação entre o drama edípico e o contexto social ocidental, reporta-se às Ilhas de Trobriand, onde a vida familiar é fundamentada em um sistema de parentesco matrilinear, e a vida sexual é extremamente liberal. Ambos os contextos são regulados por normas, crenças e valores diferentes dos existentes em sociedades caracterizadas pela ideologia patriarcal e por uma moral sexual repressiva.

Abordando a dinâmica da vida familiar, uma das características diferenciais entre a sociedade matrilinear trobriandesa e a sociedade patriarcal europeia provém do fato de o pai não ser reconhecido como o progenitor de seus filhos, mas apenas como o marido da mãe deles. Com efeito, de acordo com as crenças dos nativos de Trobriand, conforme os depoimentos colhidos por Malinowski, o nascimento era explicado não pelo ato genital que culmina na fecundação, mas sim por uma construção imaginária de que as crianças para nascerem são colocadas, como pequenos espíritos, no útero. Os nativos de Trobriand acreditam que a tarefa de colocar os pequenos espíritos no útero da mãe fica ao encargo de uma parenta desta que já tenha falecido. Então qual a função do marido nessa cultura? O marido da mulher que tem filhos encarrega-se de proteger e de cuidar deles, recebendo-os em seus braços por ocasião do nascimento, sem, no entanto, haver qualquer alusão ao fato de que esse homem seja o pai dessas crianças. Disso conclui Malinowski que o parentesco se dá exclusivamente entre a mãe e seus filhos. A diferença marcante entre as relações familiares dos trobriandeses e as vigentes nas sociedades patriarcais, localiza-se na relevância dada ao tio materno

(irmão da mãe) que, no papel de chefe masculino da família matrilinear, representa a autoridade das imposições e obrigações que os membros das gerações mais novas, seus sobrinhos, devem cumprir. O menino é solicitado pelo tio, desde os seis anos, a realizar certos serviços na aldeia de seus parentes matrilineares, referentes ao cultivo da terra e ao transporte da colheita. Nessa convivência ocorre a transmissão das tradições, mitos e lendas de seu clã.

Malinowski observou também nuances próprias relativas aos ritos de passagem da infância à puberdade. No caso dos jovens das Ilhas de Trobriand, o fenômeno da puberdade acontece bem antes, comparado com a sociedade ocidental, principalmente pelo fato de que os púberes iniciam numa tenra idade suas atividades sexuais, logo após a solicitação do tio para o menino seguir seus passos. Gradualmente o jovem participa das atividades econômicas da tribo, sendo até o final de sua puberdade um membro pleno, pronto para a procriação, desfrutando dos privilégios de um homem adulto. Assim, não há ritos de passagem da infância à vida adulta e sim o preparo para a saída da casa dos pais.

O grande diferencial consiste no fato de que, enquanto os jovens trobriandeses iniciam sua vida sexual na puberdade, na cultura ocidental espera-se que as relações sexuais ocorram mais tardiamente. Outro dado interessante concerne ao tabu do **INCESTO** nas ilhas da Oceania, visto que as interdições são com a irmã, razão pela qual o jovem deixa a casa paterna muito cedo, logo no início da puberdade, passando a conviver numa espécie de comunidade jovem de moças e de rapazes, organizada pelo jovem mais velho, geralmente solteiro ou viúvo. Nessa comunidade, não há controle dos pais sobre os filhos, mas até a época do casamento, os jovens trabalham para suas respectivas famílias.

Ao destacar a situação das Ilhas de Trobriand, não estamos afirmando que nessa cultura não exista a puberdade e adolescência. Apenas estamos sinalizando que a dimensão de temporalidade tem, necessariamente, de ser repensada, pois não se verifica uma duração longa, conforme nas sociedades ocidentais, ou seja, podemos afirmar que os jovens trobriandeses “queimam” a etapa da adolescência e ingressam na fase adulta.

INCESTO

Denomina-se incesto a prática sexual entre pessoas marcadas por vínculos de consanguinidade, como pais, filhos e irmãos. A interdição do incesto é a lei imposta pela cultura como objetivo de preservar a diferença e a continuidade entre gerações.

No campo do saber médico, argumenta-se que tal prática deve ser evitada para minimizar a transmissão de doenças genéticas. No âmbito jurídico, a relação sexual envolvendo estas pessoas é crime.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3 e 4

3. O púbere e as mudanças corpóreas.

“Não vou me adaptar” – música dos Títãs

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia,
Eu não encho mais a casa de alegria.

...

Eu não tenho mais a cara que eu tinha,
No espelho essa cara não é minha.

Mas é que quando eu me toquei,
achei tão estranho,
A minha barba estava desse tamanho.

...

Não vou me adaptar.

“Xote das Meninas” – Luiz Gonzaga

...

Toda menina que enjoa da boneca
É sinal que o amor
Já chegou no coração
Meia comprida, não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado
Não quer mais usar timão
Ela só quer, só pensa em namorar

...

As letras das músicas referem-se às mudanças vividas pelo menino e pela menina durante a puberdade. A partir do que você aprendeu até agora na aula, responda às questões:

- Quais são as mudanças corpóreas da puberdade no menino e na menina?
- Como são experimentadas, do ponto de vista psíquico, as inesperadas modificações relativas às características sexuais secundárias?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. Tanto o menino quanto a menina apresentam sinais objetivos da maturação fisiológica para a reprodução, como o desenvolvimento das glândulas sexuais, que se encontravam em estado de latência, o aumento dos órgãos reprodutores, principalmente no menino, e o aparecimento das características sexuais secundárias.

No menino, os sinais do início da puberdade evidenciam-se pelo aumento dos testículos e pênis, crescimento dos pelos pubianos, aumento dos ombros, pelos axilares, barba e mudança na voz para um timbre mais grave. Geralmente ocorre a primeira ejaculação.

Na menina, os sinais são o desenvolvimento das glândulas mamárias, surgimento de pelos pubianos e pelos axilares, menstruação e transformação na silhueta do corpo com aumento significativo do quadril.

b. As mudanças relativas ao aparecimento das características sexuais secundárias são vividas, por muitos jovens, como incômodo, principalmente pela rápida transformação do corpo com o aparecimento de pelos e espinhas. Mas, mesmo que haja certo desconforto, são também motivos de orgulho pelo fato de que tais mudanças marcam o fim da infância.

É muito comum, nessa etapa, o aumento da vergonha em situações de exibição do corpo, mesmo para os familiares, não que isso seja o reflexo da intenção de esconder, mas sim a atitude de surpresa face ao aparecimento de mudanças corpóreas que ainda não são familiares. Em certo sentido, o púbere reage a tais mudanças com estranheza e perplexidade.

CONCLUSÃO

A palavra puberdade deve ser entendida como o processo de modificações físicas decorrentes do amadurecimento das glândulas sexuais e o aparecimento de hormônios.

Diferenciam-se dois momentos. O primeiro refere-se ao aparecimento das características sexuais secundárias e ao primeiro funcionamento dos órgãos genitais: a primeira menstruação, na menina, e a primeira ejaculação no menino. O segundo período se estende da primeira menstruação e da primeira ejaculação até os indícios da escolha sexual, a possibilidade de realização sexual fora do âmbito estrito da atividade fantasiosa.

Se, por um lado, temos um fenômeno que indica quando a puberdade se inicia, o mesmo não podemos afirmar em relação ao seu término, já que o advento da puberdade traz consigo uma crise e tudo vai depender do tempo dedicado à sua solução. A crise deve ser entendida em razão das expectativas para o amadurecimento pessoal, que ocorre concomitante à

segunda separação das figuras materna e paterna no auge da provocação e teimosia. A rebeldia e a revolta contra os pais e familiares na etapa da puberdade levam o jovem a voltar-se para os companheiros.

Esse é um ponto nevrálgico no relacionamento entre pais e filhos, visto que culturalmente os pais são mais propensos a aceitar a emancipação dos filhos homens e dedicar um cuidado maior às filhas, temendo ocorrências indesejáveis em uma etapa muito precoce da vida.

Enfim, na puberdade, as meninas são mais retraídas, mais voltadas para si mesmas, enquanto que os meninos provocam mais conflitos por estarem mais voltados para um mundo fora do contexto familiar.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 3, 4 e 5

Nesta atividade você vai refletir sobre as transformações que desencadeiam o término da infância e preparam o advento da puberdade.

Leia atentamente a passagem extraída de *Puberdade, tempo de dúvidas entre os meninos*, de Flavia Salme:

A passagem dos meninos para a adolescência é cercada de tantas dúvidas e desconfortos quanto para as meninas, mas, diferentemente delas, os rapazes costumam esconder seus receios, tentando “ser fortes” na hora de enfrentar a pressão. Orientá-los sobre as transformações que irão acontecer em seus organismos é fundamental. Por trás dos primeiros pelos pubianos, da barba e das espinhas, surgem situações por vezes constrangedoras, como odores nas axilas e outros locais do corpo. Especialistas garantem que tudo é passageiro. Enquanto dura, porém, cuidados básicos podem ajudar. “Na puberdade têm início os primeiros picos de esteroides, que são hormônios sexuais produzidos na glândula suprarrenal e depois, no caso dos meninos, nos testículos. Essa mudança ativa as glândulas sudoríparas, localizadas nas axilas e na região genital. O suor produzido por elas entra em contato com as bactérias da pele e causa mau cheiro”, explica o dermatologista Emerson de Andrade Lima, diretor da Sociedade Brasileira de Dermatologia. O problema é mais comum entre 11 e 13 anos, mas cada caso é um caso. “No início, muitos ficam desesperados. Basta uma partida de futebol no recreio para ter a sensação

ruim. Quando explicamos que os sintomas são sinais de que estão virando homem, eles ficam mais calmos. Para alguns, vira até motivo de orgulho”, ressalta Valéria Schincariol, endócrino-pediatra do Hospital São Vicente de Paulo.

Fonte: *O Dia Online* – 06/06/09 – Caderno Ciência e Saúde

A seguir, responda:

- a. Quais os obstáculos enfrentados pelos jovens na puberdade?
- b. Os meninos, ao entrarem na puberdade, vivenciam situações incômodas. Quais soluções podem ser sugeridas?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. As principais dificuldades apresentadas pelo púbere de ambos os sexos consiste na busca de recursos para lidar com as consequências das transformações corpóreas, em especial os odores produzidos em função dos hormônios sexuais.

Além disso, há também a delicada questão das espinhas, que ocupa grande parte do tempo, bem como outras preocupações com o corpo, que fazem o jovem passar horas e horas diante do espelho. Há, ainda, a preocupação acerca da iniciativa amorosa, principalmente em termos de iniciativa e aceitação.

b. Tratando-se dos meninos, mais que das meninas, recomendam-se cuidados higiênicos em relação às secreções produzidas pelas axilas, pelas glândulas sudoríparas e atenção ao uso de meias e tênis, principalmente. Muitas vezes o púbere alimenta a crença de que as pessoas o evitarão em função dos odores fétidos produzidos no seu corpo. Não obstante, é dever esclarecê-los acerca dessa produção como uma situação normal. Também pode haver certo desenvolvimento mamário devido aos hormônios que, com o passar da puberdade, geralmente, regride.

RESUMO

A puberdade é o período de crescimento em que ocorre o desenvolvimento sexual, geralmente associado a um crescimento repentino do corpo, em sua totalidade. Inicia-se, na menina, com a menstruação e, no menino, com a primeira ejaculação. Ocorrem mudanças psíquicas e corpóreas, além do crescimento. No âmbito das modificações fisiológicas tem-se a maturação para a reprodução. As mudanças morfológicas e fisiológicas da puberdade são progressivas, sendo mais tardias nos meninos em comparação com as meninas. Durante este período, há uma transformação dos órgãos genitais e de todo o organismo. A criança torna-se púbere, adolescente e depois adulto com a capacidade de reproduzir-se.

Na menina, ocorre o crescimento dos seios, a pilosidade pubiana e axilar, a primeira menstruação, consequência do aumento das taxas de hormônios. No menino, a voz torna-se mais grave, aumentam o volume dos testículos e o tamanho do pênis, além do aparecimento dos pelos pubianos, axilares e barba, também consequência do aumento da taxa de hormônios. A idade do advento da puberdade é variável, pois depende de variáveis climáticas, alimentação, entre outras. É muito comum, devido à velocidade com que essas mudanças se processam, o púbere atravessar determinadas situações conflitantes, seja na relação com o corpo, seja na relação com o mundo. Enfim, puberdade e adolescência não coincidem.

Adolescência: momento de passagem, crises e resoluções

Francisco Ramos de Farias

AULA

3

Meta da aula

Apresentar aspectos do desenvolvimento psíquico que permitam caracterizar a adolescência como uma etapa de transição.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. identificar as características da infância que têm importância na definição da adolescência;
2. analisar as transformações que preparam a caminhada do adolescente para o tornar-se adulto;
3. distinguir crise e conflito da adolescência.

INTRODUÇÃO

A adolescência passa por nós como uma tempestade e, talvez por isso mesmo, nos ocupamos prontamente de esquecer que um dia estivemos nessa etapa do desenvolvimento psicológico. Momento cheio de novidades, conflitos, ambiguidades e muitas outras coisas mais.

Ao caracterizar assim a adolescência, parece que estamos retratando-a apenas do ponto de vista negativo, mas não é essa a nossa intenção. Queremos, contudo, chamar a atenção para a divulgação nos meios de comunicação, compêndios e mesmo no senso comum, da imagem do adolescente como um ser problemático. Isso pode, em parte, ser explicado ao analisarmos a origem etimológica da palavra.

O termo adolescência é derivado de duas palavras da língua latina: *ad*, que significa “para” e *olescere* traduzido por “crescer”. Considerando os elementos da origem etimológica, pode-se afirmar que a adolescência significa, de forma genérica, crescer para. Mas se nos aprofundarmos na etimologia deste termo, reportamo-nos à ideia de mudança relativa ao processo de desenvolvimento, quer dizer, a preparação para um horizonte que se aproxima, cheio de incertezas e obscuridades.

Focalizando o significado etimológico, constatamos que a palavra adolescência condiz com o processo vivido nessa etapa da vida, pois os termos latinos indicam o processo de crescimento. Mas há uma outra derivação para o termo que merece ser analisada: adolescência deriva de *adolescere*, que é a origem da palavra adoecer, o que faz uma aproximação entre *adolescere* e *adoecer*.

Isso quer dizer que, paralelo à condição de crescimento físico e psíquico, há também um processo de adoecimento, ou seja, uma espécie de sofrimento, consequência da necessidade de produzir condições para enfrentar as rápidas mudanças relacionadas à puberdade. Vamos, então, nesta aula, aprofundar o olhar sobre esse momento tão rico em acontecimentos.



Sanja Gjenero

Figura 3.1: Livre para voar.
Fonte: www.sxc.hu/photo/1205206

ADOLESCÊNCIA: CRESCIMENTO FÍSICO E PSÍQUICO

“Quando criança, cuidavam de mim vinte e quatro horas por dia, mas hoje exigem que eu faça sozinho algumas tarefas”, “para algumas coisas exigem que eu seja adulto, mas para outras ainda acham que sou muito criança”, “antes eu vivia quase somente dentro de casa com minha família, atualmente quero ficar com a turma”, “antes só me interessava brincar, agora quero praticar esportes com meus amigos”, “escuto sempre meus pais reclamarem de mim, de que antes eu era muito educado e que agora estou sem modos e desajeitado”, “agora interessa mais meus amigos do que as pessoas da minha família”. Eis algumas frases que poderíamos ouvir dos adolescentes.

Mas, por outro lado, se ouvirmos pais, professores, especialistas, entre outros agentes de socialização, veremos um retrato bem diferente do que seja a adolescência. Ao que tudo indica, parece ser uma unanimidade, quase totalmente aceita, o fato de que “a adolescência vai mal”, “os adolescentes são difíceis”, “aumenta o número de adolescentes grávidas”, “cada vez mais adolescentes ingressam no narcotráfico”, “é grande o número de adolescentes infratores”, “a prostituição na adolescência cresce em escala quase incontrolável”. Essas ideias circulam como se fossem verdades sagradas que são assimiladas sem qualquer questionamento, do que resulta, muitas vezes, o adolescente ser tratado por estigmas e estereótipos.

Manchetes como essas aparecem nos veículos de comunicação e são de tal forma poderosas que imprimem imagens negativas acerca do adolescente e da adolescência. A esse respeito vale trazer o comentário de um grande pediatra e psicanalista inglês, **DONALD WINNICOTT**, que, certa vez, num pronunciamento sobre a adolescência aos meios de comunicação de massa, teria afirmado que os pais têm mais de um filho porque nascem crianças, pois se nascessem já adolescentes somente teriam um!

É interessante observar que na época em que Winnicott fez essa afirmação, as pesquisas sobre adolescência encontravam-se em estado embrionário, mesmo tendo se iniciado no século XIX. Isso quer dizer que a adolescência somente passa a ser objeto de preocupação nos ambientes científicos no início do século XX, quando foram produzidas as imagens e representações que povoaram e ainda permanecem no imaginário de estudiosos, professores, pais e todos aqueles que se voltam, na contemporaneidade, para analisar essa etapa do desenvolvimento.

WINNICOTT

Nasceu na Inglaterra em 1896, numa família próspera e aparentemente feliz. Foi oprimido por uma mãe depressiva, mas teve no seu pai, que era um livre pensador e empreendedor, a grande influência para a criatividade. Winnicott descreveu-se como um adolescente perturbado, reagindo contra as dificuldades familiares, engajado na luta para ajudar a suavizar os sombrios humores de sua mãe. Talvez essa experiência tenha despertado seu interesse pela Pediatria e pela Psiquiatria infantil.



Fonte: www.dicopsy.free.fr/photos/winnicott.html

Foi membro da Sociedade Britânica de Psicanálise e autor de diversos livros: *Da Pediatria à Psicanálise*, *A criança e seu mundo*, *O brincar e a realidade*, *Os bebês e suas mães* e muitos outros. O conceito de sua autoria “mãe suficientemente boa” delineia a imagem de uma mãe que atende às necessidades de seu bebê, interage com ele, ao mesmo tempo em que cria oportunidade para que ele se desenvolva e suporte a frustração. A mãe suficientemente boa de Winnicott em nada se parece com a mãe superprotetora, que impede e boicota o crescimento de seu filho.

É evidente que todas as caracterizações atuais distanciam-se, significativamente, da aproximação de mais de cem anos, mas alguma coisa sobre a adolescência ainda permanece, principalmente a ideia de que a adolescência é um momento de crise. Eis aquilo que é semeado logo nesses primeiros esforços iniciais, quando se focalizou a adolescência como uma etapa que prepara o homem para a maturidade, seja evidenciando as difíceis acomodações que terá de acontecer, seja no tocante às responsabilidades da vida adulta. De qualquer modo, frente a tais circunstâncias, fala-se de tempestades e tormentas como os termos mais indicados para circunscrever a adolescência. Ao que tudo indica, essas palavras são repetidas em ecos incessantes na boca dos pais e de quem mais convive com os jovens nesta fase.

Mas o que extraímos dessas pesquisas sobre a adolescência? É importante para responder a essa questão que recorramos ao cenário histórico em que foram produzidos os conceitos de infância e de adolescência. Conforme vimos na Aula 1, a noção de infância com a qual trabalhamos na contemporaneidade foi produzida por volta do século XVII, enquanto que o sentido do que seja adolescência começa a ser esboçado somente nas últimas décadas do século XIX.

Essa advertência é fundamental para relativizarmos nosso olhar quando o dirigimos às questões referentes à adolescência. Ainda temos de considerar a distinção estabelecida, na Aula 2, entre puberdade e adolescência, para tecermos considerações sobre a adolescência, entendendo essa etapa do desenvolvimento na sua singularidade em relação à infância e à vida adulta. A esta altura, fica claro que uma coisa é o entendimento na esfera legal, em que se produziu uma separação entre jovens e adultos em função de um limite etário. Mas sabemos das limitações dessa forma de compreensão, pois não são considerados os processos de natureza psíquica, que não acompanham necessariamente o desenvolvimento das funções biológicas.

A tentativa de entender a infância, bem como a adolescência, em termos de limites cronológicos, durante as primeiras décadas do século XX, talvez tenha sido o grande véu que encobriu importantes aspectos do desenvolvimento, tanto da criança quanto do adolescente. Nesse sentido, temos de considerar com certa precaução os resultados das pesquisas sobre a adolescência, pois muitas vezes é argumentado que o término desta fase pode ser pensado em termos de um limite etário. Talvez por isso reina a grande confusão quando se pretende equiparar

a adolescência à juventude. Que a adolescência faz parte da juventude, disso não temos nenhuma dúvida. Mas a vida adulta também não conserva aspectos da juventude?

Se analisarmos o modo de vida dos jovens na atualidade, vamos constatar que o significado do que seja adolescência varia segundo critérios de natureza distinta. Imagine a adolescência no meio rural e no meio urbano e ainda, no meio urbano, considere as diferenças socioeconômicas. Sem dúvida, existem, dependendo das condições de vida do jovem, diferenças significativas em relação ao momento de ingresso no setor de produção, bem como ao preparo para o exercício de determinados ofícios.

Mais uma vez estamos assinalando que não há uma definição precisa do que seja adolescência. Apenas afirma-se que é uma etapa que vem depois da infância e antes da vida adulta, do mesmo modo que a juventude é definida pelo processo que se inicia com a chegada da puberdade. Mas é preciso que saibamos que a puberdade é uma fase natural do desenvolvimento. Porém o mesmo não pode ser afirmado para a adolescência, que é um conceito determinado pelas transformações da estrutura socioeconômica. Com isso, chegamos a uma conclusão que nos causa perplexidade: na verdade, temos adolescentes e não adolescência. O que devemos entender acerca dessa conclusão?

Em primeiro lugar, devemos considerar que os critérios que caracterizam a adolescência não são universais nem válidos para todas as culturas e, ainda, variam em uma mesma cultura. Desse modo, tais critérios não fazem parte da constituição do homem e, sim, são determinados pela cultura.

Em segundo lugar, a adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento e sim algo produzido em decorrência das exigências do mercado de trabalho, do processo de profissionalização e da aprendizagem de ofícios, no sentido de o sujeito produzir garantias e condições de sobrevivência. Quando focalizamos as exigências que uma sociedade impõe ao jovem para ingressar no universo da vida adulta, estamos diante de transformações de natureza psicológica. Sendo assim, podemos seguramente afirmar que a adolescência é a etapa do desenvolvimento artificialmente criada.

Em terceiro lugar, para evitar qualquer equívoco, é preciso, ainda, esclarecer que não estamos propondo negar a existência da adolescência em qualquer cultura como fase de passagem para a vida adulta. Apenas estamos sinalizando que a fase de desenvolvimento entre a infância e a vida adulta não tem um intervalo de duração definido.

Enfim, podemos concluir que a adolescência é uma fase típica do jovem na sociedade cujo desenvolvimento tecnológico atingiu proporções consideráveis, razão pela qual se faz necessário um longo período de preparação para competir no mercado de trabalho. Isso se comparado às chamadas sociedades primitivas, às condições de vida do meio rural, ao trabalho informal, sem carteira assinada, como o de ambulante, entre outras situações, em que há a passagem da infância direto para a vida adulta para a criação de condições de subsistência.

Poderíamos até mesmo nos aventurar a afirmar que nessas condições humanas, há quase que a queima de uma etapa do desenvolvimento, ou seja, a adolescência é vivida de forma efêmera, em concomitância com as responsabilidades da vida adulta, sem o tempo necessário de uma preparação técnica especializada, pois esses ofícios não exigem um conhecimento mais aprofundado para a sua realização. Quer dizer, aos boias-frias, aos trabalhadores da construção civil, aos trabalhadores braçais, bem como a outras categorias, não é exigida uma formação universitária, nem mesmo a escolaridade do ensino médio, visto que muitos desses trabalhadores deixam a escola antes de terminar o ensino fundamental para ingressar no mercado de trabalho. As condições de vida dos jovens que pertencem à camada social desfavorecida economicamente exigem que eles entrem no mercado de trabalho para ajudar a manter a família e, por isso, têm que abandonar os estudos ou mesmo o desejo de realizar algum curso de profissionalização técnica. Como estamos vendo, as condições socioeconômicas têm um peso decisivo em termos das condições de profissionalização, até mesmo pelo fato de que as condições políticas produtoras da desigualdade social são as mesmas que mantêm a camada social desfavorecida economicamente em situações de difícil acesso ao ensino superior das universidades mantidas por órgãos governamentais.

É preciso então que fique muito bem claro que, na nossa sociedade, o período de adolescência não é igual para todo jovem depois da puberdade.

O QUE É SER ADOLESCENTE?



Vamos pensar numa imagem para percebermos mais de perto a adolescência e o ser adolescente: o adolescente fecha a porta da infância sem estar ciente e, num grande impulso, abre a janela para a vida adulta. O curioso é que faz as duas coisas ao mesmo tempo, sendo exatamente isso o que caracteriza a ambiguidade desse estado de espírito.

Se estamos admitindo que a adolescência é um estado de espírito, devemos refletir que estado é esse do adolescente? Começemos pela característica básica da adolescência: indecisão. Certamente, não se trata de uma indecisão qualquer, mas a indecisão de quem se encontra na iminência de tomar uma decisão. Isso quer dizer que o ser adolescente encontra-se num estado de indecisão visando decidir-se. Assim, tal estado não é nada pacífico, pois se trata mesmo de um estado de instabilidade bem evidente, que sequer era aventado quando estava na vida infantil. Em outras palavras, o adolescente é obrigado, a duras penas, a dar adeus definitivo ao estado de tranquilidade da infância, em termos da proteção buscada junto às figuras parentais.

Retomando a imagem da porta que é fechada e da janela que é aberta, a adolescência é fase de passagem que tem, num extremo, o abandono do estado de proteção, próprio da vida infantil e, no outro,

o estado de exposição relativo à vida adulta. É pertinente observar que, se na vida infantil, a criança lida muito bem com o “fazer de conta”, para o adolescente isso não é mais possível: existem escolhas que não podem mais ser feitas apenas no mundo de realizações imaginárias. É preciso agir no mundo das realizações concretas, produzindo condições que não são naturalmente dadas.

A esse respeito é preciso abrir um parêntese para situarmos uma peculiaridade da condição humana. A cria do homem é aquela que entre todas as espécies de formas de vida, caracteriza-se por receber uma parcela significativa das produções culturais.

Diferentemente de outras espécies que nascem num mundo já feito, o filhote humano surge e vive num espaço completamente artificial, onde tem que fabricar instrumentos para produzir as condições de sobrevivência. As abelhas não fabricam o mundo em que vivem, pois nascem na floresta que já se encontra lá, mas o homem tem de fabricar o mundo, construir seu próprio corpo a partir das determinações sociais e tecer laços sociais para ser alguém com a finalidade de traçar uma história para ser deixada como um legado.

Estamos assim traçando um duplo paralelo: entre a condição de vida regida pelo instinto e a ditada pela cultura, além de situarmos a adolescência em confronto com a vida infantil.

Continuando a refletir sobre a adolescência como fase de transição, faz-se necessário que explicitemos o que entendemos por transição, desta vez remontando à concepção do que seja contemporaneidade, para traçarmos um terceiro paralelo entre a definição da adolescência e a compreensão que temos do que seja a era em que vivemos.

Se compreendemos a contemporaneidade como uma era que apresenta no seu contexto uma certa radicalidade, devemos, pois, situá-la no espaço de uma zona de indeterminação entre uma era que já conheceu o seu ocaso e um pórtico que abre um horizonte de possibilidades, ou seja, uma abertura para o futuro.

Assim, a Era Contemporânea deve ser pensada, sobretudo, como um tempo de passagem, sendo por isso mesmo, instável. Nada mais elucidativo do que a definição de contemporaneidade para pensarmos a adolescência como experiência de passagem, ou seja, um fluxo que se inicia na infância e se lança para um futuro: a vida adulta.

Sendo assim, a adolescência pode muito bem ser caracterizada também como uma zona de indeterminação entre um passado que se esvai, no caso a infância, e um futuro que se aproxima, a vida adulta. Ora, se adolescência é fundamentalmente experiência de passagem, nada melhor que situá-la numa zona de indeterminação, conforme já assinalamos. Mas não numa zona de indeterminação qualquer, visto tratar-se de uma indeterminação não especificada, daí a razão pela qual esta etapa do desenvolvimento é a travessia de uma crise repleta de conflitos.

Essa é a marca típica da adolescência, não que em outros momentos da vida as crises e os conflitos estejam ausentes. Apenas estamos assinalando que existem crises e conflitos que são próprios da adolescência. Em princípio, o adolescente terá que elaborar o luto pela perda da vida infantil, pois é perda, e como toda perda é sofrida, tem de ser minimamente elaborada. Além disso, existem as preocupações sobre o que poderá ser no futuro. É esse o cenário onde o adolescente fabrica os elementos para a construção de sua vida, superando obstáculos, solucionando conflitos e criando condições que resultam na ampliação de seu campo de relações.

Com o espírito de um ser que busca espaço fora do contexto das relações familiares, o adolescente enfrenta diversos impasses que, uma vez superados, representam as conquistas mais importantes no longo caminho que desemboca na vida adulta em termos de escolhas, orientações, tomadas de decisões, enfim, do prosseguimento dos valores culturais.

É importante enfatizar que os obstáculos e as dificuldades a serem enfrentados nessa travessia contam com os esteios construídos na infância, quer dizer, as conquistas realizadas na vida infantil – autonomia, confiança e independência – são passos importantes para que o jovem busque, com segurança, estabelecer novas relações, num universo pouco familiar, constituído pelos grupos a que venha a pertencer.

Quando as questões da vida infantil são bem resolvidas, melhor o adolescente cria condições que lhe favorecem a travessia para a vida adulta, isto é, é importante atravessar de forma satisfatória as etapas da vida infantil para ser possível gerenciar as ocorrências da adolescência no preparo para a vida adulta. Estamos, assim, admitindo que os primeiros passos da vida infantil são alicerces importantes para a adolescência e também para toda a vida.

Cabe notar que os confrontos com os quais o adolescente se depara são de natureza distinta quando comparados às dificuldades da vida infantil, bem como às responsabilidades da vida adulta. Se para a criança são exigidas mudanças para conviver em outros ambientes, além do ambiente familiar, o adolescente tem diante de si obstáculos, um mundo repleto de enigmas, contradições e situações inaceitáveis. O grande desafio que disso decorre consiste no fato de que uma vez estando ciente dessas condições, não há mais como voltar atrás.

A adolescência é uma etapa da vida que desafia o jovem a deixar de lado os recursos da vida infantil, bem como a enfrentar as novidades relativas à vida do adulto. É impactante para o adolescente tomar ciência de que deve produzir para garantir sua sobrevivência. Aliado a essa conscientização, tem lugar o aprendizado relativo à resistência à frustração, principalmente no contexto de determinadas realizações. Trata-se de uma situação inevitável na travessia a ser administrada pelo adolescente.

As necessidades do adolescente são de outra natureza quando comparadas às daquelas da criança. Em princípio, a questão do espaço coloca-se como principal, visto que o adolescente precisa ampliar seus horizontes,

além do mundo já conhecido na infância. Nesse sentido, há a luta pela conquista do próprio espaço, na busca da nova maneira de ser e de se mostrar ao mundo.



Sam Weng

Figura 3.2: A conquista do seu lugar no mundo é crucial para o adolescente.

Fonte: www.sxc.hu/photo/669888

O empreendimento dessa nova busca é cheio de caminhos sinuosos com oscilações bem acentuadas, apresentando variações que vão desde sentimentos infantis até os de um adulto. Essa polaridade resulta em um viver atormentado, com muitas incertezas a respeito de si próprio e de sua posição frente ao mundo e aos outros. A mudança de planos e de sentimento é constante. Em razão disso, os setores que impõem limites, como a escola e a família são, muitas vezes, considerados como fontes de ameaças que podem retardar o ato de colocar em prática todo seu esforço vital, no sentido de possuir um espaço próprio e ser reconhecido como futuro adulto.

Além disso, é muito comum o adolescente querer romper os laços com a família e, quando isso ocorre, batalhas ferozes são travadas, principalmente em um tipo de denúncia de que tudo o que faz parte do universo da família e dos agentes de socialização mostra-se totalmente inadequado. Esse é o momento de grande conflito, de mágoas e de ressentimentos, com queixas constantemente dirigidas aos pais, professores e a todas as figuras de autoridade.

É comum o adolescente argumentar que essas figuras tentam determinar a sua vida, impedindo-o de crescer, de afirmar sua individualidade ou de anular o poder que acaba de adquirir. Nesse momento revive um sentimento de outrora, pois, como na infância, o adolescente suspeita que os adultos detêm o monopólio do poder e querem direcionar sua sexualidade, conspirando para separá-lo de seu grupo de amigos.

Geralmente essa situação crítica desencadeia muitas discussões, trazendo à tona mágoas profundas, antigos ressentimentos de injustiça, quase sempre apresentados em tom acusatório para os pais, na alegação de que estes protegem outro filho e que também sempre falharam. Esse é um momento muito delicado, pois é muito difícil lidar com a dor do adolescente nessas circunstâncias.

Também é difícil para os pais suportarem dramáticas acusações e eles podem se sentir feridos e não compreendidos. Se for possível a esses pais evocar a lembrança das conturbações de suas próprias adolescências, poderão em muito ajudar seus filhos a ultrapassar essa difícil fase de suas vidas.

Com isso, afirmamos que os pais conhecem melhor seus filhos crianças do que adolescentes, o que faz eco às palavras de Winnicott de que os filhos adolescentes são um território inexplorado, mas alimentam a esperança de que se trata de uma passagem, transição para a vida adulta.

Considerando esses pormenores, você deve refletir sobre o seguinte ponto: a adolescência é uma fase do desenvolvimento estanque, uma idade marginal ou algo original, próprio da transformação da criança em adulto?

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Nesta atividade, abordaremos as transformações da vida infantil que favorecem o ingresso na adolescência e, ainda, as situações vividas pelo adolescente quando sai da infância.

1. Enumere as mudanças da vida infantil que colaboram para o ingresso na adolescência.

2. Quais as novas situações vivenciadas pelo adolescente quando sai da infância?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. As mudanças da vida infantil que determinam a entrada na adolescência são:

- a) a significativa modificação fisiológica e da forma do corpo;
- b) o aparecimento dos caracteres sexuais secundários;
- c) a impossibilidade de realização apenas no universo da vida imaginária;
- d) o sentimento de independência e confiança nas figuras parentais;
- e) a elaboração das perdas primordiais.

A elaboração dessas mudanças incrementa o sentimento de auto-estima, necessário para gerenciar as adversidades, especialmente os momentos críticos, uma vez que fornece esteios sólidos para atravessar e superar as crises da vida.

2. As situações a serem vivenciadas pelo adolescente concernem, em primeiro lugar, à elaboração das ocorrências estranhas que invadem o corpo e, em segundo lugar, à convivência em ambientes diversos. Além disso, há o confronto com relação aos valores da infância, no sentido de que não poderá mais utilizá-los. O adolescente se confronta constantemente com os agentes de socialização que se apresentam como autoridade.

O COMEÇO E O FIM DA ADOLESCÊNCIA



Conforme explicitamos na Aula 1, a criança avalia o mundo segundo os valores da família, valores esses que são colocados em xeque no momento em que o jovem começa a frequentar os novos grupos sociais. Em princípio, constata que os valores da família não são os únicos de que dispõe e também descobre que tais valores não são adequados às novas situações que se apresentam. Por isso, ouvimos tanto falar de conflito de gerações que, na verdade, corresponde ao choque de ideias recebidas da família durante a infância como valores intocáveis e inquestionáveis.

O começo da adolescência não pode ser pensado desvinculado das questões relativas à puberdade. Então são muitas as tarefas que se colocam para o adolescente: construir novos valores e criar soluções para a turbulência surgida com a produção em grande quantidade dos hormônios sexuais. Além disso, tem também que entender a contradição que, constantemente, ecoa da boca dos adultos: “você age como criança, mas você não é mais criança”. Também não pode fazer as coisas como acha que deve fazê-las. Quer dizer, não pode mais agir como criança, mas não pode agir como adulto.

Esse estado de dificuldades pode muito bem ser comparado ao nascimento, especialmente se considerarmos que a adolescência é uma fase de mutação. O nascimento é uma mutação relativa à passagem da condição de feto à criança, ou seja, da mudança da vida intrauterina, em que as necessidades são satisfeitas sem nenhum esforço, para um tipo de vida em que a criança tem que sinalizar os estados de suas necessidades. O adolescente passa por uma súbita mudança em relação a qual não tem palavras para expressá-la. Do mesmo modo que se questiona a si mesmo, é também objeto de questionamento por parte dos adultos e da sociedade.

O aspecto crucial no início da adolescência consiste no fato de que os pais deixam de ser os valores de referência para o jovem, uma vez que há um deslocamento de prestígio da família para os amigos da escola, para o grupo da rua e, enfim, para os ídolos da música, do esporte, entre outros. Muitas vezes, os pais não reagem muito bem a essa mudança de direção, apresentando justificativas do tipo “você ainda é muito jovem para tomar certas decisões”, ou “você ainda tem muito que aprender”, ou o clássico conhecido “cresça e apareça”. São tipos de infantilização de cunho pejorativo que, em vez de auxiliar na edificação de esteios para a vida adulta, alimentam a esperança de um retorno à vida infantil ou sua manutenção.

Sabemos que o jovem é atingido por esses comentários provenientes de seus pais ou de quaisquer pessoas que representem autoridade. Essa suscetibilidade deve-se, sobretudo, ao estado de privação da vida infantil em que o jovem se encontra tão logo ingressa na adolescência.

A privação do adolescente, embora sendo de caráter estruturante, é um estado de fragilidade. Isso quer dizer que o isolamento característico da adolescência deve ser encarado como um tempo necessário à produção de defesas para enfrentar a vida. Se, nesse momento de vulnerabilidade, o jovem for alvo de comentários desagradáveis ou infantilizadores, isso

poderá deixar marcas para sempre, pois as defesas organizadas para solucionar os obstáculos que são enfrentados recobrirão as cicatrizes que jamais serão apagadas. Por isso, o papel daqueles que convivem com o jovem é de suma importância nesse momento, principalmente a família e os agentes encarregados da educação. Mas aqueles que não estão diretamente implicados na sua educação podem favorecer a espontaneidade do adolescente, bem como a confiança dele em si mesmo e, fundamentalmente, ajudá-lo a superar a vivência de impotência que se afigura no sentido das responsabilidades da vida adulta. Caso contrário, a adolescente pode afundar-se em estado de desânimo, acentuando a normal depressão que atravessa nessa fase devido à perda da infância.

É muito comum, no auge dessa crise, o jovem ter atos agressivos e ser contra tudo o que seja lei, pois imagina que as leis são obstáculos à realização de seus projetos. Trata-se assim de uma reação defensiva que pode assumir diferentes contornos: ser minimizada pelo diálogo com os adultos, em um clima de confiança, ou intensificar-se com recriminações que gradativamente favorecem a criação de um solo fértil ao isolamento e à hostilidade. A respeito dessa ação defensiva, cabe indagar: isso não torna o jovem mais desarmado para enfrentar a vida?

É importante salientar que a defesa é o recurso produzido para suplantar o estado de vulnerabilidade e esse é o seu caráter positivo. O que preocupa é se essa defesa toma uma forma muito arraigada de distanciamento, redundando em um estado de negativismo do jovem, tanto com relação a si mesmo, quanto com o mundo. Diante dessa constatação, o que o jovem poderia fazer para sair dessa situação?

Várias saídas podem ser apontadas. A sexualidade poderia ser uma solução, mas esta se realiza significativamente na esfera da vida imaginária: a **MASTURBAÇÃO**. Embora seja uma atividade de manipulação dos órgãos genitais, é norteadada por uma fantasia e, assim sendo, sua realização é tipicamente imaginária, visto envolver somente o próprio sujeito.

É um grande equívoco supor que a sexualidade realizada por intermédio da masturbação faça parte apenas da vida infantil. Esse tipo de prática sexual denominada de autoerótica, realizada sem a participação de outra pessoa, acompanha a vida do ser humano, apresentando nuances diferenciadas, tanto em relação à questão da exclusividade, quanto em relação ao cenário que é construído para o alcance da satisfação. Em termos de exclusividade, a masturbação é a única possibilidade na infância.

MASTURBAÇÃO

A masturbação é atividade sexual, com manipulação dos órgãos genitais, realizada no âmbito da vida imaginária, que sofre variações quanto ao objeto da fantasia presente nesse ato.

Na adolescência também, mas com a perspectiva de encontro com uma pessoa real, enquanto que na vida adulta, esta atividade entremeia-se com outras ações com pessoas.

Na infância, geralmente o objeto da fantasia masturbatória é uma das figuras parentais ou qualquer pessoa significativa da vida da criança que seja objeto de amor. Na adolescência, há um deslocamento para os ídolos, em razão da diminuição da satisfação produzida com a fantasia ligada às figuras parentais, devido à internalização dos limites. Na vida adulta, a masturbação tem como objeto as pessoas significativas da realidade cotidiana. Para qualquer idade, tal tipo de atividade é alvo de condenação, em função dos mitos e das crendices construídas socialmente sobre os possíveis danos de uma prática sexual dessa natureza.

Mitos e crendices sobre a masturbação

Existem muitos mitos em relação à masturbação. Mas a verdadeira razão pela qual os adultos se opõem a esse tipo de satisfação, especialmente na infância, concerne ao fato de que uma das figuras parentais está presente na fantasia da criança. Então, nesta fase, trata-se de uma atividade de cunho incestuosa, razão pela qual tem de ser interdita. Não a atividade propriamente dita, mas a satisfação alcançada com esse objeto deve ser renunciada pela criança.

Nesse momento da travessia, a masturbação, em vez de ser uma saída satisfatória para superar a caminhada ao isolamento, configura-se em uma armadilha, pois é uma descarga que não prepara o jovem para superar as dificuldades da realidade. De certo modo, como a satisfação pela masturbação acontece no plano imaginário, o jovem entra num estado de reclusão que em muito minimiza suas forças para procurar, no contexto de suas relações, o apoio necessário para suplantar a crise com que se defronta.

É por tudo isso que afirmamos que as primeiras experiências do adolescente acontecem em uma idade muito delicada, que pode resultar em coisas positivas ou negativas. Tudo depende da maneira como essas experiências são vividas e significadas, não obstante esse tempo, repleto de dificuldades e com a realização sexual no plano imaginário, seja preparativo para as primeiras experiências amorosas.

Com relação à primeira experiência amorosa, o jovem experimenta uma situação de risco, pois se trata de algo desejado e temido ao mesmo tempo. Isso quer dizer que a primeira experiência sexual é o ponto culminante na vida do adolescente, que significa enterrar definitivamente os modos de realização sexual da vida infantil, mas é também a confrontação com o risco e com o perigo ante o novo.

O perigo é representado pelo risco de que o primeiro amor significa abrigar algo em um lugar que, outrora, era exclusivamente destinado ao amor pelos pais. O abrigar desse novo objeto de amor significa a morte irremediável da infância, devendo ser entendida como a morte de uma época. A esse respeito, é interessante observar que na sociedade industrializada o jovem não é muito ajudado nesse sentido, uma vez que não existem ritos de iniciação para marcar esse tempo de ruptura. Nas sociedades primitivas, existem ritos de iniciação e de aprendizagem para ajudar o jovem a atravessar o período de mutação.

Assim, estamos postulando que a adolescência tem seu início com a ruptura com o estado de infância, isto é, com a possibilidade de dissociar a vida imaginária da realidade, ou melhor, o sonho das relações reais. Além disso, o jovem, pela solução da crise edipiana, entra em estado de sexualidade latente, tendo constatado que não mais dispõe do objeto de seu amor no seio das relações familiares.

A crise edipiana corresponde ao momento em que a criança se conscientiza da proibição de amar as figuras parentais, ou seja, é a sinalização do perigo de realização de relações incestuosas. Por isso, ela deve renunciar ao desejo de praticá-las, em função das ameaças referentes às interdições culturais.

Eis o que ocorre logo após a entrada na adolescência. Com o passar do tempo, abrem-se as possibilidades para a eleição de objetos amorosos fora do círculo familiar e, com isso, também a possibilidade para a passagem de uma sexualidade do plano estritamente imaginário para o plano da realidade.

Pôr em prática esse projeto requer algumas reflexões. Mesmo o corpo estando já envolvido na prontidão para a reprodução, o adolescente ainda não dispõe de condições socioeconômicas e psíquicas para

a procriação, isto é, deve esperar um pouco. Além disso, tem também que haver o deslocamento do amor centrado nos ídolos para pessoas do contexto das relações sociais.

Por isso, afirmamos que a adolescência comporta uma segunda vida imaginária. A primeira surge na infância e consiste no amor voltado para as figuras parentais. Em certo sentido, é por meio do pensamento dos pais que a criança vê o mundo, ou seja, importa somente aquilo que os pais dizem.

A segunda vida imaginária é a explosão de algo que estava incubado: o interesse por objetos de amor fora do círculo familiar, geralmente dirigido aos ídolos. Isso equivale, para o jovem, estender-se além dos intramuros referidos aos modelos familiares. Doravante, os modelos do jovem são exteriores à família, mas cabe salientar que a família ainda é o refúgio, não apenas para sair-se bem na sociedade, tem importância como espaço de segurança, embora o jovem dirija toda a sua energia para o grupo de companheiros. Todos esses são fatores que impulsionam o jovem a querer sair do âmbito da família, mas não se desligar totalmente dela.

Assim, entrar na adolescência significa sair, simbolicamente, da família, para elaborar a morte da infância, o que acontece com a participação nos grupos de amigos da escola, do esporte ou de outros espaços. Esses grupos, muitas vezes, exercem o papel de um apoio extrafamiliar que muito podem ajudar o jovem, mas que também podem prejudicá-lo. A utilização dos modelos externos somente ocorre quando o jovem tem condições de abandonar minimamente os modelos do meio familiar. Em certo sentido, trata-se da substituição, com certas reservas, de um modelo por outro.

Até então, delimitamos a entrada na adolescência como a morte da vida infantil, a constituição de uma segunda vida imaginária, a troca dos modelos familiares pelos modelos dos grupos externos de convivência. Mas qual a última fronteira da adolescência, quando ocorre seu término?

Se nos dirigirmos ao campo das práticas jurídicas, nos deparamos com a indicação de que a última fronteira da adolescência é demarcada com a maioridade penal. No campo da educação, encontra-se a formulação de que esta fronteira é estabelecida como fim da escolaridade obrigatória. E esses critérios são válidos para indicar o término da ado-

lescência? Certamente acreditamos que não, pois uma coisa é maioria cívica, conclusão de estudos profissionalizantes ou universitários, outra é a posição decisória em relação às condições de produzir meios de sobrevivência fora do círculo familiar e dar continuidade à família pela atividade de procriação. Além do mais, a precocidade das relações sexuais e o conhecimento obtido pelos meios de comunicação, obrigam-nos a rediscutir o término dessa etapa do desenvolvimento psicológico.

A esse respeito podemos apenas tecer algumas conjecturas. Um jovem sai da adolescência no momento em que a ansiedade dos pais não tem mais nenhum efeito inibidor em suas ações. Essa constatação, que parece ser, por um lado, muito agradável para os pais, pois pode ajudá-los a serem perspicazes no sentido de propiciar ao adolescente condições de atingir o estado adulto de sua vida, também significa para os pais um momento de perda, uma vez que estão testemunhando o momento em que os filhos se libertam da influência paterna. Disso, muitas vezes, resulta um abismo que, na verdade, é o abismo de gerações, como podemos depreender da seguinte máxima, resultado da compreensão da distância de universos de pensamentos: “Meus pais são como são. Não os mudarei e nem procurarei mudá-los, mas tenho que gerenciar a minha vida do meu modo.”

Esse tipo de compreensão deve estar isento do sentimento de culpa, o que significa a elaboração da ruptura. Desta vez, uma ruptura não com uma etapa da vida, conforme ocorre com a infância após a entrada na adolescência, mas com os valores e tradições que serviram ao viver de gerações passadas. É muito comum, nessas ocasiões, os pais sentirem-se angustiados com a independência de seus filhos e, dependendo das circunstâncias, podem prejudicá-los querendo a todo custo a manutenção do modo de obediência infantil.



Bina Sveda

Figura 3.3: A primeira experiência sexual é um fator culminante nessa etapa da vida.
Fonte: www.sxc.hu/photo/1068100

Sendo assim, não é tão fácil traçar a última fronteira da adolescência. Mas isso não impede de refletirmos sobre a questão. Não podemos delimitar o fim da adolescência da mesma maneira que podemos pensar o seu começo, pela eclosão da puberdade. Isso quer dizer que a adolescência não pode ser estabelecida em termos de fenômenos fisiológicos, esses sim dizem respeito à puberdade. A adolescência é uma produção cultural pensada no plano de fenômenos psicológicos e sociais. Por isso, a adolescência varia tanto com o tempo, pois cada era tem seus próprios modos de organização social e também de produções históricas e culturais.

Durante muito tempo, especialmente em quase todo o século XX, costumava-se considerar o ingresso na vida profissional e o compromisso conjugal como eventos que selavam o término da adolescência. Eis o que até bem pouco tempo via-se em termos de cerimônias que caracterizavam a adolescência em etapas, por terem valor de iniciação: para os seguidores do cristianismo, a primeira comunhão; para os seguidores do judaísmo, aos treze anos o ritual de preparo para os jovens, as expectativas para a vida conjugal mais voltada para as jovens e o serviço militar para os jovens; alguns exames escolares, como a conclusão do ensino médio ou de cursos profissionalizantes que, na primeira metade do século XX, equivaliam ao acesso à vida profissional. Já na segunda metade desse mesmo século, o que mudam são as exigências em relação à formação de nível superior. Considerando todas as nuances apresentadas, poderíamos ter uma definição da adolescência em termos universais?

Se o início da puberdade não é marcado por uma crise, pelo menos do ponto de vista da mudança corpórea, o mesmo não pode ser dito com relação à adolescência, visto que essa etapa apresenta-se como a afirmação progressiva dos traços de caráter e das bases afetivas e profissionais. Face a esta circunstância, a adolescência apresenta uma forte propensão para estender-se em uma pós-adolescência, que significa o prolongamento da moratória entre a dependência da criança e as responsabilidades do adulto. Este prolongamento é denominado de estatutos transitórios que se referem aos estudos, à procriação e à saída do lar dos pais. Isso quer dizer que os jovens permanecem por muito mais tempo no domicílio dos pais.



Moi Cody

Figura 3.4: Atualmente, o prolongamento dos estudos é um diferencial na adolescência das grandes cidades, fazendo com que o jovem demore a sair da casa dos pais.

Fonte: www.sxc.hu/photo/1193101

O prolongamento da escolaridade, bem como o ingresso cada vez mais tardio na vida profissional são os reflexos mais claros da contemporaneidade nas grandes cidades. No entanto, o fato mais importante parece ser a moratória imposta pela incerteza e indeterminação do modo de vida futura do adolescente. A que se deve tal situação? A única resposta que podemos esboçar é que fica muito claro que o destino de uma geração não é formulado como se devesse ser uma repetição idêntica do *modus vivendi* da geração que a precedeu. Enfim, o prolongamento da adolescência levaria a uma dissociação entre a puberdade, que é a etapa fisiológica da maturação corporal, e o fenômeno psicossocial que é a adolescência.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Nesta atividade, trataremos das condições psicológicas que marcam o início da adolescência e o ingresso na vida adulta.

1. Enumere as fronteiras que indicam a passagem da vida infantil para a adolescência.
2. Existem critérios seguros e uniformes para indicar o término da adolescência? Por quê?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. Os critérios considerados como as fronteiras que indicam o início da adolescência são: a passagem de uma vida que se realiza no plano imaginário para a elaboração de projetos voltados para a realidade; a mudança de objeto amoroso nas fantasias das práticas masturbatórias; o abandono gradativo da família como o único centro de referência em termos de opiniões e valores; a caminhada no sentido de pertinência a grupos fora do contexto familiar e o confronto com as situações desencadeadas pela prontidão fisiológica para a reprodução.

2. Conforme podemos depreender dos estudos realizados sobre a adolescência, não podemos afirmar que existem fronteiras claras que indicam seu término, pois se trata de um fenômeno que varia em termos culturais, sociais e econômicos. Como exemplo, podemos lembrar como as condições de vida dos povos primitivos, bem como dos jovens das classes mais desfavorecidas economicamente têm um papel decisivo no ingresso da vida adulta, podendo tanto encurtar o tempo da adolescência ou mesmo “queimar” essa etapa.

TORNANDO-SE ADULTO: CRISES E CONFLITOS

Afinal, quando o jovem deixa de ser adolescente? A dificuldade para essa resposta, como esboçamos no tópico anterior, faz com que utilizemos com frequência termos imprecisos como “jovem adulto” ou pós-adolescente. Essa imprecisão deve ser vista em termos construtivos, visto que significa lançar questionamentos para o que antes parecia aceito sem contestação e que era o esperado em termos da especificidade para a vida adulta. Essa especificidade apoiava-se em dois pilares da vida social: a escolha profissional e a decisão para a vida conjugal. Desse modo, a inserção pela vida profissional ou pela reprodução era considerada como a senha de passagem do jovem para a vida adulta.

Sendo assim, ser adulto era definido em termos da formulação de opções que apostavam no futuro e significavam a ruptura com o passado, antes de tudo com o mundo das realizações infantis. Da forma como era pensada, a vida adulta era tida como a adaptação ao contexto social em uma postura de conformação ou mesmo de submissão. Seria o equivalente ao tornar-se razoável ante a renúncia das atividades de fantasiar a vida.

Consequentemente, nessas condições, a adolescência ficava circunscrita a muito pouca coisa, visto que o jovem ingressava no mundo do trabalho muito cedo, em uma época em que era costume os filhos seguirem a profissão de seus pais, sem aventarem a possibilidade de abertura a um mundo diferente daquele do âmbito de sua origem. O ofício exercido pelo pai e continuado pelo filho era visto como uma garantia de segurança e estabilidade. Ainda na atualidade, esse modo de entendimento permanece, principalmente quando os filhos escolhem como formação profissional a carreira exercida pelos seus pais, como nas profissões de médico e advogado, que guardam os resquícios dessa visão.

O encaminhamento do filho pela profissão do pai era o destino para os jovens do sexo masculino. Para as jovens havia a expectativa da maternidade como o acesso à vida adulta, na maioria dos casos sem ser considerada a maturidade psicológica.

Certamente, nessa forma de compreensão da adolescência tinha-se muito mais uma leitura adaptativa, cujo sentido consistia em realizar uma integração nas mudanças da puberdade. Não seria essa uma visão reducionista que exigia do jovem enterrar suas aspirações e ilusões tanto da infância quanto da adolescência? Provavelmente sim, pois tal postura corresponde ao aniquilamento das expressões da individualidade. Havia mesmo o esquecimento, por parte dos adultos, de que suas vidas apresentam dificuldades marcadas pelo ressurgimento daquelas facetas da vida infantil ou da adolescência, que foram inibidas ou não encontraram vias de expressão.

Basta para isso que pensemos na chamada “crise da meia idade”, recheada de tristeza e desânimo, como também de rupturas amorosas e profissionais, para termos disso um retrato bem ilustrativo. Com isso, não queremos dizer que os esforços de adaptação sejam desnecessários e sem resultados, pois podem trazer segurança e proveito para a vida. Apenas queremos assinalar que os dois pilares da vida adulta encontram-se estremecidos e atingidos em termos de duração.

A esse respeito é conveniente lançar um ponto para reflexão: o prolongamento da adolescência teria como consequência produzir adultos mais instáveis do que em outras gerações? Considerando a passagem transitória por vários ambientes de trabalho, bem como o curto tempo em que as relações conjugais são desfeitas, temos apenas um encaminhamento para refletir sobre essa delicada questão. Seria interessante a realização de uma enquete sobre esses pontos no círculo de relações para ser possível responder de forma afirmativa ou negativa.

A título de sugestão, entreviste informalmente vinte pessoas de seu círculo de amizade, na faixa etária de trinta a quarenta anos, sobre a vida profissional em termos do período de permanência num emprego e o tempo de duração em relações conjugais.

Todo esse cenário de mudança refletido no trânsito efêmero na vida conjugal e profissional indica que as referências e os critérios de décadas passadas eram calcados em regras sociais que primavam muito mais pela adaptação do que pela maturação decorrente dos processos psicológicos.

A popularização do divórcio, a descoberta dos meios anticoncepcionais e a intervenção do Estado, visando a garantir o bem-estar e a educação das crianças, impuseram exigências aos pais para colocar em prática determinados projetos e são, entre outros fatores como as explicações psicológicas sobre o processo de constituição psíquica, os maiores reflexos de que os valores tradicionais e crenças sobre as condições de vida, em especial da criança, foram relativizados, quer dizer desfez o véu de sombras que encobria muitas das situações referidas à vida. Por isso, o homem dos dias atuais liberou-se das “fórmulas prontas” apresentadas para o bem viver pela sociedade. Esta liberdade teve suas consequências: o homem voltou-se para si mesmo em função do desmoronamento de ideologias e crenças, entrando num distanciamento, principalmente pelas exigências do mundo moderno em termos de rapidez e também pela queda da ilusão em soluções divinas.

O impacto dessa liberação resultou no aumento das possibilidades de participação e de expressão dos jovens no processo de construção da sociedade. Esse foi o efeito positivo, visto que assim o adolescente foi reconhecido em termos de sua capacidade produtiva, mas como um ser pensante e não como quem apenas repete um ofício aprendido junto a um mestre. Isso tornou evidente a vulnerabilidade do jovem, se considerarmos

que a adolescência é uma etapa de transição marcada por movimentos de turbulência, dúvidas e questionamentos. Ele teria que estar pronto para atender a duas ordens de coisas: participar na construção da sociedade e solucionar os impasses, crises e conflitos próprios desta fase da vida. Talvez seja por isso que o mundo atual assiste a um aumento alarmante de distúrbios na adolescência se comparado a outras épocas.

De uma coisa estamos certos: o abrandamento dos limites externos, quer dizer, das exigências que a sociedade impunha ao jovem em termos de contradição: os adultos tratavam o adolescente como criança em determinadas situações e exigiam dele uma postura adulta em outras. Talvez por isso, ou seja, para fugir da ambiguidade relativa ao convívio com os pais, muitas vezes, o jovem ancora-se em precárias referências internas, como líderes de organizações criminosas, para mencionar uma possibilidade.

A matéria "Jovens em risco: galeras se enfrentam em boates, festas e estádios", publicada em *O Globo*, em 04/11/2009, coloca em discussão o tema da violência que eclode quando os jovens estão em grupo. O fato de os jovens andarem em grupos faz com que sintam-se protegidos, mas, por outro lado, desperta um grau de violência que se estivessem sozinhos obviamente não ocorreria. Segundo a socióloga Miriam Abramovay, a violência é um elemento de autoafirmação comum na classe média dos grandes centros, já que os jovens querem ser reconhecidos pela sociedade. O psiquiatra Jairo Werner faz o seguinte depoimento: "O grande papel do jovem é ultrapassar fronteiras e o da geração anterior, delimitar espaços. Quando eles não são bem delimitados, como vem acontecendo, os jovens começam a ter a antivirtude como modelo." O *bullying* é uma faceta da violência praticada pelos jovens nas escolas. Segundo a professora da UFRJ, psicanalista e doutora em psicologia Maria Vitória Maia, o *bullying* explora as fragilidades dos agredidos e revela a falta de limites do agressor.

Em princípio, devemos pensar que vida adulta, mais do que um estado, é como a infância e a adolescência, um modo de funcionamento psíquico. Isso quer dizer que cada um funciona de acordo com as circunstâncias do contexto social, podendo ser mais adulto em determinadas situações e menos em outras. Mas não devemos esquecer que existem dois critérios que qualificam o funcionamento da vida adulta, e quanto a isso há pouca discordância. Um concerne à capacidade de autonomia nas decisões e nas soluções para os obstáculos da vida, e o outro à capacidade de reflexão para tomar distância de certas situações que

representam riscos para si mesmo ou para os outros. Seria interessante aludir, por exemplo, ao discernimento das pessoas que vivem numa cidade com alto índice de violência no sentido de decidirem evitar o trânsito em determinadas áreas consideradas de risco.

Esses dois critérios traduzem tanto a capacidade de dar respostas no momento adequado como esperar o momento próprio de ação. Estão baseados num trabalho de integração da segurança e da autonomia construído na infância e edificado na adolescência. O funcionamento do adulto tem como matriz a possibilidade de o sujeito manter-se em contato com os aspectos da vida infantil, sem isso ser necessariamente uma infantilidade, e adaptar-se à realidade em um aprendizado que consiste em saber viver na presença de pessoas fora do ambiente familiar.

Isso nos leva a crer que o adulto não deve ser visto como um ser enrijecido, inflexível em suas posições, mas uma pessoa capaz de deixar-se surpreender por tudo aquilo que emerge da vida infantil, ou seja, acolher da mesma forma os impulsos internos e as novidades oriundas do mundo, sem sentir-se ameaçado nem aniquilado.

Sem dúvida que a situação exposta anteriormente é ideal. A travessia que caracterizamos como a passagem da adolescência para a vida adulta é marcada por crises e conflitos. Isso quer dizer que uma vez adolescente não é mais possível ser criança; uma vez adulto tampouco é



Gail Rau

Figura 3.5: A passagem da infância para a adolescência pode se caracterizar como um momento de crise devido a tantas mudanças que o jovem tem que administrar.

Fonte: www.sxc.hu/photo/60474

possível voltar a ser adolescente. O que pode acontecer é o sujeito permanecer na infância, caminhar um pouco e ingressar na adolescência, fixando-se nela, sem ingressar na vida adulta. Com isso estamos afirmando que a adolescência impõe transformações psicológicas, tanto no estatuto do corpo, quanto nos moldes de relacionamento, em especial com relação à escolha de uma profissão e à condição de procriação.

São mudanças repentinas que muitas vezes convertem-se em pressões que dão à adolescência o caráter de crise. A primeira grande crise concerne ao descompasso entre as mudanças corporais e as transformações na esfera psíquica. Geralmente não há correspondência entre esses dois planos, mas isso não exime o adolescente de se integrar, psiquicamente, ao seu novo corpo e modificar suas relações com os pais.

Esse processo varia muito no transcorrer da adolescência, fazendo também variar o padrão de relacionamento. Desse modo, as ações do início da adolescência são bem diferentes das de seu término. Obviamente, caso permanecessem idênticas, estaríamos diante de um estado de **REGRESSÃO**. Muitas vezes a regressão é o meio encontrado para solucionar uma ação da vida atual que serviu em etapas passadas e o sujeito acredita que pode levá-las por toda a vida. Sem dúvida, o sujeito tem de abdicar, diante de uma situação nova, aos meios de satisfação que eram obtidos em circunstâncias passadas. Eis uma das exigências da travessia referida ao percurso da vida. Poderíamos nos valer para esclarecer tal situação do ditado popular: “existem momentos em que determinadas roupas não cabem mais no mesmo corpo”.

A respeito do que seja a crise da adolescência bem como os conflitos, vale fazer um esclarecimento: a crise não deve ser entendida no sentido negativo, como algo tumultuado ou violento, nem mesmo como a situação de conflitos insolúveis. A crise é um dos sinônimos de sofrimento sim, mas de sofrimento útil à vida. Isso quer dizer que a mudança nem sempre é dolorosa, pois, na maioria das vezes, vem acompanhada do sentimento de liberdade, da possibilidade de libertação dos empecilhos da infância, de entusiasmo diante daquilo que se afigura como novidade e dos novos prazeres em relação às possibilidades de amizades e relações amorosas.

Frente às incertezas da vida adulta, o adolescente experimenta o sentimento contraditório a respeito do presente, principalmente em relação às cobranças dos adultos. Daí dificilmente tem como evitar os momentos de hesitação e angústia, os quais não devem ser convertidos em becos sem saída, muito menos em doença. O que queremos pontuar é que o adolescente passa por uma crise que dura alguns anos, apresentando momentos mais críticos do que outros, decorrentes tanto da mutação física quanto das transformações psicológicas.

REGRESSÃO

Consiste na utilização, em uma etapa do desenvolvimento, de padrões de conduta e modos de relacionamento de uma etapa anterior.

Então, podemos falar de regressão à vida infantil no adolescente; e no adulto, além da regressão à infância, a regressão à adolescência.

Disso constata-se que a adolescência é a etapa do desenvolvimento em que ocorre a reativação do que é mais particular de cada um, principalmente no que se refere à insegurança interior e à dependência emocional com as figuras parentais. Isso não quer dizer que na adolescência desapareça por completo a dependência, pois na vida adulta também contamos com apoio exterior para que seja somado aos recursos interiores.

A aceitação desse apoio é algo de muita turbulência para o adolescente, visto que não admite buscar equilíbrio para sua insegurança senão a partir de seus recursos internos. Por isso o apoio externo é encarado como a fonte de muitos conflitos, seja pelo fato de que o adolescente vive ante a presença de uma nova sexualidade, seja pela contradição vivida em relação aos valores familiares. Nesse momento eclode a necessidade do adolescente de filiação aos grupos fora do contexto familiar, ou seja, há o estabelecimento de uma atitude de intimidade com pessoas dos grupos de amigos, pois o adolescente acha que seu espaço é constantemente invadido pela presença dos pais.

É para fugir dessa “invasão” que o adolescente faz confidências com seus amigos, e também explicita o sentimento de que aquilo que pertence à família é intolerável, detestável ou mesmo repugnante. Nesse momento é muito comum aparecer a atitude de repulsão dirigida às pessoas da família em contraposição à atitude de atração por pessoas dos grupos de amigos.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

3. Você pôde lembrar nesta aula das crises e conflitos que enfrentou na sua adolescência. A partir da sua vivência e do que leu:

1. Conceitue crise na adolescência.
2. Enumere os conflitos mais frequentes que o adolescente experimenta na travessia da adolescência.

RESPOSTAS COMENTADAS

1. O sentido da palavra crise apresenta um significado especial quando estamos abordando a adolescência. Em outras circunstâncias, geralmente a ideia de crise é associada a situações negativas, como crise que acomete uma pessoa quando está doente, crise financeira, crise de identidade. Mas, na adolescência, assim como em vários momentos da vida, a crise deve ser compreendida como um momento crítico do desenvolvimento, ou seja, é a mola propulsora na organização das condições para a vida. Assim, superar a crise da adolescência é produzir esteios para enfrentar os obstáculos da vida adulta. Desta forma, nos aproximamos do conceito de crise tido pelos orientais, que veem em crise também o conceito de oportunidade.

2. O adolescente apresenta conflitos: ao inscrever em seu psiquismo o novo corpo, fazendo ao mesmo tempo o abandono do corpo infantil; ao substituir os valores adquiridos no âmbito familiar por aqueles que descobre nos grupos de amigos; ao receber ajuda, pois vive na iminência de constante ameaça ao preparar-se para a vida adulta em um solo de incertezas nos projetos ligados às primeiras relações amorosas.

CONCLUSÃO

Circunscrever a adolescência como etapa diferenciada do desenvolvimento psicológico requer, primeiramente, tecer considerações sobre as transformações que ocorrem no âmbito da vida infantil.

Em princípio, a adolescência não pode ser compreendida como a continuidade da infância, do mesmo modo que a vida adulta não é a continuidade da adolescência.

Isso quer dizer que as etapas do desenvolvimento psicológico são formas de funcionamento psíquico em descontinuidade umas com as outras, mas existe um ponto comum que é a ruptura. No caso da infância, temos a ruptura com o estado de vida intra-uterina; na adolescência, a ruptura com a infância; e na vida adulta, a ruptura com a adolescência.

A adolescência pode, enfim, ser pensada como um processo pelo qual o jovem deixa pra trás as estratégias usadas na infância, ao mesmo tempo que tem que lidar com a situação de enfrentamento, no sentido da elaboração de estratégias defensivas para a vida. É confronto direto com a torrente de emoções que surgem, ao mesmo tempo em que tem que manter um certo distanciamento da vida infantil. A crise que desencadeia conflitos é importante para o crescimento pessoal em termos da realização profissional e nas escolhas amorosas, pois crise sugere superação.

De resto, podemos afirmar que uma adolescência bem sucedida é aquela na qual o sujeito não rompeu as pontes com aquilo que permanece em cada um, ligado às necessidades da infância, mas que devem ser elaboradas no ingresso à vida adulta.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2 e 3

Nesta atividade propomos dois depoimentos para que você estabeleça comparações sobre as indagações do adolescente em relação às suas mudanças, bem como às descobertas no mundo.

A seguir, apresentamos os depoimentos de dois adolescentes. Um extraído do livro: *Adolescência: vida e morte* e outro postado no dia 16/06/2006 no blog <http://diariodeadolescentee.blogspot.com/>, acessado em 15/06/2009.

Depoimento A

Eu, eu? O que sou eu? Eu estou sozinho com as batidas do meu coração. Eu, ei eu! O que sou eu? Eu e o solitário perdido sempre procurando... O quê? Outro eu? Uma resposta, é isso? Não? Mas o que então? Há mais: o Eu é o caminho do interior para a totalidade, do mais ínfimo de si mesmo para o mais vasto de toda gente. Agora Eu olho para dentro de mim e vejo meu Eu, a coisa fraca e indefesa que sou. Eu não é forte e precisa ser. Eu necessita saber a direção, mas não tem nenhuma. Mas Eu não está certo de nada, há muitos erros e verdades misturadas. Eu muda e não sabe. Eu conhece pouca realidade e muitos sonhos. O que Eu sou agora será usado

para construir meu Eu futuro. O que Eu sou não é o que Eu desejo ser, embora esteja certo do que não quero. Mas então o que é Eu? Meu Eu é minha resposta para tudo de todas as pessoas. É isto que eu tenho que dar para o expectante mundo e daqui vem tudo que é diferente. Eu estar por criar.

Depoimento B

No início do ano eu falei que queria que este fosse um dos melhores da minha vida. Mas aí foram acontecendo diversas coisas e eu tinha certeza que se o mundo fosse cair algum dia, seria naquele início de ano. Decepção atrás de decepção, problemas dentro de casa, vontade constante de chorar e gritar ao mundo que eu não era forte o suficiente pra aguentar aquilo tudo. Dei meu grito, o mundo não ouviu... Sábio mundo, me conhecia mais do que eu mesma. Eu era forte o suficiente. Passei por todas as crises de cabeça erguida e, sem que eu percebesse, elas acabaram, o céu voltou a ser azul e a vida voltou a ser divertida. Bastante divertida. Meus finais de semana são indiscutivelmente os melhores da face da Terra, meus amigos continuam sendo os melhores do mundo e minha família anda mais forte do que nunca. Forte como eu, que dei conta de tudo e estou pronta para, se precisar, enfrentar obstáculos ainda maiores.

Compare os dois depoimentos apresentados e elabore uma reflexão sobre o processo de construção de descoberta no primeiro depoimento e sobre a maneira como foram solucionadas as crises, no segundo.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

RESPOSTA COMENTADA

Como se trata de uma reflexão, a construção segue um estilo livre, não cabendo comentários antecipados sobre a sua elaboração.

Assim podemos apenas traçar algumas possibilidades em relação à solicitação.

No primeiro adolescente, veem-se os passos iniciais de construção de sua identidade mediante indagações sobre si mesmo e sobre o mundo. A identidade é apresentada, num processo que favorece a realização num futuro que é a vida adulta. É importante notar que as dúvidas são resolvidas de forma gradativa, num movimento em que o sujeito assume a direção de sua vida.

No segundo adolescente, temos o impacto do adolescente diante das decepções vividas em função de expectativas nem sempre possíveis de realização. Diante dessa dificuldade, o adolescente conta com o apoio da família e dos amigos para solucionar as crises que atravessa.

RESUMO

A adolescência é a etapa da vida cujo sentido é proveniente das duas significações da palavra: crescimento e doença entendida como sofrimento. Seu início é estabelecido com a perda da vida infantil, e seguem-se as elaborações a essa e outras perdas que conferem à adolescência o caráter de uma fase de transição, caracteristicamente marcada por uma mutação sentida como vulnerabilidade. Apresenta momentos diferenciados, sendo que aquilo que é vivenciado no início da adolescência não tem ressonância com os fenômenos considerados na marcação de seu término. Podemos apenas situar que é uma preparação para a vida adulta em termos da escolha profissional e de relações amorosas fora do âmbito familiar.

O mundo do adolescente: ondulações e vibrações

Francisco Ramos de Farias

AULA

4

Meta da aula

Apresentar questões acerca da adolescência relacionadas aos conflitos da identidade, do relacionamento familiar e dos valores morais.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. identificar os passos seguidos pelo adolescente na construção da identidade;
2. listar os valores familiares importantes para o adolescente;
3. identificar os aspectos responsáveis pelo afastamento do adolescente da família;
4. analisar a vida do adolescente nos grupos.

INTRODUÇÃO

Depois de passearmos no universo da infância, refletirmos sobre a puberdade, traçarmos os marcos do início da adolescência e sugerirmos que não há ponto de término que seja universal para esta etapa do desenvolvimento, convido você para o aprofundamento no universo das questões da vida do adolescente. Precisamos abrir, agora, um espaço para pensar as delicadas questões próprias da adolescência, que não são simples, em princípio pelo fato de o adolescente viver com referenciais bastante heterogêneos, pois suas questões não têm mais ressonância com o que se passou nem fazem eco às do mundo do adulto. Além de ocupar-se de um processo de descobertas, especialmente de si mesmo, o adolescente tem de colocar em prática suas opiniões e seus pensamentos, e nem sempre encontra respaldo nas instituições a que está mais familiarizado: a família e a escola.

Basta que situemos, minimamente, esses dois contextos para que vejamos a dimensão das questões enfrentadas pelo adolescente, pois enquanto a família o direciona para um horizonte, a escola apresenta alternativas para a vida em termos da construção dos saberes e do engajamento no universo das ciências e das artes.

Esses dois espaços apresentam em comum a função relativa ao processo de socialização, mesmo que seja por caminhos diferenciados. Assim, estamos admitindo que o adolescente encontra-se submetido a figuras de autoridade distintas, que apresentam visões de mundo e abordagens calcadas em matrizes próprias, ou seja, o exercício das funções parentais de longe se aproxima ao exercício docente. Mas o adolescente terá que se confrontar com essas figuras para construir sua identidade, além de lançar mão de outros recursos. Como ocorre então esse processo?

Em primeiro lugar, terá de rever a sua identificação às figuras parentais, geralmente, construída na infância. É interessante observar que diante do novo cenário em que o adolescente se encontra, esses modelos parecem não ser mais adequados.

Em segundo lugar, com o distanciamento das relações amorosas restritas aos personagens do núcleo familiar, devido ao desabrochar da puberdade, o adolescente vê-se ante a necessidade de construir outros modelos, recorrendo desta vez aos ídolos da música, das artes, do esporte e de outros espaços sociais.

É interessante assinalar que a relação amorosa com os ídolos segue os mesmos parâmetros da relação amorosa com os pais, ou seja, ambas ocorrem em termos puramente ideais. Isso quer dizer que se o jovem do sexo masculino escolhe como modelo de identificação a figura do pai, e a jovem escolhe a figura da mãe, está agindo com base em um ideal, da mesma forma que acontece com a adoção dos ídolos como modelos que são comumente seguidos.

Essas e outras nuances da vida que se apresentam ao jovem na sua adolescência serão os pontos que estudaremos a seguir, iniciando com algumas perguntas

difíceis: já que a adolescência é produzida culturalmente e varia segundo distintos critérios, como o adolescente constrói sua identidade? A que se deve o afastamento do adolescente de sua família? Como ocorre a inserção em turmas, grupos e tribos? Como são resolvidos os conflitos com as figuras de autoridade? Como são construídos os valores do adolescente?

Para seguirmos nessa empreitada, não podemos nos esquecer das elaborações produzidas em aulas anteriores, especialmente, na apresentação das características que definem a adolescência.

CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE

Quando nos deparamos, num lugar qualquer, com uma pessoa desconhecida, acreditamos que nada sabemos a seu respeito. Vemos a pessoa como um enigma a ser desvendado. Mas será que é isso mesmo? Nem tanto. No momento em que direcionamos nosso olhar para essa pessoa, já começamos a conhecê-la pelas comparações que fazemos com os modelos que trazemos internalizados. Pelo menos, podemos afirmar se é um homem ou uma mulher, se é adulto, adolescente ou criança e muitos outros traços também podem ser percebidos.



Fonte: www.sxc.hu/photo/1037946



Fonte: www.sxc.hu/photo/1020430

Figura 4.1: Simplesmente observando a silhueta das pessoas já podemos detectar alguns traços de sua identidade.

A nossa observação parte do fato de que existem bases que formam uma identidade, o que se completa quando indagamos o nome da pessoa. Depois dessa primeira aproximação, outras informações podem ser obtidas, com relação a estudos, trabalhos, nacionalidade, lazer... O roteiro de perguntas pode ser interminável. Mas o que está em jogo é a nossa pretensão de saber quem o outro é. Certamente, cada um de nós é conhecido por sua identidade, que é um processo de construção contínua, que comporta transformações que vão do nascimento até a morte. Geralmente, a constatação do que sou agora se alia à de que não sou mais o que era antes quando criança, ou quando adolescente.

Eis os ingredientes com os quais o homem escreve sua história, que não se prende às aparências. Quer dizer, cada um de nós constrói a sua história de vida a partir dos movimentos identificatórios nos relacionamentos com as figuras que se encarregam do processo de socialização. Em princípio, a família, depois a escola. Vamos, então, abordar a questão da identidade, considerando a importância que esses agentes têm na vida de cada um. Mas, mesmo antes de tecer considerações acerca do processo de construção da identidade, temos que considerar que o adolescer é uma travessia que tem desdobramentos tanto para o jovem quanto para pais e professores.

O nosso ponto de partida é a triste constatação de que pais, professores e adultos, de um modo geral, nem sempre estão preparados para lidar com o processo de adolescer, pois a solução dos impasses vividos na adolescência não é uma tarefa fácil de ser resolvida. Quem não se lembra de situações difíceis vividas na adolescência?

Na adolescência é construída uma significativa estrutura, fundamental para o desenvolvimento. Trata-se da definição do Eu pelo processo de identidade, a partir daquilo que é explorado no mundo. O processo de formação da identidade tem início em uma idade muito precoce e acompanha o homem durante toda a sua vida, sendo suscetível aos acontecimentos de cada época da vida.

Embora tenha seu início na infância, a identidade recebe contornos significativos na adolescência. É a etapa da vida em que há uma maior delimitação da identidade em termos de afirmação do Eu. Nesta etapa da vida, os ensaios do adolescente com o mundo e consigo mesmo são muito importantes, seja em relação aos momentos de orgulho e felicidade ou de decepção. O processo de formação da identidade comporta muitas

alegrias e tristezas, mas tudo isso tem que ser processado pelo jovem na caminhada em direção ao conhecimento de si mesmo e do mundo. Daí ser normal a atitude de questionamento, de desafio e de dúvida, sendo também o momento do arriscar-se, muitas vezes, em situações de perigo mortal, como a preferência pela prática de esportes radicais, ou a pertinência a organizações criminosas marginalizadas ou, ainda, a experiência de ingestão de substâncias químicas que causam dependência e já levou muitos jovens e adultos à morte.

Conforme expusemos na aula anterior, geralmente, os pais anseiam ter em casa uma criança. Mas o mesmo não pode ser dito em relação ao adolescente, pois os pais vivem, quando seu filho está crescendo, um clima de receio e dúvida, principalmente em razão da autonomia e independência que a cada dia se expressa com maior intensidade.

Além do mais, era mais fácil estabelecer limites em relação à criança, e o mesmo não pode ser dito quanto ao adolescente. Como então proceder com este ser em ebulição? Como enfrentar os momentos em que está voltado para seus questionamentos e como suportar as duras críticas que constantemente são formuladas? Há, ainda, uma questão que é o cerne das preocupações: como o adolescente verbaliza suas dúvidas em relação a sua vida sexual?

É interessante observar que essa dificuldade acontece também no universo da escola. Geralmente, os professores se especializam em métodos de ensino voltados para crianças, enquanto que com relação aos adolescentes a preocupação é maior em relação aos conteúdos e não com a metodologia. Isso contribui para que haja um descompasso entre as ações do adolescente e o que é esperado pela escola, como ficar quieto e sereno, sem conversar com os colegas, prestando total atenção às aulas e outras tantas exigências que sabemos serem impossíveis para o adolescente cumprir, em razão da turbulência que povoa seu estado de espírito.

Precisamos ser cautelosos nessa análise, pois embora muitos dos adolescentes atravessem grandes períodos de turbulência, isso não quer dizer que estamos sinalizando que o sofrimento é o melhor caminho para o sucesso.

A imagem do adolescente atormentado, infeliz, triste e em constante revolta corresponde a uma visão romântica da adolescência que não se enquadra na maioria das situações, ou seja, podemos encontrar adolescentes tranquilos.

A tranquilidade de um adolescente deverá ser entendida como o reflexo das condições do ambiente em que vive: atmosfera de confiança recíproca estabelecida entre o jovem e as figuras significativas de sua vida. Geralmente a segurança nessas relações é muito importante para evitar constrangimentos e pressões educativas que colocam o jovem em um tempo anterior ou posterior à idade em que se encontra.

A situação mostra-se ainda mais crítica com o ingresso no ensino superior em idade precoce, pois, muitas vezes, o jovem universitário ainda traz as marcas das questões da adolescência que sequer foram devidamente resolvidas. Talvez seja por este motivo o desânimo e decepção de muitos jovens quando ingressam na faculdade.

Temos aqui de considerar duas facetas da tranquilidade, bem como a conhecida instabilidade do adolescente. A tranquilidade pode decorrer da relação favorável do adolescente com um meio familiar que faz negociações, como também pode ser a consequência da inibição da própria vontade. No primeiro caso, tem-se o caminhar positivo do processo de identidade, enquanto que, no segundo, temos o solo fértil para o florescer de problemas na vida adulta. De resto, queremos advertir que a intranquilidade não deve ser vista pelo lado somente negativo, pois pode ser um momento de elaboração de uma crise ou conflito. Nem sempre a instabilidade coloca em perigo o futuro do adolescente, como acontece com a tranquilidade produzida pela inibição dos desejos e da vontade que muitas vezes descamba para a subserviência. Muitas vezes o adolescente adota a postura de tranquilidade e calma como uma arma para obter ganhos na relação com os pais ou mesmo como uma defesa dirigida contra seus próprios impulsos. Sendo assim, teríamos a tranquilidade como resultado de uma inibição e, quando isso se agrava, pode ter consequências bem desagradáveis com a subserviência, que, na maioria das vezes, se expressa pela dificuldade de escolha e da construção de argumentos que denotem uma vontade própria. Seria quase que um tipo de conformação no sentido de aceitar as regras que são impostas, sem sequer pensar em questioná-las.

Como já dissemos, a **IDENTIDADE** começa a ser edificada na infância. Porém é na adolescência que o jovem lança sobre si mesmo o mais profundo questionamento sempre na busca de referenciais que sirvam de suporte às suas descobertas.

IDENTIDADE

Denomina-se identidade o conjunto de características que conferem ao homem o caráter individual e singular. Corresponde aos aspectos que são assimilados pelo sujeito das figuras importantes, no percurso de vida. Assim a identidade é sempre dinâmica, tendo um núcleo que geralmente permanece imutável, mas com estruturas que se modificam relativamente com o passar dos tempos.

As indagações que a criança encaminha ao adulto sobre a sua própria origem e, de um modo geral, sobre a origem das coisas deslocam-se para um outro nível de questionamento na adolescência. Geralmente, a preocupação do adolescente dirige-se às perguntas: sou realmente filho de meus pais? Quem sou no mundo? O que é a morte? Essas e outras questões, tão presentes na vida do adolescente, representam um desafio constante na difícil travessia para a vida adulta.



Fonte: www.sxc.hu/photo/616476



Fonte: www.sxc.hu/photo/338475

Figura 4.2: São muitos os questionamentos que afligem os adolescentes, desde sobre sua própria existência até o sentido da vida de uma forma mais geral.

Eis o momento difícil, pois o obstáculo parece não ser facilmente removível, visto que as perguntas que o adolescente faz a si mesmo nem sempre têm respostas concretas. São expressões dos conflitos ligados ao valor e sentido da vida. Se, na puberdade, a grande preocupação do jovem recai no fato de saber sobre sua normalidade, em razão das rápidas mudanças físicas, na adolescência, essa questão tem menos importância, em razão das questões referidas à existência que se colocam de forma imperiosa. Em vez de se perguntar se é ou não normal, o adolescente passa horas indagando-se: quem sou eu? Encontra-se diante da busca de um constante sentido para a existência, bem como o sentido para a existência das coisas do mundo. Nesse momento, a questão da finalidade das coisas é sempre primeiro ponto de discussão.



A questão da normalidade na puberdade

É muito comum na puberdade o jovem comparar-se com seus colegas no intuito de saber se é ou não normal. As comparações vão desde os traços físicos até as formas de raciocínio e julgamento. Os critérios empregados para comparação são as mudanças no corpo, quer dizer, se já apareceram ou não. Nas jovens, a menstruação é um desses elementos de comparação e no menino, a primeira ejaculação.

O questionamento do adolescente faz parte da construção de sua identidade e, claro, tem a influência dos grupos aos quais pertença, da convivência com a família e do sentido que tenham para ele os estudos e o trabalho. São esses questionamentos que preparam o terreno para a escolha profissional e para a orientação sexual, conforme estudaremos mais adiante.

Para a construção de sua identidade, é preciso que o jovem lance mão de um modelo e, nesse caso, os modelos referidos às figuras parentais nem sempre são seguidos. Geralmente o modelo é alguém um pouco mais velho que representa um ideal para o adolescente. Quase sempre a figura do modelo é adorada pelo adolescente e essa adoração é expressa nos maneirismos, na vestimenta,

na linguagem utilizada e também nos valores. Os adolescentes são muito inclinados a adotar os valores dos ídolos que seguem com admiração e afeto.



Figura 4.3: É muito comum o adolescente escolher um modelo de referência para se espelhar. Isso acontece com frequência em relação aos artistas, aos músicos e outras figuras de destaque nos meios de comunicação.

A figura do modelo serve de base para o adolescente solucionar as dificuldades transitórias do momento das grandes preocupações, isto é, com a identificação ao modelo, o adolescente ajusta-se à sua nova realidade. A identificação ao modelo dura pouco, pois a vida adulta exige do jovem rever essa identificação em prol da construção de uma identidade própria. Os modelos são geralmente pessoas que circulam na mídia, como os artistas da televisão, do meio musical, do cinema, do teatro, astros dos esportes, alguém de destaque do meio escolar ou mesmo um colega um pouco mais velho bem-sucedido na vida.

Os pais, por serem as figuras centrais na vida do adolescente e as pessoas com quem mais convive, também, têm, necessariamente, que mudar, pois não têm mais a criança com que estavam acostumados a lidar. É esperado deles deixar de ser pais de crianças para assumir um outro papel junto ao filho, ou seja, devem ser pais de adolescentes, o que não é a mesma coisa que ser pais de crianças.

Muitas vezes essa situação é bem complexa tanto para os pais quanto para o adolescente, principalmente quando há na família irmãos que ainda são crianças pequenas e que requerem uma maior atenção e cuidados da parte dos pais.

Com relação ao filho adolescente, geralmente, os pais atravessam uma situação marcada pela ambiguidade: racionalmente sabem e querem que o filho saia-se bem na conquista de sua idade, mesmo porque esse caminhar não é desconhecido, pois os pais já passaram por esta situação, mas têm medo do risco que esta busca pode envolver e, muito mais que isso, temem perder seus filhos de infância.

A experiência de construção da identidade pelo jovem adolescente é universal e, em muitas das sociedades, existem ritos de iniciação em que o filho é separado dos pais, conforme descrevemos em aulas anteriores acerca dos jovens das ilhas de Trobriand. Não há dúvida de que o rito de iniciação deve ser considerado em seus dois sentidos: um tipo de afirmação para o jovem e um tipo de perda, por separação, para os pais.

Ritos de iniciação

Os ritos de iniciação são situações presentes em determinadas culturas que servem para indicar a passagem para a vida adulta. Nas sociedades primitivas, os rituais destinados aos jovens são muito variados e incluem desde a possibilidade de abandono da casa dos pais até cerimônias com castigos físicos, marcas no corpo, jejum prolongado, estadia com um sábio da comunidade para obter ensinamentos da vida, provas de demonstração de virilidade para os rapazes, separação do convívio com rapazes para as jovens quando menstruam, só para citar alguns exemplos.

No cenário da vida atual, no âmbito da sociedade industrializada, tudo indica que os rituais de passagem estão cada vez mais desaparecendo, exceto em algumas tradições religiosas, como no judaísmo, que apresenta o filho homem à sociedade no momento em que completa 13 anos, e culturais, como as festas de debutantes aos 15 anos para as moças. Do mesmo modo que desapareceram vários rituais de passagem, também não é mais frequente a relação direta do aprendiz com um mestre que lhe transmite um ofício.

Por fim, é importante salientar que os demais antigos rituais de iniciação na Austrália, na África do Sul, na Oceania, no Taiti caracterizam-se por significarem a morte de uma era realizada em encenações, cujo vetor principal é a separação das mães ou a saída da casa dos pais.

Cabe, enfim, alertar que estamos retratando questões de cunho genérico sobre a adolescência nos diferentes movimentos de separação do núcleo familiar. Não obstante, cada jovem viverá esse afastamento de maneira única com seus pais, irmãos, amigos, o que reflete as bases da história de vida de cada um, em que são explicitadas as características pessoais.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Esta apresenta questões sobre o processo de construção pelo jovem de sua identidade, focalizando a contribuição dos pais nesse processo.
 - a. Por quais mudanças os pais devem passar quando seu filho ingressa na adolescência?
 - b. Quais são os fatores importantes para o jovem na construção de sua identidade?
 - c. Quais são as consequências do abandono pelo jovem de sua identidade infantil?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. Os pais devem acompanhar o desenvolvimento de seus filhos e prepararem-se para o momento em que o jovem realiza a elaboração das experiências vividas na infância que não devem mais ser mantidas. É importante que os pais reconheçam que não têm mais uma criança com eles, pois a adolescência não é a mera continuidade da infância.

b. Os fatores importantes para o jovem construir sua identidade são: a) a compreensão dos pais de que o filho se encontra em uma etapa de transição, quer dizer, um momento de passagem; b) o acolhimento no sentido de partilhar as dificuldades tentando superá-las através do diálogo; e c) o papel dos modelos como suportes valiosos para a elaboração dos conflitos e das crises próprias da adolescência.

c. As consequências para o jovem do abandono ou da reformulação de sua identidade infantil é a atitude voltada para a elaboração da perda da infância. O despertar da puberdade geralmente obriga o jovem a construir projetos para seguir outros caminhos além daqueles que seguia na infância.

DISTANCIANDO-SE DA FAMÍLIA PARA CONHECER O MUNDO

Como vimos nas aulas anteriores, na infância, a criança é muito ligada aos seus pais, sendo seu conhecimento do mundo feito com referência aos valores e indicações das figuras parentais. A entrada na adolescência muda completamente esse cenário, pois quando o adolescente perde o corpo infantil, metaforicamente, os pais perdem sua criança.

A perda vivida pelos pais consiste na gradativa separação que se esboça na segunda infância. O luto realizado por essa perda, bem como o luto do adolescente pelos pais da infância, tem como consequência o aparecimento de preocupações e ansiedades. É muito comum surgir uma situação bem complicada: os pais não tratam mais seus filhos adolescentes como crianças, com os direitos de crianças, mas o adolescente não é considerado um adulto com direitos de adulto. Essa situação é conflitante, sendo a causa do afastamento do adolescente de sua família.

É nesse momento que o adolescente reivindica questões deixadas em aberto na infância. Geralmente há a acusação de que os pais não explicaram as suas dúvidas de criança ou mesmo inventavam histórias que o enganava. É bem verdade que as questões que a criança dirige aos pais são complicadas, pois se referem geralmente ao pedido de explicações sobre a origem e sobre os fins. Claro que estas indagações ainda se fazem presentes na vida dos adultos, pois pouco se sabe sobre a **TRANSITORIEDADE**. Em outras palavras: se os pais pouco sabem sobre sua transitoriedade, como podem responder sobre esse assunto aos seus filhos?

Diante desse caminho que aponta para o inexplicável, travam-se os maiores embates entre pais e filhos adolescentes. É comum o adolescente acreditar que os pais, por não saberem responder a essas questões, ou não responderem de forma convincente, não servem mais de modelos identificatórios a serem seguidos. Além desse distanciamento, há também a reserva do adolescente em confidenciar suas vivências aos pais. Com muita frequência, os adolescentes costumam fazer coisas escondidas de seus pais, e esta é uma característica da adolescência, pois para o adolescente contar tudo aos pais pode significar dependência e voltar a ser criança.

TRANSITORIEDADE

Refere-se à durabilidade passageira das coisas, segundo a lei da natureza: as coisas surgem, desenvolvem-se, transformam-se e desaparecem, para em seus lugares surgirem novas coisas que terão o mesmo destino. Quer dizer, todas as coisas que surgem na natureza, incluindo o homem, são transitórias. Mas, apesar de o homem ter acesso a esse saber, nada sabe sobre o lugar de onde veio e para onde irá, se é que esses lugares existem.

Existem três maneiras de o adolescente esconder as coisas da família:

- pela distorção dos fatos;
- pela omissão de fatos;
- pela mentira.

Esse é um primeiro movimento de afastamento do adolescente do ambiente familiar. No âmbito da distorção, da omissão e da mentira, essas posturas adotadas pelo adolescente muitas vezes são reflexo do clima de não confiança e de insegurança com relação à família. E as reações da família a essas atitudes do adolescente são decisivas para que o adolescente as abandone ou as adote como princípios de vida. Explicando melhor: se a família não aceita alguma coisa do adolescente nem estabelece negociações, o adolescente só vê como saída distorcer algumas coisas para encobrir outras, alterar os acontecimentos ou negar a ocorrência dos mesmos. O risco dessas atitudes consiste na possibilidade de assim permanecer para toda a vida, e o sujeito tornar-se, na vida adulta, um **MITOMANÍACO**.

Quando o adolescente adota essa postura como estilo de vida, ao tornar-se adulto prolifera a capacidade de inventar, omitir e mentir, chegando a confundir sua vida fantasiosa com a realidade. Sabemos a consequência disso: dificuldades na manutenção das relações sociais e na vida profissional, fundamentalmente.

Um segundo movimento de afastamento do adolescente da família é o questionamento das figuras de autoridades e, em especial, da autoridade dos pais. Qualquer expressão de autoridade, em termos de regras e limites, não é bem recebida pelo adolescente, seja na família, na escola ou em outros ambientes que funcionem a partir de determinações externas.

Muitas vezes o adolescente reage às regras adotando posturas exóticas na vestimenta, em hábitos excêntricos, no estilo e cor dos cabelos, no esquecimento proposital de usar o uniforme e o material escolar. Estes são alguns dos muitos mecanismos que o adolescente desenvolve como respostas às regras e aos limites impostos pelas figuras de autoridade.

MITOMANÍACO

É a tendência de alguns sujeitos de narrar aventuras extraordinárias acreditando que são verdadeiras. Corresponde ao hábito de mentir, sem que o sujeito consiga discernir se o teor de suas mentiras é realmente de natureza fantasiosa. É uma atitude que pode causar muitos prejuízos, especialmente no ambiente escolar e na vida de um modo geral.

Na história, esse tipo de contestação foi símbolo para diversas gerações como os hippies, os punks, os metaleiros, que, entre outros, apresentam propostas de serem grupos marginais que não consideram os valores estabelecidos. É interessante observar que esses movimentos contestatórios eram, na sua maioria, compostos por adolescentes com nítidos ideais de uma vida melhor, livre de opressões e de cobranças. Podemos entender como uma tentativa de liberdade, mas sendo também um processo de fuga.

Hippies, punks e metaleiros

Você sabia que a postura dos hippies de não pentear nem cortarem os cabelos, seus modelos de vestimenta e a "não depilação" por parte das mulheres era a forma de contestar os valores sociais de uma época? Da mesma forma, os punks e os metaleiros também apresentaram propostas com vestimenta e músicas no sentido de romper com normas estabelecidas.

Hippies, punks e metaleiros são grupos que se constituíram com propostas de questionar determinados valores sociais. Sendo assim, a produção musical e a escolha das vestimentas devem ser consideradas como formas saudáveis de protesto. Aliás, é corriqueira uma visão preconceituosa e deturpada por parte das pessoas que não compreendem suas propostas. Seu estilo diferente demonstra uma forma de pensar distinta da maioria e uma crítica à forma de organização social. É natural que haja, por parte das pessoas em geral, uma postura de reação a qualquer atitude que questione o estabelecido, pois o questionamento muitas vezes causa incômodo e insegurança nas pessoas.



O movimento hippie teve início por volta de 1960, nos Estados Unidos como forma de contestação dos jovens contra a Guerra do Vietnã e também em relação aos valores tradicionais da sociedade norte-americana. Eles são a favor do amor livre e da não violência. Defendem uma forma de vida em comunidade, compartilhando os frutos de sua produção. Para quem quiser conhecer um pouco mais esse movimento, o filme *Hair* é uma excelente opção.



A história do movimento punk, manifestação que surgiu na Inglaterra em 1977, até sua aparição no Brasil, pode ser encontrada no livro do jornalista Sergio Essinger *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira*. Essinger relata a história do punk por meio dos músicos e bandas ligadas ao movimento. Ou ainda no livro de Craig O'Hara, *A filosofia do punk – mais do que barulho* da Editora Radical Livros. Contrário à prática do capitalismo, "que quer colocar um preço em tudo", esse grupo adota a ideologia DIY (*do it yourself* que se traduz por "faça você mesmo").



pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Punk_Red_Mohawk_Morecambe_2003
Rainer Theuer



Quem se interessar sobre *heavy metal* ou *hard rock*, irá encontrar no *site* whiplash.net/, o mais completo *site* de rock e heavy metal, informações preciosas sobre esse gênero musical e suas variações. Confira abaixo capas de CDs de algumas bandas.



Fonte: www.rock-store.com.br/store/comersus_viewitem.asp?idproduct=4649&idAffiliate



Fonte: www.rock-store.com.br/store/comersus_viewitem.asp?idproduct=4649&idAffiliate



Fonte: whiplash.net/materias/cds/027518-alicecooper.html



Fonte: www.rock-store.com.br/store/comersus_viewitem.asp?idproduct=4649&idAffiliate

Voltando à questão da autoridade, sabemos que, para o adolescente, não há nada mais incômodo do que a autoridade dos pais, talvez pelo fato de remeter ao estado de dependência da infância. Por isso que o adolescente, geralmente, se rebela contra horários, não quer mais seguir os pais em festividades familiares ou sociais, não querem mais a opinião dos pais na escolha de suas roupas, não querem dormir nem acordar na hora que os pais sugerem e se contrapõem aos afazeres domésticos.

A mesma linha de ação é adotada na escola em relação à autoridade dos professores, que é muito contestada, principalmente no tocante às atividades a serem realizadas. Geralmente na escola a resposta mais frequente é a indisciplina. De uma certa forma, o adolescente dá continuidade às ações que realiza no seio da família, onde as regras e convenções sociais são focos de críticas. Nesse sentido, há uma extensão daquilo que ocorre com as autoridades parentais para as autoridades da escola.

Os comentários dos adolescentes a respeito das regras e convenções, bem como as suas atitudes de rejeição, são uma boa ilustração desse modo contestatório que se traduz pelo afastamento da família. Geralmente, a família reage com perplexidade ante as reações do adolescente em relação a atitudes que sequer eram questionadas na infância, como, por exemplo, mostrar o boletim escolar, comemorar um aniversário, cumprir horários, fazer deveres escolares, ter notas de avaliação, seguir as regras de determinados jogos e tantos outros pontos que são focos de questionamento.

As pessoas que estão próximas ao adolescente julgam que essa postura é o reflexo de uma crise existencial que esperam ser passageira. Muitas vezes não dão a devida atenção por julgarem de pouca importância. Mas esse é um momento em que o adolescente age de forma a pôr em xeque os valores da família, da sociedade e, enfim, todos os valores que se traduzem em regras para a vida. Não devemos esquecer que esses tipos de pensamento ocupam a cabeça do adolescente, desviando-lhe das tarefas que costumeiramente realizava quando criança.

O terceiro movimento de afastamento do adolescente da família é o aparecimento da visão fatalista do mundo e das pessoas, expressado pelas ideias de que nada está correto e que, muitas vezes, aquilo que aparece como certo é para encobrir alguma coisa que está errada. Como aparece essa visão fatalista?

Em muitos adolescentes, a visão fatalista se apresenta na pretensão de mudar o mundo, visão que pode acompanhá-lo pela vida afora e que, se não for bem dosada, pode ser o foco de vários problemas. Não estamos dizendo que a **ATITUDE REIVINDICATÓRIA** referida aos projetos construídos em termos de mudança do mundo pelo adolescente seja negativa, pois é, na verdade, o que há de mais autêntico na adolescência. O risco é essa atitude se manter com intensidades cada vez maiores, especialmente nas acusações de que o mundo é injusto, as coisas estão todas erradas, tudo que está feito tem de ser desmanchado e feito de novo, chegando ao extremo de afirmar que "...já que não é possível mudar o mundo, não vale a pena viver".

Não é por acaso a grande incidência de suicídios na adolescência, assunto que abordaremos mais adiante. Muitas vezes, o pensamento fatalista é tão forte que deixa o adolescente impotente diante daquilo que vê como única alternativa: confinar-se na tristeza profunda que pode culminar com a depressão. Se ouvirmos dos adolescentes argumentações de que a cidade onde vivem não presta, o país não vai mudar mesmo, os pais pararam no tempo e outras tantas, não nos assustemos!

Ao lado dos pensamentos fatalistas surgem as ideias preconcebidas que passam a ser utilizadas, com frequência, pelo adolescente. A adolescência é a fase do desenvolvimento de maior incidência de preconceitos, mas em uma condição bastante peculiar: o adolescente dificilmente reconhece que tem preconceitos. E sabemos que os preconceitos são socialmente estruturados e frutos da própria família, ou seja, ninguém nasce com preconceitos, nem com crenças.

O outro foco de preconceitos explicitados na adolescência diz respeito às experiências da infância, pois, apesar da transição da criança para a adolescência, algumas concepções não são facilmente abandonadas, mesmo que não tenham mais serventia. A título de ilustração, temos a noção de tempo que, apesar de bastante transformada, ainda conserva, na adolescência, o estado de impaciência próprio da infância.

Para a criança, parece existir apenas o presente, um presente contínuo como tempo eterno e imutável. As marcações do tempo, feitas por fatores de natureza externa e de forma gradativa, chegam na adolescência ainda como sentimentos temporais e não propriamente como compreensão temporal, o que acontece mais para o final da adolescência. Essa vivência de tempo pelo adolescente, ainda bem distante da vivência

ATITUDE REIVINDICATÓRIA

A atitude reivindicatória expressa pelo adolescente compreende, geralmente, a construção de projetos para reformular determinadas coisas que são vistas em termos da necessidade de mudança. Muitas vezes, o adolescente gasta muito de seu tempo em projetos para mudar costumes, valores, entre outras tantas coisas que considera estarem erradas ou mesmo não serem adequadas. É como se o adolescente cobrasse de seus antecedentes mudanças que julga que deveriam ter sido feitas, ou seja, para o adolescente os mais velhos já estão acomodados às coisas como elas são.

do adulto, é o indicador de suas relações com a realidade. Também não podemos nos esquecer de que a forma como a noção de tempo é experimentada pela criança e pelo adolescente está relacionada à maturidade cognitiva, pois tempo é um conceito bastante abstrato.

A particularidade do relacionamento do adolescente com a realidade está expressa na linguagem produzida pelos adultos para dar conta das questões referentes à compreensão de espaço-tempo pelo jovem. Por isso, não devemos tomar como verdade o ditado que circula na boca dos adultos quando expressam que "os adolescentes são espaçosos", pois na verdade essa atitude indica a maneira como os jovens lidam com o espaço, da mesma forma que o ditado "os adolescentes só são rápidos naquilo que os interessam" sugere a maneira de manejo do tempo.

Frente aos obstáculos decorrentes da elaboração referente ao tempo e ao espaço, vemos o adolescente rejeitar padrões prontos e criar, em muitas ocasiões, uma linguagem própria, que tem função importante em relação à necessidade de conhecimento da realidade. Um fato bem expressivo da confusão no manejo do tempo revela-se no fato de o adolescente trocar o dia pela noite, em uma profunda modificação de hábitos: dormir tarde e acordar tarde, o que é muito frequente entre os adolescentes. Parece ser mesmo uma forma de cumplicidade que os adolescentes estabelecem entre si, como um código de convivência.

As razões para essa mudança de hábito são de naturezas bem distintas, que incluem a televisão, a internet, o encontro com os amigos ou, na pior das hipóteses, insônia mesmo. Afora esse último motivo, constata-se a inversão do tempo de dormir e de acordar, o que gera efeitos prejudiciais na escola, e no trabalho, para os adolescentes que não dispõem de condições para apenas estudar. Esses efeitos são evidentemente a sonolência e também a irritabilidade, podendo aparecer nuances de agressão ou dificuldades de controle das emoções.

A dificuldade com o manejo do tempo revela-se, sobretudo, na resistência do adolescente em cumprir horários e realizar tarefas, de modo que programar-se em função do tempo parece ser uma árdua tarefa. Atividades de rotina geralmente são realizadas de forma desproporcional com relação ao tempo. Quem já não ouviu reclamação de pais de adolescentes quanto à demora no banho, para se arrumar, escovar os dentes, alimentar-se, entre outras?

NÃO SEI O QUE ESTÁ ACONTECENDO
COM ESSE MENINO...ELE TÁ MUITO
DIFERENTE, COM OS HORÁRIOS TODOS
TROCADOS. SE ATRASA QUASE TODOS
OS DIAS PARA IR AO COLÉGIO.



Figura 4.4: Os pais e parentes mais próximos estranham a mudança de hábitos dos adolescentes.

É importante salientar que a demora nessas atividades é consequência da resistência do adolescente em realizá-las, pois, se fosse possível, somente se ocupava daquilo que dá prazer imediato. Sendo assim, quase todas as outras atividades são empurradas para o esquecimento ou negligenciadas.

Um último fator de afastamento do adolescente da família é a compreensão do que seja a morte como o acontecimento em relação ao qual nada pode ser feito para evitá-lo. É na adolescência que ocorre a compreensão da morte como algo imutável, ou seja, somente nessa etapa do desenvolvimento psicológico é que se dá o entendimento da mortalidade do homem, o que é um grande desafio para o adolescente.

A compreensão da morte e da mortalidade pode ser uma fonte de muitas preocupações e angústias. Quais seriam então os recursos utilizados pelo adolescente frente a essa constatação? Geralmente adota duas atitudes. A primeira consiste em uma espécie de negação, quando crê que a morte acontece somente com os outros e se vier a acontecer consigo será em um futuro muito distante. A segunda seria recorrer ao universo de práticas místicas ou religiosas como tentativa de encontrar simples soluções para o mistério da morte.

Se tivermos a curiosidade de perguntar aos adolescentes sobre a morte, certamente vamos nos surpreender. Muitos deles vivem como se a morte não existisse ou, mesmo que exista, não pode acontecer com jovens fortes e cheios de saúde. Sabemos que esta é uma estratégia de negação da morte, fomentada pela crença de que se ainda não construíram uma profissão nem se definiram em termos de orientação sexual, então a morte não deve acontecer. Provavelmente, é essa crença que faz o adolescente desafiar limites e acreditar-se invencível, o que muito aproxima o adolescente da condição de morte, como acontece em determinados tipos de esportes, para mencionar apenas um dos muitos exemplos.

Podemos pensar que o adolescente ainda traz a concepção de morte que construiu na infância, a partir das ocorrências dos desenhos animados em que os personagens são triturados, eletrocutados e amassados, mas em seguida a morte é revertida em vida. Obviamente na vida real não é assim.

Qual a sua opinião sobre a adesão de muitos adolescentes a situações que representam, potencialmente, um grande perigo à vida? Será que esses adolescentes já internalizaram a ideia de que a morte é definitiva? A esse respeito podemos pensar que a perda de entes queridos pela criança é o ponto de partida para elaborar a questão da morte, ou seja, quando descobre que os parentes mortos não voltam mais, imaginam que a morte pode acontecer com outras pessoas e, mais tardiamente, consigo mesma.

É muito comum os adultos não falarem do assunto de morte com as crianças na tentativa de poupá-las. Aliás, isso é o pior que pode ser feito, pois as mentiras como as invenções de que a pessoa está dormindo ou foi viajar servem apenas para gerar confusões na cabeça da criança e retardar ou mesmo dificultar a compreensão da morte pelo adolescente.

**ATIVIDADE****Atende aos Objetivos 2 e 3**

2. Nessa atividade pretendemos refletir sobre os quatro fatores responsáveis pelo gradativo afastamento do adolescente de sua família:

- a. o processo de elaboração do luto infantil;
- b. o questionamento das figuras de autoridade;
- c. a visão fatalista do mundo do adolescente;
- d. a compreensão da morte e da condição de mortalidade do homem.

A tarefa que propomos será realizada em duas etapas.

Na primeira, converse com seis pessoas, adolescentes ou jovens adultos, sobre cada um desses fatores que desencadeiam o afastamento da família, para saber se há ou não consciência sobre eles.

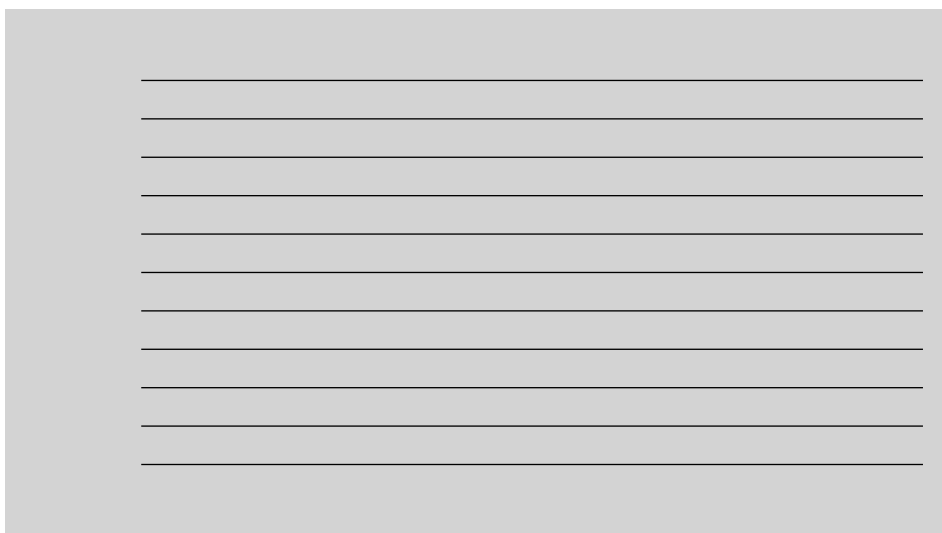
Com relação ao terceiro aspecto, a visão fatalista do mundo, pergunte também se o sujeito tem preconceitos e se admite tê-los.

Atribua nomes fictícios para cada participante de seu trabalho e anote o depoimento de cada pessoa separadamente.

A segunda etapa consiste na análise dos depoimentos, visando verificar se as pessoas têm lembranças desses momentos de suas vidas, bem como se estão cientes de seus preconceitos.

Primeira etapa: depoimentos dos sujeitos

Segunda etapa: análise e considerações sobre os depoimentos



PERTENCENDO AOS GRUPOS, PARTICIPANDO DAS TRIBOS

Os adolescentes vivem grandes momentos de suas vidas em turmas, grupos e tribos. Uma turma tem um sentido bem diferente do que seja grupo e tribo. Entendemos por turma o agrupamento de pessoas que são reunidas em função de um critério exterior, como, por exemplo, a turma da escola. Quer dizer, a formação de uma turma é circunstancial e geralmente é decorrente de critérios administrativos. Os adolescentes de uma turma são aqueles que estudam na mesma escola, sendo também os que quase sempre moram no mesmo bairro e se encontram em determinados lugares em função da realização de tarefas e de interesses comuns.

As turmas são organizações formais nas quais o adolescente e a criança convivem. Geralmente não são formadas a partir da escolha do sujeito, ou seja, para iniciar uma turma não é necessário o vínculo de afetividade: os alunos que estudam em uma classe, necessariamente não precisam ser previamente conhecidos, amigos ou que mantenham quaisquer outros vínculos.

Uma vez configurada a ideia de turma, passaremos a refletir sobre o grupo ou a tribo. Se a turma nasce de uma determinação externa, o mesmo não acontece com a formação de grupos ou de tribos que dependem, fundamentalmente, de um vínculo afetivo prévio. No caso

do grupo, o que importa para o adolescente é o fato de estar junto com outros pelo prazer e não apenas para a realização de tarefas. Bom, então, o adolescente e a criança pertencem à turma por uma condição meramente objetiva que estabelece a ordem, a disciplina, os limites e as regras. Já o pertencimento ao grupo ou à tribo acontece por intermédio de aspectos subjetivos, ou seja, pelo desejo, pela vontade de estar junto. Por isso, para o adolescente a convivência com os grupos é de maior importância em comparação à convivência em turmas.

Nos grupos e nas tribos, o adolescente busca subsídios para o crescimento pessoal. Mas é preciso salientar que as experiências na turma são também muito importantes na vida de cada um. Quem não se lembra de uma situação de júbilo, elogio, ridicularização e outras tantas que acontecem na passagem pela escola?

O que então o adolescente busca nos grupos e nas tribos? Geralmente, em meio à complexidade de suas vivências e ante as turbulências que atravessa e que desembocam em conflitos, o adolescente faz o movimento de pertinência aos grupos e tribos para encontrar uma certa harmonia para as coisas das quais se ocupa e que parecem não ser facilmente solucionadas.



Stefan Wagner

Figura 4.5: Uma atitude típica da adolescência: andar em grupos.
Fonte: www.sxc.hu/photo/48144

Convém ressaltar que os grupos se constituem como um espaço privilegiado, onde o adolescente encontra, geralmente, condições apropriadas para dar uma certa calma às intensas emoções que afloram a cada descoberta que realiza. Também pode ter o efeito oposto, ou seja, o grupo pode ser o lugar que dispara frustrações e gera mais conflitos, especialmente se o adolescente não é aceito pelos demais. Mas, na maioria dos casos, a convivência com os grupos tem efeitos positivos, principalmente pelo fato de que há como norma de funcionamento grupal a comunhão de ideias, ideais, sentimentos, problemas e expectativas de vida. Em muitos grupos ou tribos, há inclusive uma ideologia própria que, geralmente, captura o adolescente para a participação.

No cenário da atualidade, temos exemplos marcantes de grupos ou tribos, como os metaleiros, os skatistas, os rapeiros, os internautas, os funkeiros, entre outros tantos. É interessante observar que cada um desses arranjos grupais apresentam uma linguagem que é afinada com os afazeres que são desenvolvidos e com os interesses dos componentes.

Qual seria, então, a função desses grupos para o adolescente? Pensemos que a convivência nesses grupos, salvo exceções, é um rico aprendizado para a vida, não apenas pelo fato de que o adolescente segue as normas daquele grupo, mas porque representa um ideal de libertação e um lugar de proteção. Assim, esses grupos são um rico espaço de convívio social, que em muito enriquece a experiência humana. Pertencer a um grupo é a possibilidade de satisfação da necessidade de aceitação e reconhecimento. Por isso, a convivência num grupo é bastante saudável para o adolescente. Caso contrário, a atitude de isolamento é bastante preocupante, pois pode ser o indício de tristeza, desânimo e depressão.

Vamos, a seguir, refletir sobre algumas situações que explicitam a importância do pertencimento e convivência em grupos. Começemos pela escola. O adolescente gosta da escola somente quando gosta do grupo a que pertence na própria escola. Caso contrário, ir à escola é um pesar. Quer dizer, não são os conteúdos científicos, artísticos, literários e outros que cativam o adolescente. Aliás, sabemos que na adolescência há um grande declínio do interesse pelos conteúdos das matérias. Certamente o que prende o adolescente à escola é a convivência grupal, pois este é o espaço seguro de expressão de ideias e ideais e, sobretudo, de afirmação da própria identidade.

Muitas vezes, a dificuldade do adolescente em enturmar-se na escola é abordada como inadaptção. Obviamente, se o adolescente

não consegue adaptar-se a um grupo da escola, tampouco se adaptará à escola. Ser aceito no grupo é o fator que predispõe o adolescente a vencer o sono matutino e ir à escola, mas quando não se sente aceito ou quando, por alguma inibição ou isolamento, não consegue travar relações de pertencimento a um grupo, o que ocorre com muita frequência são as faltas à escola por doenças, que devem ser vistas no contexto de queixas psicológicas e não somente como problemas meramente orgânicos.

No âmbito da sabedoria popular, os pais geralmente desconfiam dessas "doenças" de seus filhos quando a atitude de faltar à escola é constante. Sabem que se o filho se queixa de dor de cabeça, essa dor de cabeça quer dizer alguma coisa a mais que não se resolve apenas com um analgésico.

É muito comum uma turma conter vários grupos. Daí a turma ser heterogênea, diferentemente do grupo, que parece ser mais homogêneo. Os vários grupos de uma turma podem se reunir, mas cada grupo não abre mão da possibilidade de expressar um traço diferencial de singularidade, conforme acontece nos trabalhos escolares. Os grupos ou tribos geralmente se unem e se protegem pela convergência da força dos iguais. Essa união poderá produzir efeitos construtivos como acontecem nos trabalhos escolares, jornadas, organização de eventos comunitários, mas a ação grupal pode ser bastante negativa, conforme tomamos conhecimento, pela mídia, dos acontecimentos fatais que envolvem as torcidas organizadas, para citar um entre muitos exemplos.

Mas o que há de tão interessante nos grupos, que atrai o homem no sentido de firmar um pertencimento? Em princípio, há um ganho em pertencer a um grupo, pois quando se faz parte de um grupo, geralmente, os problemas pessoais são estendidos ao grupo. É como se cada membro abrisse mão de sua individualidade para participar do grupo e assim se forma uma matriz de solidariedade bastante poderosa para manter unidos todos os componentes.

Além disso, no grupo, o adolescente sente-se mais seguro para planejar sua vida, formular algumas de suas realizações e obter determinadas satisfações impossíveis de serem alcançadas no âmbito familiar. Ainda, vale ressaltar que não pertencer a um grupo é o índice mais significativo de isolamento e solidão.

No contexto da Era Contemporânea, nos grandes centros urbanos tem havido o desenvolvimento, em uma escala alarmante, de grupos ligados a facções criminosas que cooptam os adolescentes para formarem um

exército no sentido da prática de ações devastadoras no social. Sem dúvida que a cooptação de adolescentes é uma estratégia de ação desses grupos, pois estando o adolescente atravessando um momento de vulnerabilidade e questionamento, as suas condições de discernimento geralmente são muito precárias. Além do mais, as organizações criminosas oferecem a possibilidade de poder e de riqueza em um tempo muito curto, o que para o adolescente, que não é muito afeito a esperar, cai como uma mão na luva.

Não podemos deixar de fazer menção à existência desses grupos e ao papel que desempenham para tantos jovens que abandonam seus estudos e abrem mão das expectativas de trabalho na esperança da obtenção de *status* social, de maneira efêmera e sem muito esforço. A crescente promessa de realização que é oferecida por essas organizações atinge o adolescente de forma rápida e, às vezes, as condições de saída desses grupos nem sempre são possíveis, como os jovens que ingressam no universo do narcotráfico e cometem crimes assustadores.

Vale lembrar que esses grupos são difundidos com denominações bem sugestivas como, por exemplo, todas as facções que se iniciam pela palavra "comando". Certamente essa palavra traz explicitamente uma indicação de poder que pode ser um atrativo para um jovem que traz questões insolúveis da vida infantil. Não que isso seja uma regra geral, mesmo porque a existência dessas modalidades de grupos no contexto social é algo ainda muito recente: datam das três últimas décadas do século XX. No entanto, apesar de pouco tempo de existência, os efeitos devastadores são bastante significativos.

Tanto nesses grupos, quanto em outros que não sejam constituídos com finalidade puramente vinculada à destruição, o adolescente estabelece laços de amizade que, muitas vezes, são muito duradouros. É claro que nas facções criminosas esses laços também existem, porém duram pouco, visto que viver nesses grupos significa poder morrer a qualquer momento, o que geralmente acontece. Ou seja, os componentes dessas facções têm uma maior sobrevivência somente quando são presos. Nesse sentido, ser integrante de um grupo dessa natureza pode significar um curto tempo de vida. Mas é importante ressaltar que os laços de amizade estabelecidos nos grupos são, às vezes, muito mais fortes do que a amizade entre irmãos, principalmente na adolescência. Quer dizer, o adolescente se aproxima muito mais dos amigos do que dos pais e irmãos.

O curto tempo de vida do jovem nos grupos criminosos

Estudos reunidos no livro *Violência em tempos de globalização* relatam que muitos jovens que, no auge da adolescência, ingressam em grupos de facções criminosas, dificilmente atingem a vida adulta, ou seja, entram aos doze, treze anos e morrem, na maioria das vezes, sem completarem a maioridade.

Afora esses grupos de caráter negativo, em razão de suas finalidades criminosas, temos outras formações que têm importância significativa para o jovem, seja pelo lugar onde se encontram, seja pelo prazer decorrente das atividades realizadas. Quanto ao lugar de encontro dos adolescentes, tem-se uma grande variação que depende fundamentalmente da natureza do grupo, ou seja, os skatistas encontram-se na pista de skate, como outros grupos encontram-se em outros locais, como galpões, garagens, esquinas, parques, praças, entre outros.

Os internautas encontram-se em um ambiente virtual, ou em um lugar onde seja possível a montagem de uma parafernália de computadores, ou em uma *lan house*. Mas devemos considerar também os lugares mais habituais, historicamente falando, como a escola, a igreja, a lanchonete, e outros que podem servir de apoio aos encontros dos adolescentes.

O lugar é menos importante do que o amigo, ou seja, o que produz o encontro é o laço de amizade e não propriamente o local, especialmente quando o amigo se inscreve na rubrica de "melhor amigo", fruto de uma escolha afetiva. A escolha do melhor amigo é, muitas vezes, consequência das condições estáveis do adolescente, principalmente no plano psíquico, pois são os esteios construídos na formação da identidade que ajudam o adolescente a fazer e manter suas amizades e consequentemente participar de grupos.

Então, qual seria a importância do melhor amigo? Sem dúvida, funciona como um esteio de proteção com o qual o adolescente conta muito. Geralmente a figura do melhor amigo é rapidamente introduzida na estrutura da família. Através do melhor amigo, o adolescente aprende a se relacionar com outras famílias e conviver com a dinâmica de relações diferentes da própria.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 4

3. Nessa atividade você vai identificar qual a importância do pertencimento da convivência grupal para o adolescente, a partir do seguinte depoimento de Ana.

Conheci Paulo, que era do grupo da rua, e logo me apaixonei por ele. Ele era muito legal. Tinha 17 anos e muitos sonhos. Passei a frequentar o grupo de amigos de Paulo. No início era muito bom. Depois foi ficando ruim porque descobri que todos gostavam de usar drogas e também que havia liberdade com relação ao sexo. Não tinha transado ainda. Fiquei dividida: ou passaria a ser como todos do grupo ou tinha que sair de lá. O difícil era sair, porque eu me sentia muito bem no grupo. Conversei muito com as meninas que já tinham transado e pensei que não havia nada errado em transar com meu namorado, mas não queria me drogar. Depois de muito tempo, eles compreenderam que eu não tava a fim de drogas e me esqueceram. Eu não fiquei numa de censurar as pessoas do grupo, apenas não queria aquilo para mim. Foi muito bom porque eu pude ter contato com eles e saber o que eu não queria.

1. Considere o depoimento e enumere os fatores que influenciaram Ana na convivência com esse grupo.
2. Em sua opinião, as influências desse grupo na vida de Ana são somente negativas? Por quê?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. Os fatores que influenciaram Ana pela convivência com esse grupo são: a) a descoberta de possibilidades no tocante ao relacionamento sexual, depois de uma reflexão e de conversas com colegas; b) o contato com pessoas que usam drogas, que foi importante para não escolher esse caminho; c) satisfação em fazer parte de um conjunto de pessoas que têm o mesmo ideal; e d) o amadurecimento em relação às decisões da vida, como conviver com o grupo sem ser obrigada a concordar totalmente com todos os componentes.

2. Certamente que não. A pressão vivida por Ana quanto à imposição de usar drogas é uma influência negativa. Porém, a decisão tomada por Ana de não usar drogas somente foi possível em razão da convivência no grupo e esse é um fator positivo. Muitas vezes, o sujeito, especialmente o adolescente, vive certas situações como descobertas e daí resolve experimentá-las para tomar uma decisão. Quer dizer, Ana experimentou conviver com pessoas que usam drogas e decidiu-se por não fazer uso. Indiretamente, o grupo a influenciou positivamente.

CONCLUSÃO

Os passos para a construção da identidade são edificados na infância e seguidos na adolescência. Daí a importância de um bom ambiente para que a criança minimamente resolva suas questões, para que possa, assim, ingressar na adolescência sem maiores dificuldades. Se a identidade infantil tinha como referências os modelos extraídos das figuras parentais, essa situação muda significativamente na adolescência quando os modelos identificatórios são buscados fora do ambiente familiar.

Isso não quer dizer que as bases da identificação construídas na infância sejam completamente abandonadas; apenas são reformuladas e recebem acréscimos importantes dos ídolos escolhidos pelo adolescente. Mesmo contando com o recurso aos ídolos, é importante a atenção dos pais, visto que o adolescente precisa muito deles, mas num contexto bem diferente daquele relativo ao mundo infantil.

Com o ingresso na adolescência, muitas coisas mudam, especialmente a relação do jovem com a autoridade, com a observação dos limites e o respeito aos valores. Para o adolescente, os limites não podem ser impostos, pois devem ser fruto de negociações. Eis o foco de muitos conflitos, principalmente quando muitos pais não se dispõem, pela dificuldade de elaboração da própria adolescência, a negociar com seus filhos. A criança aceita sem muito questionar os limites que lhe são impostos. O adolescente não!

Frequentemente o adolescente cobra das autoridades a razão de ser dos limites e espera entender o motivo das preocupações dos pais, como também a necessidade de certas proibições. Situações desagradáveis acontecem quando essas questões não são sequer discutidas, o que pode ter repercussões fatais para o adolescente e para os pais, conforme podemos depreender na seguinte situação.

Os pais de uma adolescente de 17 anos não permitiam que ela saísse à noite sozinha, pois temiam o que pudesse acontecer. Em uma noite, ela cumprimentou seus familiares para dormir. Em seguida, quando os pais já estavam dormindo, saiu discretamente pela cozinha e foi a uma festa com três colegas da escola. Quando voltava com eles, houve um acidente e todos morreram.

Por isso, é importante a negociação e o esclarecimento, para não acontecer fatalidades dessa natureza, embora nem sempre seja fácil em razão do processo de afastamento do jovem de seus pais. O que não pode acontecer é os pais manterem a crença de que o adolescente não põe em xeque a autoridade deles.

Além do mais, o adolescente vive um momento de pluralidade de valores e nem sempre os valores da família estão em primeiro plano, ou seja, cada valor sugere um tipo de relação social que pode ter menos ou mais importância. Esses valores são construídos pela convivência do adolescente com vários grupos com os quais trava relações conflitantes de teor mais ou menos intenso.

A convivência com os grupos é importante, pois influencia o adolescente na descoberta de vários aspectos da vida. A influência dos grupos pode ser positiva ou negativa, mas tem de ser considerada pelo valor que tem o convívio. Quanto ao fato da adesão do jovem a grupos que primam pela destrutividade, já temos nessa escolha a expressão de elos desintegrados na sua formação.

ATIVIDADES FINAIS

Atende aos Objetivos 3 e 4

Nesta atividade você refletirá sobre dois universos importantes na vida do adolescente: a família e os grupos extrafamiliares.

Leia atentamente o seguinte texto:

Os pais de Luiza são atenciosos e dedicados. Luiza, que sempre foi uma "garotinha boazinha, adorável e bem comportada", mudou ao completar quinze anos. Pintou os cabelos de vermelho, passou a só usar velhos jeans rasgados e começou a sair com um grupo de jovens rebeldes. Na convivência com esse grupo descobriu que alguns dos componentes faziam pequenos furtos por diversão, em lojas, lanchonetes e utilizavam ofertas da internet para a colocação de créditos nos celulares. Chegou a participar de pequenos furtos e somente parou quando um de seus colegas foi pego em uma loja, tendo o pai desse jovem sido chamado. Descobriu que os furtos eram bastante prazerosos, mas que a situação era muito arriscada. Enfrentou conflitos com o grupo, desligando-se dele e lutou o quanto pôde com os pais pelo direito de ser diferente deles. Embora evitasse fazer as refeições e sair com a família, Luiza saía correndo de seu quarto sempre que havia uma oportunidade de provocar os pais em polêmicas discussões. Ela, inevitavelmente, assumia uma posição radical e militante, diretamente oposta àquela de seu pai. As discussões duravam horas. O pai de Luiza terminava sentindo-se bastante irritado pelo fato de a filha questionar todas as suas atitudes e valores. Apesar de intensas e amargas, às vezes as discussões pareciam essenciais para Luiza, não apenas por permitir que ela afirmasse sua própria identidade, diferente da de seus pais, mas também por fazê-la ver o quanto eles a apoiavam e se preocupavam com ela.

1. Destaque duas passagens: uma que demonstre a influência recebida por Luiza de seu meio familiar e outra da convivência com o grupo de amigos.
2. Descreva duas mudanças na vida de Luiza que signifique o seu afastamento da família.

RESPOSTAS COMENTADAS

a. A passagem que retrata a influência recebida pela família é a seguinte: "Apesar de intensas e amargas, às vezes as discussões pareciam essenciais para Luiza, não apenas por permitir que ela afirmasse sua própria identidade, diferente da de seus pais". A passagem que reflete a influência do grupo é a seguinte: "Chegou a participar de pequenos furtos".

b. O fato de pintar o cabelo com uma cor pouco convencional, usar jeans rasgados e a escolha de participar de um grupo de jovens rebeldes são aspectos que podem ser considerados como um movimento de afastamento dos pais.

Outra mudança reveladora desse afastamento é o constante questionamento de Luiza das ideias e valores dos pais, bem como o apreço pelas situações provocadoras.

RESUMO

O mundo do adolescente pode ser focado considerando aspectos importantes como o processo de construção da identidade, processo que acontece com a assimilação de modelos identificatórios ao longo da vida, mas fundamentalmente nos períodos da infância e adolescência, etapa em que ocorre a adesão de modelos extraídos de ídolos. É importante também a interferência dos aspectos que concernem à maneira como o adolescente se posiciona em relação às questões da vida infantil e como se afasta das mesmas, do mesmo modo que o processo de pertencimento aos grupos e a importância que estes têm para o adolescente. A convivência grupal tanto pode ser frutífera quanto prejudicial.

O sonho da juventude eterna

Francisco Ramos de Farias

Meta da aula

Apresentar determinados aspectos da adolescência relacionados com as personagens da literatura, as construções míticas e os heróis.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. identificar o estudo pioneiro sobre a adolescência no campo da ciência;
2. estabelecer uma comparação entre a prática do sacrifício na Antiguidade e o comportamento dos jovens na atualidade;
3. reconhecer a construção de mitos relacionados à juventude;
4. analisar o papel exercido pelos heróis na vida do adolescente.

INTRODUÇÃO



**GRANVILLE
STANLEY HALL
(1844-1924)**

Publicou os resultados de suas pesquisas em uma obra em dois volumes intitulada *Adolescence: Its Psychology and Its Relation to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education* (Adolescência: sua Psicologia e sua relação com a Fisiologia, Antropologia, Sociologia, Sexo, Crime, Religião e Educação), em 1904. Tornou-se mundialmente conhecido em função dessa obra e de seus trabalhos na clínica com adolescentes. Sua obra é conhecida como o marco fundamental nos estudos sobre a adolescência, sendo considerado por muitos como inventor do conceito dessa etapa do desenvolvimento psicológico.

Nesta aula, vamos realizar uma expedição pelas searas pouco conhecidas da adolescência. Para isso, é preciso que sejamos flexíveis para interpretar alguns fenômenos que dizem respeito ao desenvolvimento psicológico do homem em todas as suas etapas, a partir do momento em que a adolescência passou a ter a abordagem reconhecidamente científica de Stanley Hall, denominada “Psicologia da Adolescência”. Essa abordagem nos oferece uma leitura objetiva da adolescência, fundamentada em observações, comparações e pesquisas de campo. E também se distancia das interpretações e leituras que dão sustentação aos sonhos da eterna juventude, tarefa que ficou ao encargo das narrativas acerca dos mitos e do recurso aos diferentes heróis. Estes têm significados especiais tanto para o adolescente quanto para o homem de uma maneira geral.

O MARCO DO ESTUDO DA ADOLESCÊNCIA NO ÂMBITO DA CIÊNCIA

O psicólogo americano **GRANVILLE STANLEY HALL** foi quem, pela primeira vez, dedicou-se a um estudo científico sobre os aspectos psicológicos da adolescência. Suas primeiras ideias eram as de que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento envolta em perigos e dificuldades, não obstante, em seu modo de pensar, essas dificuldades fossem naturais, próprias de uma fase da vida.

Stanley Hall defendeu enfaticamente o prolongamento da infância, dada a constatação de que os jovens chegavam muito cedo às fábricas, às ruas, às prisões e à vida sexual. Seus apelos fizeram eco às autoridades no campo da educação, que resultaram na escolarização obrigatória dos adolescentes, tal como acontecia com as crianças. Podemos afirmar que, com suas ideias, inaugurou-se a tendência que empurra a adolescência para o final da escolaridade obrigatória, que, no contexto atual, dificilmente se completa antes dos vinte anos com a profissionalização de nível superior.

A grande descoberta que podemos apreender de seus estudos é a advertência de que os jovens precisam de proteção por muito mais tempo do que os adultos julgam necessário. Assim, de certa forma, ele foi pioneiro no sentido de realizar uma investigação específica sobre a adolescência. Suas ideias fizeram escola em solo americano, pelo fato de a adolescência ter sido considerada um tema de observação privilegiado.

Havia, já no final do século XIX, alusão à adolescência em tratados e compêndios, principalmente quando a curiosidade destinava-se ao

desvendamento de aspectos da vida de personalidades célebres do meio artístico, filosófico e científico, no sentido de destacar as tendências que foram dominantes na época da adolescência de pessoas notáveis.

A partir dos estudos de biografias de pessoas como Wagner, Tolstói, Rousseau, entre outros, foi constatado um conjunto de características, assim agrupadas: impulsos violentos, emoções intensas e efêmeras, ilusão de sucesso, desejo de mudar a sociedade, apreço por devaneios, gosto pela solidão e pela extravagância.

Os jovens que foram estudados a partir de suas biografias, na sua maioria, explicitaram, de algum modo, inclinações suicidas, que teriam desaparecido quando se deu a chegada à vida adulta. Mas isso não deve ser interpretado como consequência do caráter atormentado do adolescente, nem mesmo deve ser exagerado, pois as turbulências da adolescência são normais.

É na obra de Stanley Hall que aparece, pela primeira vez, uma análise do fracasso escolar de homens como Wagner, Darwin, Napoleão e Hegel. Napoleão foi muito mal classificado na escola militar. Darwin foi considerado pelos seus professores como um aluno “extremamente medíocre”. Einstein foi considerado muito fraco pelos professores da escola onde estudava. Outros tantos exemplos comprovam não o fracasso dessas mentes pensantes, mas do sistema escolar em termos da incapacidade de aceitar a inteligência e a imaginação de homens raros na história da humanidade.

Há também, na análise de Hall, menção aos “superdotados” no domínio científico, como Galileu, Newton e outros, em que a aparição dos talentos artísticos e científicos aconteceu na adolescência, ou seja, os casos célebres conhecidos na literatura revelaram seus talentos antes do vinte anos. É necessário assinalar que houve, por parte da Igreja, da escola e da família, um posicionamento que não aceitava a precocidade do ser humano, tanto em termos da expressão dos traços de criatividade quanto nas manifestações de aspectos da sexualidade. Havia uma expectativa dessas instituições de um padrão a ser seguido.

Mais de um século após o aparecimento dessa monumental obra, podemos avaliar sua contribuição em termos de caráter inovador. Quando Stanley Hall afirma que sua concepção abala os alicerces das ideias sobre o processo educativo vigente em sua época, da mesma forma que Darwin pôs em xeque as ideias sobre a evolução, mostra-se como um precursor de seu tempo na abordagem sobre a adolescência.

CATARSE

Refere-se ao “culto sem mácula” da tradição aristotélica, quer dizer, cerimônias de purificação das forças relativas às paixões humanas contidas na alma. Seria o expurgar de algo para alcançar um estado de equilíbrio. Sendo assim, o homem deveria extravasar suas paixões para não afetar aqueles com quem convive, principalmente as crianças.

O que há de revolucionário nas ideias de Stanley Hall foi ter exposto o problema de uma ciência que até então não era focalizada, além de ter dirigido severas críticas aos estudos da Psicologia realizados em gabinetes, enfatizando uma Psicologia de campo. Mas, no tocante aos pensamentos educacionais, não teria avançado muito além daquilo que propôs Rousseau, ou seja, teve o mérito de assinalar que os impulsos devem encontrar meios de ação na adolescência para não ficarem embotados e surgirem na idade adulta como agressividade violenta. Acreditava que devia mesmo haver uma espécie de **CATARSE** no púbere, por meio do contato com os livros que versam sobre a natureza e com as narrativas de grandes feitos do passado. Esse é um dos pontos marcados pela sua ingenuidade, sustentada pela crença de que a leitura amorteceria a expressão da agressividade.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Nesta atividade, você terá a oportunidade de refletir sobre o pioneirismo do estudo da adolescência no campo da ciência, considerando a grande contribuição de Stanley Hall.

Enumere os aspectos positivos e negativos do estudo de Stanley Hall sobre a adolescência.

RESPOSTA COMENTADA

Podemos identificar três aspectos positivos no estudo de Stanley Hall: a) defesa do aumento do período relacionado à infância; b) sugestão de escolaridade obrigatória para o adolescente; e c) a indicação da ineficácia dos estudos de gabinetes na compreensão da adolescência. Entre os aspectos negativos, encontramos: a) a ideia negativa de que a adolescência é a etapa da vida que apresenta uma inclinação ao perigo; e b) a crença ingênua de que o adolescente devia descarregar suas tensões em contato com leituras de escritores célebres para não se tornar um adulto agressivo.

É interessante ressaltar que, antes desse empreendimento no domínio científico, esse tema já era objeto de produção criativa de escritores que nos deixaram suas impressionantes visões sobre a adolescência. Além do mais, se remontarmos ao universo das construções míticas, vamos encontrar narrativas sobre mitos que retratam muito bem a juventude. Por isso que quando abordamos o sonho da eterna juventude, essa vontade do homem de viver uma adolescência interminável, deparamo-nos com produções literárias, construção de mitos, e mesmo depoimento de pessoas que não se conformam com o envelhecimento, principalmente em termos da decrepitude do corpo.

Será que o homem, em algum momento de sua vida, abandona o sonho de eterna juventude? E qual a finalidade de o homem manter essa esperança? Por acaso teríamos de fazer o pacto que encontramos na obra de Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*, em que o personagem principal recorre a poderes sobrenaturais para manter-se jovem, na condição de que somente seu retrato deva envelhecer? Certamente isso não acontece nas circunstâncias da vida cotidiana, porém a ciência, com toda a parafernália das cirurgias estéticas, promete, pelo menos parcialmente, um certo estado de juventude. Fora isso, só mesmo na escrita de pensadores criativos. Já refletiu sobre essa questão em termos da realidade brasileira? Qual seria então o sentido de juventude, para você? Convidamos você a dedicar alguns minutos de seus estudos a esse tema e a trocar ideias com os amigos no sentido de compará-las. É um bom exercício para rever seus ideais de juventude e seus sonhos!



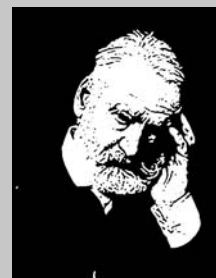
Figura 5.1: Publicada pela primeira vez, em 1890, pelo escritor irlandês, esta obra aborda o tema do desejo da eterna juventude e a importância que o ser humano atribui à beleza. A história, de tanto sucesso, foi transformada em longa-metragem em 1945 e também em 2004.

Fonte: blog.unco-vering.org/archives/uploads/2005/2005020203_dorian_gray-1.jpg

A ADOLESCÊNCIA ROMANCEADA

Anteriormente nos detivemos na primeira empreitada para abordar a adolescência no domínio científico. Agora faremos uma incursão pelo mundo literário, com o intuito de situar o momento em que a palavra “adolescente” fez sua aparição nesse domínio. É na escrita de **VICTOR HUGO** que a adolescência é caracterizada, em uma imagem

VICTOR HUGO



Victor Hugo, em 1819, fundou a revista *Conservateur Littéraire*. Aos vinte anos, publicou uma reunião de poemas, “Odes e Poesias Diversas”, mas foi o prefácio de sua peça teatral *Cromwell* que o projetou como líder do movimento romântico na França. O grande romance histórico *Notre-Dame de Paris*, conhecido como *O corcunda de Notre-Dame* (1831), rendeu-lhe a nomeação para a Academia Francesa, em 1841. A partir de 1849, Victor Hugo dedicou sua obra à política, à religião e à filosofia humana e social. Reformista, desejava mudar a sociedade, mas não mudar de sociedade.

poética, como dois crepúsculos confundidos: o início de uma mulher e o fim de uma criança. Este talvez tenha sido o primeiro emprego da palavra “adolescência” na literatura.



**JEAN-JACQUES
ROUSSEAU**

Nascido em Genebra em 1778, foi filósofo, escritor, teórico político e compositor musical, e uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, sendo precursor do Romantismo. Defendeu a tese de que todos os homens nascem livres, e que a liberdade faz parte da natureza do homem. Rousseau inspirou todos os movimentos que visavam à busca pela liberdade, incluindo as Revoluções Liberais, o Marxismo e o Anarquismo, entre outros. Influenciou também movimentos de ecologia, já que era adepto da proximidade com a natureza e afirmava que os problemas do homem decorriam dos males que a sociedade havia criado e não existiam no estado selvagem.



Figura 5.2: Essa imagem ilustrou a primeira edição de *Notre-Dame de Paris*, de 1831. Em 1996, os estúdios da Disney lançaram sua 36ª animação, retratando a história do corcunda de Notre-Dame.

Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Victor_Hugo-Hunchback.jpg domínio público

Há, porém, nessa brilhante passagem uma impropriedade, pois o início de uma mulher ou de um homem é uma aurora e não um crepúsculo. Mas isso tem pouca relevância, visto que hoje podemos reescrever a frase de Victor Hugo da seguinte maneira: aurora de um adulto no crepúsculo de uma criança. Certamente, a compreensão de um período da vida situado entre um crepúsculo e uma aurora contribuiu para que, no âmbito do saber psicológico, a adolescência seja definida como uma etapa de transição, dando mesmo a ideia de algo que transita de uma coisa a outra, da infância à idade adulta. Provavelmente, é nesse aspecto que reside toda a radicalidade do que compreendemos como adolescência.

A aurora de uma vida que situamos até então aparece configurada no famoso livro de **ROUSSEAU**, *Emílio*, na conotação de ser a adolescência um “segundo nascimento” do homem. Ora, o que há de tão marcante na adolescência para que possamos defini-la como um segundo nascimento?

Certamente, o nascimento referido à adolescência implica a morte simbólica da criança de cada um de nós. Além disso, é um momento em que o ser em questão precisa de cuidado e proteção de uma maneira tal, que não guarda quaisquer semelhanças com os cuidados para garantir a sobrevivência do recém-nascido. Ainda, o referido nascimento significa nascer para um mundo diferente daquele conhecido mediante as referências parentais. Por isso, é um nascer para o desconhecido e o inexplorado, com curiosidade e sede de conhecimento.

No tocante a Rousseau, sabemos que a palavra adolescente teria quase “queimado” seus lábios, ou seja, ele teria tido a intenção de escrevê-la, porém não o fez. Em vez de escrevê-la, Rousseau escreveu algo que toca tangencialmente essa etapa do desenvolvimento em uma construção literária e apresentou a adolescência como uma crise compreendida como a do **SEGUNDO NASCIMENTO**. A crise em questão refere-se à tormentosa revolução que se anuncia pelo murmúrio de paixões nascentes na adolescência. Bela imagem.

A crise pelo advento das paixões nascentes ficaria, então, sem possibilidade de expressão, quer dizer, “surda” à voz que, outrora, a tornava dócil. Seria algo comparável a um animal que, depois de domado, ao ser movido pelo calor de um instinto forte, não reconhece mais seu domador. Assim seria a crise da adolescência para Rousseau: algo que não quer ser governado, ou seja, não é nem criança nem adulto, sem conseguir ser nenhum dos dois.

Assim é que a adolescência fez sua aparição no romance de Rousseau, ou seja, o adolescente é um ser atormentado e rebelde às condições que o governam. Ainda vive a nostalgia das referências da infância, que entram em significativo declínio, ao mesmo tempo vislumbrando as expectativas do horizonte da vida adulta, que se afiguram como terrenos a sua frente.

O encontro dessas duas vertentes, as referências da vida infantil e as exigências da vida adulta, é o nascedouro da crise no adolescente, mas de uma crise referida à própria condição de existência. Entendamos a crise como uma passagem obrigatória e não apenas como um momento crítico. Isso porque, do mesmo modo que essa crise pode ter um desfecho desfavorável, é também a mola propulsora do desenvolvimento, principalmente quando é minimamente solucionada.

Ao que tudo indica, a literatura ateu-se, na maioria das vezes, à primeira acepção acerca do pensamento sobre a adolescência em termos da vida infantil. Então, indagamos: por que a incidência do adolescente

SEGUNDO NASCIMENTO

O homem nasce em duas etapas: uma vez nasce para viver, como ocorre a todo e qualquer ser vivo, sendo esta uma prerrogativa da espécie, em termos da reprodução; outra vez, nasce para existir, procurando deixar as pegadas da história de seus feitos, sendo esta a prerrogativa da cultura marcada pela questão do sexo.

como um ser perturbado, problemático e atormentado nos romances? A esse respeito, podemos apenas especular e sugerir que os escritores estariam dando vazão às questões de suas adolescências, mas com destaque às dificuldades vividas.

A incursão nas ideias desses dois pensadores, Victor Hugo e Rousseau, serviu-nos para constatar que o termo “adolescente” é relativamente novo, quer dizer, antes do século XX, a infância era prolongada ou entronizada, sendo a criança vista como um jovem adulto, conforme vimos na primeira aula, quando situamos a contribuição de Phillipe Ariès. Tanto a postura de prolongar a infância quanto a sua entronização significam que a adolescência não tinha lugar na história dos costumes. Provavelmente a adolescência não existia como etapa do desenvolvimento psicológico, apesar de o termo constar na literatura.

O homem, na condição de ser falante e encarregado da escritura de uma história, não nasceu para permanecer na infância. Na maioria das vezes, sai dela no tempo prescrito pela natureza, mesmo que seja para ingressar em uma idade de crises, não obstante essas crises devam ser positivas e os modos com que são solucionadas tenham influência por toda a vida.

Na literatura, a crise da adolescência seria algo comparável ao bramido do mar que precede a tempestade, pois a tormentosa revolução da adolescência anuncia-se pelo murmúrio das paixões nascentes. Eis o que caracteriza o segundo nascimento: o momento em que o homem nasce verdadeiramente para a vida, abandonando o modo de viver relativo aos jogos infantis. Além disso, a adolescência é a etapa que conhece o ocaso da educação primordial, ligada à satisfação das necessidades vitais, para ter início uma outra modalidade de educação voltada para a importância do estado das coisas do mundo.

Mas se uma concepção de adolescência, principalmente no domínio científico, inexistia, como, então, o adolescente era representado? O que é retratado na literatura, especialmente em uma visão romântica, é o adolescente caracterizado como um ser solitário, infeliz, gênio precoce.

Na Antiguidade e na Idade Média, o adolescente, mesmo sem que esse termo fizesse parte da linguagem escrita ou falada, é descrito como uma criança oferecida pelos pais a Deus, ou seja, um herói a ser sacrificado, conforme ilustra a lenda de São Sebastião, no campo da religião e, na pena de Eurípedes, com Ifigênia de Táuride. Tanto São Sebastião quanto Ifigênia são jovens oferecidos ao sacrifício, em termos de serem, atualmente para a história da humanidade, consagrações místicas.



Figura 5.3: Pintura de Botticelli, de 1473.
Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sandro_Botticelli_054.jpg
domínio público

São Sebastião, cujo nome deriva do grego *sebastós*, que significa divino (século III), foi um mártir e santo cristão morto durante a perseguição do imperador romano Diocleciano.

De acordo com os Atos Apócrifos, atribuídos a Santo Ambrósio, Sebastião era um soldado do exército romano com a tarefa de afirmar o coração dos cristãos, enfraquecido diante das torturas. Era querido pelos imperadores Diocleciano e Maximiliano, que o queriam sempre próximo, ignorando tratar-se de um cristão e, por isso, o designaram capitão da sua guarda pessoal. Devido a sua conduta branda com os prisioneiros cristãos, foi julgado traidor pelo imperador, que ordenou a sua execução por meio de flechas. Dado como morto e atirado no rio, sem ter realmente morrido, foi socorrido por Santa Irene e depois levado a Diocleciano, que ordenou seu espancamento até a morte. Mesmo assim, não morreu do espancamento. Acabou sendo morto transpassado por uma lança. O bárbaro método de execução de São Sebastião fez dele um tema recorrente na arte medieval, surgindo geralmente representado como um jovem amarrado a uma estaca e perfurado por várias flechas.

Ifigênia de Táuride

Ifigênia era filha de Agamémnon e Clitemnestra que Diana salvou da morte, em meio às fumaças que se espalhavam, quando o pai a queria oferecer em sacrifício. Muitos anos viveu Ifigênia em Táuride, como sacerdotisa de Diana, depois de ter sido trazida pela deusa, sendo sobretudo a guardiã de seu templo.

O aspecto importante a ser considerado com relação à adolescência é o tema da morte, expresso como a morte da infância e a morte em rituais de sacrifício, em que os adolescentes eram oferecidos aos deuses para a obtenção de benefícios ou como expiação. Como ilustração, podemos nos referir à morte de São Sebastião e ao momento em que a deusa Diana evita a morte de Ifigênia. Disso podemos fazer uma comparação com o tema da morte, no caso do adolescente, que tem, nas figuras míticas e algumas literárias, um fim trágico, conforme retratam Dante, em *Vida Nova*; Skakespeare, em *Romeu e Julieta*, e Sófocles, em *Antígona*.

Ainda no campo da literatura, encontramos a novela *Setembro*, de **GUSTAVE FLAUBERT**, que foi escrita como uma confissão de uma

GUSTAVE FLAUBERT



Gustave Flaubert nasceu em 1821 e cresceu no hospital onde seu pai era cirurgião-chefe. Após ter sido reprovado nos exames de Direito na Universidade de Paris, começa em 1843 a escrever seus romances. Autor das obras: *A tentação de Santo Antônio*, em 1874, *A educação sentimental*, em 1869, entre outras. Em 1844, com epilepsia, isolava-se em um sítio e, em 1856, publica *Madame Bovary*, seu romance mais conhecido.

jovem sobre suas inquietações amorosas. A natureza, longe de ser um apoio para essa jovem, age para ser exatamente o contrário: reavivar seu sofrimento.

Uma indagação exige ser feita: nos romances que antecederam as obras de Rousseau e Flaubert, há menção à palavra “adolescente”? Certamente, não! Se nos reportamos às narrativas medievais, depreendemos nos romances as denominações pajens, escudeiros, aprendizes e estudantes, todos considerados crianças.



Mais uma vez faremos uma “visita” ao livro de Philippe Ariès, *História social da criança e da família*, que apresenta uma interessante observação sobre a vida dos estudantes, que, até o século XVIII, eram inscritos na rubrica de idade infantil. Não importava a idade, pois até depois dos vinte anos o jovem estudante era considerado criança. Nas cortes, os príncipes eram considerados crianças até o momento de assumirem o trono. No meio rural, os jovens eram considerados crianças até os dezoito anos. Ainda hoje temos os resquícios dessa postura, basta que pensemos nos hospitais de crianças que recebem jovens de até quinze anos.

Nos romances de iniciação da adolescência, ou seja, os que situam o nascimento das ardentes paixões, encontramos a amizade como um afeto primordial, e não necessariamente o amor. Esse tipo de amizade muitas vezes mostra-se mais intenso do que os laços com fins de amor conjugal. Trata-se de uma espécie de afeição apaixonada pelo semelhante, vivida de forma platônica, mas muito ambígua, pois ainda estão presentes resquícios de amor pelos pais trazidos da infância.

O amor das crianças tem como objeto os próprios pais, em um primeiro momento. Em seguida, esse amor é expandido a outras pessoas além das figuras parentais. Em ambos os casos, temos um amor idealizado, pois não há nesses enlaçamentos amorosos quaisquer atos de realização concreta.

Um vestígio desse amor idealizado da vida infantil se mantém na adolescência, na amizade, ou seja, trata-se de uma paixão por alguém a quem a sexualidade é considerada. Quer dizer, há o amor, mas não é esboçado qualquer projeto que inclua atos sexuais em relação a ele. A experiência desse amor é algo confuso para o adolescente, uma vez que, sendo habitado pelas inquietações do deus do amor, não faz plano de consumação desse amor em termos concretos.

A persistência de traços do amor infantil pode causar uma defasagem em relação à possibilidade de o adolescente pôr em prática seu amor em termos concretos. Por isso vive um amor platônico muito intenso. Eis algo que muito se assemelha ao tempo do amor romanceado, repleto de ansiedade para o adolescente. Como encontrar uma saída para tal situação? Essa difícil encruzilhada é vivida de forma intensa pelo adolescente, com dúvida quanto aos sentimentos que se confundem: a amizade e o amor.

Nas sociedades antigas, havia rituais de iniciação, em espaços públicos, que indicavam o momento em que a amizade seria separada do amor. Esses rituais tinham como finalidade pôr fim ao isolamento do adolescente, indicar a chegada da vida adulta com a diferenciação entre amizade e amor, apresentar ao jovem o universo da sexualidade e integrá-lo no contexto social.

A época de iniciação era estabelecida segundo costumes e critérios de cada grupo cultural, ou seja, a idade de iniciação era o momento em que, para o jovem rapaz, ficariam evidentes os atributos de virilidade para poder casar-se, partir para a guerra, caçar ou ater-se à agricultura. A idade para assumir essas atividades era estabelecida pela sociedade, mas nunca antes dos doze anos. Certamente, a escolha da idade devia-se a motivos econômicos, importantes na manutenção e estruturação de uma dada sociedade. Por isso, esses ritos poderiam ser realizados mais cedo ou mais tarde.

Há um aspecto a ser considerado nos rituais de iniciação. Geralmente são acontecimentos que indicam um deslocamento de espaço, o que sugere o desenraizamento ou o enclausuramento, que desencadeiam a crise que liberta o jovem das amarras do mundo infantil. Tanto o afastamento do convívio com a família para férias ou tratamento de saúde quanto o isolamento em internatos propiciam, de certo modo, a iniciação. Sendo assim, a adolescência é vivida ao mesmo tempo como exílio e iniciação.

Podemos traçar um paralelo com a situação do recém-nascido. Se ele exprime a verdade do futuro da criança, a situação de exílio do adolescente e a saída dessa situação exprimem o futuro do adulto. Quer dizer, da mesma forma que a criança é portadora de uma verdade, o adolescente também o é.

Enfim, considerando o panorama do século XX, mais precisamente o marco histórico da Segunda Guerra Mundial, que sepultou

definitivamente os marcos conceituais remanescentes do século XIX, no que diz respeito ao caráter romanceado da adolescência, observa-se uma mudança significativa na visão dos escritores. Na primeira metade desse século, a adolescência era descrita em termos de uma crise subjetiva, marcada pela revolta contra os pais e contra as opressões da sociedade, na alimentação do sonho de que era preciso tornarem-se adultos para transformar o mundo. Depois dos anos 1950, a adolescência aparece, nos compêndios, como um estado e não mais como uma crise, sendo institucionalizada como uma experiência de vida que exige uma mudança obrigatória de conscientização frente ao gerenciamento da vida.

A amizade e o amor na adolescência

A incursão que fizemos na literatura e nas narrativas míticas evidenciou que o vínculo de amizade entre os adolescentes é muito mais forte do que o amor. Isso porque a amizade é pautada na cumplicidade e na confiança, a ponto de muitos sofrerem pela chamada “traição” de um amigo ou amiga. A amizade entre jovens de mesmo sexo é a polaridade de uma vertente da vida amorosa de natureza homossexual. Não estamos aludindo ao ato sexual próprio da orientação homossexual e sim a uma corrente da vida psíquica voltada para os vínculos afetivos.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Nesta atividade, você terá de refletir e tecer considerações sobre um aspecto da adolescência.

Como vimos no percurso realizado sobre a adolescência nas passagens literárias e míticas, entre outras, duas características aparecem com frequência:

- a) a ideia de que a adolescência é um período turbulento da vida;
- b) o adolescente ser considerado como criança.

Há ainda um outro aspecto que merece destaque: a ideia de impossibilidade, renúncia e tragédia relacionadas ao amor adolescente e à prática de oferendas de jovens aos deuses por meio de sacrifícios. Na Antiguidade e na Idade Média, o sacrifício era a doação, pelos pais, de seus filhos aos deuses.

A seguir, apresentamos alguns aspectos da atualidade a serem considerados para que você estabeleça uma comparação com essa prática antiga:

- O jovem na atualidade, nos grandes centros urbanos, adere com muita facilidade ao mundo das drogas.
- As estatísticas apontam um alto índice de prostituição na infância e na adolescência.

- É grande o número de adolescentes que são cooptados nos grandes centros por organizações criminosas, como o narcotráfico.
- Os esportes radicais atraem muitos jovens, causando, às vezes, danos irreparáveis.

Agora, responda:

2.a. Esses pontos listados podem ser considerados formas de sacrifício, já que muitas vezes colocam em risco a própria vida? Por quê?

2.b. Se outrora o sacrifício era dirigido às divindades, a quem se destinam os “sacrifícios” praticados pelos jovens na atualidade?

RESPOSTA COMENTADA

2.a. Sim, pois muitas circunstâncias produzem fatalidades que ceifam vidas de jovens ainda no frescor de suas juventudes. Não é um ritual de sacrifício determinado em termos de crenças com oferendas para aplacar fúrias dos deuses ou para agradecer uma graça recebida. Certamente, a exposição dos jovens a esses universos tira deles a possibilidade de uma elaboração de seus conflitos, além do que etapas da vida são queimadas pela convivência com o mundo dos adultos e com “atividades” em relação às quais se espera que haja, minimamente, condições psíquicas para se tomar uma decisão.

2.b. Na atualidade, o sacrifício é realizado em nome de um “deus” obscuro que pode ser encarnado no fascínio pelo poder, na escalada do consumo, no individualismo exacerbado e na defesa contra as organizações que propalam a maldade; o que há de novo é que não são os pais que oferecem seus filhos ao sacrifício, mas a adesão por decisão própria às engrenagens que trazem o odor fétido da morte e da destruição.

O UNIVERSO MÍTICO DA ETERNA JUVENTUDE

Onde o homem busca alimentar seus sonhos de imortalidade? Antes mesmo de começar a refletir sobre essa questão, tentaremos rastrear algumas circunstâncias que também são fontes de preocupação e angústia. Como o homem se posiciona ante o enigma que envolve a morte e, especificamente, a morte da infância e o inebriar próprio da adolescência?

Bom, seria um começo afirmar que o sonho de imortalidade foi projetado para os mitos. A mitologia não só sustenta o sonho humano de imortalidade como fornece todas as respostas sobre o território sombrio para o qual o homem é encaminhado após a morte. Além disso, a mitologia inventou todas as cenas simbólicas, desde a iniciação da criança até a adolescência, com mitos que povoam o imaginário do homem. Apesar do transcorrer dos tempos, os mitos mudaram muito pouco, tendo apenas sido alvo de imagens populares e estereótipos, como a beleza de Adônis e o rapto de Prosérpina.



Adônis

Adônis era um jovem de grande beleza, nascido das relações incestuosas que o rei Cíniras, de Chipre, manteve com a sua filha Mirra. Despertou o amor de Perséfone e de Afrodite, que passaram a disputar a companhia do menino, tendo de se submeter à sentença de Zeus: o menino deveria passar um terço

do ano com cada uma delas. Mas Adônis, que preferia Afrodite, permanecia com ela também o terço restante. A deusa grega Afrodite, do amor e da beleza sensual, apaixonou-se por ele. No entanto, o deus Ares, da guerra, amante de Afrodite, ao saber da traição da deusa, decide atacar Adônis enviando um javali para matá-lo. O animal desferiu um golpe fatal na anca de Adônis, tendo o sangue que jorrou transformado-se em uma anêmona. Afrodite, que corria por entre as silvas para socorrer o seu amante, feriu-se e o sangue que lhe escorria das feridas tingiu as rosas brancas de vermelho.



Prosérpina

Prosérpina, correspondente na Grécia a Perséfone, era filha de Zeus com Demetra, uma das mais belas deusas da mitologia romana. Enquanto colhia flores, foi raptada por Hades, que fê-la sua esposa. A mãe dela, desesperada, foi tomada por uma fúria, destruindo todas as colheitas. A pedido de Zeus, Demetra concordou em devolver a vida às plantas, mas exigiu que Hades lhe restituísse a filha. Por um ardil de Hades, Prosérpina havia comido um bago de romã, e por isso não poderia abandonar a escuridão de forma definitiva. A solução

para tal impasse foi a seguinte: Proserpina passaria metade do ano, no inverno, debaixo da terra na companhia do marido, quando Demetra, na triste solidão, deixa morrer as plantas, e a outra metade do ano, no verão, na superfície em companhia da mãe, quando a natureza renasce, fruto da alegria de Demetra.

Beleza e juventude são temas que não faltam na mitologia. Os gregos intuíram, de forma genial, uma deusa da juventude que corresponde à projeção dos sonhos do homem na passagem do envelhecimento para a morte, mas em um projeto de aspirar à imortalidade. Nos referimos a Hebe, que serve ambrosia e bebidas aos convidados do Olimpo em taças de ouro para proporcionar-lhes a eterna juventude. Filha de Hera, esposa de Zeus, Hebe é a tentativa de Hera conservar nela a imagem da jovem que foi.

Convém, a esta altura de nossas reflexões, destacar uma particularidade da mitologia grega: de um lado, temos o mito da eterna juventude que vence a morte e, de outro, o mito da efêmera juventude em sua proximidade com a morte. Eis o que depreendemos nos mitos de Prosérpina e de Adônis. Será que podemos traçar um paralelo com as questões da adolescência, em termos da morte da infância e do sonho de juventude que atravessa a vida?

Voltando ao campo dos mitos, o belo Adônis foi vítima de morte prematura devido a um acidente na caça, que pôs fim a uma vida brilhante. Segundo a narrativa mítica, Adônis morreu virgem. Prosérpina foi arrancada de sua adolescência terrestre por um rapto seguido de estupro. O desfecho para as duas tragédias é que Adônis continua vagando em um mundo invisível, enquanto que Prosérpina desce ao reino dos mortos. Eis o fruto da imaginação humana sobre as potencialidades do desenvolvimento psíquico. Podemos mesmo admitir que esses dois mitos sugerem

a dimensão da potencialidade eterna. Não obstante, essa dimensão deve ser analisada em associação com seus contrários: ao lado das divindades imortais, existem aquelas que conheceram o fim, de forma muito precoce e em circunstâncias trágicas, como Adônis e Prosérpina.

Prosérpina, ao ser raptada, foi violada e transformada em esposa de Hades. Eis um dos pontos sobre o qual podemos refletir, especialmente em relação ao encontro dos temas adolescência e morte, ou seja, morte e adolescente são temas que guardam consigo uma certa intimidade: Adônis, primeiro filho de Afrodite, filho do amor, morrerá muito antes de ter perdido o amor da infância, ou seja, tornou-se a eterna criança, tendo sido morto no momento em que todos os atributos de harmonia e beleza encontravam-se à flor da pele. Mas há, na própria mitologia, um movimento de recompensa para afastar a realidade da morte adolescente, quer dizer, na juventude ceifada no desabrochar da idade constrói-se uma imagem infantil do amor. Há, na morte de Adônis, a relação com o ciúme, visto que aquela que o admirava era cobiçada por aquele que manda matá-lo.

A morte de adolescente por ciúme aparece também em uma narrativa mítica com o extermínio de doze crianças, mas nesse caso é a rivalidade do adulto com o adolescente o fator determinante. Conta a lenda que Apolo e Artemis mataram os doze filhos de Níobe. Essa narrativa mítica nos faz refletir sobre a aproximação entre a adolescência e a temática da morte. Níobe tem seis rapazes e seis moças, todos adolescentes iguais a Adônis e Prosérpina. Todos têm beleza, dons e inteligência admiráveis, o que afronta Apolo e Artemis por não suportarem conviver com a existência de seres que tenham esses atributos. Pelo despeito à perfeição adolescente encarnada nesses jovens, e temendo florescer uma sucessão de jovens belos, Apolo e Artemis decidem manter o monopólio absoluto da beleza, eliminando todo e qualquer vestígio dos filhos de Níobe. Apolo mata os rapazes, enquanto que Artemis, deusa da caça, ocupa-se das moças.

O que extraímos dessa narrativa mítica para estudar o sonho da eterna juventude? Em princípio, temos, de um lado, a prepotência do adulto, tanto no homem como na mulher, que não se dispõe a tolerar a beleza e a graça da juventude, pois já as perdeu. Gostaria de tê-las ainda, mas sabe que isso é impossível. Por outro lado, o genocídio mítico dos jovens dessa lenda pode ser interpretado como a revolta do homem e da mulher.

O motivo dessa revolta está no próprio convívio com seus filhos belos e jovens, na condição de rivais invencíveis, ou seja, os pais sabem que as chances de disputa com os filhos no quesito beleza e jovialidade é uma empreitada complicada. Em termos de competição, geralmente, os pais são os perdedores.

Da conjunção do tema da morte com a adolescência, deduzimos que a morte de Adônis retrata o que há de efêmero na juventude e na beleza do adolescente, enquanto que o massacre dos filhos de Níobe é revelador do medo dos adultos ante o talento e os dons da juventude. Em ambos os casos, não são os pais os assassinos dos jovens, mas aqueles que deles estão muito próximos, imbuídos da tarefa de monopolizar o amor e a sedução.

Quanto ao rapto de Prosérpina, há um aspecto a assinalar: um adulto, Hades, substitui a tutela paterna dessa jovem, mas em um desfecho conciliatório, pois ela é devolvida à Terra-Mãe para que seja possível a realização da primavera da idade. Disso podemos concluir que é preciso que o adulto dominador devolva o adolescente à sua liberdade, pois mantê-lo prisioneiro é o caminho da não realização. Eis a sabedoria que extraímos do mito que condena o rapto de adolescentes e o aprisionamento à infância.

A devolução da liberdade significa a supressão do possível refúgio à infância. A descida aos infernos de Prosérpina pode ser considerada a metáfora da violência que a jovem experimenta ao perder sua virgindade: o mito abre o pórtico para se refletir sobre o rapto e a violação, que são inerentes ao projeto de vida conjugal. Em certo sentido, a adolescente em idade de procriação somente se torna mulher se for violada: eis o ingresso à vida de mulher que acontece por intermédio de uma ruptura brutal.

Se analisarmos essas narrativas míticas, vamos encontrar duas acepções para a mulher: em um caso, vítima, e em outro, dominadora. Na Antiguidade, esses dois extremos faziam parte do universo feminino.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 3

Nesta atividade, pretendemos ousar recorrendo a duas estrofes da poesia “Eros e Psique”, de Fernando Pessoa, para refletir sobre o universo da construção dos mitos na adolescência. Por isso, solicitamos que nos acompanhe na leitura, com entusiasmo, para nos deliciarmos com as belas palavras nascidas sob a pena do grande poeta.

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

...

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

3. Viajando pelas belas imagens criadas pelo poeta, podemos dizer que “a princesa adormecida” é a metáfora do amor a ser despertado na adolescência pelo encontro com alguém fora do círculo familiar? Por quê?

COMENTÁRIO

Sem dúvida, podemos traçar um paralelo entre o estado de adormecimento da princesa e o amor que, com a morte do amor infantil, deve ser despertado, não mais em termos de amizade e sim da polarização da afetividade em termos eróticos. Quer dizer, o amor infantil põe o ser em um estado de sono do qual deve ser despertado pelos ruídos produzidos pelo deus do amor, Eros, mas em um despertar que descortina a experiência afetiva fora do campo da idealização, conforme acontece no amor infantil e na amizade.

CONVIVENDO COM OS HERÓIS

Antes que o século XX fizesse nascer a ideologia revolucionária, com seus guerrilheiros, astros da música e do cinema e ases do esporte, quem eram os heróis da juventude? O que povoava a imaginação dos jovens ou, quais

eram os modelos a serem imitados? De uma coisa estamos certos: a história registra que os grandes viajantes, bandeirantes, navegadores e exploradores vieram a ocupar o lugar do qual faziam parte os chefes guerreiros. Mas esse é o cenário que se transformou quase no ocaso da Idade Média. A Era Moderna apresentou ao mundo cientistas que se tornaram ídolos, talvez não modelos a serem imitados, mas figuras revolucionárias como Galileu, Newton, Darwin e Freud, entre tantos outros.

Mas as transformações culturais, que produziram os modelos a serem imitados pelos jovens, têm marcações históricas com personagens produzidos em cada época. Vamos observar o seguinte quadro comparativo, extraído do livro *A causa dos adolescentes*, de Françoise Dolto. São personagens que eram modelos propostos para a juventude, em uma época que conheceu seu zênite, isto é, seu apogeu, com a cavalaria.

Modelos da juventude

Quadro 5.1: Heróis e mitos da juventude em diferentes eras

Idade Média	Renascimento Século XVIII	Século XIX até 1950	1960-1980	Final do século XX
Tempo dos heróis	Tempo dos mestres	Tempo dos timoneiros	Tempo dos ídolos	Crepúsculo dos deuses
Identificação com a cavalaria	Sábios	Chefes de guerra	Astros jovens	O grupo como substituto do pai
Conquistadores	Grandes navegadores e exploradores	Defensores da liberdade	Chefes do bando	Grupos de mesma faixa etária
Rituais de iniciação	Aprendizados	Fim dos aprendizados	Nem Deus nem mestres	Fim das ideologias
Conluio, poder e mística	Oposição, poder e consciência	Fim da república dos professores	Retorno do narcisismo	Culto ao ajuntamento
Cruzadas e mártires	Gênios	Revolucionários	Estetas e falsos profetas	Associações humanitárias; Grandes causas

Fonte: Dolto (1990, p. 52).

As viagens, as jornadas dos cavaleiros nas Cruzadas e dos exploradores nas expedições, que visavam desbravar solos, devem ser consideradas uma faceta positiva, a conquista, mas tendo também seu

lado negativo: a condição de exílio pela deportação para as colônias, que resultaram da apropriação dos países do Primeiro Mundo em nome de descoberta e de progresso.

Expedições

As expedições eram a modalidade de domínio dos países ditos civilizados sobre a parte do planeta que era denominada primitiva. Tinham como propósito o enriquecimento do território nacional, tanto do ponto de vista econômico, pela exploração de riquezas, quanto pelo confisco de tesouros de arte, conforme pode ser observado nos grandes museus do mundo civilizado que montaram seus acervos, em grande parte, saqueando os bens artísticos de outros povos, principalmente em se tratando de esculturas.

Com a emergência da Ciência na Era Moderna, as formas tradicionais de colonização entram em declínio para serem realizadas em outras matrizes. Essa mudança reflete-se significativamente na construção dos modelos para a juventude.

Com a revolução francesa e o ideal libertário-igualitário em nome da fraternidade, assiste-se ao crepúsculo dos deuses muito antes da derrocada das ideologias e também do fim da relação mestre e aprendiz de um ofício, certamente pelo fato de uma das propostas dessa revolução pôr fim ao aprendizado manual para dar lugar à instrução obrigatória. Também sofre grande declínio a habilidade de domínio corporal, necessária aos cavaleiros.

É nesse momento que o mundo assiste à aurora dos ídolos, mas em um cenário que tem uma potente máquina que os tritura sem deixar vestígios, conforme acontece no século XX, salvo raras exceções. Isso quer dizer que não existem mais modelos que povoam o imaginário do homem de forma duradoura, tudo é efêmero. Além disso, os ídolos são idolatrados apenas pelo que fazem, mas não como modelos buscados para serem imitados. Os ídolos são consumidos segundo as regras que ditam o que deve estar em vigor. Ademais, caem simultaneamente as figuras dos deuses e dos mestres. Mas é interessante observar que as seitas proliferaram nas três últimas décadas do século XX, para servirem de suporte àqueles mais fracos que ainda buscam ser amparados nas forças divinas. Essas seitas apresentam uma figura forte, que é seguida como um apoio para a vida a qualquer preço. Basta que lembremos do triste episódio na

Guiana, nos final dos anos 1970, orquestrado pelo pastor Jim Jones, que conseguiu induzir novecentas pessoas ao suicídio coletivo.

James Warren "Jim" Jones, nascido em Indiana, nos Estados Unidos, no ano de 1931 e falecido em 1978, foi pastor evangélico e fundador da igreja Templo do Povo. Criou uma comunidade na selva da Guiana com 900 pessoas. Após denúncias de que a comunidade era uma prisão, onde muitos seguidores foram vítimas de abusos, houve uma investigação que não conseguiu ser totalmente concluída nem evitar o desfecho fatal do suicídio em massa, por envenenamento, no dia 18 de novembro de 1978, na comunidade agrícola chamada Jonestown. Jim Jones foi encontrado morto com um ferimento de bala na cabeça junto a outros 909 corpos. Há um registro do suicídio coletivo com terríveis evidências documentadas em vídeos e fotos.

Queremos fazer uma ressalva de que o fenômeno de adesão às seitas faz parte de um projeto coletivo e não de uma escolha individual. Geralmente as pessoas que acreditam estar tomando decisões são muitas vezes cooptadas por correntes poderosas com promessas de felicidade e bem-estar. Há um trabalho de disputa de seguidores, que é realizado com muita eficácia, especialmente no cenário da época em que vivemos, onde não há mais a tradição de contato entre mestres, pensadores e cientistas, de um lado, e leitores, aprendizes e admiradores, de outro.

Até a segunda metade do século XX, quando havia a admiração de um estudante por um escritor, era comum o encontro de ambos, principalmente nas sessões de autógrafos. Atualmente, no início do século XXI, vemos as notícias divulgadas pela televisão de que um livro conheceu a cifra de milhares de exemplares vendidos, sem muito destaque para o escritor, pois o que faz aparecer o escritor é o sucesso de vendas do livro.

Mudança similar aconteceu também no contato com os gurus, sábios e mestres, entre outros, que não tinham qualquer representação em termos de ídolos coletivos. Na atualidade, o que se observa são jovens ingênuos e desarmados, que sucumbem às promessas messiânicas de um agente de uma seita difundida em nome da coletividade universal. Esses jovens não conquistam nenhum tipo de sabedoria com esse agente, mas são escravizados e transformados em um exército, construído a partir da difusão de um ideal da promessa de salvação.

O panorama da situação que faz parte das nossas vivências no século XX é bastante sombrio, seja pelo crepúsculo dos deuses, seja pela derrocada das ideologias. Quando o homem se engaja em uma seita com promessa de salvação, vincula-se muito mais àquele que faz a pregação do que à divindade a qual a pregação é referida. Podemos pensar nesses condutores de seitas como modelos para a juventude? Deixo a você o encargo de refletir sobre essa difícil questão.

CONCLUSÃO

Tratamos nesta aula do marco que representou a abordagem científica da adolescência que ocorreu no século XX, situando o ponto de partida para os estudos calcados em observações de campo e não apenas nos estudos realizados em gabinetes, e também os três encaminhamentos pelos quais o adolescente e, em um sentido mais amplo, o homem, edifica seus sonhos de eterna juventude.

Encontramos na literatura personagens que representam o projeto de uma adolescência eterna marcada pela juventude, quase como uma tentativa de evitar, a qualquer preço, o envelhecer. O universo da produção literária nos mostra a maneira como a adolescência foi romanceada pela escrita de pensadores que se ocuparam do tema. Nos romances, a adolescência é descrita como um momento de vida transitório, cheio de ocorrências, sendo que em muitas delas é ressaltado um caráter negativo, como: turbulência, tormento e angústia.

A importância da abordagem da adolescência nesses romances consiste no fato de que já havia a compreensão de que esta etapa da vida não é a mera continuidade da infância, tampouco um adulto ainda despreparado, mas sim uma etapa com características próprias.

O sonho de eterna juventude é típico da adolescência, mas o homem, durante sua vida, dele não abre mão, pois estar jovem é a alentadora ilusão de que a morte está muito distante. Mas isso é muito mais a vontade do homem do que propriamente o que acontece: jovens e crianças também morrem, ou seja, a morte não é exclusiva de uma dada etapa da vida.

Para dar suporte a essa esperança de eterna juventude, o homem produziu vários recursos como, no campo da ciência, a cirurgia estética, as academias de ginástica e outros meios de rejuvenescimento, como a

ingestão de vitaminas, sais minerais e dietas alimentares. Esse pode ser considerado o âmbito das ocorrências do século XX, devido ao imenso progresso em razão das grandes descobertas científicas, especialmente no campo da Biologia. Mas sabemos que a ânsia por uma eterna juventude é tão antiga quanto a história da humanidade, pois encontramos vestígios dessa preocupação nas construções dos mitos. Por essa razão, fizemos uma remissão à Mitologia, com o propósito de observar o estatuto da adolescência tanto em termos das consequências para o próprio sujeito quanto em termos das repercussões para os adultos.

Na Mitologia, a adolescência é caracterizada como algo incômodo para os adultos, seja pela beleza, seja por retratar um momento já vivido, porém impossível de ser retomado. Daí as narrativas míticas conterem o tema da morte de forma constante. O incômodo dos adultos com os adolescentes que culminava na morte destes últimos pode também ser pensado como uma maneira de eternizá-los jovens.

Na condição em que o adulto mata o adolescente para livrar-se de um rival belo, temos a posição de luto do adulto diante de sua própria adolescência, já soterrada em anos longínquos de sua vida. Quer dizer, em ambos os casos, seja na morte do adolescente e na impossibilidade de recuperar a própria adolescência, estamos diante de uma situação de perda, ou seja, da mesma forma que o adolescente perde algo da infância, o adulto diante do adolescente não tem como evitar a perda de sua própria adolescência.

O que dizer dos heróis que povoam a imaginação dos adolescentes? Os heróis servem de modelos ao adolescente. Realizando um percurso na História, constata-se que cada época produziu um tipo de personagem, que geralmente era seguido pelos adolescentes. Evidenciamos igualmente que a relação do adolescente com esses heróis pode ter consequências positivas e negativas.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 3 e 4

Nesta atividade, você pode comparar as alternativas de sonhos para a manutenção da juventude apresentadas em diferentes campos da produção humana com os métodos científicos e práticas alternativas utilizadas no século XX.

A partir das concepções expostas nos tópicos desta aula e da leitura atenta dos textos seguintes, responda às perguntas.

ETERNA JUVENTUDE

Extrato 1

Eu, Coruja Angélica, quero conversar um pouquinho sobre a tão desejada Juventude Eterna, ou Eterna Juventude. Tenho escutado falar em técnicas e mais técnicas de como se deve fazer para ser próspero, em como todos podem ser felizes, do mesmo modo de como as técnicas do poder do pensamento positivo, agora tão em voga no momento, em razão do filme e do livro *O segredo*, podem atrair tudo o que se deseja, pela lei da atração. Algumas pessoas alegam até ficar anos mais jovem, fazendo exercícios diários de meditação e reflexão; outros, ainda, se dedicam às atividades físicas como yoga, tai-chi-chuan etc.

Extrato 2

Em todas as épocas, homens e mulheres estiveram querendo encontrar a cidade mágica, Shangri-lá, onde, se diz, existe a Juventude Eterna. Pois bem, depois de muito ouvir tantas técnicas e tantas maneiras de encontrar o caminho da felicidade e da eterna juventude, não posso deixar de lembrar de uma jovem senhora, ou senhora jovem, como queiram, de 88 anos, natural da Estônia, que veio para o Brasil há mais de 70 anos, com seus três irmãos menores e seus pais. Sua família havia resolvido vir para a América do Sul, em razão da procura de mão de obra pelo governo brasileiro, na época, e porque eles necessitavam sair da extrema pobreza em que viviam em seu país de origem. Não será aqui necessário contar todo o drama e dificuldades de toda ordem que aquela família foi forçada a viver. Tudo muito difícil, o idioma, a falta de dinheiro, a falta de casa para morarem, a falta de trabalho, enfim, a falta de tudo. Mas é bom ressaltar tudo isso, para mostrar que as dificuldades da vida estão muito longe de ser as causadoras do envelhecimento das pessoas. A senhora em questão, aos 88 anos, mostra-se jovem, com fisionomia alegre e radiante, olhos muito azuis e felizes, face sempre rosada e saudável, corpo esbelto e elegante, sem estrias nem celulites. Foi porque se cuidou? Não. E não, porque nunca teve tempo para se preocupar com sua aparência, e sempre manteve o mesmo ritmo dentro da vaidade feminina, ou seja, nunca foi ao cabeleireiro, nunca frequentou academias ou fez ginástica, nunca pintou os cabelos. Levantava-se sempre às 5 da manhã, mal tinha tempo para si mesma, pois existia o compromisso maior, que era a responsabilidade de contribuir com as despesas da casa, ajudando os pais a criarem os irmãos. Não se casou,

porque não houve tempo para namorar ou mesmo passear com amigas, nos vários locais onde poderia ter conhecido alguém. E, no entanto, esta incrível senhora, autodidata, apresenta-se aos 88 anos de idade, jovem e bonita, e muito saudável.

Extrato 3

Tenho ouvido muitas outras histórias semelhantes, cujas personagens mostram os mesmos traços de juventude estampados nas faces e nos corpos. E qual seria o segredo? Bem, amigos, o segredo que pude observar nas várias pessoas com o mesmo perfil de vida, é um só: a consciência tranquila pelo dever cumprido. Trata-se mesmo de pessoas cujos comportamentos diante da família e da sociedade atingem a quase perfeição. Quer dizer, são pessoas dotadas de bondade, de generosidade, de humildade e, sobretudo, de um alto senso de responsabilidade com os compromissos assumidos. Então, estas maravilhosas pessoas, após um longo dia de trabalho, aliás, para elas, o trabalho é sempre prazeroso, voltam a seus lares, compartilham com a família todo o ocorrido durante o dia, dão atenção aos familiares, vivendo em perfeita harmonia e alegria.

Coruja Angélica

Publicação: www.paralerepensar.com.br 7/2/2008, acessado em 1/8/2009.

1. As saídas para a manutenção do sonho de eterna juventude modificaram-se no decorrer da história das civilizações?
2. Há, ainda, lugar para as construções romanceadas da adolescência no cenário do século XXI?
3. O que aconteceu com os heróis que serviam de modelos para os adolescentes?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. *O sonho da juventude eterna mantém-se na atualidade em bases completamente diferentes das que outrora, embora a questão ligada ao corpo jovem ainda seja uma grande preocupação, se não a maior delas. Dificilmente as pessoas, homens e mulheres, aceitam o estado de envelhecimento do corpo, principalmente as de maior poder aquisitivo. Mas, analisando o exemplo do extrato 2, vemos uma outra saída para a manutenção da eterna juventude de cunho subjetivo, ou seja, a preocupação com aspectos de natureza espiritual.*
2. *Provavelmente, o cenário atual oferece condições para que possamos pensar em romances da adolescência, como nas telenovelas, seriados e revistas.*
3. *Se tomarmos como exemplo a passagem da música "Ideologia" de Cazuza, "meus heróis morreram de overdose e meus inimigos estão no poder", temos o retrato do que seriam os modelos para os adolescentes na atualidade. Certamente houve mudanças significativas de personagens, mas fundamentalmente o desaparecimento da figura do herói. É interessante observar que atualmente o que ocorre é a adesão aos hábitos de consumo das celebridades, não havendo mais lugar para o herói.*

RESUMO

A abordagem científica de Stanley Hall foi fundamental para o que hoje é conhecido por Psicologia da Adolescência. Este estudioso teve uma expressiva contribuição no olhar da sociedade para o adolescente. A análise das produções culturais e artísticas é também de grande contribuição para o entendimento e a percepção que a civilização humana, ao longo dos tempos, produziu acerca da adolescência e da juventude. Na Mitologia podemos perceber o esforço da humanidade na preservação da juventude, bem como a ameaça que o jovem representa para o adulto em termos de potência e beleza. Nas produções literárias,

o tema é abordado tanto no sentido de retratar a eterna juventude, como nos desfechos trágicos de relacionamentos marcados pelo amor. Além disso, vimos que cada época produziu um herói a ser seguido. Embora mudem os heróis, a relação dos adolescentes com eles é bastante parecida. Nesse sentido, se quisermos traçar uma história da adolescência, temos de recorrer às personagens criadas pela (as): imaginação de poetas e literatos; criações do universo da mitologia; construção de heróis que têm relação com o cenário de determinadas épocas; e, enfim, as construções do imaginário social.

Adotando diferentes estilos de conduta para enfrentar a vida

Francisco Ramos de Farias

AULA

6

Meta da aula

Apresentar os diferentes estilos de conduta adotados pelos jovens para atravessar as crises da adolescência.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. analisar as soluções que os adolescentes adotam diante das dificuldades relativas às mudanças que surgem com a puberdade;
2. explicar a causa do silêncio do adolescente e a importância de sua compreensão por parte da família;
3. identificar as características da timidez e suas consequências para o adolescente e para aqueles de sua convivência;
4. definir a intransigência como expressão da vulnerabilidade não aceita pelo jovem;
5. distinguir as diferenças entre as atitudes de desinteresse e de instabilidade presentes na adolescência.

INTRODUÇÃO

Você já fez uma retrospectiva de sua vida? Pensou nos difíceis momentos que atravessou na sua infância e adolescência? Se não, faço a você o convite para refletir sobre as dificuldades que o adolescente enfrenta em decorrência de suas mudanças corpóreas e psíquicas, tentando encontrar explicações para si mesmo.

Geralmente, quando nos permitimos um exercício dessa natureza, as lembranças do nosso passado não nos deixam mentir, tanto sobre as alegrias quanto as tristezas já vividas. Imaginemos a situação do adolescente diante da infância que acaba de enterrar. Em princípio, não consegue sequer entender o que lhe aconteceu. Por ter acabado de deixar para trás a criança que um dia foi, não consegue explicar aos demais as novidades que a adolescência apresenta.

Além disso, as pessoas da família, que estavam acostumadas com uma criança, deparam-se repentinamente com um ser “estranho”, diferente do habitual (tanto na aparência quanto nas atitudes). Os costumes, até então familiares, passam a ações desconhecidas, causando desconforto e estranhamento. A que se deve esse desencontro? Conforme esboçamos na nossa primeira aula, é o resultado do conflito de gerações, ou mais precisamente da ruptura de tradições. Explicando melhor, a criança segue as tradições familiares sem nenhum tipo de questionamento. O mesmo não acontece com o adolescente, que não apenas questiona-se constantemente, como também questiona o mundo a sua volta.

Nesta aula, será abordado o mundo subjetivo do adolescente, numa reflexão sobre determinadas circunstâncias que, nesta fase do desenvolvimento psíquico, são aparentemente normais. Refiro-me ao fato de o adolescente ruborizar-se diante de determinadas situações que o deixam constrangido, utilizar-se de certo fechamento sobre si mesmo como estratégia de ação em algumas circunstâncias difíceis, adotar a postura do silêncio como meio de comunicação, entregar-se à timidez, ser intransigente para afrontar os adultos, valer-se da instabilidade nas emoções (com bruscas alterações de humor) e do desinteresse de um modo geral.

Ao longo da aula, buscaremos as explicações existentes na literatura acerca dessas medidas utilizadas pelo adolescente como meios para enfrentar as dificuldades próprias dessa etapa do desenvolvimento psicológico. É nessa etapa que se apresentam as escolhas em relação à profissão e à orientação sexual, ou seja, o investimento em objetos amorosos. Além disso, a recente saída da infância exige que seja elaborada a posição de filho, de irmão, entre outros papéis sociais, além do “simples” ser criança.

O ENRUBESCE E O ENSIMESMAR-SE

Iniciemos com uma constatação nada agradável: estranha deselegância física essa que se apodera dos jovens quando ingressam na puberdade. Mais dos jovens do que das jovens. Como explicar tal fenômeno?

Em primeiro lugar, sabemos que há uma desarmonia de crescimento, ou seja, algumas partes do corpo aumentam desproporcionalmente em relação a outras, principalmente nos jovens do sexo masculino. Tudo parece indicar que há um crescimento descontínuo entre as partes do corpo, que, depois de pouco tempo, se ajustam.

Em segundo lugar, esse é o momento em que o jovem fica exposto aos demais, pois, em função desse crescimento desproporcional, é alvo de apelidos, expressão da crueldade de crianças e adolescentes. É interessante observar que as crianças são espontaneamente fraternais com os portadores de necessidades educacionais especiais, porém não perdoam os colegas que são, momentaneamente, atingidos por um determinado traço físico que foge ao padrão convencional, como tamanho das orelhas, do nariz, entre outros, como o gigantismo, a obesidade, a magreza. Essa prática é conhecida como **BULLYING**.



Elefante, um filme de Gus Van Sant, retrata uma situação baseada em um fato real, ocorrido em uma escola americana, em que uma vítima de *bullying* torna-se algoz.



Fonte: br.cinema.yahoo.com/filme/11435/foto/cartaz_aol/elefante

BULLYING

Termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo incapaz de se defender. Em suma, é a prática tão repetida por crianças e jovens no ambiente escolar caracterizada por atos hostis, que não só excluem mas também achincalham os outros indivíduos com traços físicos e mesmo psicológicos que se destacam no grupo.

ENRUBESCE

Transformação física definida como ruborização, especialmente na face, que ocorre a alguém quando se vê exposto a determinadas situações que lhe causem constrangimento ou vergonha diante de um grupo de pessoas.

ENSIMESMAR-SE

Concentração do sujeito em si mesmo, de forma acentuada, seguida de isolamento do mundo, que pode acontecer diante de momentos de tristeza, preocupação e expectativa.

Acreditamos que são os descompassos no processo de crescimento que levam o adolescente a adotar determinadas estratégias como o **ENRUBESCE** e o **ENSIMESMAR-SE**, entre outras, para enfrentar as situações da vida.

Começemos considerando o enrubescer, advertindo que esta situação nada tem de anormal, embora aquele que enrubesce possa se sentir incomodado. Trata-se de um fenômeno que aparece com frequência na adolescência, sendo a manifestação mais típica da puberdade.

O enrubescer, bem como a vergonha que acompanha esse estado, expressa apreensão, o que é muito comum na adolescência. Tem o significado de perda momentânea do controle das emoções, isto é, sensação de perda do controle interior. Muitas vezes, esse estado de apreensão é tão intenso que produz medo e rejeição de emoções. Como entender o aparecimento desses aspectos na adolescência?

Sem dúvida, estamos diante do reviver de situações da vida infantil relacionadas à perda de controle diante do olhar dos outros, quando uma intimidade corporal fica evidente. Assim, podemos compreender o medo e a rejeição decorrentes da apreensão intensa como o retorno às estratégias utilizadas na infância, das quais a criança lança mão como medidas de proteção diante de situações desconfortantes.

A estratégia de enrubescimento na adolescência não deve ser utilizada para solucionar os impasses que o adolescente enfrenta diante de situações desconfortantes. Quer dizer, o adolescente não deve fazer do enrubescimento um elemento determinante de sua relação com os outros. Mas como conseguir isso? Acredita-se que quanto menor for a importância dada ao enrubescer, mais rápido essa estratégia desaparecerá. Caso não desapareça, o rubor pode transformar-se em um charme em vez de ser um entrave.

Já vimos que o adolescente ruboriza-se diante de situações novas que se referem às suas intimidades. Sabemos que temos nessa atitude o resquício do sentimento de vergonha, apresentado na infância pelos agentes educacionais. Além disso, há no adolescente, em razão de suas repentinas transformações, a sensação de que todos estão olhando para ele. Por isso, o enrubescer é motivo de vergonha, pois pode também significar sentir-se ridículo ou mesmo desenvolver uma desconfiança e sentir-se perseguido.

Estreitamente vinculado ao enrubescimento, porém em uma direção oposta, encontramos o ensimesmar-se. É uma situação bastante frequente na adolescência, que ocorre durante alguns momentos de tristeza e de certo isolamento das pessoas e do mundo.

Esses momentos em que o adolescente se volta para si mesmo devem ser considerados como um recurso importante na elaboração das dificuldades que enfrenta, tanto em relação às possibilidades de escolhas profissionais quanto à construção de suportes para assumir todas as responsabilidades da vida adulta. Por essa razão, o ensimesmar-se, dependendo do grau em que ocorre, é importante, pois auxilia o adolescente a superar os impasses próprios a essa etapa do desenvolvimento.



Deve-se ter bastante atenção com os adolescentes que não atravessam esses momentos de tristeza, pois a não expressão de tal sentimento pode significar que o adolescente acredita que os pais e as pessoas que os cercam são muito frágeis e não poderiam suportar vê-lo em tal situação. Pior que os adolescentes não expressarem essas dificuldades seria os pais abandoná-los em seu mal-estar. Mas por quê? Vamos refletir.

Em primeiro lugar, tudo aquilo que os adolescentes experimentam e expressam são mensagens dirigidas às pessoas de seu círculo familiar. E, se assim o é, não respondê-los consiste em deixá-los sozinhos diante de situações que, para eles próprios, são demasiadamente difíceis de elaborar sem a ajuda de pessoas nas quais têm confiança e segurança.

Em segundo lugar, a dramatização dos sentimentos expressa pelo adolescente deve ser compreendida como fruto do desconhecimento acerca de si próprio. Por isso, essa dramatização deve ser relativizada pela presença e ajuda das pessoas do círculo familiar, para que os estados de tristeza sejam bem passageiros.

Em terceiro lugar, devemos considerar que muitas vezes as emoções experimentadas pelo adolescente são difíceis de serem expressadas, além de serem repletas de sentimentos e desejos contraditórios. São essas contradições que devem ser consideradas no momento em que os adultos se apresentam na condição de ajuda para o adolescente, já que compreendem o mal-estar que está sendo vivido por ele. Aliás, os adultos

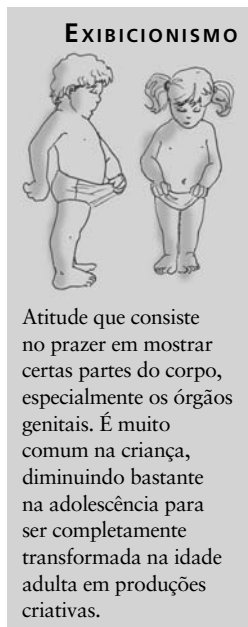
conhecem muito bem esse mal-estar, pois já passaram por isso e até o solucionaram. Como os adultos conhecem bem esse estado, o adolescente espera do adulto a ajuda para sair o mais rápido possível dessa situação e, por isso mesmo, as expectativas são muito grandes.

Existem situações que requerem mais atenção, principalmente quando o estado de tristeza é duradouro a ponto de se transformar em um sentimento permanente, ou ainda quando a tristeza do adolescente afeta as suas relações escolares e sociais, causando prejuízos na sua vida afetiva.



O estado de enimesmamento do adolescente pode culminar em condutas de risco, como acontece nas tentativas de suicídio, principalmente quando a tristeza aumenta de forma significativa. Invariavelmente, nessas situações de risco e de suicídio, as dificuldades da infância ainda se arrastam pela adolescência sem terem sido devidamente solucionadas.

O REAPARECIMENTO DO EXIBICIONISMO INFANTIL



O enrubescer pode, muitas vezes, estar diretamente relacionado a um fenômeno da vida infantil. É comum a criança fazer alguma coisa que, segundo expressam os pais e adultos, tem a finalidade de chamar a atenção para si. No entanto, o que os pais e os adultos talvez não saibam é que o objetivo da criança em tais situações consiste na vontade de ser olhada. Esse é o momento em que reina na criança uma acentuada vertente de exibicionismo. Essa nuance da vida infantil pode guardar seus vestígios, de modo que o adolescente revive, de forma acentuada, resquícios do exibicionismo infantil. Quer dizer, o enrubescer também pode ser uma estratégia utilizada pelo adolescente para ser olhado.

Na infância, as crianças atravessam um período no qual sentem muita curiosidade em olhar os órgãos genitais, primeiro dos adultos, depois essa atitude dirige-se às outras crianças e aos animais. Após a curiosidade pelos órgãos genitais, temos o aparecimento do exibicionismo, ou seja, a criança propositalmente expõe sua nudez, às vezes em público.

Na verdade, a primeira preocupação da criança é a investigação sobre a condição de as pessoas terem ou não órgãos genitais. Há uma vontade quase que incontrolável de ver corpos nus. Essa curiosidade transformar-se-á no futuro em vontade de saber, sendo um dos passos importantes na construção do conhecimento.

Uma vez encerrada parcialmente essa fase de preocupação, a criança então se entrega à atividade de exibição de seus órgãos genitais tanto para outras crianças quanto para adultos. Nesse momento, o andar nu pode ter o sentido de uma exibição. É então quando os princípios educacionais intervêm com a internalização das condições relacionadas ao pudor, geralmente a partir das observações e proibições proferidas pelos adultos, tanto na família quanto na escola.

A atitude exibicionista pode persistir na adolescência de duas maneiras: o jovem pode ter consciência de sua vontade de se mostrar e não ter maiores dificuldades nisso ou pode não ter noção dessa sua vontade. Nesse caso, não ter consciência da vontade de ser visto pode ocasionar situações de incômodo diante do olhar dos outros, resultando em mal-estar. Ao contrário, quando está ciente de sua vontade de ser olhado, o incômodo é minimizado e, então, o adolescente busca os meios de ser visto e apreciado como deseja, isto é, espera ser reconhecido e admirado por suas qualidades.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Nesta atividade, vamos refletir sobre dois aspectos normais da adolescência que evocam questionamentos do próprio adolescente e das pessoas de sua convivência. Analise a seguinte passagem, extraída do livro *Adolescência*, de Contardo Calligaris, e depois responda às questões propostas: Um adolescente, um pouco sem rumo, estranhando seu próprio comportamento, paradoxalmente desafiador e arrependido, para você na rua e fala: “Estou só passando por uma fase agora. Todo o mundo passa por fases, não é?” Alguém talvez reconheça sua voz. É Holden, o herói do romance *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger. Aproveitando-se da situação, atrás e ao lado dele se aglomeram pais e mães de adolescentes. Eles também perguntam: “Então, é assim? Vai passar? É só uma fase?” Resposta de bolso, caso Holden e os pais o parem na rua: “Não. Não é apenas uma fase. Por isso, nada garante que passe.” Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais.

a. O adolescente que é representado na passagem anterior expressa suas dificuldades com incerteza, procurando encontrar interlocutores que apoiem suas ideias. Qual o reflexo dessas preocupações nas pessoas que com ele convivem?

b. Que soluções são propostas para as dificuldades apresentadas?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. Como se pode observar na imagem construída pelo autor, as dúvidas expressas pelo adolescente repercutem também em seus pais. Os pais, como o adolescente, indagam-se sobre o que fazer ante as crises vividas nesse período de que estamos tratando. De certo modo, há nos pais o reflexo da ansiedade sentida pelo adolescente.

b. A proposta de solução apresentada pode assim ser configurada: em princípio, não deve ser negada a situação de tristeza, dúvida e incerteza do adolescente. Além de os pais reconhecerem as dificuldades do filho adolescente, devem encorajá-lo no sentido da produção, seja pelo estudo, trabalho, esporte ou outros meios. É fundamental que os pais entrem na luta para superar as dificuldades de seus filhos adolescentes, pois, como atravessam um período de vulnerabilidade, dificilmente encontrarão meios de solucionar sozinhos as dificuldades dessa etapa da vida.



ADOTANDO A POSTURA DO SILÊNCIO

O que fazer diante do silêncio dos adolescentes? Como explicar aos pais que o silêncio de seus filhos, nesta etapa da vida, é um acontecimento mais comum do que eles pensam? E como lembrá-los de que já passaram por isso? Vamos refletir sobre essas questões e, considerando também o universo de nossas experiências de vida, veremos o que podemos dizer.

Tão normal quanto a preocupação dos pais é o silêncio do adolescente. Vamos tentar entender o que se passa com ele nesse momento de sua vida. Poderíamos questioná-lo o sobre o que acontece, pedindo-lhe

explicações. Certamente, essa postura em nada ajudaria o adolescente, pois muito pouca coisa, ou mesmo quase nada, temos a dizer-lhe sobre seu silêncio. Embora já tenhamos passado por isso, as lembranças dessas experiências estão soterradas nas profundezas de nossa memória e não são de fácil acesso. Então, o que faremos?

Em primeiro lugar, devemos ter em mente que, se o adolescente não fornece explicações sobre seu silêncio, é porque não sabe bem o que poderia ou deveria dizer. Em segundo lugar, há nele também a crença de que não adianta falar, já que se encontra em um turbilhão de coisas. Assim, não sabe sequer por onde começar. Em terceiro lugar, sendo adolescente, tímido ou não, ele dificilmente toma a palavra, pois sonha que alguém se aproximará dele e compreenderá as suas difíceis questões. Geralmente, espera alguém que seja uma espécie de duplo agente, isto é, alguma figura do seu círculo familiar que terá uma dupla função: além de parente também é seu confidente.

Quando não existem esses personagens a quem recorrer, geralmente os adolescentes, principalmente as jovens, ocupam-se de preencher páginas e mais páginas de um diário “secreto”. Escrevem na esperança de que o seu diário seja encontrado e lido.

Bela contradição: produzem um diário secreto para ser desvendado! É essa contradição uma das expectativas que o adolescente nutre com bastante vigor, ou seja, há a esperança confusa de ser descoberto, ao mesmo tempo em que há também o medo de ser transparente.

Como essa contradição se evidencia no cotidiano do adolescente com sua família? Encaminhamos seu olhar para a seguinte situação, que poderá nos ajudar a pensar no assunto: o adolescente fala pouco ou quase não fala, não suporta que os outros falem com ele e também não suporta que as pessoas falem entre si. Muitas vezes, as conversas de pessoas na presença do adolescente são consideradas por ele como uma estratégia para deixá-lo de fora de situações. Então, como proceder ante o **MUTISMO** do adolescente?

O mutismo do adolescente preocupa aqueles que estão à sua volta, como também é fonte de inquietação. Sendo assim, podemos pensar que a adoção da atitude de silêncio por parte do adolescente tem uma finalidade, pois nada é mais comunicativo do que o silêncio. Por quê?

Ora, basta o adolescente apresentar seu silêncio para que a estrutura da família se transforme. É criado um estado de tensão que

MUTISMO

Estado de imobilidade, com ausência marcante da necessidade de falar; corresponde a um tipo de recusa a falar. Na adolescência, certo período de mutismo é considerado normal, mas se persiste pela vida adulta é um estado que requer atenção.

geralmente congela a todos, além de proporcionar situações difíceis, em função das quais as pessoas não agem mais naturalmente. Entretanto, é importante que fiquemos atentos a essa situação: se ninguém fala com o adolescente, ele pode sentir-se rejeitado.

Além do mais, as interpretações que os adultos fazem das ações do adolescente, às vezes, repercutem de forma muito negativa, ou seja, quando os adultos acham suas ações engraçadas e as comentam, o adolescente não acha sua atitude nada engraçada. Isso pode levar ao desinteresse pelo diálogo com os adultos. Como então encontrar a medida certa nessas circunstâncias?

Quando essas disparidades ocorrerem, é salutar recorrer a uma terceira pessoa que não esteja emocionalmente envolvida, ou seja, alguém que não um dos membros da família para servir como mediador. No entanto, se isso não for possível, a paciência e o bom humor são estratégias que vencem a resistência do adolescente diante desses bloqueios temporários.

Se, com essas medidas, o mutismo persistir, ou quando a situação for uma mudança brutal de humor, uma atenção redobrada deve ser dirigida ao adolescente, pois seu comportamento pode ser um sintoma e não uma coisa passageira. Daí, então, deve entrar em cena a ajuda de um profissional especializado. É também um tipo de mediação que deve ter ressonâncias no âmbito familiar. Muitas vezes, quando o adolescente apresenta dificuldades de diálogo com o pai ou com a mãe, é comum essas pessoas reagirem a essas dificuldades como se fosse um ataque pessoal. É preciso muita sensibilidade do pai ou da mãe para, diante desse contexto, não adotar a mesma postura do adolescente: o silêncio. Assim, estará distanciando-se do adolescente, em vez de ajudá-lo nas suas ações.

Muitos pais ficam bastante ressentidos quando os filhos entram na adolescência e enclausuram-se na postura de silêncio. Aham que o filho propositadamente não quer manter diálogo e que também não quer mais ajuda. É preciso esclarecer aos pais que, nesse momento, o filho precisa muito de cuidados, não obviamente os cuidados relativos à vida infantil. Na verdade, os pais muitas vezes ficam de mãos atadas, pois as coisas vinham dando certo com a orientação dada ao seu filho quando este era uma criança; porém, repentinamente, deparam-se com um ser que não aceita mais esses cuidados. E então o que fazer? Muitos pais sentem-se impotentes para lidar com seus filhos adolescentes.

Vamos fazer agora uma extrapolação para pensar uma delicada questão. Até pouco tempo, entendia-se que tanto a adolescência quanto o período de silêncio eram momentos fugazes, ou seja, coisas que passariam muito rápido. Todavia, com as transformações decorrentes das novas exigências do mercado de trabalho (a partir das quais se viu a necessidade de escolarização do adolescente, tal como foi pensado para a criança), tivemos, então, uma extensão do período referido à adolescência. Em certo sentido, o século XX produziu condições que empurraram para trás a infância e para frente a vida adulta.

O prolongamento do período da adolescência, a partir da segunda metade do século XX, teve consequências, principalmente se consideramos que, em função do tempo, situações que eram passageiras e até poderiam passar despercebidas agora se encontram mais em evidência. Por esse motivo é que o silêncio dos adolescentes tem sido bastante noticiado.

Além disso, as mudanças na configuração da estrutura familiar, aliadas ao surgimento dos computadores, entre outras novidades, propiciaram ambientes para o adolescente confinar-se cada vez mais no silêncio. A transformação de hábitos no ambiente doméstico, como horários desencontrados entre pais e filhos em função das atividades laborais e dos estudos, não só cria um distanciamento como também favorece o aparecimento e a manutenção do silêncio do adolescente. Especialmente se considerarmos, do ponto de vista socioeconômico, a classe média, que prima pelo isolamento dentro de casa ao apostar na lógica de “conforto”, oferecendo um quarto com televisão, telefone e computador para cada filho. Assim, são produzidas nas residências ilhas de isolamento que são solos frutíferos para fomentar o silêncio do adolescente em vez de ajudá-los a superar esse obstáculo na travessia rumo à vida adulta.

O que fizemos foi somente lançar um olhar rápido sobre uma complexa questão, que requer uma análise mais aprofundada. Sem dúvida, teríamos também que considerar os movimentos revolucionários de jovens estudantes, a partir da década de 60 do século XX. A bandeira levantada por esses jovens aliou-se às propostas de trabalhadores contra padrões que, até então, não eram sequer questionados, como a formação universitária, a desigualdade social, o desemprego, a fome, os sistemas políticos totalitários, as instituições psiquiátricas, as prisões, os internatos. Enfim, todo o contexto social, mas principalmente o campo das práticas sexuais e a moral que as regiam.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Nesta atividade, você responderá a questões sobre a postura de silêncio do adolescente e suas repercussões no ambiente familiar.

- Como devemos entender o silêncio do adolescente?
- Qual a importância da compreensão e ajuda da família?
- Quando a família deve recorrer à ajuda de uma mediação externa?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. O silêncio deve ser entendido como um momento no qual o adolescente se encontra diante de questões em relação às quais não sabe o que dizer e também como um tempo para elaborar as lembranças da infância que devem ser enterradas. Também deve ser considerado que, para o adolescente, são uma novidade os próprios pais, que agora têm um filho adolescente e outrora tinham um filho criança, ou seja, alguma coisa mudou; aliás, muita coisa mudou, pois estes pais também não são mais os mesmos de antes.

b. A atitude dos pais em relação ao silêncio do adolescente, sendo compreensiva, é muito importante para ajudá-lo nessa travessia. Embora o adolescente se afaste significativamente da família, é nela que encontra apoio para suas questões. Isso quer dizer que se o adolescente recorre à família com alguma sinalização, como o mutismo ou outras ações, é porque quer dizer alguma coisa aos pais. Por isso, é importante a disponibilidade dos pais para cuidar de seus filhos, agora adolescentes, por meio de métodos bem diferentes daqueles que utilizaram na infância deles.

c. A mediação externa deve ocorrer em duas situações: quando há muita dificuldade de diálogo do adolescente com o pai, a mãe ou ambos; e quando o silêncio se prolongar consideravelmente, associado ao isolamento e ao distanciamento das pessoas.

Nesses casos, o silêncio pode ser expressão de um sintoma, e assim ter relação com um distúrbio psíquico que dificilmente será resolvido com o mero passar do tempo.

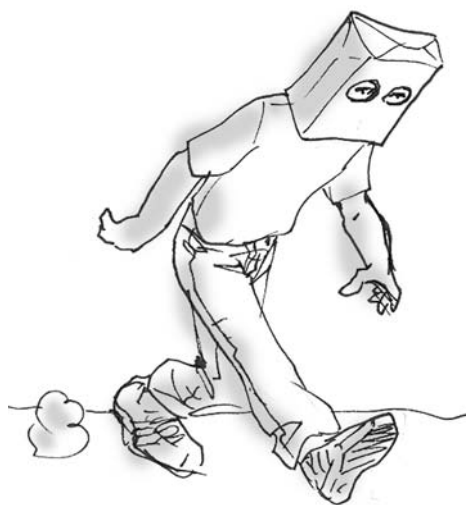
ATRAVESSANDO A TIMIDEZ

Temos de afirmar que timidez não é doença e muito menos um distúrbio a ser tratado. De um modo geral, a timidez é a reação do adolescente diante de situações novas, principalmente quando não se sente seguro para controlá-las. Como na adolescência muita coisa é novidade, então é até esperada uma reação dessa natureza. Porém, uma timidez com graus intensos pode ser indício de dificuldade de relacionamento, o que exige que essa timidez seja olhada por outro ângulo. A linha que separa a timidez normal dos indícios de gravidade é muito tênue. Como, então, abordar uma situação dessa natureza?

Temos que começar por uma constatação: a timidez não é exclusiva da adolescência, pois se manifesta também na vida adulta, embora seja comum aparecer na infância, na puberdade atingindo seu grau mais elevado. E de onde surge a timidez? Acredita-se que a experiência determinante da timidez seja a **ANGÚSTIA DO OITAVO MÊS**. Esse tipo de angústia é o **PROTÓTIPO** da timidez.

A angústia do oitavo mês, matriz da timidez, aparece quando a criança se conscientiza de sua própria existência e da existência de outras pessoas separadas dela, pois até então a criança crê que ela e as pessoas são uma coisa só. Esse tipo de angústia resulta da percepção que a criança tem da separação da mãe, que representa o caminho rumo a sua autonomia, conforme estudamos na Aula 1.

Depois de tomar ciência dessa separação da mãe, a criança se utiliza de mecanismos para reagir a tudo o que não lhe é familiar, ou seja, a tudo aquilo que é percebido por ela, mas na condição de estar separada de sua mãe. Diante de ambientes novos e estranhos, a criança responde com timidez. Na criança, esse é um dos períodos em que



ANGÚSTIA DO OITAVO MÊS

Corresponde ao período situado entre seis meses e um ano de idade, quando a criança expressa abertamente medo diante de tudo que é estranho, ou seja, tudo que não faz parte das pessoas de sua família e de seu ambiente familiar.

PROTÓTIPO

Palavra que vem do grego *protos*, que significa “primeiro”, e de *typos*, cujo significado é “impressão”. É importante entender o sentido de protótipo como uma espécie de representação de algo que será apresentado posteriormente. Sendo assim, o protótipo é um primeiro modelo, ou seja, a primeira matriz.

coexistem sentimentos ambivalentes de amor e ódio, ou seja, há o desejo de aproximação e também o medo traduzido em rejeição.

A timidez aparece bastante forte por volta dos três anos. Nesse momento, a criança está atravessando o conflito em relação à posse da mãe e a vontade de agradar outras pessoas, como, por exemplo, o pai. Ao mesmo tempo, existe o medo da nova inclinação para pessoas que não são tão próximas como a mãe. Além disso, para outras pessoas a sedução é vivida também como uma espécie de ameaça: para a criança, agradar os outros pode significar perder o amor materno ou a exclusividade desse amor. Em relação a esses desejos contraditórios, a timidez parece ser um compromisso, levando a criança a agir de forma contrária ao seu desejo: recuar quando, na verdade, pretende conquistar o mundo a sua volta.

O movimento de inversão do desejo assume uma outra forma na adolescência. São muito comuns histórias de adolescentes e mesmo adultos que, para superar a timidez, utilizam algumas estratégias, como beber um pouco. Isso faz com que eles sintam o ambiente a sua volta propício, e não ameaçador, manifestando confiança nas pessoas e em si mesmos. Geralmente, quando lança mão dessas medidas protetoras, o tímido mostra-se expansivo, sendo às vezes difícil que encontre a medida exata em suas ações. Não estranhe a prolixidade de um tímido quando vence sua timidez.

A timidez tem sentidos diferentes para o jovem e para a jovem. Na jovem, frequentemente a timidez está relacionada a uma forte admiração pelo pai, enquanto que no jovem é o temor. No rapaz, há ainda um agravante maior da timidez, principalmente quando sente admiração por figuras masculinas que se apresentam poderosas, bem-sucedidas, belas e com outros atributos. É óbvio que, nessas circunstâncias, o fantasma da homossexualidade se faz presente na imaginação do jovem porque existem tradições culturais, principalmente no mundo ocidental, que consideram natural a cumplicidade entre mulheres e suspeitam das estreitas ligações entre homens, mesmo que sejam no plano imaginário. Isso quer dizer que, em relação à jovem, a timidez aparece na admiração e na atração pelos homens, sem que haja qualquer obstáculo ao relacionamento com amigas ou com ídolos femininos da música, esporte, dança, entre outras possibilidades.

Surgida na mais tenra infância, a timidez tem na adolescência o seu momento privilegiado. Vejamos por quê.

Em primeiro lugar, o crescimento desordenado de algumas partes do corpo, que não acompanham o crescimento de outras, dá ao adolescente a sensação de ser desengonçado, desajeitado e muitas vezes sem controle. Obviamente, essas características são mais marcantes no jovem em comparação à jovem. Diante dessas mudanças corpóreas, o jovem pode sentir-se inibido e retraído.

Em segundo lugar, a puberdade exacerba a ambivalência dos sentimentos, da mesma forma que exacerba a contradição entre a sedução e o desejo de poder, quer dizer, a prontidão para o exercício da procriação somente faz aumentar os desejos e temores. Há um corpo específico nessa idade, que não encontra um correlato no plano das transformações psíquicas. Seria comparável a duas correntes que se movimentam em tempos diferentes, uma não acompanhando a outra. Quando uma começa – a puberdade, com mudanças fisiológicas –, a outra – as mudanças psíquicas – sequer mostra indícios de começo. É o descompasso entre esses dois movimentos que representa, para o adolescente, uma difícil questão a ser solucionada: apresenta prontidão para a procriação, porém não tem maturidade psicológica para realizá-la. O que fazer?

Todos conhecemos a resposta: é fundamental que o adolescente espere um pouco, pois ser mãe ou pai na adolescência é uma tarefa complicada, principalmente pelo fato de que, uma vez que o jovem tenha enterrado a infância, encontra-se em vias de elaboração do significado do que é ser filho. Então, como ser pai ou mãe, se ainda não há clareza do que seja ser filho ou filha?

Retomemos o tópico abordado no início desta aula, o enrubescimento, para relacioná-lo à timidez. Ruborizar-se pode ser a simbolização mais evidente de timidez, mas uma simbolização problemática. A ruborização revela publicamente aos olhos dos outros aquilo que o adolescente tem intenção de manter oculto. Por isso, essa nuance do enrubescer afeta significativamente o adolescente, na medida em que sabe que aquilo que queria manter em segredo tornou-se público; quer dizer, quando o adolescente quer demonstrar a aparência de ser frio e indiferente, ele enrubesce e então fica evidente a situação de embaraço e incômodo. Nessas circunstâncias, o adolescente demonstra como foi afetado pelo olhar dos outros e como é atingido, embora não esteja consciente de que espera muito esse olhar.

Além do enrubescer, a vergonha também tem estreita relação com a timidez, sendo muito frequente na adolescência, revelando um mal-estar tanto físico quanto psíquico. Quem já não ouviu falar daqueles adolescentes que vão a uma festinha e querem que os pais os deixem uma quadra antes ou depois? O temor vivido por eles não é de que os pais sejam vistos por outras pessoas. O que realmente não querem mais é serem vistos na companhia dos pais.

De resto, a timidez é expressão da conscientização da dificuldade de controlar emoções e impulsos aliada ao temor de revelar um estado de fraqueza e de impotência, seja ante as exigências externas, seja em relação aos próprios ideais. Quanto aos ideais, sabemos que são construídos a partir das imagens idealizadas pelo adolescente sobre as pessoas que estão ligadas a ele e que lhe servem de referência. Estamos nos reportando às imagens do pai e da mãe, ou de pessoas significativas do círculo familiar.

Também devemos ressaltar a função positiva da timidez, pois pode significar um tempo necessário para o adolescente elaborar seus impulsos e controlar suas emoções. Porém, para que isso aconteça, é preciso que o adolescente saia do casulo familiar, pois a superproteção que os pais consideram segurança, e às vezes não deixa de sê-lo, pode, em alguns casos, agravar em muito a situação.

Quem não se recorda de reportagens exibidas na televisão sobre as dificuldades experimentadas por crianças e adolescentes que viveram em condomínios fechados por toda a infância ao sair na cidade, principalmente quando os adolescentes ingressavam em um curso superior. Muitos exibiam sinais de perplexidade, inadaptação e estranheza ao se depararem com um mundo diferente daquele que conheciam. Estranhavam ruas, prédios, monumentos e outros tantos locais da cidade que não são familiares, já que não existem nos bairros onde residem, mesmo porque moraram em condomínios onde se tem tudo, desde escola até lazer. Muitos de seus moradores saem apenas para viagens de turismo, para fazer compras ou para o trabalho, ou seja, não há o costume de andar pelo bairro e pela cidade.

Nesse sentido, a proteção que era feita em termos de segurança produziu, de certa forma, sinais evidentes de dependência. Por isso, mesmo que seja difícil para os pais, eles devem encorajar seus filhos a saírem do núcleo fechado da família, possibilitando ocasiões de prazer e valorização dos desejos que sequer ousam concederem a si mesmos. Tarefa difícil, mas não impossível.

ATIVIDADE**Atende ao Objetivo 3**

3. Nesta atividade, abordaremos os aspectos relacionados à timidez, além de suas ligações com o enrubescer e a vergonha. Leia atentamente a passagem seguinte:

Henrique é um adolescente de dezesseis anos, muito tímido e bastante sensível. Na escola, senta-se sempre nas últimas fileiras, pois, devido a sua grande estatura, foge de olhares críticos: seu apelido é Girafa. Seus pais se separaram quando ele tinha seis anos. Ficou em companhia da mãe, que se casou novamente quando ele tinha dez anos. Sua mãe não se dava bem com seu padrasto, o que era motivo de brigas constantes presenciadas por Henrique. Além disso, a mãe, apesar de preocupada com o filho, se sentia muito distante, pois estava muito voltada para os conflitos de sua vida pessoal e do trabalho. Alegava que era muito difícil o relacionamento com seu filho, principalmente depois que ele mudou muito. A mãe deixa claro que tinha pouco contato com o adolescente, que o filho se transformara, colaborando para isso o jeito muito reservado e quieto dele. Não havia entre mãe e filho qualquer intimidade e diálogo. Igualmente, a relação com o padrasto era muito difícil, devido à bebida. Henrique tornou-se um adolescente solitário, ficava horas em seu quarto apenas sonhando. Como diversão, gosta apenas de ir ao cinema, mas sozinho. Quando está em seu quarto, ocupa-se em escrever roteiros para filmes nos quais imagina atuar, mas logo vem a decepção: seu porte físico em nada lembra o de seu herói, Rodrigo Santoro. Sexualmente, sentia-se muito confuso e não abordava as meninas por medo de rejeição. Chegou a pensar que fosse homossexual e se envergonhava muito ante essa possibilidade. Na escola, seus colegas implicavam com ele, dizendo que ele não era muito chegado às meninas, devido a seu jeito isolado. Por isso, ir à escola era uma tarefa muito difícil e penosa para ele: não conseguia acordar, apesar das insistentes tentativas de sua mãe. Um dia, a mãe – bastante irritada –, disse-lhe que não iria mais acordá-lo, pois poderia chegar atrasada no trabalho. Acrescentou que ele, como o pai, não prestava para nada. Depois que sua mãe e seu padrasto saíram para o trabalho, Henrique pensou que não tinha nenhum motivo para viver e que só dava desgosto à mãe. Em seguida, ingeriu um vidro de analgésico. Quando a mãe chegou no trabalho, ligou para casa e, como ninguém respondeu, ela voltou imediatamente. Encontrou-o desacordado e o levou ao hospital.

A seguir, responda às seguintes questões:

1. Quais as consequências da timidez de Henrique para si mesmo, na escola e no relacionamento familiar?
2. Como podemos explicar a ação de Henrique de tentar matar-se?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. Como podemos observar nessa passagem, a timidez de Henrique teve vários reflexos: a) em princípio, fomentava o sentimento de inferioridade em relação aos outros adolescentes, seja por sua altura, seja por seus pensamentos confusos em relação às suas escolhas amorosas; b) a timidez também produziu inibição e vergonha na escola, pela escolha do lugar “escondido” onde se sentava na sala de aula; c) houve também o distanciamento da mãe, com escassez ou quase ausência de diálogos; e d) a atitude de isolamento e o gosto pelo mundo da imaginação, pelo temor de enfrentar a vida real. Aliás, esse aspecto da sua vida era a única saída positiva, no que se refere à criação dos roteiros de filmes.

2. A tentativa de suicídio de Henrique, como acontece na maioria dos casos, foi uma maneira de chamar a atenção para si. Esse fato colocou Henrique em contato com alguém que se dispôs a cuidar dele. Uma ação suicida na fase da adolescência pode nunca mais acontecer, mas pode também se tornar um pensamento que se repete constantemente.

A INTRANSIGÊNCIA E O DESINTERESSE

INTRANSIGÊNCIA

Atitude que consiste em não fazer concessão por inflexibilidade, intolância e austeridade. É a forma de a pessoa apresentar rigidez na condução de sua vida, seguindo princípios em relação aos quais não aceita questionamento nem mudança. Geralmente, no jovem a intransigência é algo passageiro.

Ao lado da timidez, da fuga pelo silêncio, da vergonha e de outras possibilidades de estilos adotados pelo adolescente, temos a **INTRANSIGÊNCIA**, que assume contornos mais nítidos no jovem em comparação com a jovem. Todavia, isso não quer dizer que nas jovens tanto o silêncio quanto a timidez estejam ausentes. Esse assunto será objeto de nossas reflexões, a seguir.

Esses dois estilos, a intransigência e o desinteresse, em ambos os sexos, devem ser considerados como reações opostas à timidez e à vergonha. Temos de entender que esses estilos, como respostas de oposição, remetem-se exatamente aos seus contrários. Explicando melhor: muitas vezes a timidez, própria do estado de retraimento, dissimula a vontade

do jovem de ser a cena principal de uma situação, quer dizer, a timidez encobre o desejo de sedução e a vontade de destruir os rivais. Diante dessa situação, a intransigência expressa em termos de segurança oculta a vulnerabilidade e o medo de ataque à identidade recém-construída.

O que entendemos, então, com isso? Em uma apreciação bem geral, podemos afirmar que o adolescente intransigente adota uma postura defensiva para enfrentar a vida. É uma maneira de precaução contra aquilo que ele considera ser uma fraqueza sua diante dos olhos dos demais. Mas o adolescente defende-se do quê? Já pensou nesse aspecto de sua própria adolescência? Se não, convidamos você a nos acompanhar na reflexão a respeito desse tema tão complexo.

Em primeiro lugar, há um aspecto subjetivo da adolescência que representa um grande perigo. O adolescente sente-se constantemente ameaçado, ante a possibilidade de ser dominado por suas emoções. Em segundo lugar, o sentimento de confusão, a facilidade para chorar, a tristeza e a solidão fazem com que o adolescente sinta-se frágil. Em terceiro lugar, a necessidade de apoio e compreensão, principalmente em relação ao luto pela perda da vida infantil, dificulta as ações do adolescente. Quanto mais busca ser cercado pelos cuidados dos adultos, mais sente o temor de que tal atitude seja interpretada como coisa de criança. Em quarto lugar, o medo de perder o controle também é um fator que muito contribui para que o adolescente adote uma postura de defesa frente aos demais.

Esperamos ter lançado uma luz sobre o motivo que leva o adolescente a adotar um comportamento defensivo pela intransigência. Mas qual a origem desses temores e desses desejos? Sem dúvida, a ambiguidade e a confusão que despertam com a puberdade remontam às situações da vida infantil nos momentos em que a criança atravessou qualquer tipo de frustração e interpretou esse fato como o não atendimento de suas necessidades. Por isso, é muito comum os adolescentes que trazem essas questões da infância adotarem a tristeza como modo de vida para expressar situações de abandono vividas ou imaginadas na infância.

O encaminhar-se para a tristeza como contrapartida de uma situação de abandono torna o jovem rígido, logo no início da puberdade. Isso faz com que, geralmente, venha a adotar atitudes opostas aos seus anseios, devido ao temor suscitado pelos mesmos. Nessas condições, o jovem intransigente revela essa atitude como uma “carapaça defensiva” para sua insegurança. De sua atitude resulta desde a insensatez à compaixão, o desdenhar dos mais fracos e a implacabilidade.

Mas qual a razão de apresentar essas atitudes? Uma pista para pensarmos a questão seria interpretar a atitude intransigente do jovem como um combate àquilo que percebe e reconhece existir em si mesmo, mas que não aceita; ou seja, é uma parte da estrutura psíquica que não foi elaborada durante a infância e que retorna com mais intensidade na adolescência. Você deve estar se perguntando o que querem dizer essas afirmações, especialmente quando faz a retrospectiva de sua vida e localiza suas lembranças da adolescência? Não se preocupe se não encontrar muitas coisas quando fizer esse exercício de retorno ao passado, pois muitas das nossas experiências caem no esquecimento e isso é bastante saudável.

Ainda a respeito da intransigência como expressão da parte de si mesmo não aceita pelo jovem, há nisso duas consequências: a) a recusa pelo jovem de tudo o que tem relação com a vida infantil, pois há a compreensão equivocada de que tudo o que se refere ao infantil é infantilidade; b) a busca de modelos adultos que sejam suportes para reforçar as suas defesas (que, ao invés de ajudar a superar as inseguranças do jovem, funciona exatamente de modo contrário, deixando-o mais vulnerável). A situação se agrava quando o jovem procura suporte em seitas ou em alguns grupos vinculados à devastação do social, já mencionados em aulas anteriores.

Você deve estar perplexo com a afirmação de que uma pessoa de aparência dura e rígida se sinta fraca e medrosa interiormente. Mas é assim mesmo! Esclarecendo: essa pessoa tem a necessidade de ser compreendida e apoiada, deixando transparecer um resquício da vida infantil de algo que não foi devidamente elaborado. Entretanto, muitas vezes, por serem aspectos não aceitos, essa pessoa é levada a aderir a modelos fortes; porém, sem reserva nem crítica, lembra muito a atitude de uma criança que busca refúgio nos braços do pai ou da mãe. É por essa razão que muitos jovens se apegam a líderes de seitas ou a ideologias sem qualquer questionamento, ficando quase sempre cegos às evidências e às opiniões contrárias.

Queremos salientar que o adolescente, como todos nós, não tolera muito bem o ressurgir das necessidades da vida infantil. No entanto, existem aqueles jovens que acolhem com flexibilidade as necessidades da vida infantil, sem se sentirem ameaçados na construção de suas identidades. Isso acontece quando as questões da vida infantil foram minimamente elaboradas em um ambiente razoavelmente satisfatório, mas não estamos situando essa saída como a adoção da postura intransigente.

Existem inúmeras reações de intransigência na adolescência, que variam segundo a adoção de posturas ideológicas, religiosas, políticas, de hábitos de vida, de maneiras de alimentação. Muitas vezes, essas posturas são passageiras. Existem situações de adesão a grupos dessa natureza em que se observa uma inflexibilidade e rigidez em função de uma escolha. É como se essa fosse a única saída possível, sem que o jovem admita e aceite qualquer possibilidade de negociação. Como devemos entender essa atitude rígida e imutável? Em princípio, podemos admitir que se trata de um mecanismo de preservação da autoimagem e da identidade recém-construída. O adolescente crê que agindo dessa maneira não põe em risco suas conquistas, em termos de identidade.

A essa altura, vale fazer uma observação aos pais e aos professores: não se deve estabelecer uma relação de força com o jovem, pois isso somente exacerbaria a intransigência. Tampouco se deve fazer adesão a essas convicções do adolescente nem se deixar tyrannizar por elas. É importante que os pais e os professores expressem suas próprias convicções, mesmo que entrem em choque com o jovem. Isso parece ser muito mais tranquilizador para o jovem do que a atitude de adesão ou escamoteamento de convicções e opiniões, pois ajuda o adolescente a traçar a diferença entre si e aqueles com quem convive.

Outros aspectos próximos da intransigência são a instabilidade e o desinteresse. A instabilidade se traduz pela dificuldade de o jovem estar em um lugar, pela dificuldade de escutar e concentrar-se em atividades que exijam atenção. Associado a tudo isso, há também a necessidade de provocar as pessoas, sem tolerar críticas e observações dos adultos, que geralmente são sentidas como injustas. De um modo geral, a instabilidade associa-se à agitação motora, que pode ser expressa de diferentes maneiras: a) necessidade de falar o tempo todo; b) dificuldade de suportar momentos de espera, ou seja, imediatismo incontrolado; c) dificuldade de conter tensões, com facilidade de explosão, que pode, entre outros sentimentos, apresentar uma tonalidade própria da tristeza ou da depressão.

Com relação ao desinteresse, temos um aspecto do adolescente que afeta especialmente aos pais. Principalmente quando eles fomentam a esperança de que o filho deva se interessar por tudo o que lhe é apresentado. Vale lembrar que o desinteresse faz sua aparição logo que se inicia a puberdade, agora acompanhado da ausência de motivação,

que é interpretada como preguiça. É muito comum, nesses momentos, o adolescente ser bastante econômico e realizar pouquíssimas tarefas, tanto em casa quanto na escola.

Além do desinteresse por tarefas, o humor do jovem desinteressado oscila bastante. Pode ir da euforia passageira, com irritabilidade e ações agressivas, a um estado enfadonho de lentidão, que pode culminar com a solidão. Essas ações são geralmente dirigidas às pessoas mais próximas, em relação às quais o jovem adota dois tipos de atitude: a) a **APATIA**, caracterizada pela indiferença e pelo distanciamento; e b) o capricho susceptível de irritação e de agressão. O que acontece, então, com esses jovens?

APATIA

Estado de ausência de sensibilidade emocional, com uma queda significativa na intensidade dos sentimentos. Em muitos casos, é sinônimo de indiferença ou falta de atividade, expressa em termos da aparente ausência de energia física. No âmbito popular corresponde ao sentimento denominado “moleza”.

Primordialmente, é preciso diferenciar os jovens cujo desinteresse é característico da etapa que atravessam daqueles afetados pela depressão. Posteriormente, devemos observar se o desinteresse vem acompanhado de sofrimento psíquico, expresso em termos de autocritica severa, desvalorização e abatimento físico, ou se o desinteresse expressa uma dificuldade ou lentidão de pensamento, hostilidade, descontrole emocional e recuo social pronunciado. Enfim, o “nada me interessa” proclamado pelo adolescente corresponde a um sentimento oposto, porém encoberto, que pode ser entendido como “gostaria de ser interessante para todo mundo”.

Na verdade, o desinteresse expresso é a face manifesta da dificuldade do jovem ante o temor de decepcionar as pessoas. Na maioria das vezes, o estado de apatia do adolescente declina com os vínculos fora do ambiente familiar, principalmente pelo fato de se distanciarem um pouco do ideal da família.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 4 e 5

4. Nesta atividade, você responderá a questões que abordam a intransigência, a instabilidade e o desinteresse do adolescente.

1. Quais são as causas da adoção da atitude de intransigência pelo adolescente?

2. Qual a relação entre desinteresse e instabilidade?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. A característica marcante da intransigência é a vulnerabilidade, quer dizer, ao adotar a postura de intransigente, o adolescente procura defender os aspectos que considera frágeis na sua pessoa. Sendo assim, a intransigência é a tentativa de encobrir uma certa fragilidade, própria da adolescência, em razão da elaboração das perdas de referências do mundo infantil.

2. A relação entre o desinteresse e a instabilidade pode ser observada no distanciamento do adolescente das pessoas e na dificuldade em realizar tarefas corriqueiras, como ir à escola, fazer atividades escolares, organizar o material de estudo e o quarto, entre outras. Pode ser também o indício de um isolamento ocasionado pela depressão, o que requer atenção de especialistas, pais, professores e pessoas amigas.

CONCLUSÃO

Nesta aula, abordamos alguns dos estilos de conduta adotados pelo adolescente para enfrentar as dificuldades que atravessa, seja pelas mudanças decorrentes da puberdade, seja pelas transformações emocionais no âmbito dos relacionamentos. Analisamos o enrubescer e o ensimesmar-se como características normais, que somente devem ser objeto de preocupação quando forem excessivos. Você deve pensar: como avaliar se essas características se apresentam em excesso? Diríamos que o bom senso ajuda, bem como o fato de cada um de nós já ter passado por situações dessa natureza. Todos sabemos que quando ficamos ruborizados estamos expressando uma emoção em relação a qual temos alguma dificuldade. Pode ser também o recurso empregado em circunstâncias de constrangimento.

Alertamos para o fato de que a estratégia de enrubescimento não deve ser a única para solucionar os impasses quando o jovem enfrenta situações desconfortantes. A postura de silêncio deve ser compreendida

como uma espécie de “viagem” realizada pelo jovem para seu mundo interno, repleto de dúvidas. Quer dizer, o jovem precisa voltar-se para si, a fim de elaborar as novas situações com as quais é confrontado, como: o investimento amoroso em pessoas fora do círculo familiar; o entendimento das rápidas transformações de seu corpo; a preparação para enfrentar o mundo, em termos de produção da própria sobrevivência; a manutenção de vínculos de amizade; a especialização nos estudos etc.

Como podemos observar, as questões com as quais o adolescente se depara são muitas e complexas, mas isso tudo faz parte dessa etapa de vida. Em geral, o silêncio do jovem é motivo de preocupação por parte dos pais.

A adoção da timidez não deve ser vista como um tipo de doença, pois é a reação do adolescente quando se sente inseguro diante de situações novas. A timidez está associada ao temor vivido pelo adolescente de não conseguir controlar determinadas situações. No entanto, uma timidez exacerbada, que dificulte o relacionamento do jovem, requer uma atenção especial. Devemos esclarecer que a timidez não é exclusiva da adolescência, pois se manifesta em várias etapas da vida.

Quanto à intransigência, salientamos que esse estilo é um tipo de recurso utilizado pelo jovem para encobrir uma dificuldade, geralmente o sentimento de que é frágil. Pode ser expressa também por atitudes arrogantes e dificultar o relacionamento, principalmente pela dificuldade de estabelecer negociações.

No caso da instabilidade, relacionada à intransigência, temos uma situação que em muito dificulta a convivência do adolescente, tanto na família como em outros espaços sociais. Muitas vezes, o jovem se vale de irritação e agressão em suas ações como armas para tentar solucionar as dificuldades de certas situações e para se livrar de embaraços. Quando não consegue superar esse estado, é comum o aumento do desinteresse pelas coisas, o que pode chegar a um estado de apatia.

Enfim, queremos salientar que esses estilos podem ser passageiros na adolescência. Porém, dependendo das circunstâncias, podem se transformar em traços de caráter, que acompanham o homem em toda sua vida.

ATIVIDADE FINAL

6

AULA

Atende a todos os objetivos da aula

Nesta atividade você terá a oportunidade de relembrar situações de sua adolescência, em um exercício de reflexão. Para realizá-la, propomos que você entreviste cinco pessoas, que supostamente já tenham ingressado na vida adulta, sobre os estilos adotados por elas para enfrentar as situações difíceis da adolescência. Geralmente, essas pessoas irão buscar suas experiências de vida através da memória. Anote cuidadosamente as informações obtidas para preencher o quadro seguinte e também para elaborar sua análise final da situação. Depois que entrevistar cada pessoa, preencha o quadro com as respostas obtidas.

ESTILOS	Pessoa 1	Pessoa 2	Pessoa 3	Pessoa 4	Pessoa 5
1. Você se lembra de ter ficado ruborizado alguma vez na sua adolescência?					
2. Em caso afirmativo, qual foi a situação?					
3. Era comum você ficar em silêncio em casa e nos lugares que frequentava?					
4. Você já pensou sobre o fato de os adolescentes não “quererem” conversar com os adultos?					
5. Em caso afirmativo, tem alguma ideia do motivo do silêncio do adolescente?					
6. Você era tímido na adolescência?					
7 – Você passou pela fase do desinteresse, na adolescência?					
8 – Você se irritava e se aborrecia com facilidade quando era jovem?					
9. A timidez, o silêncio e a irritação dificultam o relacionamento do adolescente com pessoas fora do círculo familiar?					
10. Alguma vez você, na adolescência, reagiu a uma situação de forma agressiva?					

Depois de colher as respostas, compare-as e tente interpretá-las, de acordo com as explicações da aula e com base na orientação a seguir:

Roteiro para elaboração de sua reflexão:

A presença dos estilos descritos na aula nas respostas dos entrevistados.

As justificativas para a adoção de determinado tipo de estilo.

O teor das lembranças das situações.

A revelação, pelos entrevistados, de dificuldades de relacionamento em função dessas atitudes.

RESUMO

Os diferentes estilos de conduta adotados pelo adolescente para enfrentar as dificuldades são tipos de recursos que, muitas vezes, são boas alternativas, mas podem ser indícios de situações graves que exigem atenção especial. Diante do constrangimento, é comum o adolescente ruborizar-se. Em relação às dúvidas e incertezas, o ensimesmar-se é a postura frequentemente empregada. A dificuldade de controlar emoções ou a vergonha de determinados sentimentos podem tornar o jovem tímido, bem como as novas situações que surgem na adolescência exigem do jovem um tempo de elaboração, do que decorre a postura do silêncio. Nesse momento de uma certa “reclusão” espontânea, a cabeça do jovem é habitada pelo sentimento de fragilidade, em relação ao qual reage com a postura oposta, expressa pela intransigência. Ainda na travessia dos impasses da adolescência rumo à vida adulta, o jovem pode apresentar instabilidade, irritação e desinteresse, sendo este último a grande fonte de preocupação de pais e professores.

Novas modalidades de relações na vida amorosa

Francisco Ramos de Farias

AULA

7

Meta da aula

Apresentar as relações amorosas da infância visando ao entendimento dos novos vínculos de amizade e amorosos estabelecidos fora do contexto familiar no período da adolescência.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. identificar as consequências dos novos relacionamentos amistosos e amorosos na infância e na adolescência;
2. descrever a passagem do relacionamento com os pais para o relacionamento com amigos, professores e outras pessoas do círculo extrafamiliar.

INTRODUÇÃO

Ao longo das aulas temos verificado como são complicadas as etapas iniciais de nossas vidas, tanto a infância quanto a adolescência. Imagine discutir sobre a vida amorosa dos adolescentes? Sem dúvida, esse também é um tema muito complexo. Assim como a adolescência, as relações amorosas também apresentam a marca característica dessa etapa da vida, a transição. Nesse caso, a transição do amor pelos pais para o amor que levará a uma realização sexual. É um momento de grandes descobertas. Quem não se lembra do primeiro beijo?

DOS AMORES DA INFÂNCIA AOS AMORES DA ADOLESCÊNCIA

Podemos começar nossa aula com uma indagação: qual a diferença entre os amores da infância e os outros amores que firmamos durante a vida? O que há de específico nas diversas maneiras de se relacionar amorosamente na adolescência?

Para iniciar a reflexão sobre o cenário das novas relações de amizade e amor que são estabelecidas na adolescência, devemos começar a pensar sobre o assunto focalizando os amores da infância. Certamente, os amores da infância são de uma natureza peculiar, visto que os pais são os objetos de afeto da criança.

Essa modalidade de relacionamento da vida amorosa modifica-se após a metade da infância e se transforma radicalmente na adolescência. Em princípio, na infância, o amor aos pais se revestia da condição de exclusividade. Quer dizer, mesmo que a criança tenha amigos na escola ou na vizinhança, esses vínculos não têm consistência, considerando a intensidade do amor aos pais. Por isso, a relação da criança com as figuras materna e paterna mantém-se em um nível inabalável, pois a mãe e o pai são as únicas referências com as quais a criança conta na sua relação com o mundo.

Para a criança, o que existe e o que é verdadeiro é aquilo que é dito pela mãe ou pelo pai. Se alguém diz alguma coisa à criança, ela vai se certificar daquilo que é dito com seus pais. O que vale é aquilo que eles dizem. Assim, podemos afirmar que o mundo de valores que a criança conhece é aquele que é dado pelos pais.

Esse cenário se transforma bastante ao longo da infância, principalmente com a passagem pelos anos escolares. É nesse momento que a criança vai ter a oportunidade de refletir sobre sua experiência familiar,

a partir das informações sobre as coisas que a escola propicia. É muito comum a criança aprender em casa que gato e cachorro são animais, sendo que na escola ela aprende que esses animais são, por exemplo, vertebrados e mamíferos. Eis um momento em que as concepções de vida da criança se expandem.

Igualmente na adolescência ocorrem mudanças no campo das relações amorosas com o estabelecimento dos primeiros vínculos de amizade. Estes são duradouros e muitas vezes acompanham o homem por toda a vida. Ainda estamos no terreno das amizades e não situamos as investidas de cunho afetivo como nos primeiros relacionamentos amorosos como o namoro, que, na linguagem dos adolescentes produzida na última década do século XX, significa “ficar”.

Cabe salientar que a mudança nas relações de amizade e amorosas que ocorrem na adolescência não deve ser vista como a ruptura do amor aos pais. É como um redimensionamento que acontece na vida do jovem, principalmente pela ampliação das personagens que farão parte das relações afetivas.

É importante ressaltar que o contexto da amizade, para o adolescente, muitas vezes é vivido como algo semelhante a uma relação amorosa. É muito comum os adolescentes sentirem ciúmes de seus amigos da mesma forma que sentem das pessoas que namoram. Não é por acaso que conhecemos o *slogan* tão difundido pelos adolescentes que muito bem espelha essa ambiguidade: namoro ou amizade?

A busca de objetos amorosos fora do círculo familiar é incentivada pela conquista da autonomia que o jovem faz no final da segunda infância. Há uma agitação própria na vida do jovem púbere que o impele para uma zona de turbulência no campo de suas escolhas amorosas. Em princípio, pelo fato de que a puberdade traz consigo os indícios de prontidão para a vida reprodutiva, o que para o jovem tem duplo significado: a) sabe que não pode contar com as figuras materna e paterna para tal finalidade; b) ainda não dispõe de condições materiais e psíquicas para a procriação. Ou seja, é preciso que o jovem assuma as responsabilidades de cidadão no sentido da participação da construção do futuro da sociedade. Resultado: deverá esperar um bom tempo, pois primeiro terá que produzir tais condições. Por essa razão, a gravidez na adolescência é uma questão bem complexa. Esse assunto será discutido em uma de nossas próximas aulas.

AMORES DA INFÂNCIA

Denominamos amores da infância o relacionamento afetivo da criança com as primeiras figuras significativas de sua vida, que quase sempre são a mãe e o pai. Porém, em algumas circunstâncias, outras pessoas podem ser objeto desse amor, como cuidadores da criança na falta dos pais, agentes de socialização em creches e outros tantos no âmbito das relações sociais.

Se considerarmos que os **AMORES DA INFÂNCIA** podem ser localizados em uma margem da vida amorosa, os vínculos de amizade e amorosos estabelecidos na adolescência empurram o jovem para outra. Para atingir essa outra margem na vida amorosa, o jovem atravessa um número considerável de provas, supera obstáculos, produz meios para solucionar crises, tanto as de cunho puramente subjetivo quanto aquelas que decorrem das pressões do meio ambiente.

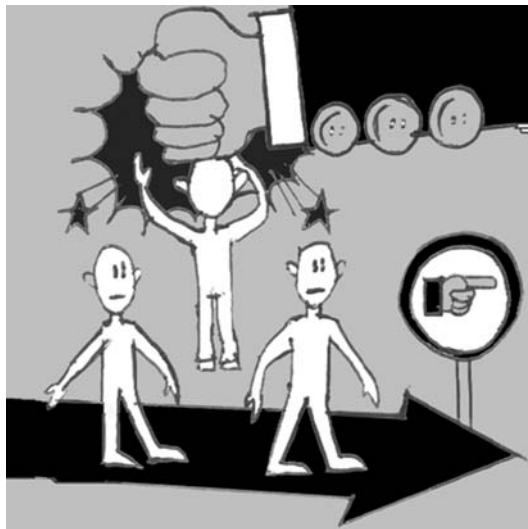
Já parou para pensar que em sua vida houve essa transformação? Quer dizer que o amor que você estabeleceu com as figuras materna e paterna é bem diferente das outras modalidades firmadas ao longo da vida? Dê asas à sua imaginação e reflita sobre essa questão, mas sem se surpreender muito!

Os recursos construídos pelo jovem para superar os conflitos da adolescência revestem-se de uma aparência muito forte quando movidos pelo sentimento de onipotência e, de forma distinta, revestem-se de aparência muito frágil quando pautados na dependência. Isso porque, em relação a algumas questões, o jovem mostra-se muito seguro, mas em outras, não sabe o que fazer. E é por isso que, em muitas ocasiões, surgem grandes dificuldades para superar os impasses da transição que é a adolescência, principalmente se o sentimento de autonomia não tiver sido minimamente construído na infância. Quer dizer, a insegurança e a falta de iniciativa trazidas como resquícios da infância convertem-se em bloqueios que se apresentam como instabilidade e situações de isolamento na adolescência.

Por fim, pretendemos abordar, nesta aula, o cenário das novas formas de relacionamento do jovem, considerando a capacidade de iniciativa para o afastamento gradativo da relação amorosa com os pais e a subsequente transformação em função das possibilidades de eleição de relações amistosas e amorosas fora do contexto familiar. Destacam-se também nesse contexto as relações que têm como determinante as questões de natureza sexual. Que tipos de informações são dadas aos jovens acerca da sexualidade?

ESTABELECENDO NOVOS VÍNCULOS AFETIVOS

Como são os novos relacionamentos da adolescência? Para refletir sobre essa questão temos de nos remeter ao período da infância, momento em que os relacionamentos têm como alvos afetivos marcantes as figuras materna e paterna. O que muda, então, com a chegada na adolescência? O jovem deixa de amar a seus pais? Certamente, não. Porém, outras possibilidades amorosas surgem na vida do jovem, diversificando sua dinâmica afetiva. Agora, além do amor aos pais, são estabelecidos vínculos de amizade, principalmente na escola e na vizinhança. Também acontecem as primeiras investidas no campo da sexualidade, seja na relação com os ídolos, seja com o namoro.



Fonte: bp3.blogger.com/.../s1600-R/SEGUNDA.gif

A ampliação do horizonte de relações não é tão simples como pode aparentar, especialmente se considerarmos o campo da sexualidade. No tocante aos relacionamentos que têm finalidades no âmbito próprio da sexualidade, a diferença entre os dois sexos é marcante. Também a esse respeito as amizades são diferentes. Considerando que para a jovem a amiga é muitas vezes a cúmplice de seus segredos e devaneios amorosos, para o jovem a amizade acontece no âmbito da afirmação, mas não da confidência nem da cumplicidade. Mesmo porque dificilmente o jovem revela ao melhor amigo suas “possíveis” fraquezas, quer sejam reais, quer sejam puramente fruto de sua imaginação.

Devemos observar alguns detalhes dessa fase, quando o jovem se vê, simultaneamente, diante de duas delicadas tarefas: a reprodução e a sexualidade.

Em primeiro lugar, se atentarmos para o plano da reprodução, teremos uma particularidade: a jovem deverá buscar um parceiro que é o oposto de seu primeiríssimo objeto de amor, a mãe, enquanto que o jovem deverá encontrar uma parceira que será do mesmo sexo desse objeto amado. Isso não quer dizer que, para o jovem, as coisas sejam mais fáceis do que para a jovem, que tem de escolher um parceiro geralmente relacionado ao seu segundo objeto de investimento amoroso, o pai.

Em segundo lugar, os aspectos anatômicos e as experiências concretas parecem dar uma maior clareza ao jovem em termos de saber aquilo que quer. Parece que o jovem não tem muitas dúvidas quanto ao seu desejo sexual em comparação com o que se passa com as jovens. Estamos nos referindo a situações nas quais há a intervenção significativa dos valores e tradições culturais, pois, geralmente, os adultos esperam muito mais a iniciação sexual do jovem do que da jovem.

Aliás, conhecemos as tradições que fizeram história em torno das inúmeras restrições à mulher. Até pouco tempo, era comum esperar que a mulher guardasse sua virgindade para o casamento, enquanto que ao jovem era indicada a possibilidade de realização sexual como prova de virilidade. Quer dizer, existe um tipo de preocupação que povoa a imaginação dos pais em relação à postura sexual do jovem. Espera-se que ele dê provas de seu empenho, enquanto que com relação à jovem a expectativa é bem diferente. Ela deve esperar um tempo para demonstrar suas escolhas nessa fase. Queremos ressaltar que tais expectativas referem-se aos costumes que são transmitidos e que expressam pontos de vista diferentes sobre a possibilidade de relacionamento sexual entre os jovens.

Em terceiro lugar, há um aspecto curioso que faz parte do universo infantil. Geralmente a menina brinca com bonecas, tratando-as como se fossem seus filhos. O mesmo não é comum acontecer com os meninos. Em relação à menina, pode acontecer que as expectativas de ter um filho na adolescência signifique a substituição das bonecas pela criança. Se as coisas acontecem dessa maneira, podemos constatar que, quando uma jovem tem um filho e trata dele como se fosse uma boneca, não alcançou ainda a maturidade psicológica para a maternidade. Ou seja, o fato de estar pronta para a procriação não significa prontidão para os encargos necessários aos cuidados destinados à educação de uma criança.

Com relação ao jovem, não teríamos a possibilidade de substituição, porém isso não quer dizer que haja maturidade psicológica para o exercício da paternidade. Em muitas circunstâncias, o jovem que tem um filho pode não ter consciência do que significa tal situação. Além do mais, tradicionalmente, os cuidados de uma criança ficam ao encargo da mulher, como ocorre na amamentação; não obstante, já existem pais que dividem a tarefa dos cuidados da criança com a mãe. Essa é uma mudança nas tradições e nas funções paterna e materna exercidas junto à criança.

Considerando que o encaminhamento para as questões da sexualidade tem sentidos distintos para ambos os sexos, queremos assinalar que tal diferenciação nada tem de natural, sendo uma produção da cultura. Por isso, ser mãe e ser pai são questões que apresentam significados diversos, se considerarmos a história e as características culturais de cada grupo social.



Os fatores culturais causam forte impacto nas decisões de cada um, principalmente na constituição da feminilidade e da masculinidade, e também nos vínculos de amizade como a primeira possibilidade de ampliação das relações afetivas.

Devido ao fato de que ser pai e ser mãe guarda suas peculiaridades em relação às relações amorosas com a criança, temos então um padrão de relacionamento que passa por significativas mudanças, para os pais, com a entrada do filho na adolescência, principalmente o vínculo com a figura materna. Isso quer dizer que a situação do jovem e da jovem em relação a esse vínculo se transforma, pois, além do amor, deve acontecer também a relação de amizade.

Tratando-se da jovem, temos dois aspectos a considerar: a) a forte ligação com a mãe nos primórdios da vida sofre sensível mudança quando a criança se volta para a figura paterna ou para quem exerça essa função. Estamos assinalando que a descoberta da existência do pai (presente ou ausente) deve ser considerada como um polo para onde a criança dirige seus investimentos amorosos; b) o vínculo de amor com a mãe sofre novo declínio no momento em que a criança se liga aos amigos fora do ambiente familiar. Obviamente, a ligação com o pai também passa por certo enfraquecimento, mas se considerarmos a relação da criança com a figura materna, teremos o segundo momento de afastamento.

Existem muitos mitos em torno do exercício da função paterna. Tradicionalmente difundiu-se a crença de que, para o bom desenvolvimento da criança, o pai teria que estar junto da mãe, razão pela qual se acreditava que a separação de um casal traria problemas para os filhos.

Atualmente, diante do grande progresso científico, as coisas mudaram – não só os costumes como também a legislação. A mulher pode engravidar, mesmo sem ter relações sexuais, pois a ciência já produziu condições para tal realização. O saber jurídico formulou dois princípios bastante significativos a esse respeito: a) toda criança deve ter um pai e b) a mulher pode encarregar-se da educação de uma criança sem a presença física do pai.

Assim sendo, foi revisto o conceito de pai no exercício de suas funções. Não que a mulher seja considerada como quem representa o pai para a criança, mas sim como aquela que faz referência a um homem, estando ele presente ou não. É essa referência que tem importância para a criança. Além disso, os acontecimentos da vida demonstram que a educação de filhos na ausência dos pais não os torna necessariamente problemáticos. Se assim fosse, os filhos nascidos de “produção independente” teriam pouca chance de ter saúde psíquica. Certamente, observa-se o contrário.

Talvez seja pelo fato de o adolescente se ligar a outras pessoas do círculo extrafamiliar que acontece o afastamento da figura materna pela segunda vez. O primeiro afastamento aconteceu com a descoberta do pai e o segundo com a formação de laços com amigos e colegas de escola. A jovem apresenta, por essa razão, uma necessidade muito intensa de se ligar a outras jovens, estabelecendo laços fortes, marcados pela confiança e cumplicidade. E isso pode ser uma fonte de preocupação para os pais, que se sentem enciumados diante dos laços amorosos de seus filhos.

Abordaremos separadamente esse fenômeno de separação dos pais, considerando as singularidades do universo da jovem e do jovem. Tratando-se da jovem, vemos nos seus relacionamentos tanto a aproximação com garotas da mesma idade quanto com jovens mais velhas e jovens mães. Além disso, há também a admiração por mulheres bem sucedidas, seja por seus traços de beleza como as celebridades da moda, seja pelo sucesso profissional com status considerável na esfera econômica, artística ou política. Essas mulheres bem-sucedidas são verdadeiras ídolas para as jovens, com as quais passam a se identificar, seja no modo de vestir, como também na maneira de pensar e agir.

É importante salientar que, até então, traçamos um lado da significação da mãe para a criança. A mãe, que foi fonte de amor, foi igualmente fonte de frustração e de raiva, sentimentos que aparecem mesclados nas relações de amizade. Estamos assinalando que, geralmente, as qualidades do relacionamento da menina com a mãe são estendidas

aos relacionamentos com outras garotas. Explicando melhor: caso o relacionamento da menina com a mãe tenha sido minimamente satisfatório, então a jovem, ao ingressar na adolescência, terá clareza de que, logo após o início da menstruação, poderá deixar para trás a dependência de criança e, obviamente, ser como a mãe é.

É muito comum, nessas ocasiões, a menina confrontar-se com sua mãe como prova de sua maturidade, o que para muitas mães é um momento bastante perturbador. As mães ficam atordoadas sem saber o que fazer com a atitude de **NEGATIVISMO** de suas filhas.

O negativismo pode desembocar em situações difíceis e aumentar significativamente, principalmente se o relacionamento entre a mãe e a filha arrasta dificuldades do passado. Se as dificuldades de relacionamento da infância persistem insolúveis, a jovem pode buscar nos relacionamentos atuais meios para solucionar a dependência infantil com a mãe. Quer dizer, como existe algo do passado que exige uma solução, a jovem muitas vezes apoia-se nas lembranças desses relacionamentos. Não conseguindo se livrar das lembranças, estas permanecem bem atuais, inibindo as possibilidades de realização. Em outras palavras: tenta encontrar no presente alguma coisa que não teve no passado.

Como podemos constatar, o relacionamento da criança com a figura materna é bem complexa. Mais ainda para a menina, que é vítima de todo o peso das tradições que impõem claras restrições à mulher. Na atualidade parece que esse cenário passa por transformações, mas não em todas as culturas. Existem países que ainda são bem conservadores quanto às condições de vida da mulher, principalmente em função de fundamentalismos de cunho religioso.

A análise da mulher no cenário histórico, econômico, político, religioso e sexual é um assunto bastante complexo que, sem dúvida, se defronta com limites de várias ordens. Se estamos mencionando a importância do relacionamento mãe-filha, não devemos esquecer que, em algumas circunstâncias, não são as mães que cuidam de seus filhos e mesmo sequer se encarregam da amamentação. Nos regimes monárquicos, rainhas e princesas contam com mulheres que se encarregam de todos os cuidados com as crianças, inclusive a amamentação. Certamente, são essas mulheres encarregadas das funções de sobrevivência da criança que funcionam como mães substitutas e deixam marcas significativas na vida das crianças que cuidam.

NEGATIVISMO

Corresponde ao abandono da relação de dependência infantil da menina com a mãe. Geralmente as mães se surpreendem pelo fato de suas filhas repentinamente travarem diálogos em bases diferentes das conversas da infância. A atitude de negativismo é, enfim, a jovem decidir-se em termos de expressar sua própria vontade e não apenas querer somente o que a mãe quer para ela.

Seja a própria mãe ou uma pessoa substituta, devemos considerar que, nos primórdios da vida, a criança estabelece com quem cuida dela, uma ligação emocional muito intensa. Esse assunto foi abordado na Aula 2, quando situamos os trabalhos de René Spitz, em função dos quais conclui que quando essa ligação emocional não se estabelece de forma satisfatória, a vida da criança entra em colapso, culminando em sua morte. A qualidade do vínculo emocional estabelecido entre a criança, na tenra idade, e sua mãe ou a pessoa que a substitua estará presente nos futuros relacionamentos.

Estamos abordando separadamente o vínculo da menina com a mãe, em comparação com a relação com o menino. A esse respeito, queremos assinalar que há um diferencial em termos de intensidade emocional: a menina para escolher um parceiro não precisa necessariamente renunciar o sentimento de carícia pela mãe, o que não acontece com o menino. Este, para escolher uma parceira visando sua realização sexual, deve, sobretudo, renunciar a possibilidade de amor genital com a mãe, pelo menos a esperança de consumir com ela a possibilidade de ser pai. Queremos afirmar que a tônica da relação da menina com a mãe é bastante evidenciada na relação de amizade com outras garotas, muitas vezes em misto de aspectos calorosos e também mesclados de ódio, ressentimento e cobrança. Talvez seja por esse motivo que as jovens exigem lealdade de suas amigas, exigindo quase que exclusividade, parceria nos segredos e o compartilhar de fantasias.

Podemos indagar qual a razão de a jovem agir dessa maneira com suas amigas? Em princípio, há a questão da segurança. A cumplicidade e a confidência representam, para a jovem, apoio e compreensão. O depoimento a seguir, dado por uma adolescente de 18 anos, sobre sua vida aos 14 anos, extraído do livro *Compreendendo seu filho de 12 a 14 anos*, de Margot Waddel, das páginas 31 e 32, ilustra bem essa questão.

Clara, na idade de 18 anos, expressa os sentimentos vividos anteriormente com bastante lucidez:

Eu me sentia absolutamente infeliz, furiosa ou detestando a mim mesma o tempo todo. Escrever um diário ajudou muito, mas o que afinal funcionou mesmo foi ter encontrado Emilia. Nós simplesmente fazíamos tudo juntas. Confidenciávamos uma à outra os nossos segredos, as nossas fantasias, os nossos piores medos, coisas que a gente não teria dito para mais ninguém. Íamos juntas a toda parte; dormíamos na mesma cama. Eu tenho certeza de

que estava apaixonada por ela, mas não sexualmente. Ela era fundamental no meu mundo. Às vezes, eu até pensava por um momento que eu podia ser bonita como ela, só que eu não parecia tão bonita. A gente fazia parte de um grupo de amigos que também era importante, mas o relacionamento íntimo sempre foi com nossas melhores amigas.

Seria interessante nos determos um pouco na passagem anterior e refletir sobre as condições do relacionamento dessa jovem em termos de cumplicidade e confiança. Em princípio, devemos nos indagar qual teria sido o papel dessa amizade na vida dessa jovem. Conforme podemos constatar, a jovem relata que o estabelecimento da amizade transformou sua vida. O vínculo de amizade foi a impulsão que fez essa jovem traçar projetos de vida a partir do momento em que passou a contar com a amiga como uma espécie de aliada e confidente em relação às questões da adolescência. A adolescente traça um retrato bastante positivo dessa amizade, principalmente ante a possibilidade de experimentar sentimentos como ser bonita, ser desejada, entre outros. Porém, a amizade para o jovem não é estabelecida nos mesmos padrões e tem outra finalidade.

No que tange às questões relativas à procriação, tudo leva a crer que o jovem não tem muitas dúvidas quanto ao assunto, ou seja, a participação do jovem do sexo masculino não implica os desdobramentos que tem para a mulher. Quer dizer, o jovem não realiza nenhum tipo de substituição de suas atividades lúdicas da infância na condição de ser pai. Além do mais, o fato de o jovem ter ereções constantes em idade bem precoce, parece ser um indicador de ações de cunho sexual. É em torno da possibilidade de uma primeira relação sexual que os rapazes trocam suas ideias. Geralmente formam grupos fechados, verdadeiros guetos, não no sentido da cumplicidade ou da confiança, mas em termos da demonstração de virilidade.

É muito comum os jovens fomentarem a crença de que têm que dar provas de sua condição sexual aos outros jovens. Para os rapazes, comunicar as façanhas sexuais parece ser a senha de pertencimento ao grupo. Eles não buscam segurança nas amizades, pois tudo indica que os amigos são companheiros que podem servir de testemunhos para comprovar a virilidade do jovem.

A necessidade de dar provas da virilidade parece ser tão intensa que soterra, quase definitivamente, a lembrança da forte ligação emocional da infância com a mãe. Talvez seja no caminhar em direção à

constituição da identidade masculina que o abandono desse vínculo se faz de forma marcante. Por isso, o jovem se afasta radicalmente de sua mãe, especialmente quando está com outros garotos de sua idade. Apesar do afastamento, há uma regra que deve ser observada: a mãe de cada um é mantida na condição de uma mulher venerada, ou seja, mantém-se uma imagem da mãe como mulher não desejada para a consumação da reprodução.

O afastamento da mãe pode ser considerado como o abandono do “lado feminino” de sua constituição psíquica tanto para a menina quanto para o menino. Porém, o jovem passa por um processo em função do qual revê a sua primeiríssima identificação, a mãe. Em ambos, as marcas dessa identificação são abandonadas e há mesmo nisso sinais físicos devido às transformações no corpo, como a acentuação do timbre vocal, que apresenta indícios graves em função das mudanças hormonais da puberdade no jovem, e a presença do corpo de adolescente na jovem. São corpos que apresentam fisicamente diferenças significativas em relação ao corpo materno.

Com a entrada na adolescência, o rapaz dispensa as características construídas na relação com a mãe, e esse processo é fundamental para a autoconfiança. Quem não se lembra do desconforto de um jovem de doze anos ou mais que ainda exhibe sinais de intensidade aguda em sua voz. Não somente o jovem se sente desconfortável, como os adultos estranham o timbre de voz agudo no corpo do jovem. É como se depois de um determinado momento a voz tivesse que, obrigatoriamente, mudar.

Assumir as características próprias da identidade masculina pode, em alguns casos, confluir para um certo exagero. Em algumas ocasiões, o jovem exacerba características masculinas, principalmente diante de amigos, e acaba representando o personagem macho, o valentão. Essa exacerbação deve ser compreendida como a expressão rudimentar de uma masculinidade ameaçada. Ou seja, aquele que assume um machismo exagerado, com uma voz forçosamente áspera, um jeito de andar rude, a adoção de palavrões, entre outras expressões, pode ser a escolha de uma alternativa para encobrir fantasmas e desconfiças, ou ainda temor em relação à homossexualidade.

O machismo exagerado costuma ser, tanto nos jovens quanto nos homens em geral, a expressão do receio em relação à desconfiança quanto à homossexualidade. Nos jovens é muito comum o sentimento de desconfiança quando firma relações de amizade com seus amigos. Ou seja, é típico da adolescência uma confusão dessa natureza, mais pronunciada nos jovens do que nas jovens. Na idade adulta, esse tipo de confusão deve ser considerado como uma questão insolúvel da adolescência e que pode ter consequências bem desagradáveis, conforme se constata nos ataques aos homossexuais, nos grandes centros urbanos, principalmente.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Nesta atividade, teremos a oportunidade de abordar dois aspectos da adolescência. O primeiro concerne ao amor da criança pelos seus pais, que passa por uma significativa transformação, culminando com o afastamento gradativo do jovem dessa modalidade de relacionamento amoroso. O segundo se refere a dois aspectos que são vividos pelo adolescente e que têm consequências diferentes para ambos os sexos: trata-se da prontidão para a reprodução e as elaborações em termos dos vínculos amorosos. Nesse caso, é muito comum o adolescente se confrontar com um certo período de ambiguidade. Mesmo estando pronto fisiologicamente para a reprodução, existem limites de natureza cultural, social e econômica que sugerem que o jovem deva esperar um pouco, seja em termos da maturidade em termos psicológicos, seja pela produção de condições materiais. A seguir, responda às questões seguintes:

1. Por que o jovem tem que fazer um tipo de renúncia à modalidade de amor que tem na infância com as figuras materna e paterna?
2. Considerando a reprodução e a realização sexual, podemos afirmar que esses processos se desenvolvem da mesma maneira para o adolescente?
3. As questões relacionadas à reprodução têm significados diferentes para o jovem e para a jovem. Quais são essas diferenças?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. O amor da menina e do menino com a mãe e com o pai passa por mudanças, pois para a menina exercer a função de mãe, ela deve rever os aspectos do amor inicialmente voltado para a mãe e depois para o pai. Já o menino deve renunciar, no âmbito da reprodução, à possibilidade de consumir essa realização com a mãe, além de ter que identificar-se ao pai, o que significa o afastamento e abandono da identificação com a mãe.

2. A procriação e a adolescência são processos que seguem linhas próprias, pois enquanto que a prontidão para a reprodução depende de condições meramente fisiológicas, a condição referida ao exercício da maternidade e da paternidade depende de elaborações no âmbito dos processos psíquicos. Sendo assim, embora esses processos sejam simultâneos, cada um tem sua própria especificidade e não devem ser considerados equivalentes.

3. A reprodução para a jovem pode significar o substituto de suas brincadeiras infantis, sem que haja uma elaboração da própria infância, ou seja, muitas jovens são mães ainda em um universo voltado para a infância. Para o jovem ter um filho pode ser a comprovação de sua virilidade e masculinidade, obviamente em um universo que conserva também questões da vida infantil ainda sem soluções.

DAS AMIZADES À CONVIVÊNCIA SOCIAL



Na transição dos vínculos amorosos da infância para as relações de amizade, de companheirismo e de autoafirmação da adolescência, o jovem vive um período de vulnerabilidade repleto de sentimentos confusos decorrentes tanto das transformações do corpo quanto do horizonte que se afigura em termos das responsabilidades da vida adulta.

No início da vida, a criança desenvolve suas relações através de experiências com pessoas que lhe são próximas. Isso é fundamental, principalmente pelo fato de a criança precisar de segurança, amor, atenção, limites e de um espaço familiar onde possa desenvolver suas fantasias. Dificilmente, a criança poderia prosseguir seu desenvolvimento em um ambiente estranho, ou que mude constantemente. Como a criança é um ser em transformação, é muito importante que algumas coisas e pessoas de seu convívio tenham uma certa permanência.

Essa mesma situação também se faz necessária na adolescência, mas em outras bases. As necessidades do adolescente apresentam-se em um espaço onde algumas coisas têm de ser mantidas sem muita variação, e determinadas pessoas devem servir de referências. Se, por um lado, a segurança da família é importante, por outro, o adolescente precisa se realizar em um espaço mais amplo do que o mundo das relações familiares para dar prosseguimento ao seu desenvolvimento psicológico.

Uma particularidade das necessidades do adolescente é a construção de um espaço próprio, onde alimenta a expectativa de ser reconhecido como autônomo e responsável. A busca da identidade construída na adolescência é cheia de novidades e não segue um caminho tão linear conforme acontece na infância. Quer dizer, o adolescente conta com as referências do círculo familiar, mas isso não é suficiente, por isso sai em busca de outras referências.

Nessa abertura ao mundo, o adolescente vive uma gama de sentimentos ambivalentes. Ao mesmo tempo em que se sente atraído pelas descobertas que faz fora do universo da família, vive o temor de que esteja se afastando completamente das relações com as figuras do ambiente familiar. Então temos, por um lado, um movimento que ainda traz as marcas das relações da infância, que concerne ao medo do novo, do lançar-se ante ao desconhecido e, por outro, o movimento voltado para as questões do mundo adulto em relação aos projetos traçados para assumir as responsabilidades da vida.

Sendo assim, essa etapa do desenvolvimento psicológico é marcada pelos conflitos devido à presença de sentimentos de duas ordens: sentimentos infantis e a luta contra os mesmos na caminhada para assumir as responsabilidades da vida adulta. Talvez seja por essa razão que os adolescentes sejam atormentados pelas incertezas, tanto a respeito da vida quanto de sua própria identidade.

Se formos um pouco a nossa imaginação, talvez consigamos nos reportar às dúvidas que vivíamos na adolescência como: quem sou? O que vou fazer na vida? Irei mudar as coisas que eu tanto critico? Certamente, essas questões são o processo de indagação daquilo que cada um pretende ser. Por isso que o adolescente constrói seu espaço para refletir sobre essas e outras tantas questões.

O momento de questionamento é de suma importância para a construção da identidade do adolescente, bem como para o preparo das

condições exigidas ao enfrentamento da vida adulta. Em certo sentido, podemos reconhecer no movimento do adolescente, ocasionado pelo questionamento, um esforço vital, a construção de uma certa autonomia, mesmo que isso somente se concretize muito depois. Além do mais, as exigências de especialização técnica para o ingresso no mercado de trabalho, cada vez mais pronunciadas, acabam por prolongar a adolescência.

Atualmente, em decorrência do alongamento do tempo da adolescência devido à profissionalização, observa-se que os casais planejam ter filhos em uma idade mais avançada. Talvez acompanhando as indicações da sociedade contemporânea no sentido de que, em primeiro lugar, o jovem deve profissionalizar-se para produzir seu sustento e somente depois decidir-se em relação à procriação.

Esses fatores têm consequências diretas no cenário das amizades e também dos relacionamentos amorosos. As exigências da vida atual impõem determinados limites à realização imediata dos planos do adolescente, principalmente se considerarmos a questão da procriação. Quer dizer, os relacionamentos são questionados em termos das responsabilidades da vida adulta. Acreditamos que diante dos obstáculos impostos pela vida, tanto na competitividade quanto no sentido da perpetuação da espécie, os adolescentes produziram um termo que muito bem caracteriza o padrão de relacionamento. Se outrora, os relacionamentos eram descritos como amizade, namoro e casamento, atualmente foi acrescentada uma outra possibilidade: o “ficar”, que não conserva nenhum significado dos três tipos de relações referidas.

TRANSITORIEDADE

Termo empregado para caracterizar a particularidade da vida de ser passageira, ou seja, aquilo que tem uma certa duração cuja atividade final é indicada pela morte. A palavra indica a passagem de um lugar a outro, o que reflete a compreensão que o homem tem do que seja a vida. A morte seria então o divisor de águas que indica essa passagem, sendo que a vida é transitória em função da morte concebida como acontecimento irreversível.

O ficar é uma espécie de relação afetiva, até certo ponto anônima, mas, sobretudo, sem qualquer compromisso, que pode ser um único encontro de poucos minutos. Nada mais que isso. Certamente o “ficar” ou a relação entre os “ficantes” pode ser considerado como o movimento de ruptura dos laços com a família, sem que seja necessário assumir as obrigações relacionadas à procriação. Por um lado, é uma alternativa com valores positivos, no sentido da expansão das relações de amizade e, por outro, o anonimato e a **TRANSITORIEDADE** desse tipo de vínculo afetivo podem sugerir que as experiências da vida sejam efêmeras e descartáveis. Esse pode ser um aspecto negativo desse tipo de relacionamento, mas que é uma realidade na convivência dos jovens.

O que podemos compreender com esse tipo de relação afetiva é que o jovem avançou na edificação de sua identidade. Travou uma batalha

com as experiências e vivências da infância, deixando-as definitivamente para trás e soterrando-as no universo das lembranças. Há, nesse novo tipo de experimentação no campo das relações afetivas, sentimentos de várias ordens. Em primeiro lugar, o jovem toma consciência de que deverá construir outros suportes para enfrentar a vida, visto que aquilo que traz da infância mostra-se inadequado. Em segundo lugar, há o sentimento de que poderá ser rejeitado em suas escolhas, o que faz o jovem, muitas vezes, ser arredio no investimento em relações de amizade e amorosas. Em terceiro lugar, quando ocorrem frustrações nas relações de amizade ou amorosas, é muito comum o adolescente confinar-se em mágoas e decepções, o que pode desencorajá-lo a prosseguir, se não houver um espaço que minimamente o acolha no sentido de ajudá-lo a superar esses momentos críticos.

O sentimento de mágoa e decepção pode acontecer em outros tipos de relacionamento da convivência do jovem, como com professores, ídolos do esporte, da música e das artes. É importante salientar que, muitas vezes, tais sentimentos acontecem em função da imaginação do adolescente. É comum crerem que os adultos querem dominar e decidir o que fazer em suas vidas. Quer dizer, o adolescente tem na sua imaginação a ideia de que as ações dos adultos podem prejudicá-lo no seu crescimento, como também são obstáculos na afirmação da própria identidade. É preciso frisar que nem sempre isso é apenas imaginação do adolescente, pois muitos pais passam por momentos difíceis quando se dão conta de que a criança com quem conviviam não existe mais. Quantos pais não reclamam, em tom de certa nostalgia, que o tempo bom era aquele em que o filho era criança. Diante dos conflitos com o filho adolescente, esses pais não hesitam em pronunciar sentenças nada agradáveis do tipo “não sei por que você cresceu” ou “onde estava com a cabeça quando tive um filho”.

Se estamos retratando as dificuldades de convivência do adolescente, também devemos considerar as dificuldades enfrentadas pelos pais ante a novidade que é ter um filho adolescente. Tudo isso pode ser motivo para a manifestação de mágoas, ciúmes, sentimentos de injustiça, tanto dos filhos quanto dos pais. Se os pais não conseguirem minimamente dialogar com o filho adolescente, este transferirá essas dificuldades para a convivência fora do ambiente familiar, o que tornará o relacionamento bem complicado.

Vale a pena, a essa altura, fazer um esforço e voltar nossas lembranças para os momentos difíceis que vivemos na adolescência. Quais eram os motivos das intermináveis discussões que tínhamos com pais, irmãos mais velhos e pessoas de vínculos consanguíneos que nos eram muito próximas? Que lembranças vêm a sua mente? Que ajuda você teve para atravessar esses momentos difíceis? Já pensou em conversar com um irmão ou um primo a esse respeito? Pois bem, procure refletir sobre essa “tempestade” de seu passado. É um bom exercício para compreender as questões que os adolescentes atravessam na atualidade, principalmente no contexto da sala de aula.

Devemos dar um destaque especial para os vínculos de amizade que são estabelecidos na adolescência, pois não somente têm o significado de segurança e estabilidade como também são um grande “tesouro” para o jovem. O jovem conta muito com as amizades para sair das turbulências da adolescência. A amizade não começa obviamente na adolescência. A criança também estabelece vínculos de amizade, mas na condição de que os amigos não passam de colegas. A amizade com trocas recíprocas de afetos, cumplicidade e confiança é algo que somente acontece na adolescência. Mas por quê? Em princípio, pelo fato de que uma mudança significativa acontece quando o jovem ingressa na adolescência: descobre que os pais não terão mais o mesmo papel que tinham antes, quando era criança. Por isso, sentem que é preciso encontrar outras relações que não sejam somente os vínculos amorosos do âmbito da sexualidade.

Nesse sentido, poderíamos concluir que um adolescente sem amizades é um jovem infeliz, devendo ser objeto de preocupação. Se estamos atribuindo um valor significativo às amizades na adolescência, é pelo fato de que um amigo representa a possibilidade de abertura a um outro mundo além do ambiente familiar, e também a possibilidade de encontrar outros pontos de referência para afirmar-se, tanto diante da vida quanto diante de seus próprios pais. Aliás, o sonho de afirmação é uma constante na vida dos adolescentes. Parece que não pensam em outra coisa.

Sendo assim, o amigo funciona como uma espécie de espelho em que o jovem encontra a imagem de si mesmo. Ou seja, encontra-se diante de um duplo, uma imagem parecida que o tranquiliza e dá segurança, além de contribuir na construção dos elementos que concernem a sua singularidade. Não obstante, pode acontecer também o inverso:

o amigo pode ser uma espécie de posição inalcançável que concorre para aprisionar o jovem no mundo dos devaneios e dos sonhos, sem possibilidade de realização.

As amizades do adolescente são uma coisa nova para a família. Em primeiro lugar, os parentes constatarem que o jovem está habitando outros espaços e conhecendo outros mundos. Em segundo lugar, existe a possibilidade de que as amizades venham a substituir, de forma vantajosa, as relações familiares, principalmente quando o jovem busca nas amizades aquilo que não consegue junto aos seus pais. Para ilustrar essa situação, poderíamos nos referir às questões dos limites: os pais são aqueles que colocam limites para seus filhos adolescentes, ao passo que nas amizades as restrições não acontecem com frequência.

Os laços de afetividade nas amizades dos jovens são partilhados sem limites, marcados principalmente pela proximidade física e pela possibilidade de compreensão recíproca, sem que sejam necessárias muitas explicações. Quer dizer, os jovens geralmente se aceitam sem censuras e sem conselhos, o que não acontece no universo das relações familiares. Mas a amizade pode também não ser um vínculo enriquecedor para o jovem, principalmente quando o vínculo de amizade torna-se uma exclusividade, ou seja, a amizade em vez de ser um complemento das relações familiares torna-se o único substituto das mesmas. E o que acontece nessas situações?

Os amigos podem tomar o lugar dos pais, e isso pode significar que o jovem adote como referência somente as opiniões que são veiculadas nos círculos de amizade, sem considerar as indicações oriundas do ambiente familiar. Acontece também que quando o adolescente experimenta decepções e frustrações na família, pode apegar-se aos amigos de forma muito intensa, sem ter noções claras do que significa abrir mão dos conselhos e orientações dos pais.

O adolescente, diante das complicações próprias da adolescência que experimenta, dificilmente está em condições de avaliar que a exclusividade nas relações de amizades pode ser um caminho infrutífero, especialmente quando busca refúgio diante de situações conflitantes vividas na família. Quer dizer, o adolescente não tem clareza daquilo de que está fugindo. Os conflitos com a família serão vividos, por tabela, nas relações de amizade de forma também conflitante.

Além disso, essa atitude seria o equivalente a trocar uma dependência afetiva por outra e não a produção de suportes para a autonomia, já que enfrenta situações de conflitos muito semelhantes às vividas na família. O que supostamente dá segurança aumenta a dependência, mantendo assim o jovem preso a situações da infância que ainda precisam ser elaboradas. Isso é o que acontece quando a postura do jovem, no grupo de amigos, é marcada pela atitude de submissão.

Essa forma de pertencimento ao grupo pode ser útil, mas é uma solução passageira e pouco consistente para a edificação de laços afetivos autênticos. Sendo assim, as relações assumem a condição de serem apenas superficiais, o que pode levar o jovem a recorrer a outros espaços em busca de soluções, como o ingresso em determinadas seitas, a participação em grupos que prestam serviços comunitários e outros.

Mas como agir diante de uma situação como essa, em que o adolescente diante das dificuldades insolúveis no âmbito da família busca a participação em grupos como uma única alternativa? Sem dúvida, os vínculos de amizade não devem funcionar como uma espécie de “tábua de salvação” para solucionar as questões relativas ao relacionamento familiar. É claro que as relações de amizade podem ajudar nesse sentido, mas as soluções são produzidas através do diálogo entre pais e filhos, mediado pelo esclarecimento e pela autenticidade. Isso é fundamental. Como se consegue pôr em prática tal empreitada? Admitamos que seja importante para os pais conhecerem os amigos de seus filhos, não no sentido de controlar as amizades, embora em algumas ocasiões isso deva ser feito, mas no sentido do reconhecimento da ampliação do universo de relações que os vínculos de amizade representam.

O reconhecimento dos vínculos de amizade de seus filhos é uma transição a qual, muitas vezes, os próprios pais reagem com muita dificuldade. Quem já não ouviu falar de pais que proíbem seus filhos de irem à casa dos amigos ou mesmo recebê-los em casa? Qual seria então o motivo de uma reação desse tipo?

Podemos a esse respeito levantar algumas hipóteses: em primeiro lugar, tal atitude pode representar a dificuldade dos pais em aceitar a constatação de que a criança com que conviviam transformou-se a ponto de não ser mais tão dependente deles. Em certo sentido, a autonomia dos jovens é, muitas vezes, interpretada pelos pais como uma espécie de abandono. Claro que essa é uma má interpretação. Em segundo lugar, os

pais podem trazer ressentimentos e mágoas relativas às experiências de suas próprias adolescências e, como não resolveram, agem com os filhos impondo condições como se isso fosse uma solução para as questões que não conseguiram elaborar. Em terceiro lugar, os pais podem estabelecer normas de vida que não comportem a abertura de sua casa a pessoas fora do circuito familiar e, sendo assim, os amigos de seus filhos são considerados pessoas estranhas.

É importante que os pais tenham clareza do tipo de exigência que fazem aos filhos adolescentes, no sentido de separar aquilo que se refere às suas próprias questões das nuances que concernem ao momento da educação de um filho, nessa etapa do desenvolvimento psicológico. Como podem alcançar isso? Primeiramente com um bom exercício de reflexão: é preciso que os pais reconheçam que não devem repetir com os filhos as suas experiências, ou seja, o que é eficaz em um contexto pode não ser em outro. Em segundo lugar, os pais não devem privar seus filhos de alguma coisa que não tiveram, como é costumeiro ouvir em centros de orientação familiar pais falarem abertamente que não vão dar determinadas coisas aos filhos se não as tiveram.

Essa atitude dos pais é uma espécie de reivindicação deslocada, ou seja, os pais estariam fazendo um acerto de contas com o filho de uma dívida, por deslocamento, da dívida deles, pais, com seus próprios pais. Além do mais, temos também que considerar que o tempo esfumaça as lembranças e muitas coisas que são explicitadas pelos pais podem ser interpretações carregadas de sentidos que foram construídos durante a vida, sem que as situações tenham sido vividas da forma como são expressas. Não devemos desconsiderar a possibilidade de que cada um de nós reconstitua as experiências de vida, acrescentando um colorido todo próprio. E os pais não fogem a essa regra!

Por fim, o encontro dos pais com um filho adolescente representa o momento em que determinados valores são colocados à prova. Quantas vezes os pais são severos com seus filhos para não desobedecerem a seus pais? Quer dizer, muitos pais guardam o sentimento de obediência aos seus pais como algo intocável, como uma espécie de tabu: se meu pai não me permitia fazer isso, então não posso também permitir aos meus filhos. Trata-se de uma relação de fidelidade dos pais aos seus pais que pode ser muito prejudicial aos seus filhos, pois temos em cena três gerações e devemos considerar que as mudanças sociais interferem no teor das relações humanas.

Além disso, existe também a possibilidade de os pais tomarem a educação que tiveram como uma espécie de modelo imutável, na crença de que se o processo de educação deu certo, então deve ser repetido. Mas sabemos que essas questões devem ser relativizadas, mesmo porque o confronto dos valores que são transmitidos pelos pais a seus filhos é foco de divergência, que conhecemos com o nome ruptura das tradições, assunto abordado em um verbete em nossa segunda aula.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Nesta atividade, você encontrará questões relacionadas ao momento de ampliação das relações do jovem, em função dos vínculos estabelecidos no contexto extrafamiliar. Este é um momento da passagem da condição de amigos como meros colegas, como acontece na infância, à condição de amigos verdadeiros, característica da adolescência. Essa passagem acontece pela construção de suportes favoráveis à solução dos conflitos que surgem na relação do jovem com seus pais, em função dos impasses, muitas vezes, insuperáveis que requerem uma atenção mais direcionada à situação.

Como deve ser o diálogo com seus filhos no momento em que estabelecem laços afetivos fora da família?

RESPOSTA COMENTADA

A partir do momento em que o jovem firma novos laços afetivos de amizade, os pais não devem realçar a dependência material como a condição mais importante no relacionamento. Agir dessa maneira seria subestimar a afeição que os filhos nutrem pelos pais e acreditar que o silêncio do jovem é apenas um tipo de recusa, ou mesmo que os pais perderam a importância. Certamente não é disso que se trata, pois mesmo que os filhos expressem sua afeição de forma negativa, isso não quer dizer que desconsiderem os pais ou que não os amem mais.

CONCLUSÃO

A dinâmica referida à ampliação dos laços afetivos que acontece na adolescência é bastante complexa e cheia de novidades. O universo de relações da criança sofre uma profunda transformação, visto que o âmbito restrito de relações afetivas da vida infantil amplia-se consideravelmente. Em princípio, os objetos de investimento amoroso são os pais ou as pessoas muito próximas da família. Em seguida, o jovem precisa estabelecer vínculos em outros contextos, tanto no sentido da busca de sua afirmação quanto em termos de descoberta de si e do mundo.

Os vínculos de amizade e as primeiras investidas dos jovens, no campo da sexualidade, ao mesmo tempo que são muito esperadas, normalmente, pela grande maioria dos pais saudáveis, são também fonte de muita preocupação. Diante dessa expectativa, os pais experimentam incertezas quanto às pessoas com quem seus filhos se relacionam, o que até certo ponto é justificável, principalmente quando essas pessoas não fazem parte do universo de conhecidos dos pais. Mas os pais não desconhecem a importância da amizade para seus filhos e, muitas vezes, superam suas próprias dificuldades, contendo suas ansiedades em saber que seus filhos encontram-se na companhia de pessoas fora do contexto familiar.

Claramente, o movimento de afastamento e o declínio parcial do vínculo afetivo dos filhos com seus pais podem ter o significado de abandono. Salientamos que esse movimento é necessário para que o jovem possa edificar sua identidade de forma autônoma e segura. E, ainda, o que os pais interpretam como abandono é a nostalgia que conservam dos tempos em que seu filho, quando criança, estava vinculado afetivamente somente a eles. Então é natural que haja um certo ressentimento nisso, pois os pais, doravante, terão que dividir seus filhos com pessoas “estranhas”.

Nem sempre os pais estão preparados para encarar o movimento de autonomia expresso pelo jovem na busca de afirmação com a colaboração dos laços afetivos fora da família. Em muitas ocasiões, sentem-se enciumados e julgam que seus filhos atribuem maior importância às amizades, principalmente em termos do companheirismo, da cumplicidade e da acentuada fidelidade que o jovem demonstra de sua amizade.

A dificuldade dos pais pode ser o reflexo dos impasses insolúveis trazidos de suas experiências de vida, mas que, na grande maioria das vezes, sequer estão cientes dessa possibilidade. Isso pode fazer com que os pais se tornem intransigentes e pouco abertos ao diálogo e à negociação

de condições com seu filho adolescente. Sendo assim, da mesma forma que os jovens devem ser esclarecidos quanto às turbulências próprias da travessia que é a adolescência, os pais não devem evitar também ser esclarecidos quanto a essas questões. Esta seria uma ótima oportunidade de elaborarem, na medida do possível, as experiências que os aprisionam ao passado, sem soluções ou com soluções inadequadas.

Em suma, atravessar com um filho a sua adolescência pode ser um momento bastante proveitoso para ambos os lados. Os pais têm a chance de rever algumas questões de suas vidas e, assim, elaborar aspectos de suas adolescências, e os filhos podem sair fortalecidos nessa fase de transição pela conquista da autonomia e da segurança de forma compartilhada. Por isso, é importante os pais participarem das amizades de seus filhos, não como atores efetivos, mas sim a distância, tanto pelo reconhecimento quanto pelo acompanhamento relativos dos laços afetivos que seus filhos estabelecem.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Nessa atividade, apresentamos trechos da letra da música “Canção da América”, composta por Fernando Brant e Milton Nascimento, para refletirmos sobre os vínculos de amizade que são uma peça fundamental para a vida.

Atente para os trechos que destacamos no sentido de identificar, na viagem poética de seus autores, nuances que nos levem a pensar na importância da amizade para o homem, de um modo geral e para o jovem em particular. Considere também as consequências dos laços afetivos, tentando situar tanto o contexto dos primeiros vínculos que são estabelecidos com as figuras materna e paterna quanto na extensão que ocorre com as amizades e as primeiras incursões no terreno das experiências sexuais com o namoro e o “ficar”.

Amigo é coisa para se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração

...

Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam “não”

...

Pois seja o que vier, venha o que vier

Qualquer dia, amigo, eu volto

A te encontrar

A seguir, depois de se deliciar com tão belas frases, faça uma interpretação de cada trecho/estrofe isoladamente, considerando tanto o contexto das relações do jovem com os pais quanto o universo de laços afetivos que são estabelecidos no contexto extrafamiliar.

COMENTÁRIO

O primeiro trecho/estrofe ressalta a importância da amizade, sem que seja feita qualquer distinção se o amigo é alguém do contexto das relações consanguíneas ou se faz parte do universo de relações fora do ambiente familiar. Além disso, fica evidenciado que amizade é algo que deve ser cuidado e muito bem guardado, especialmente se considerarmos as duas metáforas empregadas: “debaixo de sete chaves”, expressão que deve ser entendida como a indicação de uma coisa a ser cuidadosamente muito bem guardada, e “dentro do coração”, indicando que amizade é vida, tal como circula o sentido do coração como órgão vital e igualmente polo referido ao amor.

O segundo trecho/estrofe sugere que a distância não é em si um aspecto que abale a amizade, pois as verdadeiras amizades suplantam o tempo e, por isso, perduram, pois são conservadas do “lado esquerdo do peito”, quer dizer, um lugar de extrema importância na vida do homem.

O terceiro trecho pode ser considerado como o reencontro da relação do jovem com as figuras materna e paterna sinalizado na passagem “amigo um dia eu volto a te encontrar”, apesar de todas as intempéries com que somos confrontados na transitória passagem pela vida. Quer dizer, do primeiro vínculo de amizade jamais se esquece!

E este talvez seja o sentido da ampliação do universo dos laços afetivos para o jovem: formar amizades na caminhada para firmar sua identidade, busca de segurança e autonomia e ainda construir condições para se apresentarem, principalmente, aos pais como responsáveis pelas suas próprias vidas. Eis o sentido do reencontro referido na letra da música. Quer dizer, todos nós, depois de empreender uma longa viagem de explorações e descobertas, um belo dia nos damos conta de que estamos nos reencontrando com os amigos fundamentais das nossas vidas: os nossos pais, estejam eles presentes ou não, pouco importa!

RESUMO

A passagem do relacionamento com as figuras parentais para os laços de amizade fora do âmbito familiar tem consequências tanto para o jovem quanto para seus pais. Em primeiro lugar, essa passagem representa a ampliação dos relacionamentos e, em segundo, tem o significado de independência e autonomia. O momento em que o jovem ingressa na adolescência, seja no sentido do preparo visando ao atendimento das exigências do processo de procriação, seja em relação à postura diante das responsabilidades da vida adulta, deve ser considerado como uma ruptura em relação aos processos da vida infantil. Do amor aos pais, as relações estendem-se para a amizade, o companheirismo e a cumplicidade. As amizades são, desse modo, um elemento propulsor para o jovem ampliar seu universo de relações e também engajar-se em movimentos de descobertas que possam levá-los às suas realizações, tanto profissionais quanto no exercício das funções parentais: maternidade e paternidade. Em certo sentido, as amizades são peças importantes para o jovem no mundo atual, onde, cada vez mais, essas realizações são adiadas em função das exigências inerentes às condições de vida. Essas mudanças refletem-se diretamente no contexto das relações entre pais e filhos, pois em função da especialização ocorrer mais tardiamente, em comparação com outras épocas, os pais terão que manter seus filhos por um período maior. Além disso, houve mudanças também na posição de domínio dos pais em relação aos filhos, e isso

parece ser um foco de conflitos que se arrasta, seja pelo fato de que, muitas vezes, os pais não cedem ao diálogo com seus filhos, ou porque os jovens, em atitude de fuga, vinculam-se a grupos que os prejudicam.

As trilhas do tornar-se mulher e os caminhos do vir a ser homem

Francisco Ramos de Farias

AULA

8

Meta da aula

Apresentar as diferenças entre os processos de formação das identidades feminina e masculina a partir da travessia pelo complexo de Édipo, considerado como a matriz universal da sexualidade.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. diferenciar reprodução de sexualidade;
2. identificar as características do complexo de Édipo;
3. enumerar os passos na construção da identidade masculina;
4. analisar o percurso relativo à feminilidade.

INTRODUÇÃO

A abordagem das diferenças entre o processo de prontidão para a reprodução e os caminhos que levam à constituição da sexualidade faz parte de uma temática discutida amplamente no século XX, com o advento da Psicanálise. Até então, a sexualidade era pensada como sendo o equivalente da reprodução. Por esse motivo, propomo-nos, nesta aula, a traçar os dois percursos que definem a sexualidade como fenômeno do campo da linguagem. Conhecemos os termos “masculino” e “feminino”, que são construções produzidas em função das condições culturais, como também os termos “macho” e “fêmea”, que decorrem de uma determinação de natureza biológica.

No intuito de compreender a sexualidade, é fundamental o entendimento do complexo de Édipo como o processo que não apenas é fundante da condição cultural, como também que sua resolução abre as portas para a escolha de um tipo de objeto sexual.

Analisaremos separadamente o processo que ocorre no menino, em suas próprias características, e também o percurso da menina à mulher. O objetivo é estabelecer as bases diferenciais de cada processo e demonstrar que o feminino e o masculino não são categorias complementares como se imagina, mesmo porque, no âmbito da experiência humana, não seria possível pensar em completude em função de sermos seres desejantes, quer dizer, marcados desde sempre e para sempre pela falta estrutural. A falta estrutural é a condição que se configura em função das necessidades vitais e, conseqüentemente, é alimentada pelo sonho de completude. Certamente se o homem alimenta a esperança de um dia ser pleno é porque, na realidade, não é.

Assim, ao indagarmos o que quer dizer masculinidade, bem como feminilidade, estamos nos afastando do âmbito das determinações biológicas para compreender tais condições no campo do desejo, ou seja, o que faz do homem e da mulher seres que buscam a completude.

DIFERENCIANDO PUBERDADE DE ADOLESCÊNCIA

Puberdade e adolescência, frequentemente, são abordadas como sendo um mesmo processo, como sinônimos. Mas, como vimos em aulas anteriores, existem características próprias da puberdade, entendidas como o despertar dos hormônios, até então mais ou menos inoperantes. Além disso, existem também, na puberdade, as profundas transformações do corpo, que habilitam o jovem para a atividade reprodutiva. Somente

podemos entender a adolescência como processo, com tempos e características específicos, no âmbito das transformações psicológicas.

Assim, já estabelecemos nosso encaminhamento no tratamento da questão. Inicialmente teceremos algumas considerações sobre a reprodução. Em seguida, abordaremos o complexo de Édipo, especialmente as suas consequências em termos do processo relativo ao ser homem e ao tornar-se mulher como categorias culturais.

Sabemos que a determinação das categorias macho e fêmea é estabelecida em diversos momentos complementares. A princípio, temos as informações dos cromossomos, primeiro indício de diferenças. Em seguida, temos correntes hormonais com intensidades diferenciadas no menino e na menina. Por fim, a formação dos órgãos internos e o aparecimento dos caracteres sexuais secundários.

A combinação dessas condições possibilita o aparecimento de duas categorias: macho e fêmea. Mas há exceções, explicadas pelo saber biológico. Podem existir alterações dessas combinações (**HERMAFRODITISMO**) ou de alterações genéticas nos cromossomos X e Y (**SÍNDROME DE TURNER** e **SÍNDROME DE KLINEFELTER**).

O hermafroditismo nem sempre impossibilita o processo de procriação, ao passo que nas duas espécies de anomalias citadas existem obstáculos à reprodução, pois são geralmente sujeitos estéreis. No entanto, estes obstáculos não existem para a formação das identidades feminina e masculina nos portadores destas síndromes.

No tocante à reprodução, vamos lembrar algumas coisas que já estudamos na época do Ensino Médio, principalmente nas aulas de Biologia, na parte da genética dedicada à reprodução. Quando estudamos a reprodução dos seres vivos, deparamo-nos com dois tipos: a reprodução assexuada e a reprodução sexuada.

HERMAFRODITISMO

Distúrbio de natureza morfológica com comprometimentos fisiológicos das gônadas reprodutoras em um sujeito que expressa simultaneamente estruturas testicular e ovariana, podendo

apresentar também conformações das genitálias masculina e feminina, porém, muitas vezes, indefinidas. Em função do aparecimento de órgãos sexuais secundários femininos, os portadores dessa síndrome são criados como se fossem mulheres. É preciso determinar a qual categoria biológica pertencem. Cabe ressaltar que não se trata de uma síndrome genética relacionada aos cromossomos X ou Y. Os graus de hermafroditismo são variáveis segundo a presença das gônadas, que podem se encontrar bastante atrofiadas.



Fonte: <http://www.brasilescola.com/biologia/hermafroditismo.htm>

SÍNDROME DE TURNER

Trata-se de uma síndrome pouco conhecida e bem pouco frequente, que afeta apenas as fêmeas. Esses sujeitos não possuem os dois cromossomos X que caracterizam a determinação, em termos cromossômicos, da categoria biológica fêmea, ou seja, falta um desses cromossomos, e em vez de 46,

esses sujeitos apresentam apenas 45. Geralmente a portadora dessa síndrome apresenta baixa estatura, ovários, vagina e seios poucos desenvolvidos, tórax largo e malformação das orelhas, sendo quase sempre estéreis, pois os ovários não produzem óvulos.



Fonte: <http://www.brasilescola.com/biologia/sindrome-de-turner.htm>



Fonte: <http://www.brasilecola.com/biologia/sindrome-de-klinefelter.htm>

SÍNDROME DE KLINEFELTER

Trata-se de uma síndrome descoberta por Harry Klinefelter, descrita como a causa mais frequente do hipogonadismo e da infertilidade em sujeitos machos. Explica-se a partir de uma anomalia cromossômica em termos de acréscimo de mais um cromossomo no par XY que apresenta a configuração de 47 cromossomos: XXY. Devido a essa alteração quantitativa, os portadores apresentam desenvolvimento das glândulas mamárias, baixa estatura e testículos pequenos, que geralmente não produzem espermatozoides, o que torna tais sujeitos inférteis.

A reprodução assexuada é aquela em que um organismo se reproduz sem a intervenção de um outro. Teríamos um processo que seria mais fácil, à primeira vista. Por isso, seria natural que essa forma de perpetuação dos organismos vivos prevalecesse sobre a reprodução sexuada, dadas as complexidades que ela requer, como a participação de um outro indivíduo. Porém, se a reprodução sexuada existe, apesar de suas complexidades, seria conveniente nos indagarmos sobre o motivo dessa existência.

Se traçarmos uma linha no campo da evolução, deveríamos conceber que na origem do processo de reprodução está o modelo assexuado. Como a reprodução sexuada surgiu? Como explicá-la em termos do processo de mutação nos organismos que se reproduziam de forma assexuada? Ou ainda, como teria ocorrido o triunfo da fecundação sobre a reprodução assexuada?

Responder a essas questões não é tarefa fácil. A princípio, temos um indicador que nos serve para a escolha de uma direção no sentido de pensar essa questão: o acasalamento entre seres muito próximos não se mostrou tão eficaz, no campo da reprodução assexuada, especialmente em função da ocorrência de transmissão e do aparecimento de casos letais. Em segundo lugar, a reprodução sexuada tem a vantagem de produzir o aumento na variação genética, e talvez essa tenha sido a razão pela qual esse tipo passou a predominar sobre a reprodução assexuada. Sendo assim, a reprodução sexuada seria a estratégia evolucionária para uma maior estabilidade dos organismos, principalmente em um mundo onde as mudanças são muito rápidas.

Qualquer que tenha sido o processo em sua origem, quer dizer, o âmbito em que a vida surgiu, a reprodução sexuada exige o cumprimento de certas condições: representantes de duas categorias distintas de organismos (macho e fêmea) devem se unir a fim de trocarem entre si material genético.

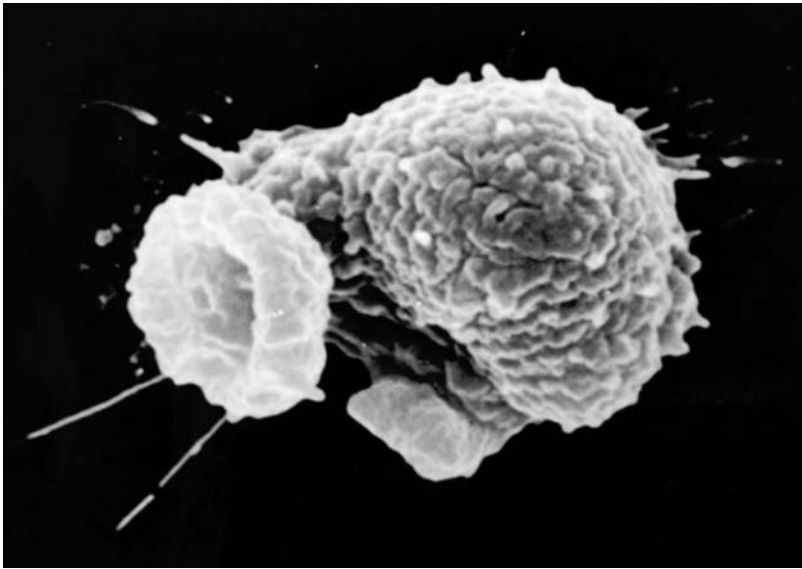


Figura 8.1: *Entamoeba histolytica*, um tipo de ameba, protozoário unicelular, com reprodução do tipo assexuada, por meio de divisão celular.

Fonte: <http://ppsus.cederj.edu.br/site/visualizar?codigo=158>

Em alguns organismos primitivos, não há diferenciação precisa entre as categorias macho e fêmea. Isso faz com que entre dois organismos seja considerado macho aquele que se desloca com maior velocidade, visto que esta o torna mais rápido para apropriar-se da matéria do mais lento. Não obstante, trata-se de uma mera convenção do saber biológico, pois essa classificação é relativa. Certamente, quando avançamos na escala evolutiva, essa classificação é feita a partir de critérios objetivos e, assim, alcança uma estabilidade, mas, como descrevem os compêndios de Biologia, nos mamíferos, os espermatozoides se deslocam de forma muito mais veloz do que os óvulos. Talvez tenha sido esse argumento do qual os estudiosos se valeram para interpretar as ocorrências da reprodução nos seres primitivos.

Uma advertência deve ser feita quanto ao processo de troca do material genético: não basta que ocorra o intercâmbio, pois um dos organismos deve responder pelo processo de gestação. Mas sabemos que em algumas circunstâncias tal responsabilidade não fica a cargo de nenhum dos dois seres. Isso acontece com alguns tipos de insetos que inoculam em outras formas de vidas o resultado das trocas do material genético decorrente do encontro reprodutivo. Na maioria dos casos, é a fêmea que se encarrega da gestação e que também assume os cuidados de proteção e manutenção da sobrevivência de suas crias. Mas o importante é a variedade genética que a reprodução sexuada possibilita.



Figura 8.2: O cavalo-marinho (*hippocampus*), gênero de peixe, é uma rara espécie em que o macho participa ativamente da gestação, guardando em sua bolsa na base da cauda os óvulos fertilizados até a sua maturação.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1037860>, Dorota Kaszczyszyn

Essa diversidade conhece sua maior expressão nos mamíferos, porém devemos considerar as limitações na adaptação do organismo a condições climáticas, amamentação de filhotes e gestação interna, entre outras. No tocante ao processo reprodutivo do homem, podemos analisá-lo da seguinte maneira: mamífero onívoro, dotado de um cérebro que tem seu acabamento na conjunção das condições biológicas e culturais e geralmente duas morfologias distintas, macho e fêmea, consideradas as variações existentes. Por isso, não devemos esperar, nesse âmbito da reprodução, a repetição de um mesmo padrão de acasalamento ou de família nuclear. As variações no contexto das práticas sexuais são bem grandes. À medida que situamos essas variações, teremos ainda um aspecto a acrescentar: nem sempre o encontro entre machos e fêmeas da espécie humana tem como finalidade o intercâmbio de material genético ou a perpetuação da espécie pela procriação. Sendo assim, encaminhamos para tratar separadamente a reprodução e a sexualidade.

Como é do nosso conhecimento, em grande parte dos mamíferos o macho somente reconhece a fêmea enquanto uma possível parceira na ocasião do cio, momento em que há o encontro para troca de material genético. Eis o padrão da atividade reprodutiva que é determinado por sinalizadores de ordem genética.

Queremos assinalar que os determinantes do encontro de natureza sexual entre seres humanos não estão relacionados a ocorrências hormonais. Isso porque, mesmo fora do período propício à fecundação, as fêmeas se relacionam com os machos. Desse modo, teremos de encontrar um outro critério que explique esse encontro, e é o que faremos nos tópicos seguintes, quando abordaremos os caminhos do ser homem e as trilhas do tornar-se mulher. Antes, porém, seria importante um esclarecimento.

Como as categorias masculino e feminino não se assentam em matrizes de natureza biológica, nem sempre os seres que são biologicamente machos e fêmeas são respectivamente masculinos e femininos. Isso quer dizer que a identidade masculina ou feminina não se assenta obrigatoriamente em machos e fêmeas. Basta que pensemos nos transexuais que, definidos como seres que portam uma condição sexual de uma natureza no corpo, no caso, de uma das categorias macho ou fêmea, apresentam construções subjetivas de outra, no caso, masculino ou feminino.

Para ficar mais próximo do nosso cotidiano, lembremos de uma dessas falas que é comum de se ouvir: é uma mulher (leia-se, um ser feminino) no corpo de um homem (leia-se de um macho), ou a situação contrária.

No sentido de solucionar o descompasso entre a diferenciação de natureza biológica e a constituição de uma categoria subjetiva em termos de masculino e feminino, alguns países já adotam leis que autorizam cirurgias de “correção” e alteração da identidade. Essa questão complexa não será abordada nessa aula, visto que apenas nos deteremos no processo relativo à constituição das identidades feminina e masculina, em razão das possíveis soluções do complexo de Édipo.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Nesta atividade apresentaremos questões sobre as vantagens da reprodução sexuada em relação à reprodução assexuada e sobre os critérios que diferenciam reprodução de sexualidade na condição humana.

- a) Considerando o processo de perpetuação das espécies, quais as vantagens da reprodução sexuada sobre a reprodução assexuada?
- b) Por que não podemos considerar, na esfera da experiência humana, os processos de reprodução e sexualidade como equivalentes?

RESPOSTAS COMENTADAS

a) *As vantagens da reprodução sexuada sobre a reprodução assexuada são as seguintes: maior capacidade de variação das espécies; maior resistência às mudanças repentinas, pois os seres diferenciados podem desenvolver melhores condições de adaptação e, com isso, maior estabilidade; o aumento das chances de sobrevivência, pois a diferenciação significa também a produção de novas condições para enfrentar as intempéries da vida.*

b) *A sexualidade na esfera humana não está a serviço da reprodução. O encontro sexual de dois seres não é determinado por uma condição biológica e tampouco visa à perpetuação da espécie. Também a menopausa não significa o fim das atividades sexuais na mulher. Além disso, existe a situação de casais que acordam entre si viverem juntos sem procriarem e seres que mantêm um padrão de relacionamento de natureza homossexual. Essas três últimas formas de atividade sexual não estão a serviço da reprodução. Enfim, a reprodução explica-se em bases biológicas enquanto que a sexualidade explica-se em bases psicológicas, ou seja, depende da cultura.*

A SEXUALIDADE E O COMPLEXO DE ÉDIPLO

Para abordarmos as questões relacionadas ao processo de transformação que os jovens atravessam para tornarem-se adultos, teremos, necessariamente, que analisar a passagem e as diversas soluções referentes ao complexo de Édipo.

Como ponto de partida para discutir a sexualidade humana, comecemos admitindo que, quando nascemos, pertencemos, salvo raras ocorrências, às categorias biológicas macho e fêmea, determinadas segundo critérios objetivos da transmissão genética. Porém, isso não quer dizer que sejamos masculinos e femininos, visto que estas categorias subjetivas trazem na sua construção a incidência de determinações culturais. Assim, as categorias macho e fêmea são apenas indicações que poderão comportar as categorias subjetivas masculino e feminino, ou mesmo não comportar nenhuma das duas.

As tradições sobre a diferenciação sexual nos ensinaram, até as décadas finais do século XIX, que sexualidade e reprodução eram consideradas como equivalentes. Mas, se considerarmos as restrições impostas

pelo direito canônico, sabemos que o alvo de tais restrições consistia em proibir qualquer expressão de prazer nas práticas sexuais, ou seja, a prática sexual deveria ser circunscrita à reprodução. Sendo assim, os promulgadores dessas restrições já tinham em mente a disjunção entre reprodução e sexualidade, apenas esse assunto não era abordado no âmbito do saber científico.

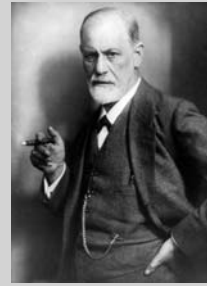
Com o surgimento da Psicanálise, ficou demonstrado que a sexualidade humana não estava a serviço da reprodução, mas se vinculou à obtenção de satisfação. A partir de então, a reprodução ficou relacionada com as categorias macho e fêmea, enquanto que a sexualidade às categorias masculino e feminino. Daí então o âmbito da reprodução passa a ser tratado separadamente das questões da sexualidade. Sendo assim, o fato de alguém ter o atributo de macho não quer dizer, necessariamente, que constituirá a identidade masculina.

O mesmo raciocínio pode ser empregado para a categoria fêmea. Disso, concluímos que podemos ter os seguintes arranjos: um ser macho que não constrói identidade alguma; um ser macho que constrói uma identidade masculina e um ser macho que constrói uma identidade feminina. Essas mesmas possibilidades poderão ser aventadas em relação ao ser fêmea.

O complexo de Édipo é, sem dúvida, o conceito da Psicanálise que mais se difundiu. Mesmo que esse conceito já circule nos diversos campos do saber e, inclusive, faça parte do imaginário popular, faremos algumas considerações para facilitar a compreensão da constituição das identidades masculina e feminina.

Embora se trate de uma elaboração de **FREUD**, não há em sua obra nenhum escrito dedicado ao assunto, ou seja, o conceito faz parte de todo o seu pensamento. Não obstante, em uma carta de 15 de outubro de 1897, a questão do complexo de Édipo é abordada como um organizador psíquico, quer dizer, um processo regulado por um conjunto de leis.

A palavra “complexo”, no âmbito da Psicanálise, tem estreitas relações com o conceito da Astronomia, campo do saber em que o complexo é definido como uma série de corpos celestes que se articulam, quer dizer, funcionam segundo determinados critérios. Ao transportar esse sentido, Freud concebeu o complexo de Édipo como um processo dinâmico, ou seja, como um conjunto de leis que se articulam para organizar o psiquismo. Certamente há também a alusão ao mito da tragédia grega escrita por Sófocles.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud

SIGMUND FREUD

Nascido no século XIX, é o fundador da Psicanálise, um saber voltado para a pesquisa e o tratamento das afecções psíquicas mórbidas ou, como vulgarmente conhecemos, as doenças mentais. Inicialmente, trabalhou com a hipnose a fim de resgatar a história de vida de seus pacientes que padeciam em consequência de terem passado por experiências traumáticas. Quando se deparou com a ineficácia desse método de tratamento, abandonou-o, passando a trabalhar com a sugestão seguida de catarse, para, enfim, estabelecer um método de tratamento fundado na palavra, conhecido pela denominação “associação livre”. Os sonhos e a sexualidade são temas centrais em seu pensamento, chegando a postular a existência de uma sexualidade infantil. Ganhou o Prêmio Göethe, e a descoberta do inconsciente foi considerada revolucionária, tal qual as revoluções de Copérnico e de Darwin.

ORÁCULO

A palavra “oráculo” significa o local ou santuário onde se realiza a consulta a uma divindade geralmente em termos de questões pessoais ou a respeito do futuro. No campo da Teologia, a palavra oráculo significa a verdadeira revelação divina, correspondendo à palavra de Deus aos profetas. Geralmente a palavra oráculo é associada à palavra profecia.

Quem foi, então, o rei Édipo? Da história todos sabemos um pouco. Porém, é importante ressaltar que o Édipo do mito foi aquele que desobedeceu aos conselhos do **ORÁCULO**. A princípio, mata o pai e, em seguida, mantém relações sexuais com sua mãe, do que resultaram quatro filhos. Assim, Édipo praticou os dois maiores crimes da humanidade: o parricídio e o incesto.



Figura 8.3: Estátua de Sófocles no Museu Lateranense, Itália.

Fonte de domínio público:
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fe/Sophokles.jpg>

Parricídio é o homicídio cometido pelo filho contra o pai. A primeira descrição de um crime dessa natureza é a tragédia de Sófocles, que retrata a impotência de um homem ante as prerrogativas de seu destino. Encontramos na tragédia a ideia de que Laio, ao consultar o oráculo, é advertido de que se um dia tivesse um filho, este o mataria. Teve um filho, Édipo, que foi levado para as montanhas para ser sacrificado por ordem do pai. No entanto, o encarregado de executar tal tarefa poupa a vida de Édipo, furando-lhe os pés, acreditando que, assim, jamais voltaria. Adotado por uma família de um reino distante, Édipo cresce e tem premonições de que mataria seu pai. Para evitar tal desgraça, foge desse reino e encontra uma caravana que o impede de prosseguir. Édipo luta e mata o chefe, seu verdadeiro pai. Depois disso, consagra-se rei de Tebas e casa-se com a viúva Jocasta. O auge da tragédia ocorre quando uma maldição recai sobre Tebas. Édipo consulta o oráculo para saber o que se passava e é informado que a maldição é a consequência de um crime não solucionado. Édipo promete punir o assassino, mas Jocasta, sua mãe e esposa, pede que não prossiga com aquele propósito. Quando se descobre parricida, arranca seus olhos e se exila, afastando-se das filhas e do reino. Assim, puniu-se por ter matado seu pai e cometido incesto. A cegueira e a ordem para não ter funeral são o castigo de Édipo.

Como retrata a tragédia, Édipo desobedeceu às leis que regulam o convívio social, ou seja, transgrediu os limites da cultura, além de ter tido acesso a um tipo de saber que é vedado a todo homem: matar o pai e procriar com a mãe. A consequência de tais ações foi o horror, que o levou a arrancar os olhos, optando pela cegueira.

Do conteúdo dessa tragédia, Freud extraiu as premissas para abordar o complexo de Édipo como a travessia que estrutura o psiquismo e responde pelo ingresso do filhote humano na cultura. Essas premissas são: a) a primazia em termos do pensamento infantil da existência de um único órgão genital, no caso o do homem; b) a interdição do incesto; c) o complexo de castração; d) a presença, no homem, de uma bissexualidade potencial.

Essas ideias serão desenvolvidas mais adiante. Por ora, queremos salientar que o complexo de Édipo tem as seguintes funções: a) permitir ao sujeito construir sua identidade pelo processo de identificação; b) reconhecer as diferenças sexuais, considerando a dinâmica do desejo na escolha dos objetos amorosos; c) ingressar na cultura. Tal complexo, como organizador psíquico, compõe-se de várias fases.

Em primeiro lugar, na relação da criança com a mãe existe uma espécie de fusão. A criança funciona como um complemento para a mãe, e esta responde pela sobrevivência da criança em seu estado de maior dependência.

Em segundo lugar, temos a interdição paterna, que se configura como um tipo de ameaça à relação de fusão formada pela criança e a mãe. Nesse sentido, é o pai que vai propiciar a separação entre a criança e sua mãe, sendo, por isso, objeto de rivalidade para a criança. É como se o pai e a criança travassem uma disputa pelo mesmo objeto de amor.

Em terceiro lugar, o pai ou quem exerça a função paterna tem que se intrometer nessa relação da criança com a mãe, fazendo a enunciação de uma profecia que afastaria a criança de cumprir o destino de Édipo, mito da tragédia grega. O pai adverte a mãe ao mesmo tempo que adverte a criança de que ela não realizará o desejo de procriar com a mãe. Assim, o pai é interiorizado, para cada ser humano, como o responsável pelas interdições, o representante da Lei.

Convém ressaltar que a intervenção da figura paterna na relação de fusão da criança com a mãe é de fundamental importância para a constituição da sexualidade. Sendo assim, a sexualidade é algo que se

inicia nos cuidados que a mãe destina à criança e se consolida a partir da interferência da figura paterna.

Como o pai e a mãe são personagens centrais do drama edípico, é, então, pelo complexo de Édipo que a sexualidade se estrutura nas determinações da cultura, razão pela qual não mantém qualquer relação com a reprodução na esfera da condição humana. Isso quer dizer que a finalidade da prática sexual, no homem e na mulher, quer dizer, na condição humana, não deve ser pensada em termos de perpetuação da espécie, mas sim na possibilidade da obtenção de prazer.

Do exposto, podemos concluir que pensar em sexualidade é tecer considerações sobre a travessia da criança por um processo dinâmico do qual resultam transformações significativas que conformarão a sexualidade. Tal processo inicia-se na mais tenra infância, passa por um estado de latência para desabrochar com toda intensidade na adolescência, etapa do desenvolvimento psicológico em que o jovem terá que produzir uma solução para o complexo de Édipo, tanto em termos de escolhas profissionais quanto de objetos amorosos. Costuma-se afirmar que essas escolhas são os parâmetros que indicam soluções satisfatórias desse complexo. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos também concluir que, quando o sujeito não consegue minimamente elaborar tal complexo, o resultado seria os desajustes da vida sexual.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Já pensou sobre o complexo de Édipo como um acontecimento que faz parte de sua história? Pode ser que você não lembre de quase nada, pois a solução do complexo de Édipo é algo comparável a um naufrágio que nos deixa uma grande amnésia. Mas qualquer coisa que você pense nesse momento é útil para responder às questões que abordam esse complexo como a condição que faz a inscrição do filhote humano na cultura. Nesta atividade, apresentamos questões que abordam tanto o Édipo referente ao mito quanto o complexo de Édipo entendido como elemento estrutural do psiquismo.

- Considerando a tragédia grega do mito de Édipo, que relação podemos traçar com o complexo de Édipo?
- Qual a importância para a constituição do sujeito da elaboração das situações de conflito relativas ao complexo de Édipo?

RESPOSTAS COMENTADAS

a) A ideia freudiana de um complexo de Édipo consiste na possibilidade de o sujeito, ao internalizar as interdições da cultura que lhe são transmitidas, ter uma defesa no sentido de não ter o mesmo destino do Édipo do mito. A passagem pelo complexo de Édipo faz com que o sujeito renuncie a suas inclinações destrutivas em relação àqueles que se apresentam como rivais e aceite como impossível a condição de procriação com a mãe. Em outros termos: a travessia edípica protege o homem do parricídio e do incesto.

b) A elaboração do conflito referente ao Édipo é significativa para que o sujeito se libere dos sentimentos amorosos ligados à figura materna e, a partir daí, faça escolhas por outros objetos amorosos fora do contexto familiar. O complexo de Édipo serve para o sujeito conscientizar-se de que, apesar de ter a mãe como primeiríssimo objeto de amor, não deve procriar com ela.

SER HOMEM: A IDENTIDADE MASCULINA

A passagem pelo complexo de Édipo implica uma espécie de escolha que coloca o homem diante de um dilema: abandonar um objeto de amor ou estabelecer um acordo para ingressar no contexto das relações sociais. No menino, essa travessia é marcada por uma situação de conflito diante da possibilidade de manter o amor incestuoso com a mãe ou renunciar a ele para ter a garantia de sua condição desejante. Em outras palavras: o menino, ao renunciar ao amor incestuoso pela mãe, está sustentando o investimento narcísico no próprio pênis, como veremos mais adiante. A solução que decorre dessa situação, em termos da dissolução do complexo, consiste, para o menino, na escolha da segunda alternativa.



O complexo de Édipo no menino ocorre em cinco etapas diferenciadas, porém encadeadas. O resultado do percurso realizado na travessia de cada uma dessas fases é a constituição da identidade masculina, o “ser homem”.

TEORIAS SEXUAIS INFANTIS

São ficções construídas pela criança, em função de sua curiosidade sexual, surgidas por volta de um ano e meio, que consistem na vontade incontrolável de olhar corpos nus na região frontal. Nessa tarefa investigativa, a criança elabora três ficções, que são as explicações produzidas sobre as questões de natureza sexual. São: a) a origem da criança, construída a partir da crença infantil de que todos os seres são dotados de um mesmo atributo, o pênis; b) a criança é expelida do corpo da mãe, pelo ânus, da mesma forma que são expelidos os excrementos, ou seja, a criança não diferencia parto e evacuação; c) a concepção sádica do coito, quer dizer, a criança interpreta a relação sexual como violência de um ser sobre outro.

No primeiro momento, temos a elaboração da criança sobre as **TEORIAS SEXUAIS INFANTIS**, conforme postulou Freud em artigo escrito em 1908 intitulado “Sobre as teorias sexuais da criança”, no qual afirma que a criança, em função de sua curiosidade infantil, desenvolve ficções acerca do sexo.

Voltando à situação do menino, existe um momento de seu desenvolvimento psíquico em que acredita que todos os seres são iguais e, como ele próprio, portam um pênis. Essa é a

crença da universalidade do pênis, em função da qual não há diferença anatômica entre o homem e a mulher, ou seja, a criança pensa que todos os seres são iguais. Essa crença é desfeita no momento em que o menino, movido por sua curiosidade sexual, se confronta com a nudez do corpo da mulher, o que pode acontecer diretamente na relação com a mãe ou por intermédio do contato com outras crianças. É importante salientar que aquilo que a criança percebe no corpo de outras crianças interpreta em relação à mãe.

A desilusão sobre a crença de que todos os seres são portadores de pênis, provocada pelas evidências da realidade, faz o menino experimentar um tipo de angústia em relação à possibilidade de um dia poder perder o próprio pênis. Essa ameaça pode ser explicada pelo temor de ficar igual à mãe, e é a condição psíquica conhecida pelo nome de **CASTRAÇÃO**.

CASTRAÇÃO

Este termo é oriundo da Biologia, que significa a retirada das gônadas sexuais (no macho são os testículos e na fêmea os ovários), o que torna os organismos inférteis. Sendo assim, nesse campo de conhecimento, a castração é uma espécie de mutilação. Quando Freud trouxe o termo para a Psicanálise, atribuiu-lhe um novo sentido. A castração é um “acontecimento” de natureza psíquica, sendo inconsciente a referida possibilidade de perda do pênis. Desse modo, a castração é algo que se configura apenas em termos de ameaça.

No momento em que a crença da universalidade do pênis se desfaz, tem-se então o final da primeira etapa do processo edípico no menino. É importante salientar que no processo educativo é comum os adultos proferirem ameaças verbais às crianças, especialmente aos meninos, diante de práticas masturbatórias.

Geralmente, essas ameaças dirigem-se ao pênis, mas o que é visado é a possibilidade de o menino renunciar à fantasia de ter a mãe como objeto de amor em suas práticas autoeróticas. Quer dizer, a finalidade cultural dessas ameaças não é pôr fim à masturbação e sim coibir a possibilidade de que essa prática sexual seja realizada a partir de um objeto de natureza incestuosa, no caso, a mãe.

O conteúdo dessas ameaças indica na fantasia infantil a possibilidade de perda do pênis. Na verdade, elas advertem o menino para que ele abra mão da esperança de ter a mãe exclusivamente para ele. E como a criança entende essas ameaças? Um aspecto curioso vale ser mencionado: não importa quem profira as ameaças, a criança acredita que foi o pai o seu autor. O efeito dessas ameaças marca o fim da segunda etapa do processo edípico.

Em decorrência das ameaças verbais proferidas pelos adultos, seja qual for o teor de seus conteúdos, a criança não tem mais como ignorar a diferença anatômica entre os seres machos e fêmeas, principalmente pelo fato de ter se defrontado com o nu do corpo da mulher, ou seja, com a região genital da fêmea humana.

A região genital que a criança percebe no corpo da mulher não é a vagina como órgão, ou seja, a criança percebe uma região no corpo da mulher que, segundo sua imaginação, é um lugar onde falta um pênis. Aquilo que a criança percebe e interpreta não tem relação alguma com as informações sobre o processo reprodutivo existentes no campo do saber biológico.

Como, então, o menino explica a diferença quando compara os corpos do homem e da mulher? As construções da criança giram em torno de possíveis acontecimentos na vida da mulher, mas uma evidência destaca-se: em função das ameaças que foram proferidas, a criança interpreta que a mulher deve ter feito alguma coisa da mesma natureza e que, por isso mesmo, perdeu o pênis que tinha. Eis o significado das ameaças para o menino, ou seja, a percepção da suposta falta de pênis no corpo da mulher obriga o menino a se convencer de que esse atributo pode faltar em um ser tão parecido com ele.

A partir dessa constatação, vê-se então na iminência de perda do próprio pênis. Porém, ao lado desse convencimento, há no menino um certo preconceito em relação às mulheres, pelo fato de que para ele, em função da satisfação decorrente da masturbação, é impossível que alguém viva sem o pênis.

Esse preconceito se expressa tanto pela não aceitação da menina em determinadas brincadeiras, como pela convicção de que existem brincadeiras e brinquedos só de meninos e só de meninas. Certa vez, em um supermercado um menino e uma menina de aproximadamente 6 anos brigavam. Motivo da briga: o menino tentava tomar um carrinho de uma menina alegando que aquilo era um brinquedo de menino. Essa posição do menino é expressão desse preconceito. O menino também alimenta a crença de que as meninas têm pênis, porém muito pequenos e que, quando elas crescerem, o pênis crescerá.

A descoberta feita pelo menino de que não só as meninas mas todas as mulheres, inclusive a sua mãe, não têm pênis o encaminhará à compreensão acerca da procriação. Com isso, fecha-se a terceira etapa do complexo de Édipo no menino.

Quando o menino finalmente constata que a mulher não tem pênis, explica para si mesmo esse fato em razão da descoberta de que a mulher não tem pênis, mas tem filhos, enquanto que o homem tem pênis, mas não tem filhos. Assim ficam estabelecidas as diferenças entre o que é da ordem do ser mãe e do ser pai. Essa compreensão terá importantes desdobramentos, marcando assim a entrada na etapa final.

O reconhecimento das condições reprodutivas referidas ao homem e à mulher, conhecidas como função pai e função mãe, produz a dissolução do complexo de Édipo. Pela angústia decorrente da ameaça de castração, ou seja, ante a possibilidade de perder o próprio pênis, o menino aceita a proibição do incesto para proteger o pênis, órgão considerado bastante valioso. Eis o momento de renúncia pelo menino do amor à mãe, não o amor de uma forma geral, mas a vertente de amor incestuoso.

À medida que acontece a renúncia ao amor incestuoso pela mãe, o que acontece em função da presença da lei paterna, o menino inicia sua caminhada na construção da identidade masculina. Esta identidade é construída a partir do encontro com o pai, mas mediante um acordo estabelecido. É como se o menino dissesse ao pai: “Eu renuncio ao amor por essa mulher, porém, você, meu pai, não deverá copular com nenhu-

ma outra, pois todas serão possíveis para mim.” Daí, então, o menino identifica-se com o pai, não para disputar com ele o amor da mãe, e sim para investir em outras possibilidades amorosas fora do circuito familiar, selando-se, assim, a renúncia definitiva à possibilidade de ter a mãe como objeto exclusivo de seu amor.

É identificado com o pai que o menino buscará ser pai, buscando mulheres que não sejam a mãe para ter filhos e assim dar continuidade ao nome de sua família, como acontece na tradição ocidental.



Lemos e ouvimos com uma certa frequência informações a respeito de que a separação de um casal causa danos aos filhos. Geralmente a razão apresentada para justificar tais assertivas é a de que a criança viverá sem o convívio com um de seus pais. Na verdade, afora todas as dificuldades que a criança experimentará em função da separação dos pais, a mais significativa deve ser pensada em termos da quebra do acordo estabelecido em termos do amor edipiano. A separação rompe com um trato estabelecido em relação à proibição do incesto. Em alguns casos, para a criança, a separação a libera para consumir o incesto, o que é bastante temido, pois pode significar seu próprio fim como ser da cultura, conforme aconteceu na tragédia grega com o mito de Édipo.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

3. Nesta atividade você identificará os passos da construção da identidade masculina mediante o entendimento do processo realizado pelo menino na travessia edípica.

Enumere as cinco etapas do processo de construção da identidade masculina e apresente uma característica de cada uma delas.

RESPOSTA COMENTADA

As cinco etapas do processo da identidade masculina que resultam no “ser homem” são: 1) produção da crença na universalidade de pênis. O menino acredita que todos os seres são iguais, ignorando a diferença anatômica entre macho e fêmea; 2) efeito das ameaças verbais que são dirigidas ao pênis, mas visam a que o menino renuncie a ter a mãe como personagem que povoa suas fantasias na prática da masturbação; 3) angústia de castração pelo confronto com a nudez no corpo da mulher, do que resulta o temor do menino em perder seu próprio pênis; 4) constatação de que somente a mulher pode ter filhos, o que diferencia a função pai e a função mãe em termos da condição reprodutora; 5) construção da identidade masculina pela identificação com o pai decorrente da renúncia ante a possibilidade de ter a mãe como objeto exclusivo de seu amor. Esses são os passos a serem seguidos pelo menino na direção do “ser homem”.



TORNAR-SE MULHER: A CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE

A caminhada que a menina tem de seguir no sentido do tornar-se mulher é um processo específico que não pode ser analisado a partir do complexo de Édipo no menino. A esse respeito, podemos lançar mão da expressão “segundo sexo” da escritora **SIMONE DE BEAUVOIR**, para situar

a questão da mulher como um “tornar-se”, em razão de condições culturais e econômicas. Não obstante, em alguns aspectos, os dois processos apresentam algo em comum, especialmente na primeira etapa.

Como acontece com o menino, a menina também constrói a ficção de que todos os seres são dotados de um pênis, ou seja, a menina também alimenta a crença na universalidade do pênis e, do mesmo modo que o menino, ignora a diferença anatômica entre as categorias macho e fêmea. Esta então seria a primeira etapa do complexo de Édipo na menina, que consiste no



SIMONE DE BEAUVOIR (1908-1986)

Escreveu romances, monografias sobre filosofia, política, sociedade, ensaios, biografias e uma autobiografia.

Desde cedo em sua vida,

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl>

abdicou a suas origens burguesas. Brilhante aluna, destacou-se sempre em primeiro lugar. Conheceu Jean-Paul Sartre na Sorbonne, no ano de 1929, e logo uniu-se estreitamente ao filósofo e a seu círculo, criando entre eles uma relação polêmica e fecunda, que lhes permitiu compatibilizar suas liberdades individuais com sua vida em conjunto. Foi professora de Filosofia até 1943, em escolas de diferentes localidades francesas. Escreveu *O segundo sexo*, obra em dois volumes, em que discute de forma crítica a opressão que recai sobre a mulher, como também os mitos e credências relacionados à condição feminina.

fato de ignorar a vagina como órgão sexual, pois o que tem existência, na sua crença, é a equivalência do clitóris com um pênis diminuto.

A segunda etapa inicia-se por uma constatação: a menina descobre que o clitóris é muito pequeno para ser um pênis e, a partir dessa descoberta, deduz que é desprovida desse atributo. Em termos do pensamento infantil, a menina acredita que tal atributo lhe foi retirado e, em razão dessa ocorrência, sente-se inferiorizada em relação aos meninos. Isso é reforçado pela transmissão de costumes e modos de ser, principalmente quando os adultos permitem que os meninos participem de uma brincadeira e as meninas não, como, por exemplo, jogar futebol. Além disso, sabemos que até pouco tempo as pessoas encarregadas da educação de crianças alertavam as meninas quanto ao modo de sentar. Sabemos que tal tipo de restrição à menina não é por acaso. Esses são exemplos, entre outros, que ilustram as restrições que são interpretadas pela menina como de sua inferioridade em relação ao menino. No momento em que a menina faz essa descoberta, ela se confronta com a região genital masculina, e a visão do pênis tem consequências.

Em primeiro lugar, terá de admitir que não possui tal atributo, até então bastante valorizado na cultura em função de tradições como, por exemplo, a expectativa dos pais por um filho homem no sentido da preservação do nome de família. Por essa razão, a menina desenvolve o sentimento denominado “inveja do pênis”, tornando-se vítima dessa inveja. Em outras palavras: os efeitos da visão do órgão genital masculino são imediatos: ao ver o pênis constata que não o tem, mas acha que deveria tê-lo como o menino, e então quer tê-lo.

Na Grécia Antiga, as pessoas usavam como amuletos de proteção miniaturas de pênis, que eram colocadas penduradas no pescoço ou nas portas de entrada das casas para afastar o mau-olhado. Atualmente, essa tradição mudou, e a parte do corpo escolhida para tal finalidade é o olho. Em outras culturas, era solicitado aos meninos que demonstrassem serem machos exibindo ou apontando para o órgão genital, reproduzindo assim um costume transmitido, fundado em uma crença. Certamente tal atitude não era permitida à menina.

Em segundo lugar, a menina acredita que outrora teve pênis e que lhe foi retirado, o que caracteriza o processo de castração como algo consumado. Assim dá-se o término dessa segunda etapa, marcando a entrada na terceira, que concerne à descoberta de que a mãe também não tem tal atributo. Quantas vezes ouve-se das mães que suas filhas indagam sobre terem um órgão genital, ao que a mãe responde que sim. Porém, quando a menina se dirige à mãe, fazendo referência aos órgãos genitais, na verdade é para saber se a mãe tem um pênis.

A descoberta que a menina faz na mãe é estendida a todas as mulheres e tem efeitos imediatos: a menina acredita que todas as mulheres têm uma desvantagem. Geralmente a partir dessa crença acontece o desprezo pela mãe, podendo tomar a forma de ressentimento e recriminação. Nesse momento, a menina se separa da mãe pela segunda vez, visto que a primeira separação já teria ocorrido com a descoberta do pai, conforme já abordamos nesta aula. Mas é nesse momento que a menina volta-se para o pai como objeto de amor, marcando a abertura da quarta e última etapa do complexo de Édipo na menina, que tem desdobramentos bem diferentes em comparação com o menino.

Na quarta etapa, podemos apontar três diferentes saídas que a menina tomará em relação às consequências da castração, que não implicam a dissolução do complexo, conforme observamos no menino. Em outras palavras, a menina na caminhada para o tornar-se mulher poderá adotar três atitudes:

1) A primeira consiste em uma elaboração inadequada do complexo de Édipo, o que levaria a mulher a não experimentar a chamada “inveja do pênis” e assim não teria rivalidades com o homem, uma vez que ainda se encontraria presa à crença na universalidade do pênis. No pensamento freudiano, essa atitude seria bastante problemática para a mulher no que concerne à realização própria do feminino: a posição de exercício da função materna. A mulher nessas condições pode, evidentemente, ter filhos, mas apenas como reprodutora.

2) A segunda possibilidade consiste na persistência na aspiração de ser portadora de um pênis tal qual o homem, o que significa o desejo de igualdade. Isso seria a manutenção da esperança de um dia ser dotada de pênis, ou do julgamento de que ter um pênis é mais vantajoso. Quantas mulheres confundem determinadas restrições culturais como se isso fosse uma vantagem do homem. Certa vez, em uma matéria sobre rapazes que

urinavam nos muros, uma mulher comentou que os homens têm essa vantagem. Porém essa mulher se esquece de que essa forma de pensar não passa de uma mera convenção cultural acerca de que o homem teria mais vantagem que as mulheres em tal situação. Essa segunda alternativa seria como a primeira, igualmente problemática, visto que implica a mulher não desistir de sua masculinidade ameaçada.

3) A terceira atitude seria o resultado da substituição da vontade de ter pênis pela vontade de ter filhos. Esta seria a saída normal, embora não devamos entender com isso que a feminilidade somente se confirma com a maternidade. Uma coisa é ter vontade de ser mãe, outra coisa bem diferente é ter um filho. Nem sempre essas duas possibilidades andam juntas. Quando ocorre essa substituição, então três mudanças ocorrerão: a) a mudança de parceiro amado: no início a menina, como o menino, tem como objeto de amor a mãe, mas a menina desloca parte desse amor para o pai. Esse amor da menina pelo pai persistirá ao longo de sua vida, ou seja, é uma esperança sempre nutrida pela mulher; b) a mudança de zona erógena, que consiste no estender da satisfação clitoridiana para a satisfação relacionada à vagina. Essa mudança significa um deslocamento da orientação do amor pela mãe para o pai; c) a mudança de objeto desejado, que consiste em ter vontade de ter um filho em lugar da vontade de ter um pênis. Com isso, o deslocamento dos investimentos eróticos do clitóris para a vagina traduz-se pela possibilidade de a mulher acolher em seu corpo o órgão genital masculino com a finalidade de ser mãe.

São essas as três possíveis elaborações do complexo de Édipo na mulher que sinalizam a constituição de sua identidade feminina. Na última alternativa, a jovem adolescente volta-se para a sua mãe para edificar as bases de sua identidade como mulher. Sem dúvida que esse processo é uma construção fundamentada em seguidos questionamentos da filha para a sua mãe acerca do que seja uma mulher.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 4

4. Nesta atividade você conhecerá as ideias de Simone de Beauvoir contidas no livro *O segundo sexo*. A partir da leitura desses trechos, você deverá responder às questões propostas.

1) Na segunda metade do século XIX, acontece na França a publicação do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, que escandalizou a sociedade francesa pelo seu teor. O romance narra a história de um médico e sua mulher que, após ter traído o marido, suicida-se. O suicídio proposto pelo escritor é interpretado como uma espécie de condenação que recai sobre a mulher. Aproximadamente um século depois, a sociedade francesa é abalada. Desta vez com a publicação do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, que lança as bases da emancipação da mulher contemporânea.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualifica o feminino” (Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*).

2) No cenário da contemporaneidade, as mulheres cada vez mais se empenham em destruir o mito do “eterno feminino”, principalmente a donzela ingênua e a mãe absorvente. Na segunda metade do século XX, houve um movimento das mulheres para afirmar a independência ante o homem. Tal iniciativa teve seu custo, visto que as mulheres que encetaram o movimento feminista foram educadas por mães e avós que transmitiam às suas filhas e netas a ideia de que o casamento seria uma boa alternativa. As mulheres revolucionárias quebraram todos esses tabus, demonstrando que não era mais possível à mulher existir na sombra do homem. Simone de Beauvoir constata em seu livro que o destino tradicional da mulher ainda está condicionado ao prestígio viril, ou seja, às circunstâncias do processo relativo à condição feminina. Uma vez que o fardo dessa herança foi severamente criticado, a mulher pode vislumbrar uma nova perspectiva de vida, ou seja, viver em uma sociedade não mais dependendo estritamente do homem. Reflita sobre as ideias apresentadas anteriormente e responda às questões a seguir, considerando as construções teóricas sobre a constituição da identidade feminina.

a) Com relação ao fragmento 1, como podemos compreender o processo relativo ao tornar-se mulher?

b) Na segunda passagem são apresentadas algumas circunstâncias que demonstram como as condições culturais construíram as “vantagens” do homem em relação à mulher. Identifique duas dessas circunstâncias.

RESPOSTAS COMENTADAS

a) Podemos caracterizar o processo referente ao tornar-se mulher em movimentos que se iniciam pela separação da menina de sua mãe em razão: da descoberta do pai; da decepção (consequência da existência da crença infantil na universalidade do pênis) ante a descoberta da menina de que a mãe não é portadora de pênis; retorno à mãe para construir o aprendizado do que seja uma mulher, depois que a mulher passa a ser habitada pela vontade de ter filhos, substituindo a vontade de ter pênis.

b) Podemos identificar o processo educativo, em que as mulheres transmitiam às suas filhas determinadas tradições, como a possibilidade do casamento como alternativa de sobrevivência e sucesso, o que evidencia que a mulher seria dependente economicamente do homem e reforça o mito da donzela ingênua como a mulher desejada, pelo homem, para esposa e mãe.

CONCLUSÃO

Os processos referentes ao “tornar-se mulher” e “ser homem” apresentam semelhanças e diferenças. No que concerne às semelhanças, identificamos dois pontos: a) em primeiro lugar, tanto o menino quanto a menina sustentam a crença na universalidade do pênis, ou seja, todo ser humano inicia o processo de subjetivação construindo uma ficção que consiste em atribuir um pênis a todos os seres. Essa crença é a condição fundadora do complexo de Édipo.

Em segundo lugar, é comum para ambos a importância do papel desempenhado pela mãe ou pela pessoa encarregada dos cuidados necessários à sobrevivência, o que quer dizer que essa personagem é o primeiríssimo objeto de amor. Sendo essa pessoa a mãe, o menino separa-se dela pela ameaça de castração e a menina pelo ressentimento. São esses dois tipos de sensações psíquicas que indicam a castração, uma vez que, em função de tais sentimentos, ocorre a separação entre a criança e a mãe.

Uma vez ocorrida a separação da criança de sua mãe, o complexo de Édipo segue caminhos bem diferenciados em relação à constituição das identidades masculina e feminina. No menino, a ameaça concorrente à castração dissolve o complexo de Édipo, ou seja, em função dessa ameaça o menino renuncia ao amor pela mãe na condição de tê-la como objeto de amor absoluto. Já para a menina, a interpretação da diferença anatômica entre os sexos, como a castração, marca a entrada no complexo de Édipo.

Então, como observamos, a castração tem desdobramentos próprios em cada sexo: no menino, é responsável pelo naufrágio do complexo de Édipo, deixando assim uma espécie de amnésia; na menina, a castração possibilita a entrada no complexo de Édipo, quando desloca seu amor da mãe para o pai. Não há, na menina, qualquer renúncia do amor pelo pai, visto que a mulher jamais abre mão da esperança de ser amada pelo pai, como o menino abdica radicalmente da possibilidade de perpetuar a espécie com a mãe.

Tudo indica que a ameaça de castração tem um efeito mais marcante no homem do que a desilusão da menina em relação ao amor pelo pai. Sendo assim, a separação da mãe tem, para o menino, o efeito de uma renúncia que é selada no “pacto” estabelecido entre ele e o pai no que concerne à partilha das mulheres: a mãe fica para o pai e as demais são possibilidades para o menino.

Para a menina, a separação de sua mãe, que acontece com o deslocamento da orientação amorosa para o pai, deve ser analisada como a repetição de uma separação mais antiga, referida ao apego com a mãe em termos da amamentação. Isso quer dizer que, para a menina, essa segunda separação indica a perda do seio materno, fenômeno interpretado como ameaça à vida, o que torna essa perda irreparável. Eis a razão do ressentimento que a menina nutre pela mãe, ou seja, a ruptura da amamentação é interpretada como a vontade da mãe de deixá-la eternamente insatisfeita.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2, 3 e 4

Nesta atividade, vamos refletir sobre algumas questões concernentes ao complexo de Édipo. Convido você a seguir pelo universo da Sétima Arte e se deliciar com as belas cenas produzidas por Pier Paolo Pasolini, tomando como ponto de partida a tragédia grega de Sófocles. Se você ainda não viu o filme *Édipo rei*, seria interessante fazê-lo.

O filme *Édipo rei* começa em uma pequena cidade da Itália, com cenas que retratam paisagens de um piquenique, em um campo onde se encontra uma jovem mãe muito descontraída, amamentando o seu filho. Repentinamente, essa mulher é invadida por um pânico oriundo de seus pensamentos. Quando a mãe retorna à cidade, veem-se um carrinho de bebê e um soldado, o pai da criança. Subitamente duas mensagens surgem na tela, como se tivessem sido brotadas do pensamento do pai: no futuro, o menino ocupará o seu lugar de pai, roubando-lhe a esposa. Algumas cenas revelam o cotidiano dessa jovem mulher. Em uma noite, deixa o filho em casa sozinho e vai a uma festa com o marido. A criança acorda, chora e sai à procura de seus pais, sem encontrá-los. Na cena seguinte aparece o pai, temeroso de que o menino assuma seu lugar na vida e no coração da mãe, despertado por esse temor. Em seguida, vai ao quarto da criança e tenta enforcá-la, mas o que faz é amarrar os pés do filho. Essa cena marca a continuidade da tragédia tebana, indicando o desconhecimento por Édipo das raízes de sua existência e sua exclusão da linhagem real.

Na Grécia, há um oráculo que profetiza para Laio, rei de Tebas, que, se um dia gerar um filho, este o matará. Todos conhecemos o desfecho dessa tragédia, mas não é demais lembrá-la, especialmente no que tange à releitura empreendida por Pasolini, que opõe a tensão entre a provocação do oráculo e a mutilação que o herói inflige a si mesmo. A tragédia grega se consuma com o assassinato de Laio, o casamento de Édipo com Jocasta, sua mãe, o suicídio de Jocasta e a cegueira de Édipo, provocada por uma espécie de alfinete retirado do manto de Jocasta, seguido de exílio voluntário.

O contraste proposto por Pasolini dá-se entre a paisagem urbana do vilarejo, próximo ao campo com árvores frondosas, e o cenário árido representado por um solo arenoso e pedregoso, onde um homem conduz uma criança pendurada em uma vara, com pés e mãos amarrados. Esse homem recebe uma ordem para matar a criança, mas não a cumpre; outro homem encontra essa criança e a leva para um reino distante, precisamente Corinto, sendo adotada e recebendo o nome de Édipo, em razão de ter os pés inchados.

Dessa cena há um corte temporal abrupto, a partir do qual Édipo aparece já na adolescência. Ao trapacear em um jogo, ouve insinuações sobre a possibilidade de não ser filho de seus pais. Em um outro corte temporal, Édipo aparece já como um adulto atormentado por pesadelos, o que faz com que tome a decisão de consultar um oráculo. Em Corinto, ouve do oráculo que assassinará o pai e copulará com a mãe. Se, por um lado, o dinamismo da câmera que focaliza a copa das árvores encerra o filme, reafirma assim a circularidade temporal para, por outro, colocar o protagonista ante a realidade do tempo com a cegueira, representando, pois, o retorno à escuridão do ventre materno, quer dizer, ao isolamento reflexivo.

Em suma, o filme de Pasolini, de 1967, pretende ser fundamentalmente a elaboração de uma lenda, e não a ilustração de um mito, com figurinos e cenários idealizados, constantes referências de uma cultura popular campesina, paisagens do campo e de um pequeno vilarejo. O drama representado em *Édipo rei* evoca simultaneamente a fatalidade do amor pela mãe, ou seja, o mito e a elaboração freudiana enquanto criações culturais cronologicamente distintas, fazendo o confronto da Literatura com a Psicanálise. O amor puro e mítico pela mãe é um dos sentimentos explorados por Pasolini. Trata-se de um sentimento exposto tantas vezes, em diversas linguagens, mas nem sempre compreendido pela sociedade. Considerando as passagens expostas no resumo sobre o filme e, fundamentando-se nos conceitos elaborados ao longo da aula, responda às seguintes questões:

- a) Pasolini interpreta a cegueira de Édipo como a situação que simboliza a incapacidade de o homem contemporâneo compreender as circunstâncias que o colocam frente a frente com situações dramáticas, como também com o possível retorno do homem à escuridão do útero materno. Que consequências podemos extrair das interpretações do cineasta?
- b) A ação de Laio para matar seu filho pode revelar a sua dificuldade de transmissão do exercício da função paterna, o que resultou em um grande prejuízo para Édipo em termos da construção de sua identidade. Qual foi esse prejuízo?
- c) Podemos afirmar que Édipo avançou no seu desenvolvimento psíquico no sentido do naufrágio do complexo de Édipo?

RESPOSTAS COMENTADAS

a) Em princípio, a cegueira indica que entre Édipo e sua mãe não houve separação, ou seja, Édipo manteve-se preso à mãe, tendo-a como objeto absoluto de seu amor. Além disso, como não construiu uma identidade masculina pela renúncia a esse amor, sua posição foi apenas a de um reprodutor de quatro filhos que não tinham condições de transmitir o nome de família, visto que eram ao mesmo tempo filhos e irmãos, da mesma forma que sua mãe teve quatro filhos que eram também seus netos. Quando acontecimentos dessa natureza têm lugar, com a consumação do incesto, duas gerações fundem-se em uma única linhagem, ficando impossibilitada a transmissão da diferença de gerações.

b) Os planos de Laio, enquanto pai, representam um verdadeiro obstáculo para Édipo, uma vez que ficou sem referência no processo de identificação, e também sem a transmissão de uma lei que o faça renunciar ao amor à mãe em termos de exclusividade.

c) Em função dos diversos momentos marcados pela fatalidade que acontecem na tragédia, como o assassinato do pai e a consumação do incesto, podemos afirmar que em Édipo não houve a interdição marcada pela lei transmitida pelo pai ao filho, pois Laio queria apenas matá-lo, já que Édipo era uma ameaça constante.

RESUMO

Nesta aula, diferenciamos inicialmente a reprodução da sexualidade para em seguida abordar a matriz universal da sexualidade humana definida como complexo de Édipo. Buscamos referências na tragédia grega para entender o destino de quem, como Édipo, não se submeteu pelo complexo de Édipo, uma vez que Édipo foi um grande desobediente. Valemo-nos das ideias acerca do complexo de Édipo para pensar a sexualidade, visto que a reprodução é definida segundo critérios biológicos. Em seguida, abordamos a constituição da condição relativa ao “ser homem”, já tendo estabelecido a disjunção entre as categorias objetivas macho e fêmea e as categorias subjetivas masculino e feminino. Vimos que a solução encontrada pelo menino para a construção de sua condição masculina consiste na identificação com o pai, em consequência da renúncia à possibilidade de ter a mãe como objeto exclusivo de seu amor. Essa renúncia leva o jovem a buscar mulheres fora do contexto familiar para a realização amorosa, marcando, assim, a dissolução do complexo de Édipo. Enfim, abordamos a questão do “tornar-se mulher” em função do percurso no complexo de Édipo, destacando que a mulher não abre mão de um dia vir a ser amada pelo pai. Como o pai, mesmo diante da juventude de sua filha, prefere ficar com a mãe, então a jovem buscará homens para dar-lhe um filho.

O adolescente e as questões da sexualidade

Francisco Ramos de Farias

AULA

9

Meta da aula

Discutir as relações amorosas na adolescência, destacando as primeiras experiências sexuais e suas repercussões tanto para os jovens quanto para as suas famílias.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. distinguir amor e sexualidade relacionando costumes históricos às práticas atuais;
2. descrever a postura dos pais nos diálogos com os filhos sobre questões de natureza sexual;
3. estabelecer o sentido das práticas sexuais para o adolescente.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, vamos abordar um tema que, até bem pouco tempo, era considerado um assunto tabu: a sexualidade na adolescência. Um tabu tanto em função da ausência de informações científicas quanto às restrições impostas por valores morais e tradições. Mas a reticência na abordagem deste assunto não significa que ele era desconhecido. Se considerarmos todo tipo de precaução que era tomada para controlar a vida sexual dos jovens, principalmente antes do casamento, concluiremos que o assunto circulava na mente das pessoas.

Sabemos que, do ponto de vista histórico, a questão da sexualidade era praticamente desvinculada da temática referente ao amor. A prática sexual somente poderia acontecer mediante um acontecimento social: o casamento, salvo as exceções relacionadas às práticas das casas de luxúria, prostíbulos, além das conhecidas casas dos prazeres.

O cenário do mundo contemporâneo é completamente diferente do mundo antigo. Assiste-se a uma grande mudança: os pais, que tinham a função de controlar a vida sexual dos filhos, interditando o acesso às práticas sexuais, atualmente assumem a função de orientadores sobre a sexualidade e os riscos que podem decorrer de práticas sexuais sem uma devida reflexão e ponderação. Então, em lugar das posturas de proibição, os pais hoje encarregam-se de dialogar com seus filhos para orientar e esclarecer sobre questões relacionadas à procriação e especificamente ao prazer. Eis o eixo temático que pretendemos seguir em nossas reflexões sobre o assunto.

É interessante notar que a proibição da prática sexual antes do casamento era imposta às mulheres em muitas culturas, dado o valor que era atribuído à virgindade, até precisamente as últimas décadas do século XX. Na atualidade, o cenário é bem diferente: a importância atribuída à virgindade vem decrescendo em algumas culturas e as preocupações em torno da procriação assumem um lugar de destaque entre pais, médicos, educadores e outros profissionais. Mais importante que a preservação da virgindade é a conscientização sobre a possibilidade de procriação antes de uma união conjugal. Não só isso: os jovens de nossos dias falam abertamente da sexualidade, pois espaços foram se constituindo no sentido de possibilitar um diálogo dessa natureza.

Além disso, a tradição do cristianismo e de seus valores, bastante difundida no mundo ocidental, parece ter entrado em declínio ou mesmo desaparecido. Em épocas passadas, se uma jovem, sobretudo menor de idade, mantivesse uma relação sexual antes do casamento, a sociedade exigia o casamento como uma espécie de reparação pelo mal feito pelo rapaz à moça. Era co-

mum, quando um jovem mantinha uma primeira relação sexual, realizar-se o casamento, mesmo sem o consentimento da família. Seguindo os passos de Romeu e Julieta, a Igreja, sabendo que as famílias eram inimigas, mesmo assim une os dois jovens pelo sacramento, pelo único motivo de confessarem terem mantido relações sexuais.

Será que ainda temos vestígios dessas tradições nos nossos dias? Sabemos que hoje os jovens vivem de maneira bem diferente.

REFLETINDO A PROIBIÇÃO DA PRÁTICA SEXUAL

Para iniciar nossas reflexões, lancemos mão do depoimento de jovens em uma reportagem da revista *Isto É*, de 9 de novembro de 2009 (CHAIM; LOBATO, MARQUES, 2009) sobre questões que nos servirão de ponto de partida na abordagem da vida sexual do adolescente. Trata-se de depoimentos colhidos de adolescentes em uma pesquisa realizada por Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro, que abordou o sexo na adolescência.

Destacamos da entrevista das pesquisadoras algumas passagens dos depoimentos dos adolescentes:

- Tiago descobriu os prazeres sexuais aos 14 anos com uma amiga de escola. Hoje, cinco anos mais velho, já perdeu as contas: “Foram de 30 a 40 mulheres só nos últimos 12 meses. E, muitas vezes, é com desconhecidas.” Acredita que tem todo conhecimento para se proteger de doenças, mas, embalado pelo álcool, corre risco tendo relações sem preservativos.

- Rodrigo e Thaina são dois estudantes que afirmam já terem “ficado”, mas que namorar é outra história. Admitem que quando acontecer o amor, será possível pensar em sexo.

- Gabriela, de 14 anos, afirma que está à espera do momento certo e do amor, pois já ficou algumas vezes e teve cinco namorados. “Transar, só quando aparecer a pessoa certa”.

- Bruno, que já teve várias namoradas, transou muito cedo, porém está sozinho, o que, segundo ele, se deve à dificuldade de encontrar uma garota bacana.

- Felipe teve sua primeira experiência sexual aos 13 anos com uma jovem dois anos mais velha que ele. Segundo ele afirma, atualmente mantém “uma vida sexual saudável, mas sempre com camisinha”.

Podemos ver claramente que, ao lado das diversões próprias dos jovens, existem indicações de práticas no âmbito da vida sexual, ou seja, uma jovem de 12 anos não somente brinca de boneca nem o jovem dessa mesma idade se ocupa só de jogos eletrônicos. De acordo com as conclusões das pesquisadoras, um número bastante elevado de jovens tem relações sexuais antes dos 16 anos.

Eis o retrato de uma geração de jovens que convive com diversos meios de comunicação de massa, além da internet, na era marcada pela globalização. Será que esses fatores podem ser utilizados para justificar a iniciação sexual mais cedo? Uma coisa podemos afirmar: quaisquer que sejam os acontecimentos e, apesar dos possíveis descuidos, com a utilização das informações veiculadas nas diversas mídias e também pela internet, os jovens têm condições de estarem mais bem informados sobre as consequências das relações sexuais.

Provavelmente a internet tem contribuído significativamente na divulgação da classificação produzida pelos jovens acerca dos tipos de relacionamentos: a) “ficar”, que resume-se a beijos, abraços e carinhos; e b) namorar, que geralmente inclui relações sexuais.

Vamos, pelo menos, apresentar uma explicação acerca de os jovens começarem mais cedo a descoberta dos prazeres do sexo. Por um lado, as informações bombardeiam a cabeça dos jovens, ocasionando um conhecimento mais aprofundado sobre o sexo em uma idade bem precoce. Por outro, devido à multiplicidade de informações a que são expostos, pode não haver um tempo ideal para a elaboração e compreensão devidas.

Porém, quanto menos informação uma pessoa tem, mais vulnerável estará em relação às questões de prevenção de doenças e da utilização de métodos contraceptivos. Disso conclui-se que uma alternativa saudável consistiria em fazer com que o jovem exerça sua sexualidade, responsabilizando-se pelas consequências, e não apenas adotar a política de difusão de ideias de que a iniciação sexual deve ser retardada ou mesmo deixada para o tempo após uma formação profissional ou a assunção de um lugar no mercado de trabalho.

Atualmente questões como essas e tantas outras também são objeto de estudo de pesquisadores das áreas de Educação e Políticas de Saúde Coletiva. O diálogo dos pais com os filhos sobre a sexualidade, o sentido

das práticas sexuais para o adolescente, e as informações sobre o sexo e a convivência na família com namorados e namoradas dos filhos são as trilhas que seguiremos nesta aula.

UM POUCO DE HISTÓRIA: ACONTECEU NA GRÉCIA

Falaremos de amor ou de sexo? Dos dois assuntos, pois na Grécia Antiga essas experiências humanas não eram diferenciadas como são na atualidade. Antes de abordar as questões de natureza sexual, vamos falar um pouco sobre o amor.

Em princípio, quando abordamos o amor, entendemos que se trata de um sentimento incondicional de um ser para outro, quando não está em jogo a possibilidade de trocas de bens materiais. Essa definição já nos aponta algumas restrições que sequer as consideramos no nosso dia a dia. Frequentemente ouvimos expressões como “amor à natureza”, “amor aos animais”, “amor às plantas”, entre outras. Será que podemos nomear esses sentimentos de amor? De acordo com a definição exposta, certamente não. Mas por qual motivo?

Quando estamos no âmbito da experiência amorosa, temos de entendê-la em termos de reciprocidade. Algo que somente é possível na esfera das relações mediadas pelos arranjos subjetivos, ou seja, aquilo que somente ocorre no âmbito das experiências dos seres falantes. Então, que nome daremos ao sentimento que temos pelos animais, plantas e natureza? Poderíamos falar de afeição, mas não de amor. Explicando melhor: a experiência amorosa, fundamental à vida, tem certas características que somente podem ser compreendidas na condição humana.

Quando alguém se encontra amando não pode evitar sentimentos que, muitas vezes, são conflitantes. Por um lado, quem ama, além de querer sempre o bem de seu objeto de amor, deseja que o mesmo seja eterno. Mas, por outro, não tem como evitar o sofrimento diante da possibilidade de perda desse objeto, ou mesmo que esse objeto encontre outros atrativos. Então se, por um lado, o amor é um bálsamo para a vida, por outro, é uma fonte de preocupação.

Essa situação certamente não acontece na relação do homem com os animais, com as plantas e com a natureza. Caso aconteça, é apenas do lado do homem. Então, para que possamos falar de vida, é preciso recorrer ao amor, conforme sinalizam os sábios postulados bíblicos: “No princípio era o Verbo” (João, I,1) ou “Deus é amor” (Coríntios, XIII, 11).

PHILIA

Palavra derivada do grego, oriunda do pensamento aristotélico, é traduzida por amizade e por amor. Nas duas acepções, o termo indica o relacionamento de um ser almejando o bem de outro, estendendo-se, por assim dizer, além do simples gostar. Ainda, a palavra *philia* exclui relacionamentos com objetos inanimados, com animais, com plantas.

PROCUSTO



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Procusto>

De acordo com a Mitologia, Procusto era um soberano de um pequeno reino, onde, geralmente, viajantes pediam para pernoitar em sua residência. Nesse reino, os hóspedes eram considerados sagrados e recebidos como príncipes. Foi morto por Teseu, conforme aparece na imagem que retrata o momento em que Teseu está matando Procusto.

O que diremos, então, sobre o sexo?

Relembrando os depoimentos dos adolescentes, podemos traçar uma linha divisória entre amor e sexo, principalmente quando alguns deles afirmam que, sexo, só com amor. A que estão se referindo os jovens quando fazem uma afirmação dessa natureza? Certamente estão falando de alguma coisa que não se encaixa em amor próprio, amor filial, amor parental, amor pelos homens em geral, apego aos objetos ou afeição pelos animais. Para que possamos entender melhor o que esses adolescentes querem dizer com tais afirmações, vejamos como essas questões eram tratadas na Grécia Antiga.

Os gregos distinguiam quatro espécies de situações amorosas, ou quatro tipos de **PHILIA**: a) *physikè*, que era o tipo de amor estabelecido entre quem têm vínculos de consanguinidade; b) *hétairikè*, que era o amor entre amigos, ou seja, os vínculos de amizade; c) *erotikè*, que era o relacionamento revestido de sexualidade entre pessoas de mesmo sexo ou de sexo diferente; d) *xénikè*, que era o amor entre anfitrião e hóspede. A respeito dessa quarta modalidade de experiência amorosa, certas tradições são bastante curiosas, como temos notícias das práticas realizadas por **PROCUSTO**, de quem se popularizou a expressão “leito de Procusto”.

No reino de Procusto, criado pela Mitologia, havia uma tradição que se mantém, até a atualidade, em algumas tribos da África. Procusto, na intenção de demonstrar sua hospitalidade, oferecia aos seus hóspedes a sua esposa, que não deviam recusá-la. Construiu engenhosamente uma cama de ferro de seu tamanho e impunha aos hóspedes, antes de adentrarem ao leito nupcial, deitarem nessa cama. Se fossem menores que a mesma, eram esticados até atingir o tamanho exato e se fossem maiores, seria amputado o excesso. Somente aquele que tivesse o exato tamanho da cama, deitar-se-ia com sua esposa. Assim, era produzida uma adequação em termos da retirada de excessos ou do esticar o corpo. Como podemos observar, Procusto representa a possibilidade de retificação, no sentido de eliminar quaisquer desvios ou diferenças, sendo, por isso mesmo, o símbolo da intolerância humana. O mito consagrado na expressão “Leito de Procusto” é utilizado como metáfora para criticar tentativas de imposição de um padrão em várias áreas do conhecimento, como na Economia, nas Ciências Políticas, na Psicologia e na Educação.

Se atentarmos para o contexto da modalidade de amor entre hóspedes e anfitrião, com o oferecimento da esposa, estamos diante de um tipo de prática sexual calcada em tradições. Mas não abordaremos a fundo essa questão, uma vez que focalizaremos a terceira modalidade, que podemos traduzir pelo termo **EROTISMO**, para adentrarmos no universo das práticas sexuais dos adolescentes.

Se, na atualidade, os adolescentes diferenciam três possibilidades na vida erótica – “ficar”, namorar e ter relações sexuais –, devemos refletir qual o sentido da sexualidade para os jovens, principalmente em termos das informações que circulam. Também deve ser considerada a possibilidade de discussão dessas questões no âmbito das relações entre pais e filhos. Esse assunto será abordado no próximo tópico.

A título de provocação, lançamos uma questão para sua reflexão: já pensou como reagiriam os homens de “sangue latino” ante a situação de terem que oferecer suas esposas aos hóspedes? Mas exclua, evidentemente, um detalhe nessa reflexão: a tradição de uso do leito de Procusto.

Certamente em nossas tradições tal tipo de postura não seria nada aceitável. Mas também não devemos imaginar que coisas semelhantes não existam, pois o que seriam as práticas sexuais, tão frequentes nos grandes centros urbanos da atualidade, que consistem na troca de casais? Quando se lê em um jornal anúncios que apelam para esse tipo de atividade sexual, o que se poderia então pensar? O que dizer dos maridos e esposas que voluntariamente oferecem seus parceiros a outros e que, de bom grado, consentem tal situação? Devemos, porém ressaltar que atitudes desse tipo são frequentes em um contingente bastante reduzido da nossa população e que esta não é uma situação aceita com naturalidade pela maioria dos casais.

EROTISMO

É o conjunto de expressões humanas que se referem ao sexo ou às práticas sexuais, incluindo a excitação sexual, a paixão e o amor.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Para aguçar sua imaginação, propomos questões sobre dois temas interrelacionados, mas nem sempre facilmente distinguíveis. Situamos na história das experiências amorosas, definições e tradições de épocas bem remotas que antecederam a Era Cristã e as práticas amorosas do mundo contemporâneo, onde os valores são outros. Quando fazemos um exercício dessa natureza, não devemos compreender as atividades sexuais de uma época com os instrumentos teóricos e os costumes de que dispomos na atualidade, pois corremos o risco de falsear a nossa compreensão. Por isso, sugerimos que se reporte aos costumes que, dificilmente, são encontrados no nosso cotidiano.

- Como podemos, à luz das tradições que apresentamos no tópico anterior, diferenciar amor de sexo?
- Caracterize a diferenciação amor e sexo de acordo com o modo com que os adolescentes tratam esses temas.

RESPOSTAS COMENTADAS

a. A diferença entre o sexo e o amor, estabelecida pelos gregos, era representada por tipos de relações que incluíam a amizade, os vínculos de consanguinidade e relações genitais. Essas últimas eram consideradas relações amorosas no campo das práticas sexuais, enquanto que as demais eram somente relações estabelecidas por vínculos amorosos, tanto a amizade quanto a afeição, como a hospitalidade.

b. Na atualidade, os adolescentes estabeleceram termos próprios para indicar quando as relações estabelecidas são de uma natureza mais superficial, ou seja, são experiências passageiras e de descobertas, agrupadas no termo “ficar” (que não significa maiores compromissos), e as relações amorosas propriamente ditas (que podem ou não incluir práticas sexuais).

PAIS E FILHOS DIALOGAM SOBRE A SEXUALIDADE?



Figura 9.1: Os adolescentes têm sentimentos intensos, que, muitas vezes, devido a sua imaturidade, têm dificuldade em reconhecer.

A melhor forma de abordar as questões concernentes à sexualidade é a sinceridade, seja pelos pais, professores ou quem quer que seja. Em primeiro lugar, devemos esquecer a antiga ideia de que a criança e o adolescente partem de um total desconhecimento sobre o assunto quando formulam uma questão sobre a sexualidade. Algumas curiosidades da criança e do adolescente que já resultam em informações, ou mesmo indagações sobre a sexualidade, são um ponto de partida. Por isso, os filhos não toleram as invenções criadas, principalmente se os autores dessas criações forem os pais.

Na infância, como também na adolescência, os pais devem encarar as perguntas como fruto da curiosidade do ser humano que se encontra em desenvolvimento psicológico. Assim, é importante que os pais considerem a sexualidade como algo natural, da mesma forma que consideram naturais as demais funções vitais como alimentação, sono, respiração, entre outras. Por isso, nada melhor do que o diálogo de forma franca, e ninguém melhor que os pais para estabelecer as questões dos seus filhos.

Delegar a outras pessoas a responsabilidade de informar os filhos sobre sexualidade não é uma boa recomendação, mesmo que se trate de professores ou outros profissionais que conheçam o assunto do ponto de vista científico. Isso quer dizer que, dificilmente, existirá alguém que substitua os pais nessa tarefa. A essa altura, temos de fazer uma advertência: a inocência da criança e do adolescente jamais deve ser considerada como ignorância, e sim como pureza de conhecimento. Além disso, a sexualidade é algo natural no homem e que se expressa em idade muito precoce. Mas quais são as formas de expressão da sexualidade na vida da criança?

Conforme já abordamos em aulas anteriores, a masturbação é uma das primeiras expressões da sexualidade no sentido da obtenção de prazer. Essa atividade consiste em manipular os órgãos genitais, sendo uma experiência que proporciona uma sensação gostosa. É interessante observar que os pais nem sempre tomam conhecimento do que se passa com a criança, ou fingem que não sabem. Por isso, quando alguém descobre que a criança se encontra nesse tipo de atividade, geralmente, fica muito surpresa. Mas atribuir à manipulação genital a significação de uma atividade prejudicial é um grave erro que os pais cometem e que geralmente resulta na inibição ou condenação da masturbação. Os pais devem considerar a masturbação como um ato que faz parte da intimidade da criança ou do adolescente. Porém devemos advertir que tanto a proibição quanto a excessiva permissividade causam os mesmos problemas, uma vez ambas as atitudes dos pais não são indicadoras de limites para os filhos.

Mas como se portar em relação às perguntas dos filhos sobre a sexualidade? Em primeiro lugar, deve-se considerar que tais perguntas são fruto da curiosidade, razão pela qual as respostas dadas pelos pais adquirem um significado especial. Os pais devem conversar com seus

filhos sobre sexo e reprodução, pois se não tomarem a frente dessa tarefa, alguém o fará, e nem sempre de forma adequada. Além do mais, não existe nenhum motivo para esconder ou evitar informações sobre esses assuntos, visto que os pais são os mais indicados a explicá-los. O maior problema é como passar estas informações. Uma maneira boa de fazê-lo é ter um bom livro que explique de forma didática e que tenha gravuras explicativas, de acordo com a idade da criança. Geralmente, quando as crianças começam a fazer estas perguntas, o fazem sobre reprodução e não sobre as sensações de sexo. E não adianta os pais passarem informações em demasia, além do tema que a criança está perguntando, porque ela não está preparada para absorver tudo. Para tudo tem uma hora certa, e quando a criança estiver pronta, com certeza irá perguntar.

A maioria das crianças quer fatos concretos sobre a fisiologia, sobre quem faz o quê, onde faz, quando e como. Usar os nomes apropriados e não ter medo nem fazer expressão de espanto ou cara feia é o mais indicado; isso porque pode-se gerar uma aproximação, uma cumplicidade que mais tarde será de grande importância na vida familiar. As respostas devem sempre satisfazer as perguntas feitas de maneira honesta. Acredito que, assim, pais e filhos estarão construindo uma verdadeira relação de amizade, tão necessária nos dias atuais.

Para muitos pais o tema mais difícil de abordar com os filhos é, sem dúvida, a sexualidade. Mas o que os pais devem dizer aos seus filhos sobre o assunto? E o que não deve ser dito? Você já pensou que quando as crianças e adolescentes não obtêm essas informações em casa, geralmente, levam suas dúvidas para a escola ou para os amigos? Vamos especular um pouco mais sobre esse assunto.

A dificuldade dos pais em transmitir informações sobre a sexualidade para seus filhos revela a dificuldade deles em relação ao assunto. Por consequência, quanto maior a dificuldade dos pais, mais difícil é a transmissão de informações aos filhos. Disso podemos concluir que nas famílias onde o sexo e as questões a ele relacionadas são tratadas como um tabu, as dificuldades se avolumam.

Estamos admitindo que a tarefa dos pais, após o nascimento de seus filhos, é propiciar condições necessárias ao crescimento e também servir de referências em determinadas situações próprias da vida. Sendo assim, cuidar de um filho implica em instruí-lo sobre as diferentes possibilidades

de experiências que serão vividas fora do contexto familiar. Para isso, os pais devem encarar a sexualidade como parte do desenvolvimento do filho, e este é um assunto que deve ser abordado. Por isso, os pais devem enfrentar o tema com naturalidade, mesmo não considerando um tema fácil.

Que conselhos dar aos pais sobre esse assunto? Em primeiro lugar, devemos lembrá-los sobre a curiosidade e os interesses que tinham sobre o assunto em suas infâncias. Em segundo lugar, devem não ir além daquilo que a criança está expressando em sua curiosidade. Em terceiro lugar, quer os pais queiram ou não abordar o assunto da sexualidade com seus filhos dificilmente podem evitar de fazê-lo, pois o tema é onipresente no contexto das relações sociais. Então, a melhor alternativa para os pais é aproveitar a onipresença para tratar do assunto com seus filhos.

Muitas vezes, discussões que não são programadas são muito proveitosas tanto para os pais quanto para os adolescentes. Mas como tal situação pode acontecer? Em geral, os diálogos podem acontecer depois de um capítulo de uma novela ou de um programa de televisão ou, ainda, a partir da leitura de um livro. Os pais também podem se valer de situações que acontecem com outros adolescentes próximos de seus filhos para abordar temas como gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros; ou seja, constatamos que as ocasiões são inúmeras, embora a melhor situação seja a de um clima familiar que funciona em termos de reciprocidade, liberdade e confiança. Essas condições facilitam o diálogo.

A situação mais difícil é quando um filho ou uma filha comunicam ou pedem autorização aos pais para trazerem a namorada ou o namorado para casa. O que fazer diante de situações como essas?

Essa situação, muito comum no dias atuais, é o reflexo das transformações no âmbito dos costumes. A possibilidade de os filhos dormirem com seus namorados no mesmo teto da família é consequência das mudanças de valores dos parâmetros reguladores das práticas sexuais, especialmente para as mulheres. Além do mais, com o prolongamento da adolescência em função do preparo para o mercado de trabalho, deixou de ser comum o costume dos jovens casarem-se muito cedo, mas obviamente isso não significa que não devam ter relações sexuais. Certamente a recomendação de que é preciso esperar o casamento para ter relações sexuais não mais se aplica em muitos países, principalmente no mundo ocidental.

Um outro fator que deve ser considerado é o avançado progresso científico com a descoberta de métodos anticoncepcionais. Diante desse novo cenário, que respota dar a um filho sobre a possibilidade de relações sexuais? Qual a idade em que tal prática pode ser aceita? E, em que condições ou com quem?

Essas são perguntas espinhosas para as quais seria bastante arriscado propor um único tipo de resposta. Sendo assim, as respostas devem ser elaboradas em cada família, considerando os seus valores de referência. Mas podemos apontar algumas direções a esse respeito.

Na maioria das vezes, para os adolescentes, ter relações sexuais na casa dos pais é uma maneira de realizar tais práticas com consentimento deles e não como uma coisa proibida que deva ser escondida. Pode ser também um meio, certamente inconsciente, de a jovem ou o jovem competir com seus pais. Para os adolescentes é como se estivesse sendo travada uma disputa, e eles naturalmente se sentem ganhadores por se relacionarem com pessoas mais jovens. Com isso, os adolescentes estariam chamando a atenção dos pais para esse aspecto da vida: a sexualidade. Seria uma espécie de ação para despertar a curiosidade dos pais, no sentido de se conscientizarem de que seus filhos já se tornaram homens e mulheres. Em certo sentido, os pais querendo ou não, quando permitem que os filhos tragam seus namorados para dormirem em sua casa, estão sendo convocados para serem testemunhas de mais um passo dos filhos no desenvolvimento psicológico. Quer dizer, os filhos comunicam aos pais que, além de brincar, estudar, divertirem-se, viajar, também têm relações sexuais. Enfim, tal atitude pode ser também a convocação aos pais em termos de se engajarem na vida de seus filhos, assumindo conjuntamente a reponsabilidade pelas consequências de seus atos. Para os adolescentes, a atitude dos pais representa o consentimento que esperam no sentido da autorização para a realização dessa faceta de suas vidas.

É conveniente que os pais, antes de autorizarem seus filhos a trazerem seus namorados para dormirem em casa, reflitam bastante sobre a situação para não tomarem uma decisão precipitada. Disso deduz-se que é preciso tomar certas precauções em relação a essas práticas, para evitar que ocorram de forma prematura, bem como para que não se tornem rotineiras. Isso quer dizer que os pais devem impor alguns limites aceitáveis a seus filhos adolescentes, como, por exemplo, sugerir que o

filho ou a filha devam atingir uma certa idade, que já tenham uma certa autonomia e que tenham uma noção das repercussões de suas ações em relação aos estudos e ao preparo para a vida profissional.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Uma jovem de 16 anos, em conversa com sua mãe, fez-lhe a seguinte pergunta: “Artur pode vir dormir aqui no final de semana?” A mãe, surpreendida com a pergunta, disse à filha que, primeiro, precisava conversar com o pai dela e depois com seu atual marido. Diante de sua inquietação, a mãe resolveu procurar a orientadora educacional da escola onde sua filha estudava, antes de dar uma resposta. A orientadora educacional disse à mãe que essa era uma questão muito pessoal e do âmbito familiar. Orientou para que ela procurasse ler artigos e livros a respeito do assunto. Tinha consigo a edição de uma revista sobre comportamento jovem bem conceituada pelo meio educacional e ofereceu-a para consulta. Por coincidência, havia nesta edição justamente uma reportagem com depoimentos de diversas mães sobre tal questão.

A seguir, você encontra um quadro com as respostas das mães à seguinte pergunta: Você deixaria o namorado de sua filha dormir em sua casa, no quarto com ela?

Mãe	Resposta
A	Eu autorizaria, mas eles teriam que dormir de portas abertas e em camas separadas. Não imagino a ideia de meus filhos transarem dentro da minha própria casa.
B	Eu conversaria com meu marido e, se ele concordasse, eu deixaria, mas o rapaz teria que dormir em outro quarto. Acho que minha casa não deve ser confundida com um motel.
C	Eu perguntaria a minha filha se ela iria transar com o namorado para saber o que dizer. Se ela dissesse que sim, então eu conversaria sobre anticoncepcionais, preservativos e outros cuidados.

D	Eu deixaria, mas avisaria que eles não podiam transar, pois não me sentiria bem com eles transando na minha casa. Acho que eles devem saber que na casa dos pais não devem transar.
E	Eu não deixaria e diria que ela deveria esperar casar para dormir com o namorado. Agora, se eles fossem dormir em quartos separados, não teria nenhum problema.
F	Isso para mim não é problema porque meu filho já leva as namoradas dele para dormir lá em casa, e minha filha também poderia. Ela já dormiu muitas vezes na casa dos namorados dela e meu filho fica finais de semana com a namorada. Tenho certeza de que eles transam. Orientei em relação à gravidez e às doenças.

Analise atentamente as respostas dessas mães e responda às seguintes perguntas:

- Qual resposta você considera mais apropriada? Justifique a sua escolha.
- Qual deveria ser a atitude da mãe, a partir do que ela pôde perceber do posicionamento de outras mães?

RESPOSTAS COMENTADAS

- a. A resposta dada pela mãe C. Esta mãe tem clareza acerca do novo panorama das questões sexuais e entende que, na atualidade, a virgindade, salvo raras exceções, não é mais considerada um valor primordial, ou seja, os jovens têm relações sexuais antes do casamento. Assim, a preocupação dessa mãe é orientar sua filha em termos dos desdobramentos de uma relação sexual sem os devidos cuidados, no sentido de evitar uma gravidez em plena adolescência ou mesmo o contágio com doenças sexualmente transmissíveis.
- b. Em primeiro lugar, a mãe deveria procurar conversar com a filha sobre as questões relacionadas à sexualidade para saber qual o conhecimento da filha sobre esse assunto; isso se a prática do diálogo não for um hábito nessa família. Em segundo lugar, deveria procurar ter clareza sobre como se sente diante da situação, para não tomar uma decisão que possa causar constrangimentos futuros e arrependimento.

O ADOLESCENTE E AS PRÁTICAS SEXUAIS



Figura 9.2: Vamos fazer amor?

Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://img9.imageshack.us/img9/8651/erasteromenosaz7.jpg&imgrefurl>

A sexualidade é um aspecto da vida que faz parte da esfera privada. A educação, tanto em casa quanto na escola, tem por finalidade ajudar o adolescente a conviver com essa nova faceta em sua vida, bem como administrar as questões relacionadas à vida sexual sem cair no ensimesmar-se ou na solidão. Quer dizer, os pais e os demais agentes de socialização devem ajudar o adolescente a encarar a sexualidade como uma função vital, tão natural quanto a respiração, o sono, a alimentação entre outras. Mas como atingir essa finalidade?

Em princípio, é desejável que o adolescente tenha em casa um ambiente que aborde as questões relacionadas à sexualidade. Nós já dissemos que existem muitas situações que permitem a abertura a um diálogo: filmes, novelas, programas de televisão, notícias de jornais e até situações de pessoas próximas à família. Oportunidades não faltam, é preciso saber aproveitá-las. Porém, é preciso lembrar aos pais que abordar o assunto não quer dizer que devam gerenciar a sexualidade de seus filhos. Se isso acontecer, a “possível” ajuda se transformaria em um grande estrago, às vezes, irreversível, pois pode comprometer o laço afetivo do adolescente com seus familiares. Então, qual a atitude a ser adotada pelos pais?

Em primeiro lugar, o acolhimento mediante a criação de situações que favoreçam o diálogo. Em segundo lugar, os pais devem conter sua curiosidade no sentido de saber das minúcias das práticas sexuais de seus filhos, devendo esperar pela iniciativa deles. Quando os pais conseguem dialogar com seus filhos sobre os aspectos da vida sexual, há nessa atitude um aspecto bastante positivo: é muito mais importante para os filhos discutirem essas questões com seus pais do que obterem informações com terceiros que nem sempre estão preocupados com a educação ou com as condições adequadas ao desenvolvimento psicológico do jovem.

Mas o que fazer quando as práticas sexuais dos filhos extrapolam a esfera privada ou podem causar constrangimentos aos demais membros da família? Em princípio, os pais devem se valer do bom senso e conversar com seus filhos sobre a extensão dessas práticas, advertindo sobre a possibilidade de integrá-las no âmbito da vida privada. Como fazer isso? Mostrando os limites bem como as situações de constrangimento que tal extrapolação estaria causando.

É importante lembrar algo que acontece com as crianças. Os jogos sexualizados das crianças imitando personagens que têm um vínculo sexual como marido e mulher, pai e mãe etc são muito comuns e, geralmente, os adultos encaram tais jogos como se fossem brincadeiras. Porém, não se deve confundir esses jogos com práticas que são verdadeiros abusos sexuais, principalmente quando as crianças são de idades diferentes. Qual seria, então, o sentido dos jogos sexuais na infância? Poderíamos, em princípio, afirmar que fazem parte do processo de descoberta. É comum uma criança explorar, pela manipulação, o corpo de outra e nisso não há nada de anormal. Mas os agentes de socialização não devem aprová-los, e sim explicar a criança, sem dar a dimensão de algo errado ou impróprio, que o corpo tem zonas íntimas e que não podem ser tocadas por qualquer pessoa. Eis como se apresenta o sentido de privação da prática sexual.

Voltando à adolescência, esses jogos que eram comuns na infância tornam-se bastantes ambíguos devido ao processo de maturidade física. Evidentemente, na adolescência, tais jogos de exploração não são mais aceitáveis. Mas qual seria a atitude dos adultos ao saberem que tais jogos são praticados por seus filhos adolescentes?

A postura a ser adotada em uma situação como essa deve ser, da parte dos pais, proibir tais jogos para, desse modo, preservar a intimidade de seu filho e, obviamente, interditar a prática da sexualidade no contexto da família, pois na maioria das vezes esses jogos são praticados entre primos.

E o que fazer quanto à masturbação? Assunto delicado que gera muitos conflitos nas famílias, seja pela proibição, seja pela permissividade. Certamente deve haver uma postura intermediária a ser adotada em tais situações.

Em primeiro lugar, os pais devem se desvencilhar de todas as crendices relacionadas à masturbação, ou seja, devem considerá-la como uma atividade sexual normal da vida do jovem, mas que pertence ao domínio de sua intimidade. Em outras palavras: a masturbação não deve ser assunto de ostentação – nem de orgulho ou de vergonha para pais – seja no âmbito da família ou em qualquer lugar.

Se voltarmos no tempo meio século, vamos encontrar nos compêndios científicos explicações de que a masturbação é uma prática perigosa à saúde e, se seguirmos as doutrinas religiosas, encontramos advertências de que tal prática é um pecado. Como se pode observar, há nisso um gerenciamento ou mesmo uma intervenção direta da ciência e da religião na vida sexual dos jovens. Seja por um caminho ou por outro, tais explicações somente contribuíam para culpabilizar o adolescente.

Em segundo lugar, o tema tampouco deve ser objeto de exibição verbal, expresso em termos de comentários e provocações que somente colocam os jovens em situações embaraçosas. Estamos, assim, assinando que aquilo que se refere ao íntimo e ao privado deve ser objeto de respeito e tratado com delicadeza. Muitas vezes, as piadas e grosserias causam aos jovens verdadeiros traumas em relação às questões da sexualidade, que poderiam ser facilmente evitados.

Já apontamos que tanto a proibição quanto a permissividade podem ser prejudiciais. Com isso estamos refletindo sobre um fato, bem discutido atualmente, que é a liberdade sexual dos pais. Certamente, a liberdade sexual dos pais, seja em atos ou em palavras, não é garantia de ajuda para os filhos. Muito pelo contrário, tal liberdade pode representar para os filhos uma certa falta de maturidade dos pais. Agindo assim, os pais também não serão concebidos como figuras protetoras ou tranquilizadoras. Não só a vida sexual dos pais compartilhada com os filhos como a exibição da nudez podem ter efeitos muito perturbadores, além de ser também muito angustiante. A vida sexual dos pais deve ser, para os filhos, um assunto de ordem privada. A exibição da vida sexual dos pais, se não é traumática, tampouco é benéfica.

Passando para o campo das práticas sexuais realizadas a dois, os pais devem, sobretudo, adotar posturas de compreensão para que esse assunto seja tratado com naturalidade em suas vidas. Se os pais agirem de forma contrária aos seus valores, não conseguirão evitar constrangimento. Quer dizer, os pais não devem se obrigar a tomar decisões com as quais não concordam. Porém, isso não significa que não devam refletir sobre as questões sexuais da vida de seus filhos. A pior atitude seria fazer de conta que nada sabem, pois isso seria muito prejudicial para os filhos,

por ser uma forma de permissividade escamoteada. Fingir que nada sabem não deve ser uma postura adotada pelos agentes de socialização, principalmente os pais.

Tanto os pais quanto os filhos devem negociar. Por um lado, os pais não podem atender prontamente todas as solicitações de seus filhos, visto que, na condição de agentes de socialização, têm a incumbência de colocar os limites necessários à vida social. Mas, por outro, os pais não devem se manter irredutíveis em atitudes calcadas nas lembranças de suas vidas, expressas da seguinte maneira: “meus pais não me permitiam fazer tais coisas, então não vou permitir isso aos meus filhos”. Certamente posturas como essas em nada colaboram. Os pais devem se dar conta de que o mundo em que viveram era bem diferente, e que hoje os valores e tradições familiares são outros.

Tudo o que estamos falando sobre as posturas dos pais se aplica, em certo sentido, aos professores que, como agentes de socialização, também têm um papel importante na educação dos jovens e podem colaborar de forma positiva para o seu desenvolvimento psicológico.

Um aliado importante nessa cruzada é a internet que tanto pode ajudar, mas também pode prejudicar. Os depoimentos que são colocados nos *blogs* são muito interessantes e alguns deles muito instrutivos. A grande questão é que são apenas informações, sem que sejam estabelecidos diálogos, o que geralmente acontece nos *chats*. Nessas situações, nem sempre as informações são positivas, o que exigiria uma intervenção dos pais. Por isso que a lei proíbe a navegação de menores de idade em determinados sites e recomendam aos pais o acompanhamento.

Para concluir nossas reflexões sobre esse assunto, traremos para discussão um tema que é objeto de preocupação dos pais que, diante do comportamento de seus filhos homens, não conseguem afastar a ideia: “estou preocupado com a amizade de meu filho, ele está sempre com esse amigo, será que ele é homossexual?”.

Sabe-se que a puberdade é um momento em que os pais se interrogam sobre a orientação sexual de seus filhos, pois são constantemente assombrados pelo fantasma da homossexualidade.

A orientação sexual do ser humano é um assunto bastante complexo, como já vimos na Aula 8, quando abordamos as trilhas do tornar-se mulher e do ser homem. Tal complexidade se deve, sobretudo, à incidência na constituição da sexualidade por fatores culturais e psicológicos,

considerando evidentemente as influências de natureza biológica. Basta que relembremos nossas aulas de Genética, onde aprendemos que cada um de nós tem, em níveis diferenciados, hormônios masculinos e femininos. Além disso, toda criança tem modelos identificatórios masculinos e femininos, a começar pela mãe e pelo pai. Isso quer dizer que cada um de nós, ao longo do desenvolvimento, assimila características masculinas e femininas na nossa infância.

O diferencial acontece na adolescência, quando a escolha de uma orientação sexual depende do entrecruzamento de todas as influências recebidas até o momento. As explicações para a orientação de escolha homossexual são inúmeras e revestem-se de credices e mitos.

Esse assunto será objeto de discussão em aulas posteriores. Por ora, apenas lançamos uma hipótese de que a homossexualidade masculina, segundo o pensamento de Sigmund Freud, parece ser o resultado da forte identificação do menino a uma mãe deprimida, que a criança tentaria consolar ante a possibilidade de um pai distante ou muito desvalorizado. Uma vez identificado à mãe, o menino estaria impedido de ter acesso à diferença sexual. Quanto à homossexualidade feminina, poderia ser o resultado de um relacionamento extremamente sedutor entre a menina e o pai, sendo a mãe desvalorizada e retraída. A menina apegada pela forte sedução ao pai não conseguiria desligar-se dele para retornar à mãe e apreender o que é ser uma mulher. Mas estamos apenas apresentando uma explicação, que deve ser objeto de reflexão e não uma verdade definitiva.

A orientação pela homossexualidade aparece muito cedo em alguns jovens, marcadamente por devaneios e não propriamente em atos sexuais. Porém a determinação final dessa orientação conta com as influências exercidas pela convivência do jovem, especialmente no âmbito das amizades. Mas é preciso advertir que não se deve confundir uma orientação “homófila” com orientação homossexual. Muitos jovens sentem atração por pessoas do mesmo sexo, porém isso não quer dizer necessariamente que desejem manter relacionamentos sexuais e sim buscam nesses vínculos reforçar a confiança e sair da solidão. Com isso, estamos salientando que muitas amizades não se desdobram em relações sexuais, o que seria próprio da orientação homossexual.

Então o que os pais devem fazer diante de tais situações, seja de amizade ou mesmo de orientação homossexual? O receio de que um filho ou uma filha poderá fazer uma escolha homossexual pode conduzir

os pais a atitudes desastrosas, principalmente quando se encarregam de “prevenções” como conselhos ou de sinalizações de que a homossexualidade é uma doença. Vamos esclarecer isso: a homossexualidade seria antinatural por limitar a condição reprodutora, mas isso não quer dizer que na esfera da condição humana seja uma doença.

O que pode acontecer com os pais diante da orientação homossexual de um filho é a frustração diante da possibilidade de terem desejado outra escolha, e isso é compreensível. Porém os pais não devem, em função de suas expectativas, querer impor a seus filhos aquilo que imaginam que eles deveriam escolher.

Quando advertimos tratar-se de uma situação delicada, tínhamos em mente que a questão da orientação homossexual é objeto de diversas abordagens, considerando também tradições vinculadas a doutrinas religiosas. Existem culturas em que a orientação homossexual é considerada um crime, passível de ser punido com a pena de morte, enquanto que em outras já existem legislações sobre direitos, principalmente a união civil.

Há também explicações que consideram a orientação homossexual como pecado ou doença ou até partidários de teorias antropológicas que consideram a orientação homossexual como uma possível forma de contenção da explosão demográfica no planeta. Disso resultam, em algumas seitas, rituais para retirar a influência maligna ou a indicação de tratamento.

Como constatamos, existem extremos na abordagem da orientação homossexual, tanto se fizermos uma retrospectiva histórica e chegarmos à Grécia Antiga, onde a homossexualidade era considerada como uma finalidade pedagógica, quanto se considerarmos os diferentes cenários culturais da atualidade.

Na Grécia Antiga, a prática da homossexualidade tinha finalidade pedagógica, no caso dos jovens que eram mandados para a companhia de homens mais velhos para aprenderem determinados ofícios. Geralmente jovens ainda impúberes eram entregues a homens mais velhos que praticavam relações sexuais, na posição ativa, com esses jovens até a idade do aparecimento da barba e bigode. Nesse momento, o jovem teria que mudar de posição sexual: de passivo a ativo. Esse tipo de relacionamento era condicionado ao amor e à submissão por aquele que detém o saber.

Na verdade, as especulações pululam e pouco se sabe sobre o assunto. Sendo assim, o melhor que temos a fazer é conter um pouco nosso afã de explicar as coisas e admitir que muitas questões concernentes à condição humana são, até o momento, verdadeiros enigmas. Não estamos assim propondo que devamos cruzar os braços, mas sim sermos cautelosos e não aceitarmos as explicações que nos são dadas pela ciência, pela religião ou pelas tradições, sem um maior questionamento. Devemos estar muito abertos aos diversos posicionamentos, principalmente em uma época em que as questões relativas às chamadas minorias são amplamente discutidas e denunciadas por movimentos sociais significativos, como o Movimento pela Consciência Negra, o Movimento dos Sem Terra, a questão de demarcação das terras indígenas, as Paradas do Orgulho Gay, e outros tantos.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

3. A mãe de Roberto, de 13 anos, procura o serviço de orientação da escola movida pela seguinte inquietação: “meu filho fica mais de meia hora no banheiro e sai sem tomar banho, embora afirme que estava debaixo do chuveiro”.

A preocupação da mãe consiste no fato de que “sabe o que ele está fazendo no banheiro”, mas não sabe o que fazer. Sendo viúva e mãe também de uma jovem de 16 anos, fez com ela um pacto: não tomar banho antes do irmão, pois assim poderia apressá-lo a sair do único banheiro da casa.

A irmã e a mãe ficam sem saber o que fazer quando Roberto tranca-se no banheiro para tomar banho. Batem à porta, porém acreditam que ele finge que não escuta em razão do barulho do chuveiro. Tal método mostrou-se inadequado, e a mãe mostra sua preocupação, cada vez mais crescente, principalmente porque ouviu dizer que a masturbação traz queda no rendimento escolar e pode também causar emagrecimento, o que julga estar acontecendo, pois diz que Roberto come muito e é muito magro.

Acima de tudo, expressa seu constrangimento ao afirmar que esse é um assunto que deveria ser tratado pelo pai de Roberto, e por isso se acha em uma situação difícil: como pode uma mulher orientar um filho homem nesses assuntos?

A pessoa da escola responsável pela orientação aos alunos sugeriu a essa mãe que ela frequentasse um curso de educação sexual para esclarecer as suas dúvidas, e que podia também levar seu filho, pois se ela não tinha coragem de tratar esses temas, um professor abordaria cientificamente o assunto. O curso de educação sexual é oferecido na própria escola, tanto para alunos quanto para pessoas interessadas, como pais e quaisquer outros agentes de socialização.

A seguir, respostas às seguintes questões:

1. Em que essa mãe está equivocada?
2. Que orientações podem ser dadas a essa mãe?
3. Quais são as suas considerações sobre a orientação dada pela pessoa da escola?

[illegible]

RESPOSTAS COMENTADAS

1. Os equívocos dessa mãe são: a) desconhecimento acerca da masturbação como atividade sexual natural da criança e do adolescente; b) crença de que os limites em relação a essa prática sexual do filho homem devem ser colocados apenas pelo pai; c) crença de que a masturbação prejudica o rendimento escolar e emagrece. Essa mãe se esquece que seu filho está em fase de crescimento e que nessa etapa do desenvolvimento é comum o adolescente comer muito e ser magro.

2. *O serviço de orientação poderia sugerir a essa mãe que um diálogo autêntico com seu filho poderia ser bastante salutar, uma vez que os métodos usados mostraram-se infrutíferos. Além disso, alertar para o fato de que esta atividade de Roberto pode estar sendo alvo de atenção. Então, se for esse o caso, o adequado seria deslocar o foco de atenção para outras coisas. Enfim, essa mãe poderia ser esclarecida de que a masturbação faz parte da vida sexual dos humanos, não devendo ser considerada pecado ou doença.*

3. A atitude da pessoa do serviço de orientação da escola mostrou-se bastante inadequada para a solução do impasse, pois a proposta consiste apenas em um deslocamento do problema e, além do mais, cursos de educação sexual não resolvem esses conflitos no contexto familiar, especialmente quando a mãe deixa bem claro a dificuldade (dela) em abordar tais assuntos.

CONCLUSÃO

A sexualidade é um assunto bastante complexo, seja pelo fato de que durante séculos foi abordada como equivalente à função reprodutora, seja em função dos mais variados tabus e preconceitos. Imagine essa gama de complexidade incidindo em uma etapa do desenvolvimento psicológico que tem, como marca, a complexidade, justamente por ser uma etapa de transição entre um modo de ser infantil e as responsabilidades da vida adulta.

A transição deve ser, então, compreendida como a passagem de um tipo de atividade sexual baseada na imaginação, o que é próprio da infância, para um tipo de relação que inclui não mais um objeto puramente imaginário e sim uma pessoa real. A rigor, seria a passagem de uma sexualidade puramente imaginária para a possibilidade de uma relação sexual com parceiros. Mas sabe-se que apesar de o jovem estar em condições físicas para tal realização, em decorrência da puberdade, deve esperar um pouco, pois a maturidade psicológica não acompanha o processo de prontidão fisiológica.

A prática sexual na adolescência não é um assunto que teve lugar apenas no século XX, pois se recorrermos à Literatura, encontramos em *Romeu e Julieta* dois jovens adolescentes que se entregam ao sexo, para mencionar um exemplo. O que mudou na atualidade é a compreensão do que seja a sexualidade, ou seja, não se concebe mais que uma jovem perca sua pureza e seu valor de mulher se tiver relações sexuais antes do casamento. Ainda mais com a transformação dos costumes, em que a menina não é mais preparada somente para o casamento.

Também assistimos a mudanças importantes no tocante ao diálogo entre pais e filhos sobre as questões da sexualidade. Se, outrora, tais assuntos sequer eram abordados em casa, na atualidade muitos pais se incumbem da tarefa de orientar seus filhos em relação às possíveis consequências das práticas sexuais. Além disso, os meios de comunicação disponibilizam um manancial considerável de informações.

A importância desses diálogos reside no fato de que, muitas vezes, situações desastrosas são contornadas sem consequências trágicas, como, por exemplo, uma situação em que uma jovem imaginava ter relações com o namorado para apressar ou forçar um casamento. Mas não esqueçamos que alguns padrões rígidos são mantidos em termos morais, ou seja, nem todos os pais são esclarecidos quanto ao assunto e aceitam de bom grado a possibilidade de seus filhos, especialmente as filhas, terem relações sexuais antes do casamento. Isso mostra que os valores de uma geração são, de certa forma, inquestionáveis.

É importante salientar que, na atualidade, já há lugar para que tais assuntos sejam discutidos em família, e essa é uma mudança considerável no campo das práticas sexuais. Quer dizer, atualmente os pais não têm mais como fingir que os filhos não têm vida sexual, como outrora se imaginava.

Sem dúvida que a educação de um filho inclui também a possibilidade de orientá-lo em relação às questões concernentes à sexualidade. Quer dizer, não se deve mais esperar que o jovem busque informações sobre o sexo nos compêndios ou com os amigos. Isso até pode acontecer, mas deve ter papel secundário.

A tradição pautada em um ritual como o casamento para autorizar a vida sexual dos jovens não tem mais o mesmo sentido, bem como o fato de os filhos terem que sair de casa para ter uma vida sexual. Certamente com a escolarização obrigatória dos jovens para uma melhor preparação para o mercado de trabalho, o tempo de convivência em família aumentou significativamente e então surgiram novos padrões na estrutura das famílias, como os filhos terem relações sexuais no mesmo teto em que vivem com seus pais. Disso resultou um costume que, atualmente, tem frequência significativa: a filha ou o filho já dormir com seu namorado ou namorada na casa dos pais.

Mas ainda existem preocupações que povoam a mente dos pais em relação aos filhos: a atividade masturbatória e a orientação homossexual. Quanto à masturbação, muitos pais ainda não deixaram de lado suas crendices e acreditam que este tipo de atividade sexual faz mal. No tocante à orientação homossexual, temos um terreno ainda mais obscuro, mesmo porque o assunto é repleto de controvérsias, além de contar com opiniões divergentes em razão de diferenças culturais e de doutrinas religiosas.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2 e 3

Leia com bastante atenção a reportagem “Sexo em festa com adolescentes”, escrita por Claudio Santos de Souza e publicada no *Correio Brasiliense* em 28 de março de 2008, na seção Cidades.

Em menos de duas horas, menina de 13 anos é filmada mantendo relações sexuais com seis colegas menores de idade. Imagens estão com a polícia e jovens responderão por estupro presumido. A cena, gravada por uma câmera de celular, choca. Revela a desinibição de uma menina de 13 anos em uma cama, onde aparece na companhia de outros adolescentes em plena atividade sexual. O cenário é uma festa realizada em horário escolar, animada por música funk e regada a refrigerante e vodka. No dia seguinte, o vídeo circula no colégio onde estudam todos os envolvidos, pára na internet e chega às mãos da mãe da garota, uma empregada doméstica de 38 anos. Revoltada, a mulher denuncia o caso à polícia. Os envolvidos acabam acusados de estupro presumido porque a menina, embora tenha consentido, tem menos de 14 anos.

O escândalo ocorreu em Luziânia, município goiano distante 58 km do Plano Piloto, no início da semana. A orgia promovida por 15 adolescentes com idades entre 13 e 16 anos se deu no início da tarde de segunda-feira. Participaram dela estudantes de dois colégios públicos locais, que se reuniram na casa do pai de um deles. A garota de 13 anos teria praticado sexo com seis colegas em menos de duas horas. Enquanto isso, outras três meninas da festa protagonizavam cenas de *striptease*. A polícia só descobriu o caso porque a mãe da jovem de 13 anos entregou as imagens feitas pelos adolescentes à polícia, na terça-feira.

Ao todo, 18 pessoas prestaram esclarecimentos ontem na Delegacia de Apuração de Atos Infracionais (DPAI) de Luziânia. Entre elas, o dono da casa no Setor Mandú, de 44 anos, e o filho dele, de 18 – o imóvel fica nas proximidades da escola dos jovens. “Os menores disseram que esse tipo de festa ocorre há cerca de um ano, normalmente na saída da aula. Os maiores sabiam o que acontecia lá dentro, mas nada fizeram”, afirmou a policial civil Fabiana de Oliveira, uma das investigadoras responsáveis pelo caso.

A maioria dos adolescentes identificados nas gravações admitiu o ato infracional. “Ninguém forçou nada não. Ninguém a obrigou a nada”, resumiu um garoto de 16 anos, que prestou depoimento no início da tarde. Ele estuda à noite e foi convidado para a festa por uma das meninas presentes no local. “Uns palhaços filmaram e saíram espalhando as imagens por aí. Se não fosse isso, ninguém saberia. Mas me arrependo de tudo que fiz. Se soubesse que era crime, o que ainda acho que não é, nem teria me metido nisso tudo”, encerrou o garoto.

Horrorizada, a própria menina de 13 anos confirmou ao Correio que permitiu as relações sexuais. Disse, ainda, que transou com um dos meninos sem camisinha. “Foi a primeira vez que participei disso. E aconteceu a mesma coisa com outras duas garotas, só que elas não estavam lá”, contou. A mãe recebeu as imagens de uma conhecida da filha, que ficou assustada com o vídeo que circulava em vários celulares de alunos da escola – pela manhã, o vídeo parou no site YouTube. “Estou horrorizada. Sabia que ela não era virgem, mas não imaginava que chegaria a esse tipo de coisa”, afirmou a mãe.

A mulher levou a filha à Clínica Especializada de Luziânia, onde a jovem passou por exames ginecológicos. Fará teste de gravidez e exames de sangue para descobrir se contraiu alguma doença. Envergonhada, a empregada doméstica quer mudar de cidade e não pretende deixar a filha voltar à escola local. O pai, que trabalha em uma lanchonete no Plano Piloto, soube de tudo pelo telefone. Largou ontem o emprego no meio do expediente para encontrar a família. A menina tem duas irmãs: uma de 10 e outra de 18 anos.

Com base nos depoimentos e na análise das imagens recuperadas pela polícia, a titular da DPAI, delegada Dilamar Aparecida Souza, apontou cinco autores do estupro presumido. O ato sexual com menores de 14 anos contraria o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), independentemente do consentimento. Apesar de não terem se envolvido na prática sexual, os dois adultos responderão por omissão. O inquérito será encaminhado ao Ministério Público local, que denunciará os acusados à Vara da Infância e da Juventude da cidade.

Depoimento de Maria, 38 anos, mãe da adolescente.

“Estou horrorizada: não sei o que dizer. “Estou horrorizada, perdida, não sei o que dizer ou o que pensar. Sabia que ela não era virgem, mas não imaginava que chegaria a esse tipo de coisa. Quando acontece com um filho nosso, a gente fica se culpando, pensando no que fez de errado. O vídeo que fizeram foi uma burrice. Mas uma burrice boa, pois permitiu que eu soubesse o que estava acontecendo. Tenho consciência de que fiz o certo ao denunciar o caso à polícia. Mas também tenho medo do que pode acontecer comigo. Tenho medo da reação dos outros, que não entendem por que fiz tudo isso. Sei que fui corajosa, mas tenho medo. Ontem (quarta-feira) foi o último dia de aula da minha filha aqui. Vamos embora deste lugar. Vejo hoje que nunca deveria ter saído da roça. Vejo tudo isso como uma oportunidade perdida de vencermos na vida. Agora acabou. ”

Considere as seguintes afirmações:

- Uma jovem de 13 anos mantém relações sexuais com vários adolescentes.
- A mãe dessa jovem sabia que ela já não era mais virgem.
- Devido à idade da jovem, 13 anos, os atos praticados pelos jovens são considerados estupro.
- A mãe, para tentar encontrar uma solução para a situação constrangedora, opta por um afastamento geográfico.
- A “orgia” entre jovens aconteceu em horários escolares.
- Houve intenção de que os atos praticados fossem de conhecimento público.
- A jovem teve relações sexuais sem preservativos.
- As ocorrências retratadas nessa reportagem revelam “fracassos” no processo educativo, principalmente nas tarefas que ficam ao encargo dos pais, na condição de agentes de socialização.

1. Em sua opinião, o que os pais poderiam ter feito para evitar uma situação como esta: exposição da filha e ingresso no universo de práticas sexuais com vários parceiros em encontros regados a bebidas alcoólicas?
2. A mãe afirma ter conhecimento de que sua filha de 13 anos não era mais virgem. O que pode ser deduzido desse conhecimento da mãe?
3. A jovem tem relações sexuais sem uso de preservativos. Como pode ser explicada tal situação?
4. A ideia da mãe de mudar de cidade é uma boa alternativa? Justifique sua resposta.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines, typical of notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.**RESPOSTA COMENTADA**

1. Presume-se que faltou a essa jovem um maior esclarecimento, com os pais e com outros agentes de socialização, sobre questões relacionadas à sexualidade. Podemos afirmar a inexistência de diálogo e a transmissão de princípios que regulem as relações no contexto social. Possivelmente, essa jovem não fora orientada para enfrentar determinadas situações da vida. Por isso, podemos pensar que esse acontecimento tem algum sentido em termos de um apelo aos pais.

2. É de se estranhar não a afirmação da mãe de que sua filha de 13 anos não é mais virgem, mas o fato de uma jovem que deveria estar engajada em outras atividades participe de práticas sexuais em horários escolares. Será que havia o consentimento dos pais em relação à filha por não ser mais virgem?

3. *Observa-se um certo descuido dessa jovem devido, talvez, à falta de orientação em relação às consequências de uma relação sexual. É importante salientar que os pais e os agentes socializadores devem informar seus filhos sobre gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.*

4. Não. Os problemas acompanharão essa família, e não é fugindo de uma situação difícil que se encontra uma solução satisfatória. O que fica constatado é que tanto a mãe quanto os agentes socializadores responsáveis pela orientação da jovem perderam completamente a direção na educação dessa jovem.

RESUMO

Abordamos, nessa aula, as questões que envolvem a sexualidade do adolescente. Em princípio, fizemos uma remissão aos costumes dos antigos para situar as diferentes modalidades de vínculos amorosos que, para os gregos, eram de quatro tipos: o amor entre amigos, o amor da hospitalidade, o amor relativo ao vínculo consanguíneo e o amor para fins genitais. Em seguida, situamos um costume que consistia em o anfitrião oferecer sua esposa ao hóspede e o transportamos para o contexto do mundo atual, fazendo alusão a uma prática conhecida como troca de casais.

Focalizamos a questão referente à orientação que os pais devem dar aos seus filhos em termos da compreensão e do diálogo quando o assunto concerne aos aspectos da vida sexual. Vimos que muitas dificuldades enfrentadas pelos pais diante de seus filhos são, na verdade, tentativas de manter padrões educativos de outras épocas. Salientamos a importância de serem os pais as pessoas mais importantes na discussão das questões ligadas à sexualidade com seus filhos, mas sem deixar de impor os limites necessários ao desenvolvimento.

Analizamos as consequências do novo costume que passou a fazer parte do cotidiano das famílias no século XX, especialmente na segunda metade: aos filhos e filhas é permitido dormir com suas namoradas e seus namorados, mesmo na própria casa. Enfim, abordamos a questão da orientação homossexual, considerando os desdobramentos em termos das expectativas dos pais e do impedimento ao processo de procriação.

Escolhendo uma profissão

Francisco Ramos de Farias

AULA

10

Meta da aula

Apresentar os dilemas e as expectativas experimentados pelo adolescente no momento em que se volta para a escolha de uma profissão.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. identificar as causas da insegurança do adolescente na escolha de uma profissão;
2. analisar as expectativas do adolescente quanto à escolha de uma profissão diante do horizonte do mundo adulto.

INTRODUÇÃO

O que você vai ser quando crescer? Todos ouvimos essa pergunta diversas vezes durante a infância. Mas é na adolescência que ela deve ser respondida efetivamente. Quanta responsabilidade!

Alguns seguem a profissão dos pais, outros “herdam” os negócios da família, mas muitos precisam enfrentar o mercado de trabalho. A escolha não é fácil, e, em um mundo cada vez mais concorrido e exigente, ter um diploma de um curso de nível superior se torna imprescindível para ter um bom currículo. Que curso escolher?

Cobram, cada vez mais cedo, que o adolescente se posicione. Todos esperam que os jovens saibam o que querem. Pressionam para que ele escolha uma carreira muito antes de fazer o vestibular. Essa pressão é justificada pela preparação antecipada que este período decisivo da vida necessita. O problema é que os jovens não estão preparados para tomar uma decisão tão importante. Esse é o tema desta aula.

O DILEMA ANTE A ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO

Dois adolescentes, Alfredo, de 16 anos, e, Juliana, de 17 anos, procuraram um serviço de orientação vocacional, pois estavam com muitas dúvidas em relação à profissão que deveriam escolher. Durante o processo de entrevista, foi apresentada aos jovens a seguinte questão: “Em qual profissão você se realizaria com prazer?” Eis as respostas:



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/m/mz/mzacha/1193154_two_women_talking.jpg

Alfredo: “Eu gostaria muito de fazer Teatro, pois gosto muito de poesia, dança e interpretação. Na minha escola sempre representei papéis nas peças que a gente organizava. Mas há dois problemas: meu pai e minha mãe são advogados bem-sucedidos e têm um grande escritório. Então, se eu fizer faculdade de Direito, o caminho já está aberto para mim, mesmo sem gostar de ser advogado. Também meu pai não se cansa de me dizer que Teatro não é coisa para homem, além

de não dar dinheiro. Minha mãe concorda com meu pai. Então estou muito dividido entre escolher uma profissão que me dará prazer e uma em que terei garantido meu sucesso financeiro: meus pais vão passar os clientes deles para mim.”

Juliana: “Eu quero fazer Arquitetura. Adoro desenhar, mas detesto Matemática. Em casa não há nenhum obstáculo da parte dos meus pais. Eles dizem que devo fazer uma faculdade que me agrade. Minha mãe é médica de um hospital do governo e meu pai, economista que trabalha em uma grande empresa e ganha muito bem. Então não vou contar com o conhecimento deles para me dar bem na profissão de arquiteta, mas, mesmo assim, penso em fazer. Quando penso nas aulas de cálculo, aí eu desanimo. Penso que poderia fazer alguma coisa como Design Industrial. Acho que tem menos cálculos.”

Orientação vocacional

É o procedimento destinado a pessoas que enfrentam conflitos quanto à escolha de suas profissões, geralmente, quando se encontram na iminência de passarem de um ciclo educativo para outro – do Ensino Médio para o Ensino Superior – e que têm que tomar uma decisão. Por esse motivo, a escolha de uma profissão é um momento crítico na vida de alguém, principalmente pelo fato de implicar uma importante mudança na vida. É o momento em que o sujeito é convocado a elaborar e produzir condições para enfrentar as dificuldades da vida e é, ainda, o momento de construção de um horizonte em termos de futuro pessoal e profissional.

Analisando os depoimentos desses dois jovens, destacamos dois aspectos fundamentais: a) escolher uma profissão visando à realização pessoal ou ao sucesso financeiro; b) apostar em uma vocação como a escolha que teria como finalidade produzir um sentido para a vida e reconhecimento.

Em ambos os casos, está em jogo a escolha de uma profissão com interferências externas, como as influências familiares, e interferências internas, sendo fiel aos imperativos do desejo. Por um ou por outro caminho, a escolha de uma ocupação para a vida pode se converter em difíceis momentos para o jovem que se encontra na iminência de escolher uma profissão. De onde então vem essa dificuldade?

Para refletir sobre essa questão, devemos considerar alguns pontos. Em princípio, a escolha de uma profissão, muitas vezes, coincide com uma época em que o jovem encontra-se em pleno período de mudanças físicas e psicológicas. Além do mais, em função do acelerado crescimento físico no período da puberdade, o jovem apresenta a silhueta de um adulto. Isso faz com que a sociedade e a família julguem que estão diante de um homem ou de uma mulher. Por esta razão, as exigências ao jovem se multiplicam e lhe é cobrado um posicionamento com certa urgência.

Na maioria das vezes, as exigências e as cobranças quanto à escolha de uma profissão encontram jovens despreparados para atendê-las, pois estão preocupados com a construção da identidade pessoal, que ocupa o primeiro plano. Em certo sentido, a construção da identidade e a escolha de uma profissão são os pontos principais da vida do homem. Por se tratar de duas questões bem complexas, seria interessante que o jovem não se confrontasse com elas ao mesmo tempo. Porém, não é assim que as coisas acontecem. Quer dizer, nem bem o jovem solidificou as bases do processo identificatório para consolidar sua identidade pessoal e já tem que se posicionar também em relação à possibilidade de realização mediante a escolha de uma profissão.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/c/ca/catalin82/1179758_music_is_my_life.jpg

As expectativas da família e da sociedade que pairam sobre o jovem são muitas, principalmente porque se acredita que uma profissão trará benefícios tanto pessoais quanto para a sociedade. Por esse motivo, o momento de escolha profissional do jovem reveste-se de grande responsabilidade, não em relação à produção de meios para garantir sua sobrevivência, mas em termos de contribuição à sociedade.

Uma vez encurralado pelas exigências familiares e sociais, e ainda pela própria vocação, o jovem atravessa momentos de insegurança. Sendo assim, a escolha de uma profissão não é tarefa fácil pois estão em jogo tanto a realização no plano individual quanto a definição da própria vida em termos de horizontes futuros. As causas dessa insegurança são muitas e podem estar enraizadas em situações não resolvidas da infância, que se arrastam e se intensificam na adolescência, podendo mesmo converter-se em obstáculos, às vezes insolúveis, conforme estudaremos a seguir.

Podemos então depreender que o processo de escolha de uma profissão é um momento decisivo na vida de um jovem, sendo também de importância significativa para a sua afirmação e sua possibilidade de reconhecimento, mesmo que tal processo seja repleto de dificuldades e conflitos que, com a ajuda e compreensão da família, poderão ser facilmente solucionados. Por outro lado, quando isso não for possível, deverá ser buscada a ajuda profissional em termos de orientação vocacional.

O horizonte da escolha de uma profissão deve ser considerado a partir de dois ângulos: as expectativas do próprio jovem e da família e o mercado de trabalho que se afigura na fase da escolha profissional. O que dizer acerca do mercado de trabalho? Em primeiro lugar, é um ambiente bastante complexo que, cada vez mais, exige do homem capacidades específicas para atuar nele. Em segundo lugar, o investimento a ser desembolsado para a capacitação em uma profissão tem aumentado significativamente, visto que são maiores as exigências do mercado de trabalho. Para ter a segurança de que escolheu certo, ao optar por um curso no ensino superior, o jovem deve se preparar adequadamente no ensino médio e também estar mais livre emocionalmente de empecilhos para planejar uma carreira visando ao futuro profissional.

Em face de circunstâncias, o processo de orientação vocacional pode ser de grande valia ao oferecer uma orientação adequada na escolha de uma profissão. Isso porque propicia condições para que o jovem possa refletir sobre sua vida e tomar a decisão ou não quanto à solução

de determinados impasses que lhe sejam apresentados. Quer dizer, a orientação vocacional deve ser compreendida como uma rica experiência de aprendizagem para o adolescente, pois dela pode resultar uma escolha consciente e autônoma.

Sem dúvida que a grande dificuldade enfrentada pelo jovem no momento da escolha de uma profissão deve-se a fatores de ordens diversas:

a) dificuldades no processo identificatório trazidas da infância que se reavivam na adolescência;

b) a condição de dar prosseguimento à profissão dos pais como se assim houvesse a possibilidade de prolongamento do nome de família, como uma vontade do próprio sujeito;

c) a expectativa de sucesso na vida;

d) sobretudo, as influências familiares em termos da imposição de uma profissão de *status* ou de sucesso financeiro.

A INSEGURANÇA NA ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO

Vamos imaginar uma situação para que possamos refletir sobre o processo de escolha profissional do adolescente. Um belo dia, o jovem olha no espelho e descobre que não é mais criança. Mas o que significa essa constatação? Significa estar consciente de que alguma coisa da infância foi perdida, precisamente a “graça infantil” que, no mundo ocidental, é garantia do amor incondicional dos adultos pelas crianças, além de ser também determinante de proteção e cuidado.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/k/ka/katagaci/1193101_grad_cap.jpg

Essas atitudes dos adultos dirigidas à criança são representativas de segurança e bem-estar. Sendo assim, a criança conta com elas na construção de sua autonomia e independência. Mas, em um dado momento, essas atitudes dos adultos cessam. Quantas vezes se ouvem pais, movidos por uma certa nostalgia, admitirem que sentem muita falta de seus filhos pequenos ou mesmo que, caso fosse possível, teriam mantido seus filhos sempre pequenos?

Essa nostalgia chega ao adolescente de forma peculiar quando descobre que perdeu esse amor incondicional dos pais. Explicando melhor: o adulto nem reconhece mais aquele ser como uma criança e tampouco vê nele a figura de um adulto, quer dizer, seu par iminente. Mas por que as coisas ocorrem dessa maneira? Certamente pela falta, da parte dos adultos, de um olhar de reconhecimento para os jovens. Se, por um lado, não há mais esse olhar dos adultos, por outro, o adolescente renuncia ao amor infantil para dar continuidade ao processo de crescimento. Porém essa renúncia não é compensada: o jovem renuncia ao amor infantil sem receber outra forma de reconhecimento que deveria ocorrer.



Figura 10.1: São tantas possibilidades, por que escolher uma apenas?

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/e/eu/eurostile/193044_i_wonder.jpg

Difícil encruzilhada essa em que o jovem se vê. Ele está diante de uma perda, os tesouros da infância, sem ter nada para colocar no lugar daquilo que foi perdido. Além do mais, as aquisições advindas com o processo de maturação próprio da puberdade são bastante invasivas, ou seja, o jovem se vê diante de situações que não sabe explicar e, consequentemente, não dão mais lugar às ações da vida infantil que chamavam a atenção dos adultos.

O adolescente se dá conta de que não pode mais contar com o expediente de fazer “gracinhas” para agradar aos pais, pois sabe que este tipo de coisa faz parte da vida da criança. Mas devemos alertar que, embora haja um crescimento maturacional significativo, isto não quer dizer que haja maturidade. Então o jovem constata que não é mais uma criança, mas também não é ainda um adulto reconhecido.



Maturação e maturidade

É importante estabelecer a diferença entre maturação e maturidade. Por maturação entendemos o crescimento fisiológico que tem sua maior expressão na puberdade. Corresponde à evolução da condição infantil à puberdade, entendida como o desabrochar de certas funções fisiológicas. Já por maturidade compreendemos o conjunto de transformações psíquicas necessárias ao acompanhamento das mudanças fisiológicas. A maturidade deve ser então compreendida como o ingresso na vida adulta. Nem sempre esses processos ocorrem de forma simultânea, a ponto de haver maturação sem maturidade.

Diante dessa constatação, o que o espelho mostra ao adolescente? Abrindo um parêntese, gostaríamos de salientar que, no âmbito da experiência humana, o espelho mostra a cada um a imagem que é fruto de um olhar que antecede até mesmo o nascimento do sujeito. Quer dizer, ao nos colocarmos diante do espelho, vemos uma imagem que traz a marca do olhar dos outros.

Como entender esse importante momento da constituição de nossa subjetividade pela imagem? Podemos dizer que, antes mesmo da possibilidade de cada um de nós ver o mundo ou ver a si próprio, somos vistos por quem se encarrega de cuidar de nós e garantir nossa sobrevivência. Esse olhar nos antecede e é fundamental para a constituição de nossos arranjos psíquicos.

O olhar que nos antecede influencia decisivamente a nossa vida. Por isso, nos vemos como bonitos ou desejáveis se temos razões para acreditar que existe alguém que nos acha bonitos ou que gosta de nós. Quer dizer, o que vemos de nós no espelho é aquilo que imaginamos que os outros veem em nós. Por esta razão, esse olhar primordial, esse primeiro olhar, é fonte de segurança e nos dá certa estabilidade para enfrentarmos a vida, principalmente se tivermos sido bem vistos, ou seja, vistos com amor.

Poderíamos mesmo afirmar que esse olhar é vida. Porém, o espelho que abre o pórtico para o reconhecimento é, ao mesmo tempo, fascinante, mas igualmente ameaçador para o adolescente, devido à preocupação em saber o que as pessoas veem nele. De onde vem tamanha preocupação? Certamente do fato de que o adolescente encontra-se a meio caminho de uma travessia entre a criança que não é mais e o adulto que ainda será. Entre uma dimensão e outra há mesmo um grande vazio que é constantemente vivido pelo adolescente. Daí a preocupação sempre presente em saber se outros veem nele esse vazio.

Em função desse vazio, o adolescente atravessa um momento de grande vulnerabilidade com significativa queda de autoestima, podendo chegar a profundos momentos de tristeza e depressão. Por ironia do destino, é nesse momento difícil que o adolescente tem de escolher uma profissão, quando o espelho sinaliza para ele outras questões: as espinhas que aparecem no rosto, as mudanças repentinas nas formas do corpo, o aparecimento de pelos, a mudança de voz nos jovens e o aparecimento de seios nas jovens, entre outras.



Figura 10.2: Um horizonte de expectativas.

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/n/ni/nighthawk7/581760_five_am_club_1.jpg

Essas repentinas mudanças levam o adolescente a um certo estado de reclusão, pois acredita que com a perda da “perfeição” do corpo infantil irá lhe faltar o olhar apaixonado que lhe era dirigido quando criança, da mesma forma que faltam as palavras de reconhecimento dos adultos. Diante desse estado de coisas, a insegurança passa a ser a vivência constante na adolescência, e esse sentimento é foco de muitos conflitos, tanto de relacionamento quanto da escolha profissional.

Não obstante, não queremos afirmar que a insegurança acontece somente na adolescência: faz parte da vida, apenas se manifesta mais intensamente nesta etapa do desenvolvimento psicológico e, também, em situações da vida em que o homem se vê diante da possibilidade de fazer uma escolha qualquer que seja. Por isso, é muito importante orientar o adolescente no momento de decisão quanto à escolha de uma profissão. Quando se esgotarem todas as possibilidades no âmbito familiar, então devem ser procurados os serviços de orientação profissional.

O processo de escolha de uma profissão voltada para uma vocação é bem recente, data praticamente da segunda metade do século XX. Antes, até a segunda metade do século XIX, era muito comum, quase uma tradição, os jovens aprenderem o ofício de pedreiro, pescador, ferreiro, marceneiro, tecelão e outros na convivência com os pais.

As profissões consideradas notáveis como Medicina e Direito despertavam grande interesse e eram objeto das expectativas dos pais para os filhos em termos de um futuro promissor. Era quase que uma regra o filho seguir a profissão do pai, a ponto de haver as chamadas famílias de advogados e de médicos.

Esses padrões foram rompidos em razão das exigências do mundo contemporâneo, principalmente da especialização do mercado de trabalho. Esse fato trouxe consequências para as famílias ante a preocupação com o futuro dos filhos e para os jovens em relação a que profissão escolher. Daí então surgiram, na segunda metade do século XX, os serviços de orientação profissional para ajudar os jovens a escolherem uma profissão, considerando suas expectativas pessoais. Esses serviços fundamentam-se em estratégias específicas que levam em consideração os conflitos relacionados a uma escolha profissional.

Quais são os fatores que podem facilitar ou dificultar a escolha de uma profissão? Para responder a essa indagação, valemo-nos da contribuição pioneira de Bohoslavsky, que, em seu livro *Orientação vocacional*, apresenta um método de orientação profissional pautado na dinâmica do psiquismo e na solução de determinados conflitos.

R. Bohoslavsky, psicólogo argentino que desenvolveu importantes trabalhos clínicos no Brasil na década de 1970, propunha uma inovação no processo de orientação vocacional com estratégias fundamentalmente clínicas. O método e os procedimentos fazem parte de seu livro *Orientação vocacional: estratégia clínica*, de amplo uso nos cursos de graduação em Psicologia e também manual de muitos profissionais autônomos que trabalham com orientação vocacional e profissional.

Mas antes devemos assinalar que a escolha profissional é um momento crucial na vida dos jovens. Dessa escolha dependem os êxitos tanto na vida profissional quanto na vida pessoal. O ponto crítico consiste no fato de escolher uma profissão que seja, ao mesmo tempo, agradável e que represente um caminho promissor no mercado de trabalho.

A orientação profissional deve ser compreendida como um trabalho que incide na vocação dos jovens e deve ser realizada na adolescência pelo simples fato de que é nesta etapa do desenvolvimento psicológico que emergem as dificuldades vocacionais, entre outras. É um serviço voltado exclusivamente para a orientação dos jovens no sentido de descobrir e analisar os possíveis obstáculos que impeçam a escolha de uma profissão, ou seja, ele ajuda o jovem a tomar uma decisão em sua vida.

O processo de orientação profissional é estruturado a partir de um quadro de referências organizado em termos das concepções teóricas sobre a adolescência e de procedimentos técnicos que viabilizem a explicitação das dificuldades para, enfim, serem solucionadas ou orienta que o jovem seja encaminhado a um outro serviço, quando for necessário.

No âmbito da prática do trabalho com os jovens, conhecemos dois tipos de procedimentos utilizados para a realização da orientação profissional: o modelo clássico e a abordagem clínica. O primeiro é baseado em premissas estatísticas e, até bem pouco tempo, ficava a cargo de psicólogos e também pedagogos, quando habilitados em uma especialização para tal fim, e era feito na própria escola. Consiste no emprego de provas psicológicas para o conhecimento do tipo de inteligência, das aptidões, dos interesses e de traços acerca da personalidade cujos resultados eram considerados para ajudar o jovem na escolha. Uma vez que os resultados dessas provas eram computados, o profissional traçava um perfil do jovem e tentava adequá-lo a um leque de características que sugeriam uma dada profissão. Assim o futuro profissional do adolescente era determinado.

Os currículos dos cursos de Pedagogia tinham, há mais ou menos três décadas, disciplinas como Medidas Psicométricas e Testes Psicológicos, entre outras, sugeridas para o preparo do profissional no processo de diagnóstico das dificuldades de aprendizagem e ainda na realização, nas escolas, da orientação profissional. Geralmente a modalidade de orientação era fundamentada em parâmetros estatísticos. Essa modalidade de orientação profissional foi criticada por ser incompleta, uma vez que não incluía aspectos da estrutura psíquica avaliados em provas psicológicas projetivas e expressivas. Por esse motivo, esse processo ficou ao encargo dos psicólogos.

A outra modalidade denominada de abordagem clínica utiliza outras estratégias, destacando a entrevista como principal instrumento no processo. Consiste em questionamentos para que o jovem tome consciência a ponto de compreender a situação que atravessa, enfrentá-la e, enfim, tomar uma decisão. Geralmente o questionamento que acontece durante as entrevistas é centrado, principalmente, em saber quais são as referências do jovem em termos do conhecimento das profissões, sendo esta situação o momento de elaboração dos problemas vocacionais. Com isso, se chega a um diagnóstico sobre uma possível profissão a ser apresentada ao jovem, mas com procedimentos de orientação sobre a profissão, principalmente considerando as informações ocupacionais no sentido de traçar um perfil da profissão indicada.

Em uma ou outra modalidade, a questão norteadora do processo é: por que alguém escolhe uma profissão? Será por questões meramente objetivas? Ou esse processo atende a determinações subjetivas?

Vamos tentar desvendar essa complexa nuance da condição humana relativa à escolha de uma profissão. Mais uma vez vamos nos remeter à nossa infância, lembrando do fato de que, ainda bem cedo, escolhemos profissões, ou mesmo brincamos de representar papéis profissionais. No entanto, quase não há preocupação sobre o motivo pelo qual as crianças adotam esta postura. Mas não é por acaso nem sem sentido que as crianças agem dessa maneira.

É interessante observar que a criança é muito convicta da profissão escolhida e apresenta fortes argumentos para justificar sua escolha. Então, o que acontece na adolescência, quando surgem tantas incertezas e dúvidas quanto à profissão? Quais mudanças teriam ocorrido na passagem da infância para a adolescência que alteraram completamente este cenário?

Em princípio, vamos refletir acerca dos motivos que levam uma criança a, ludicamente, escolher uma profissão. Provavelmente, a criação de uma criança em termos de brincar em uma dada profissão é a solução para situações experimentadas em relação a determinados sentimentos destrutivos, bem comuns na infância, ou seja, pelo fato de a criança imaginar ter destruído coisas com sua vontade, repara isso imaginando-se agindo em uma profissão. Tais sentimentos, geralmente dirigidos às pessoas amadas, como as figuras parentais, são o foco de conflitos psíquicos, os quais, muitas vezes, ficam adormecidos na infância para reaparecerem com toda a força na adolescência, especialmente nas circunstâncias que envolvem a escolha profissional.

Em função de a mente encontrar-se direcionada e ocupada por esses conteúdos, o adolescente experimenta sentimentos de angústia bem mais fortes do que na infância ou em outra etapa da vida. Movido pela angústia desse momento da vida e pelo ímpeto de criar o mundo a sua volta, o jovem ocupa-se de planejar tarefas que nem sempre são executadas para solucionar as situações que ficaram pendentes na infância, principalmente as relativas aos afetos de ódio e de inveja que apontam para a destrutividade. Quer dizer, um dos possíveis destinos do ímpeto destrutivo da infância é uma espécie de compensação pela escolha de uma profissão.

Nesse ponto, podemos traçar a convergência entre a angústia da adolescência e a escolha de uma profissão como uma saída criativa para compensar os danos causados, imaginariamente, pelos afetos destrutivos experimentados na infância. Conforme já assinalamos, a crença da criança ou do adolescente de que podem destruir pessoas amadas com seus sentimentos coloca-os diante de um pedido de reparação dos danos causados, e, nesse caso, escolher uma profissão visando transformar o mundo pode ser uma alternativa. Sendo assim, o processo de orientação profissional deve ser esboçado a partir de estratégias que considerem essa possibilidade de compensação. Mas, se é assim, como devemos entender as vocações?

Uma pista para pensarmos as vocações é entendê-las como expressões compensatórias aos objetos que foram, pela imaginação da criança, danificados pelos seus afetos, visto que a criança acredita que aquilo que ela diz acontece. Nesse sentido, a escolha de uma profissão

REPARAÇÃO

Entendemos por reparação uma série de ações que expressam o desejo de recriar um objeto ou uma pessoa do mundo externo que teriam sido destruídos pela criança no âmbito da imaginação. Como a destruição ocorre de forma imaginária, então a destruição é da representação do objeto ou da pessoa, quer dizer, ocorre no âmbito interno. A destruição, sendo real ou não, é acionada pelo ódio ou pela raiva.

como fruto de uma vocação é uma espécie de **REPARAÇÃO** de um objeto ou de uma pessoa que foram alvo do ódio. Quer dizer, a escolha reflete a atitude de quem julga ter causado algum dano a outrem em função de sentimentos hostis. Assim, a profissão escolhida pode ser uma espécie de recompensa para esses sentimentos.

Sendo assim, o objeto ou a pessoa destruída pelo ódio é geralmente uma pessoa do ciclo das relações da criança, ou seja, é uma pessoa amada ou um objeto muito querido, o que caracteriza o processo de destruição como ambivalente. Essa ambivalência está presente no momento da escolha de uma profissão, daí as muitas dúvidas experimentadas pelo adolescente nesse momento, pois terá que produzir uma solução para as situações da infância que repercutem em sua vida, principalmente no sentido de recriar tanto os objetos quanto as pessoas que foram danificadas pelos sentimentos destrutivos.

Difícilmente podemos pensar o processo de orientação profissional sem considerá-lo com um procedimento de reparação. A esse respeito, convém esclarecer algumas particularidades da reparação:

a) A reparação não acontece de forma total, daí porque uma escolha não fecha o leque de possibilidades na vida, ou seja, mesmo o sujeito escolhendo uma profissão, também se interessará por outras coisas, ou até outras atividades profissionais. Essa modalidade seria a reparação incompleta.

b) Muitas vezes, uma profissão aproxima mais de uma realização do que outra, e nisto estamos situando uma boa escolha e poderíamos, assim, nos referir a uma reparação autêntica. Quer dizer, o adolescente consegue minimizar, ao máximo, seus conflitos no processo de escolha.

c) Podemos também encontrar ações impensadas de teor compulsivo ou de teor depressivo no processo de reparação na escolha de uma profissão. Nesse caso, temos dois tipos de reparação: a reparação compulsiva e a reparação vinculada à tristeza, que são bastante negativas em termos de realização pessoal.

Os dois tipos de reparação no processo da escolha de uma profissão, a compulsiva e a vinculada à tristeza, devem ser entendidos da seguinte maneira: a reparação compulsiva é movida por uma espécie de culpa decorrente do remorso relativo à destruição do objeto ou da pessoa no âmbito da dinâmica psíquica. É um tipo de ação que, ao invés de recriar o objeto ou a pessoa, acaba por danificá-los ainda mais, pois o sujeito abre mão de sua autonomia e faz sua escolha movido por uma compulsão, sem a mediação do pensamento.

A reparação associada à tristeza corresponde à vertente autodestrutiva. Quer dizer, enquanto que, no primeiro caso, a culpa é o motor que leva à continuidade da destruição do objeto ou pessoa já destruídos, no segundo, essa mesma culpa destrói o próprio sujeito.

Da vinculação entre o processo de escolha de uma profissão e o conceito de reparação, podemos estabelecer algumas deduções. Em primeiro lugar, a escolha da profissão supõe uma decisão que deve ser considerada como a elaboração de lutos, tanto o luto pelo paraíso perdido da infância quanto o luto pelo confronto com os pais da realidade, pois a criança e também o adolescente lidam com os pais de forma completamente idealizada.

Em segundo lugar, a escolha profissional representa um grande avanço no processo de construção da identidade, visto que é na adolescência que a sociedade faz exigências ao jovem em termos de valores morais, pertencimento a uma religião e engajamento em planos para uma atividade laborativa.

Em terceiro lugar, é pela escolha de uma profissão que o jovem tenta responder à pergunta existencial sobre quem ele é, no sentido de agregar aspectos de sua história passada às prospecções para o futuro, tendo em mente o presente em que se encontra. Sendo assim, no processo de escolha de uma profissão, o adolescente responde a três perguntas cruciais:

- 1) quem sou eu?
- 2) como sou?
- 3) como tomar decisões na vida?



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. No livro *O adolescente por ele mesmo*, de Tania Zagury, há uma pesquisa realizada com adolescentes da qual retiramos duas questões e as respostas dadas para realizar uma atividade.

A primeira pergunta é a seguinte: “O mais importante para você em termos profissionais é ter um trabalho que:” Eis o percentual das respostas: 12,1% escolheram a alternativa “não exija muito e pague muito bem”; 27,9% escolheram a alternativa “pague muito bem, mesmo que trabalhe muito”; 41,7% escolheram a alternativa “permita realizar-se”; 14,9% escolheram a alternativa “faça-o sentir-se útil à comunidade” e 3,4% nada escolheram.

A segunda pergunta é a seguinte: “O que mais influenciou sua escolha profissional?” Eis o percentual das respostas: 47,7% escolheram a alternativa “é o meu ideal de trabalho”; 10,6% escolheram a alternativa “existe mercado favorável”; 3,4% escolheram a alternativa “é o trabalho de meu pai ou mãe”; 20,0% escolheram a alternativa “através dela, darei minha contribuição ao país” e 6,0% nada escolheram.

Na primeira questão, o aspecto mais relevante nas alternativas escolhidas foi de natureza psicológica, ou seja, a possibilidade de realização é o horizonte mais importante para o adolescente. Isso pode ser entendido da seguinte forma: na escolha de uma profissão, o adolescente coloca em primeiro plano as questões pessoais em relação às questões de cunho social. O importante é uma profissão em que o sujeito possa se realizar como pessoa, ou seja, uma profissão que possa solucionar os conflitos da vida, principalmente os impasses trazidos da infância. Como se pode observar, a escolha dessa alternativa indica a busca de uma profissão que represente segurança.

Na segunda questão, o fator determinante para a escolha foi um ideal de trabalho, o que, em certo sentido, se combina com a questão primeira. Assim, a realização profissional parece estar vinculada a um ideal de trabalho. Quando os adolescentes optam pela alternativa “é o meu ideal de trabalho”, estão sinalizando que a influência de terceiros é pouco significativa, exceto a influência dos pais.

Considerando esses resultados, podemos assinalar que o fator que determina a escolha de uma profissão é a família, mas de forma bem diferente se comparada às épocas passadas, em que os filhos simplesmente seguiam as profissões dos pais. Atualmente os pais orientam, esclarecem e incentivam, porém a escolha final é do jovem. Então os pais devem dar um bom exemplo profissional aos filhos, no sentido de amarem e exercerem bem suas profissões. O mais importante é os pais demonstrarem aos filhos a ideia de que trabalhar é positivo.

Analizando o teor dos percentuais e associando-os à ideia de reparação, identifique as causas da insegurança do adolescente na escolha de uma profissão.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

A escolha profissional em termos de realização pessoal corresponde à elaboração dos conflitos infantis em termos da destruição, pela criança, de objetos e pessoas amadas no âmbito da fantasia. A destruição feita pela criança produz uma espécie de culpa que o adolescente tenta reparar, pela criação, na escolha de uma profissão. A ambivalência trazida da infância decorre do fato de a criança dirigir seu ódio ou sua raiva para objetos e pessoas amadas e acreditar que, por isso, estaria causando severos danos a esses objetos ou a essas pessoas. Por isso, experimenta o sentimento de ambivalência e tenta solucionar pelo processo de reparação escolhendo uma profissão. Aliado a esse fato, há o aspecto da insegurança pelo fato de o adolescente encontrar-se em uma etapa do desenvolvimento psicológico em que não é mais criança nem ainda adulto e ter perdido o amor incondicional dos adultos sem ter ainda o reconhecimento dos mesmos. A insegurança deve-se também às pronunciadas transformações corporais e hormonais próprias da puberdade.

ADOLESCÊNCIA, PROFISSÃO E MUNDO ADULTO



Figura 10.3: O que farei quando tiver uma profissão?

Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl>

A adolescência é a etapa do desenvolvimento psicológico mais marcada por complexidades, porém isso não quer dizer que o adolescente seja um ser complexo por natureza. Pode até ser, como qualquer ser humano. A complexidade em questão concerne ao fato de a adolescência ser uma etapa de transição caracterizada por mudanças radicais em relação à infância que ficou para trás e à vida adulta que se aproxima. Porém, é nesse contexto que o adolescente terá de fazer escolhas: a escolha de uma profissão e a escolha sexual. Os operadores que funcionam nesses dois tipos de escolhas são de natureza distinta: a produção de soluções para os **conflitos edípicos** (assunto abordado em nossas três primeiras aulas) está na base da escolha sexual, enquanto que a reparação dos possíveis danos causados pelos sentimentos destrutivos na infância é a base para a escolha de uma profissão.

Por essa razão, o processo de orientação profissional seria a estratégia empregada pelo adolescente, com a ajuda de um profissional, para vivenciar os conflitos internos, porém de uma maneira diferente daquela referida à infância em que a criança dirige, em função de ser frustrada, sentimentos hostis às pessoas amadas. Além do mais, representa a possibilidade de o adolescente partilhar com os demais suas questões referentes à escolha profissional e, até certo ponto, enxergar nos outros os mesmos conflitos. Seria, por assim dizer, uma maneira de abrandar o egocentrismo trazido da infância.

Mas qual o sentido de uma profissão para o adolescente? Em princípio, podemos admitir que a profissão é vista pelo adolescente como algo que faz parte de seu universo de questões subjetivas. Porém, existem aspectos atrativos em algumas profissões e, ao mesmo tempo, aspectos profissionais que não despertam o menor interesse. Como podemos observar, acontece com as profissões a revivência de sentimentos que outrora eram experimentados com as figuras parentais, em especial a mãe. Isso quer dizer que, da mesma maneira que aprende a lidar com sentimentos de amor e ódio em relação às pessoas amadas, o mesmo acontecerá no momento da escolha de uma profissão, caso tenha havido, minimamente, uma solução dos conflitos em relação a esses sentimentos.

A capacidade do adolescente para escolher uma profissão advém da capacidade de amor e devoção dirigidos aos objetos primordiais de amor da infância: em primeiro lugar a mãe, e em segundo as outras pessoas que fazem parte do universo de relações da criança. Esse amor e devoção, que serão o ingrediente das relações na vida adulta, provêm das relações valiosas e significativas que a criança estabelece na infância, como resultado das relações de prazer que são experimentadas no momento de satisfação das necessidades vitais, como a fome, a sede e o sono, entre outras. É em função desse prazer que a criança se sente amada.

A experiência de sentir-se amado é transferida para outras circunstâncias da vida, seja nas relações com as pessoas, seja nos estudos e no trabalho. O fato de o sujeito ter um suporte, em termos de ter vivido sensações prazerosas no passado, interfere de forma positiva na solução dos conflitos na adolescência e na vida adulta. Por esta razão, as lembranças de experiências infantis nas quais o sujeito sentiu-se amado são ingredientes fundamentais para vencer os obstáculos da vida, refletindo-se nas relações de trabalho a ponto de ser vivido como fonte de satisfação.

Mas isso só acontece quando o adolescente consegue lidar, de forma adequada, com a culpa que advém das experiências infantis em termos dos sentimentos de hostilidade dirigidos aos objetos amados. Sendo assim, todas as dificuldades na escolha da profissão, bem como as dificuldades de relacionamento, são, na verdade, dificuldades em lidar com o sentimento de culpa da infância.

Estamos assinalando que a persistência desse sentimento em intensidades elevadas dificulta o processo de construção da identidade, na medida em que o adolescente se afasta das pessoas, podendo regredir aos modos de ação da infância e neles ficar fixado. Seria, por assim dizer, a produção de uma fratura no processo de desenvolvimento, pois a idade cronológica avança e a idade psicológica sofre uma estagnação.

Se o adolescente, diante das incertezas próprias de uma escolha profissional, conseguir elaborar a culpa trazida da infância, poderá ingressar na vida adulta com bases mais sólidas, apostando em uma profissão vislumbrada como um caminho de satisfação e realização. Esse é um processo que abre as portas para a criatividade tanto na vida quanto no trabalho. Quer dizer, o trabalho deve significar para o adulto uma produção criativa, não só em termos da garantia da sobrevivência, mas como forma de reconhecimento.

Se o adolescente não conseguir se livrar das lembranças da destrutividade infantil, devido aos sentimentos hostis, tampouco conseguirá abrandar seu sentimento de culpa, podendo ficar paralisado na vida. Certamente, terá dificuldades nas escolhas da vida e, diante de qualquer possibilidade de tomada de decisão, pode reagir de diferentes maneiras: a) utilizar-se do mecanismo de fuga; b) não valorizar a escolha feita, por acreditar que o melhor é aquilo que foi escolhido por outras pessoas, deixando transparecer o sentimento de inveja, que é um verdadeiro rochedo intransponível à criatividade e, conseqüentemente, à escolha de uma profissão ou à realização no trabalho.

Diante de tais circunstâncias, o processo de orientação profissional deve funcionar, nesse momento crítico da adolescência, como possibilidade de ajuda e, quando for o caso, encaminhar o jovem para um profissional. Principalmente quando observar questões que ultrapassam o âmbito da escolha e que decorrem de conflitos que somente seriam solucionados por uma psicoterapia. Quer dizer, é função de quem se encarrega de uma orientação profissional acompanhar o adolescente no sentido de esclarecer e elucidar as ansiedades e sinalizar para o sujeito quando ele não está conseguindo lidar com esses sentimentos em um momento de decisão.

O que fazer, então, para ajudar o adolescente a escolher uma profissão? Considerando que o adolescente que procura um serviço de orientação profissional está, principalmente, buscando esclarecimentos

sobre os papéis que são ocupados por adultos bem sucedidos profissionalmente, é necessário apresentar as características de cada profissão, bem como a possibilidade de sucesso no mercado de trabalho.

Nesse contexto, os programas de orientação profissional devem seguir duas diretrizes básicas: a) ser pautado na definição clara e precisa de uma carreira e das condições de trabalho; b) ter fundamentos para propiciar ao adolescente a aprendizagem e a escolha de uma profissão que reflita sua identidade vocacional, considerando, evidentemente, a sua identidade pessoal.

Quando um programa de orientação profissional é realizado nesses dois pilares, então o resultado é o adolescente apostar, de forma positiva, nas relações com as pessoas e também nas relações de trabalho, pois essas condições refletem-se, sobretudo, na autoconfiança e nas relações com o mundo externo. Mas, ante a possibilidade de quem participa de um programa dessa natureza não chegar a realizar uma escolha, temos então que considerar alguns aspectos: em princípio, pode haver uma dificuldade de integração da identidade pelo próprio sujeito, mas pode ser também uma dificuldade relativa à ambivalência dos sentimentos hostis dirigidos aos objetos amados, que produz a atitude de **INIBIÇÃO**.

Como explicar esse processo de inibição? Muitas vezes, para o adolescente, escolher uma profissão pode ser meramente a realização dos sonhos dos adultos, e isso é bastante ameaçador diante da possibilidade de o sujeito ver-se anulado diante de uma escolha genuína. Em certas situações, o adolescente sente-se encurralado, pois acredita que não tem como se afastar da tarefa de realizar os anseios insatisfeitos dos adultos, principalmente dos que lhe são próximos.

Existem outras razões que produzem esses impasses. Em primeiro lugar, em nossa cultura, a passagem da adolescência para a vida adulta não acontece por intermédio de rituais, pois depende quase que exclusivamente de um olhar de reconhecimento e de uma palavra de aprovação, ou seja, de um consenso estabelecido a partir do desejo dos adultos. Em segundo lugar, mesmo que houvesse um ritual de passagem, o ingresso no mundo adulto ainda seria, para o adolescente, a realização dos sonhos e anseios dos pais para os filhos. Em outras palavras, a autonomia conquistada pelo adolescente ao escolher uma profissão e ingressar no mercado de trabalho não estaria desvinculada dos sonhos dos pais.

INIBIÇÃO

Ação que tolhe o sujeito, sendo um tipo de impedimento ao processo criativo.

Pode decorrer de várias causas: retardamento intelectual, bloqueio emocional, exposição a situações traumáticas e outras que produzem condições psíquicas que são limitadoras do desempenho e da vontade.

Em graus leves, a inibição aparece sob a forma de timidez e constrangimento.

Certamente essas vinculações da realização dos sonhos dos pais pelo adolescente interferem no sonho de liberdade esperado na vida adulta. Isso acontece de diversas maneiras nos estudos e no trabalho, seja na expectativa de férias, seja na possibilidade de mudança da profissão escolhida ou mesmo na desistência de um trabalho.

Essas situações são mais graves quanto mais a escolha de uma profissão pelo adolescente estiver a serviço da realização dos anseios dos pais. Em um certo sentido, podemos afirmar que não há escapatória para o adolescente: quando escolhe uma profissão está, de certo modo, realizando os sonhos dos pais e da sociedade, mesmo que o jovem escolha uma profissão diferente da profissão dos pais. Quer dizer, o fato de escolher uma profissão, qualquer que seja, já é um passo na realização dos anseios dos pais e, conseqüentemente, responde às expectativas da sociedade.

PARADOXO

Proposição ou opinião contrária à comum, conhecida como contradição ou oposição por intermédio de argumentos que contrariam princípios básicos.

Vemos nisso um grande **PARADOXO**: a adolescência, que não faz parte nem da vida infantil nem da vida adulta, tem a incumbência de interpretar e realizar os anseios dos pais, construídos na esperança de sucesso individual e as expectativas da sociedade em termos da construção de um país forte e desenvolvido. Porém, qualquer profissão escolhida, mesmo atrelada a essas condições, empurra o sujeito para o caminho do sonho da liberdade.

Eis a fundamental importância da escolha de uma profissão. Primeiro, pelo fato de que, ao escolher uma profissão, o adolescente se libera, parcialmente, da tutela dos adultos na esperança de que, futuramente, essa liberação seja completa. Em segundo lugar, esse seria um destino saudável para a rebeldia própria da adolescência. Quer dizer, o adolescente, às vezes, se rebela contra os valores familiares escolhendo uma profissão para ter autonomia e independência. Nesse sentido, a realização do adolescente não deixa de ser um ideal da sociedade, além de ser um ideal da família.

É na profissão escolhida que o adolescente apresenta ou não uma identidade própria. Quando a profissão escolhida é a mesma dos pais, o jovem faz uma “colagem” de sua identidade à identidade dos pais e assim sua autonomia fica bastante reduzida em termos de vontade própria. Porém, quando a profissão escolhida é o resultado de uma decisão que leve em conta aspectos de natureza subjetiva, o jovem tem a possibilidade de expressar sua identidade em termos singulares.

Muitas vezes, essa iniciativa tem um preço, como também a postura de seguir a profissão dos pais. Não é raro ouvir de profissionais que escolheram a mesma profissão dos pais a justificativa de que fizeram tal escolha porque já tinham um caminho aberto e assim seria mais fácil o sucesso na profissão, por “herdar” tudo aquilo que foi construído pelos pais. Mas outros se negam a seguir profissionalmente os pais, talvez por uma busca de autonomia ou mesmo para se diferenciarem dos pais.

Existem também os jovens que escolhem uma profissão sem qualquer vinculação com a profissão dos pais, seja pelo fato de que os pais não têm uma profissão de nível superior ou, mesmo tendo uma profissão, esse fato não afeta positiva ou negativamente a escolha dos filhos. Seja por um caminho ou por outro, a escolha de uma profissão é um momento crítico na vida de um jovem, pois significa tomar uma decisão e assim fazer opção por alguma coisa, renunciando a tantas outras.

Para finalizar, é interessante abordar a escolha de uma profissão e a idealização comercial que o mundo contemporâneo produz para o adolescente. Praticamente as profissões são ofertadas como estilos de sucessos previamente construídos.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Leia a seguinte passagem extraída do artigo “O que é orientação profissional?”, do *site*: <http://orientandotrabalhodeop.blogspot.com>. Depreendemos do artigo que você acabou de ler que menos da metade dos estudantes do ensino superior, no Brasil, conseguem completar seus estudos. Cada vez mais, os dados do Censo da Educação Superior informam o aumento da defasagem entre ingresso em um curso superior e término. Além do mais, observa-se no cotidiano do mercado de trabalho que um número significativo de pessoas trabalha em atividades distintas da profissão na qual concluiu seus estudos. Assim, existem pessoas que seguem os caminhos relativos às profissões escolhidas, porém em um número muito pequeno. Esses fatores nos sugerem refletir sobre o processo de orientação profissional, pois muitas situações poderiam ter um outro encaminhamento se tivesse havido uma orientação profissional para uma pessoa que concluiu um curso superior e exerce atividades em um outro setor bem distante. Disso, concluímos que não somente os jovens que têm dúvidas no momento da escolha profissional devem procurar um serviço de orientação profissional e sim todos.

Considerando os dados apontados nessa passagem e, especialmente, a constatação de que mais da metade dos jovens que ingressam em um curso superior não consegue completá-lo, como também o fato de que é muito frequente a pessoa concluir um curso superior e trabalhar em outra área de conhecimento, apresente argumentos extraídos da aula que justifiquem esses tipos de ocorrências.

[illegible]**RESPOSTA COMENTADA**

Quando ao fato de que mais da metade dos jovens universitários não concluem seu curso, podemos argumentar que: a) em um dado momento do percurso, podem achar que estão realizando os anseios dos pais e, em uma atitude de revolta, desistem do projeto de concluir o curso; b) a questão financeira pode ser um agravante, visto que muitos jovens têm de trabalhar em função dos acontecimentos da vida; c) escolheram a profissão que achavam mais fácil, mas descobrem que não se sentirão realizados. Provavelmente essas questões poderiam ter um outro direcionamento se esses jovens tivessem tido a ajuda de uma orientação profissional.

O outro aspecto exposto na passagem, ou seja, o fato de alguém concluir um curso superior e estar trabalhando em outra área pode ser explicado da seguinte maneira: a) o sujeito pode ter ofertas de trabalho em outro campo de atividades diferente daquele referido à sua profissão; b) ainda, o sujeito pode descobrir, ao concluir um curso superior, que aquele caminho não o levaria à realização pretendida e então se engaja em outros tipos de atividades, chegando muitas vezes a fazer um segundo curso superior; c) a profissão escolhida pode não representar para o sujeito um caminho para a autonomia e liberdade, trazendo à tona uma identidade profissional que dificilmente seria abraçada.

CONCLUSÃO

Cada vez mais os adultos constatarem que as crianças de hoje estão se desenvolvendo muito mais rápido do que as crianças de outrora. Esse mesmo olhar é também dirigido aos adolescentes, apenas com uma certa inversão: ainda que os adolescentes da atualidade estejam muitos mais conscientes das condições do mundo e de si próprios, mesmo assim o período da adolescência estendeu-se consideravelmente em função dos preparos técnicos para a especialização, com vistas ao sucesso no mercado de trabalho.

Um aspecto chama atenção a esse respeito: os adultos não deixam de lado o projeto de cuidado e proteção das crianças, bem como o sonho e a expectativa de adolescentes felizes. Porém, ao mesmo tempo em que os adultos vislumbram a felicidade para o adolescente, impõem-lhe também exigências em termos de obrigações e responsabilidades. Eis o que acontece na exigência de que o adolescente deve fazer escolhas e tomar decisões. Uma dessas escolhas refere-se a uma profissão que seja, ao mesmo tempo, a realização de anseios mas que represente um sucesso no mercado de trabalho, além de ser uma profissão reconhecida.

Em relação à realização profissional, cada vez mais o olhar dos adultos e da sociedade se desloca para o adolescente com um foco determinado: sucesso e felicidade. Eis os ingredientes do adolescente feliz. Como conseguir essa felicidade? Imagina-se que uma boa profissão seria o melhor caminho. Certamente, o adolescente realizado em uma profissão pode realizar antigos sonhos dos pais que foram deixados para trás. Sendo assim, muitas vezes, a profissionalização dos filhos pode estar a serviço de um ideal dos pais e, ainda, o filho ter o encargo de satisfazer as frustrações dos pais.

Pelas razões expostas, o jovem, no momento de escolha de uma profissão, deve procurar um serviço de orientação profissional para conhecer suas vocações, bem como explorar as potencialidades de cada profissão antes de se decidir por uma. É importante haver esse tipo de acompanhamento, especialmente pelo fato de que, nesta etapa do desenvolvimento, o jovem está vivendo inúmeras transformações em seu corpo e também novos horizontes se abrem em termos de sua dinâmica psíquica.

Como o adolescente tem de elaborar todo esse contexto de mudanças e elaborar também o luto referente à perda da infância, é natural que experimente dificuldades “normais” no momento em que se veja na iminência de se decidir por uma profissão entre tantas. Para isso, a ajuda de um profissional pode ser importante no sentido de criar condições para o jovem solucionar seus conflitos, bem como minimizar a culpa oriunda das “destruições” imaginárias realizadas na infância pelos sentimentos hostis dirigidos aos objetos amados.

O processo de orientação profissional propicia ao jovem tomar decisões em termos de sua vocação, isto é, experimentar a problemática relativa à condição em que tem que fazer uma escolha entre muitas possibilidades. Certamente, se o adolescente contar com a ajuda de um interlocutor, as situações de impasse podem ser mais facilmente solucionadas, principalmente porque no contexto dos serviços de orientação são criados ambientes bastante favoráveis para que o jovem explicita tanto suas dificuldades pessoais quanto as dúvidas relativas às profissões.

Há também a possibilidade de que o profissional, com um olhar atento e cuidadoso, auxilie o jovem a compreender os motivos que o levarão a tomar uma decisão. É importante sinalizar para o adolescente que a profissão é uma coisa para a vida toda, mesmo que o sujeito conclua um curso superior e não exerça a profissão.

A profissão seria uma espécie de missão, e o jovem deve ter ciência disso em relação ao passo que irá dar, seja no aspecto referente à identidade, seja em termos de realização pessoal e financeira. Além do mais, deve haver também o esclarecimento quanto aos vínculos que o sujeito tem de estabelecer em função do percurso e conclusão de um curso superior, bem como a repercussão no âmbito das relações familiares.

Para finalizar, queremos assinalar que a passagem por um serviço de orientação profissional pode ser de grande serventia para ajudar o jovem na escolha de uma profissão. Porém isso não quer dizer que haja garantia de sucesso e de realização pessoal, pois muita coisa pode ocorrer durante o percurso do jovem pelos diferentes momentos e lugares relativos à conclusão de um curso superior.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Leia a seguir as passagens do texto “Orientação profissional: para que isso?”, do psicólogo Fabrício Viana.

“Você já ouviu falar em orientação profissional? Se a resposta for sim e se seu pensamento for “Isso é algo chato e sem sentido”, é melhor repensar sobre o assunto. Agora, se a resposta for não, acho que essa é uma boa hora para falar disso. Vamos lá.

Para começar, a orientação profissional é uma prática feita por psicólogos. Bem, o que isso significa? Significa que a orientação é abrangente, analisa o sujeito como um todo, desde sua história familiar até seus desejos mais profundos. Portanto, sabe-se hoje que toda história de um sujeito tem muita relação com sua escolha profissional. Se você já tem alguma profissão, analise-a e tente observar o porquê de sua escolha. Duvida? Então veja alguns exemplos.

Quando eu estava no último ano da faculdade de Psicologia, em uma das disciplinas peguei alguns grupos para dar orientação profissional. Uma das pessoas, uma adolescente de 17 anos, tinha uma história não muito agradável com sua família, e seu maior desejo era fazer Turismo. Tinha grande fascínio pela profissão. Com o passar do tempo, fizemos um estudo detalhado sobre esse desejo até chegar numa sessão em que consegui descobrir até que ponto ela poderia, ou não, se dar bem naquela área. Foi quando, numa simples pergunta, confirmei algumas coisas que já havia percebido anteriormente. Perguntei como era o profissional de Turismo. Ela respondeu que era uma pessoa que viajava muito e conhecia muitas pessoas. Nunca ficava num lugar, só viajava.

Dentro do contexto de sua história de vida (ênfatizando problemas familiares, de busca de identidade e liberdade), a escolha por Turismo não era uma escolha consciente. Seu desejo em Turismo não era o de ser uma profissional da área, mas sim uma possibilidade de sair de casa, de viajar, não ficar mais ali, ser livre e se “livrar” de sua situação atual. Neste ponto, dá para perceber até onde sua escolha, seu desejo, condiz com a realidade e não com suas fantasias.

Outro caso interessante foi um rapaz, filho de uma importante médica e um importante advogado que viviam separados. Ele morava com sua avó e tinha grande interesse em fazer Medicina Legal. Depois de algumas sessões, foi constatado que o seu desejo pela Medicina Legal não era o desejo de atuar na área, mas sim juntar, inconscientemente, a mãe e o pai (médica e advogado) que, fisicamente, estavam separados. Sua escolha na profissão era alimentada pela fantasia da união dos dois.

Tanto ele quanto ela poderiam até fazer Turismo ou Medicina Legal, mas chegaria num determinado ponto que poderiam entrar numa grande crise de identidade profissional.

Aí está a importância de uma orientação no momento da escolha profissional. A maioria de nossas escolhas tem muita relação com nossa vida, nossos desejos, sentimentos e frustrações. Não temos acesso à maioria deles, e é aí que entra o trabalho de um profissional especializado.

Destaque, dentre os motivos apresentados pelo autor, cinco que justificam a realização de uma orientação profissional”.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on the right side, suggesting it's resting on a surface.**RESPOSTA COMENTADA**

As razões que o autor apresenta para uma orientação vocacional são:

- a) O processo aborda as diversas vertentes psicológicas do sujeito, considerando sua vocação, seus interesses, horizontes futuros e realização pessoal. Além disso, focaliza aspectos da história pessoal em termos da importância para a escolha de uma profissão;
- b) O jovem pode escolher uma profissão meramente no intuito de resolver questões de natureza pessoal, sem ter clareza do que significa a profissão ou seu ambiente de trabalho, como no caso da adolescente que queria fazer Turismo. Pode-se dizer que a escolha pelo curso de Turismo representa a necessidade de evasão, ou seja, a busca de uma liberdade que, dificilmente, a profissão traria;
- c) Há ainda a possibilidade de o sujeito querer fazer a escolha de uma profissão para tentar solucionar um impasse de terceiros, como no caso do jovem que queria estudar Medicina Legal. Quer dizer, a profissão não seria um meio de realização e sim a esperança de solucionar um problema de outra natureza;
- d) Atrelar a escolha de uma profissão aos desejos dos jovens e desvinculá-la da possibilidade de, apenas, atender às necessidades de outras pessoas.
- e) Esclarecer para o sujeito os reais motivos que o levam a escolher uma profissão e orientá-lo quando esses motivos não são verdadeiramente os seus.

RESUMO

A orientação profissional é importante, tanto para os jovens que sentem dificuldades no momento crítico de escolher uma profissão quanto para aqueles que não apresentam dúvidas com relação ao futuro profissional. Diversos são os fatores que intervêm na escolha de uma profissão. Em princípio, decidir por uma profissão é dar um passo em relação à construção da identidade, e, por isso, a escolha está relacionada à história pessoal, principalmente ao contexto das primeiras relações. Vinculada à dinâmica afetiva, a escolha profissional é a criação pela qual o sujeito tenta recriar os objetos danificados imaginariamente na infância pelos sentimentos hostis que aos mesmos são dirigidos. Geralmente, as dúvidas presentes no momento da escolha desdobram-se em três categorias: a) a profissão escolhida pelo adolescente pode ser somente a realização de frustrações de seus pais e assim afeta negativamente a constituição da identidade; b) a profissão pode ser um meio de realização pessoal e sucesso; c) a profissão pode ser uma forma saudável de dar um destino à rebeldia própria da adolescência pela aspiração à autonomia e à liberdade. Como a escolha de uma profissão acontece no momento de muita turbulência na vida do jovem, é importante uma orientação, mesmo que seja dos familiares, de amigos e de professores, quando não existir um serviço de orientação ao alcance.

Adolescência e Juventude

Referências

Aula 1

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BALDWIN, A. L. *Teorias do desenvolvimento da criança*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- DOLTO, F. *As etapas decisivas da infância*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ELKIND, D. *Crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- JOSÉ, Elias. *As curtições de Pitu*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
- MARPEAU, J. *O processo educativo*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.
- SOUSA, S. J. *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.
- WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Aula 2

- BALDWIN, A. L. *Teorias do desenvolvimento da criança*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- DOLTO, F. *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ELKIND, D. *Crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- FERRATER-MORA J. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Loyola, t. III.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- MALINOWSKI, B. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.
- SILVANA, M. *Uma viagem pela puberdade e adolescência*. São Paulo: Nova Cultural, 2007.

SPITZ, R. A. *O não e o sim*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

Aula 3

ABRAMAVOY, Mirian. *Galeras levam riscos a jovens*. O Globo, Rio de Janeiro, 04 nov. 2009.

BRADLEY, J; DUBINSKY, H. *A adolescência: compreendendo seu filho de 15-17 anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CESAR, M. R. A. *A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico*. São Paulo: Unesp, 2008.

DIÁRIO de uma adolescente. 16 jun. 2009. Disponível em: <<http://diariodeadolescentee.blogspot.com/>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ELKIND, D. *Crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ESSLINGER, I.; KOVACS, M. J. *Adolescência: vida ou morte?* São Paulo: Ática, 2006.

JEAMMET, P. *Respostas a 100 questões sobre a adolescência*. Petrópolis: Vozes, 2007.

KOVACS, Maria Julia. *Adolescência: vida e morte*. São Paulo: Ática, 2008.

OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D. W. *Conversando sobre crianças com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. In: BALDWIN, A. L. *Teorias do desenvolvimento da criança*. São Paulo: Pioneira, 1973.

Aula 4

- BRADLEY, J.; DUBINSKY, H. *A adolescência: compreendendo seu filho de 15-17 anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ESSLINGER, I.; KOVACS, M. J. *Adolescência: vida ou morte?* São Paulo: Ática, 2006.
- HEIDEMANN, M. *Adolescência e saúde*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2006.
- JEAMMET, P. *Respostas a 100 questões sobre a adolescência*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.
- SANTOS, J. V. T. *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

Aula 5

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BRADLEY, J.; DUBINSKY, H. *A adolescência: compreendendo seu filho de 15-17 anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- EURÍPEDES. *Ifigênia em Áulis, as fenícias e as bacantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- HALL, G. S. *Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime religion and education*. New York: Appleton, 1904.
- HUGO, V. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- JEAMMET, P. *Respostas a 100 questões sobre a adolescência*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KURY, M. G. *Dicionário de mitologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- MACCA, M. *São Sebastião*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

ROUSSEAU, J-J. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins, 2004.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

Aula 6

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BLOS, P. *Adolescência*. São Paulo: Martins, 2002.

COBRA, G. O. *Corpo, identidade e adolescência*. São Paulo: Annablume, 2007.

DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DOLTO, F. *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FISBERG, M.; MEDEIROS, E. H. *Adolescência: quantas dúvidas!* Rio de Janeiro: Atheneu, 2004.

OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

ROCQUE, J. R. *Adolescência*. São Paulo: Rúbio, 2008.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

ZAGURY, T. *Encurtando a adolescência*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Aula 7

BRADLEY, J.; DUBKLINSKY, H. *Compreendendo seu filho de 15-17 anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

DOLTO, F. *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ELKIND, D. *Crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

WADDEL, M. *Compreendendo seu filho de 12-14 anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

ZAGURY, T. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Aula 8

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARIÈS, P.; BÈJIN. A. *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DOLTO, F. *Pediatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

DURAND, G. *Ciência do homem e tradição*. São Paulo: Triom, 2008.

FOUCAULT, M. *A mulher/os rapazes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREUD, S. *Feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 22.

_____. *Sobre as teorias sexuais infantis*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 9.

LEMOINE-LUCCIONI, E. *A mulher... não toda*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

SAFOUAN, M. *Estudos sobre o Édipo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Aula 9

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: PubliFolha, 2000.

CHAIM, Célia; LOBATO, Eliane; MARQUES, Hugo. O sexo na adolescência: uma ampla pesquisa sobre a sexualidade dos jovens mostra que dois em cada três descobrem o sexo até os 16 anos e que transar com o primo é coisa do passado. *IstoÉ*: Independente. n. 1922, 09 nov. 2009. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/5649_O+SEXO+NA+ADOLESCENCIA?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 20 maio 2010.

- DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- JEAMMET, P. *Respostas a 100 questões sobre a adolescência*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KLOSINSKI, G. *Adolescência hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
- OZELLA, S. *Adolescências construídas*. São Paulo: Cortez, 2003.
- RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Adolescência*. São Paulo: EPU, 1993.
- RASSIAL, J-J. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

Aula 10

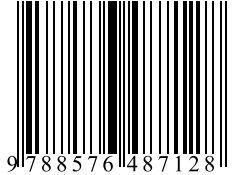
- BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- DOLTO, F. *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ELISEU NETO. O que é orientação profissional???: mais fácil aprender a fazer algo de que se gosta, do que aprender a gostar de algo que se faz bem. *Grupo de Pesquisa e Prática Clínica Orientando*. Disponível em: <<http://orientandotrabalhodeop.blogspot.com>>. Acesso em: 30 nov. 2010.
- MELO-SILVA, L. L. *Intervenção em orientação vocacional/profissional*. São Paulo: Vetor, 2004.
- MOURA, C. B. *Orientação profissional*. São Paulo: Alinea, 2008.
- OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, I. Y. M.; ANDRADE, R. G. Um olhar psicanalítico sobre o adolescente em processo de orientação profissional. In: DOLCI, I. A.; ABRÃO, J. L. F. (Org.) *Adolescência e universidade: questões atuais*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

VICENTIN, V. F. E *quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

ZAGURY, T. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ISBN 978-85-7648-712-8



9 788576 487128



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense

uff



UNIRIO



**FUNDAÇÃO
SANTA CABRINI**
Provedora de acesso à Cidadania



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

UAB
**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**